

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Campo Grande, 382 (lado oriental)

Está hoje aberto ao publico e domingos seguintes, das 15 ás 19 horas, este interessante museu, fundado pelo admirador do grande artista sr. Cruz Magalhães.

O produto da entrada reverte a favor do Asilo de S. João.

"A IMPRENSA DE LISBOA" (manhã)

3-4-921.

MUSEU BORDALO PINHEIRO

O Museu Bordalo Pinheiro está hoje aberto ao publico das 15 as 19 horas, O produto das entradas reverte a favor do Asilo de S. João.

"O SECULO"

3-4-921.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Nada eguala a evidencia dos numeros, bastam eles para provarem quanto caiu no agrado publico o «Museu Rafael Bordalo Pinheiro». No primeiro trimestre deste ano, doze domingos, o numero de visitantes subiu a 1.068, sendo o rendimento do «Museu», integralmente recebido pelo Asilo de S. João, duzentos e vinte e quatro escudos e cinquenta centavos. (Luz) 224/25

"DIARIO DE NOTICIAS"

4-4-921

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Continúa patente ao publico, hoje e domingos seguintes, este museu, situado no lado oriental do Campo Grande, 382, revertendo o produto das entradas a favor do Asilo de S. João.

"A PATRIA"

17-4-921.

Museu Rafael Bordalo

Está hoje patente ao publico, das 15 ás 19 horas, o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, revertendo o produto das entradas em favor do Asilo de S. João.

"O SECULO"

17-4-921.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Está hoje aberto ao público e domingos seguintes, no Campo Grande, 382 (lado oriental), das 15 ás 19 horas, este interessante museu, fundado pelo admirador do grande artista sr. Cruz Magalhães.

O produto das entradas reverte a favor do Asilo de S. João.

"A BATALHA"

17-4-1921.

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

UM MONUMENTO AO GRANDE ARTISTA

A cidade de Lisboa prestou uma justa homenagem a Rafael Bordalo Pinheiro erguendo-lhe um monumento no Campo Grande para que todos os que por ali passem se lembrem do genial artista.

Não deixou em Portugal quem o substituisse nessa arte admirável da caricatura de que êle era um mestre. As páginas do «António Maria», da «Parodia» e do «Album das Glorias» são o testemunho vivo do seu incomparável talento, da sua prodigiosa habilidade e do seu espirito de invencível critica e de requintada observação. Como modelador e como ceramista exímio deixou o maior atestado da sua competência, que é bastante para em qualquer parte do mundo ser considerado e respeitado, nessa joia de subido valor que denominou «Jarra Beethoven».

Bordalo Pinheiro foi o caricaturista político mais completo que tem aparecido. Juntando á facilidade do desenho a graça intensamente portuguesa, conseguiu que todos rissem, até os próprios atingidos, sem que prevalecesse a ofensa amesquinhando o carácter ou ridicularizando, de maneira a não ferir susceptibilidades. O seu traço pessoal, único, cheio de simplicidade e de grotêscico, era o comentário alegre numa frase espirituosa. Desenhador dos mais notáveis, artista de temperamento são, fazia tudo quanto queria do seu lapis, resumindo numa impressão de momento a caricatura que num momento tambem colhia de surpresa.

Os caricaturistas de hoje são bem diferentes. O futurismo estragou, por completo, a arte da caricatura, tornando-a, por assim dizer enigmática. Disto resultou o pouco interesse que se liga aos jornais, modernos de caricaturas que nascem sempre com os seus dias contados. Bordalo Pinheiro tinha estampada no rosto a sua arte. Era uma figura original que parecia ler dentro de nós. Da mesma forma como caricaturava, levantava no barro as esculturas mais belas. E ahí igual espirito critico, deixando uma galeria de tipos populares, que, em todos os tempos será apreciada e discutida com a maior honra para o nosso país.

Após a morte do glorioso artista, alguns jornalistas, homens de letras e artistas reuniram, afim de lhe erigirem um monumento. Como

de costume, nomearam-se varias comissões, O escultor brasileiro Bernardelli, que se ofereceu para executar o monumento, esqueceu-se talvez da promessa feita. Entretanto, o admirador fervoroso de Rafael, que á obra do artista ligou sempre o maior amor, o sr. Cruz de Magalhães, dispendia parte do patrimonio da sua família e organizava o Museu que vai ceder agora á cidade de Lisboa, Museu que é toda a historia da vida artistica de Bordalo Pinheiro. Dessa sua iniciativa resultou o oferecimento do busto do artista para o monumento do Campo Grande e que é obra admirável do escultor sr: Raul Xavier e architecto sr. Alexandre Soares.

No acto inaugural usaram da palavra os srs. Conceição Estrela, em nome do Município, dr. Domingos Pereira, ministro dos estrangeiros, pelo govêrno, dr. Magalhães Lima pelos Amigos-Defensores do Museu Rafael e Henrique Lopes de Mendonça pela família Bordalo Pinheiro.

Ainda bem que Lisboa presta homenagem áquelle que lhe dedicou o seu bom humor, sabendo-a defender com o buril delicado de um belo espirito.

Mas para que essa homenagem fôsse levada a efeito foi preciso que alguém empregasse os maiores sacrificios e a sua mais ardente vontade para não ver perdida a sua grande aspiração. Os govêrnos êsses, nem sequer deram conta que Bordalo Pinheiro existiu, porque talvez o considerassem pequeno de mais para ser notado por êles...

O país que agradeça ao sr. Cruz Magalhães o serviço admirável que acaba de prestar-lhe, porque lhe não faz favor nenhum: é um dever.

Só pela sua dedicação se prestou uma merecida homenagem.

"CORREIO DA EUROPA"

N.º 5. 2ª serie.

27-3-1921.

Dir. Fr. Pastor. Prop. da Empresa Correio da Europa Lda. Redator principal Rafael Ferreira. Sec. da Redação Admarcio Cardoso (autor do artigo). Red. e adm. Rua de S. João da Praça, 74.

AS DUAS GRAVURAS DA PAG. SEGUINTE ACOMPANHAM ESTE ARTIGO.



Uma caricatura de Bordalo, celebrando e êxito da peça «O burro do sr. Alcaide», de Gervasio Lobato, D. João da Câmara e Ciriaco Cardoso. No precioso desenho figuram os autores e os artistas Vate e Cinira Polônio



O grande caricaturista português Rafael Bordalo Pinheiro

Rafael Bordalo Pinheiro

Com um dia verdadeiramente primaveril, entre plantas e bandeiras, inaugurou-se no domingo, 20, no Campo Grande, o monumento ao insigne artista no desenho, na caricatura e na cerâmica que se chamou Rafael Bordalo Pinheiro.

Defronta êste monumento, última glorificação prestada à memória dêsse notável português, com o museu que tem o seu nome e onde se guarda religiosamente, como num escrínio e como preciosas joias, numa ordem e num aceio irrepreensível, muitos dos trabalhos valiosos de Rafael.

Deve sentir-se satisfeito com essa celebração o grande e prestigioso amigo de Bordalo e também distinto prosador e mimoso poeta sr. Cruz Magalhães a quem se devem principalmente as justas homenagens tributadas ao glorioso artista. O museu e o monumento tem sido para o sr. Cruz Magalhães uma constante preocupação, mas agora deve sentir-se orgulhoso da sua obra e plenamente satisfeito por ver efectivados os seus desejos de amigo e admirador do inolvidável Rafael Bordalo Pinheiro; aos cumprimentos que recebeu, às felicitações que lhe dirigiram, quer Sua Ex.^a o Presidente da República, quer os oradores que tanto brilho deram ao acto do descerramento do busto, quer ainda os seus amigos que o eram também do homenageado, juntamos as nossas com o respeito e a consideração que nos merece, pelo seu valôr literário, pela sua tenacidade e pelas excepcionais qualidades que exornam o seu belo caracter.

* * *

As 14 horas precisas e encontrando-se já no local do monumento os representantes da Câmara Municipal, associações diversas, família de Bordalo e grande número de convidados, entre os quais os actores Brazão, Joaquim Costa e Henrique Alves, chegou o ilustre e venerando Chefe do Estado com os seus secretarios, que, por entre alas formadas pelas crianças dos asilos de D. Pedro V e S. João, se dirigiu ao gabinete do Grupo Amigos de Bordalo Pinheiro, no rés-do-chão do museu, recebendo aqui os cumprimentos das pessoas presentes. Entretanto chegavam Sua Ex.^a o sr. embaixador do Brasil, o sr. ministro dos Negócios Estrangeiros e muitos outros convidados de alta representação nos meios literários e artísticos. Após um pequeno descanso, o sr. Presidente da República entrou no local reservado para a cerimónia da inauguração do monumento e ao som do hino nacional todos os presentes se descobriram e foi por Sua Ex.^a descerrado o busto coberto com a bandeira nacional, ouvindo-se uma copiosa salva de palmas. Seguidamente os srs. Conceição Estrela, dr. Magalhães Lima, dr. Domingos Pereira e Lopes de Mendonça, respectivamente representantes da Câmara Municipal, Núcleo de Amigos de Rafael Bordalo, Govêrno e família, glorificaram com palavras da maior justiça o sublime artista português, não esquecendo o seu parente e notabilíssimo pintor Columbano, que nessa ocasião teve ensejo de vêr quanto era apreciado o seu alto merecimento e como, sem favôr, o classificaram: glória de Portugal.

Terminada tão imponente quanto significativa cerimónia todos se retiraram, sendo o Chefe do Estado alvo de uma grande ovação, despedindo-se das pessoas presentes, que felicitaram Sua Ex.^a pelo seu restabelecimento.

Cumprida para com Rafael a sagrada dívida de gratidão do país de que foi dilecto filho, e que se deve à iniciativa particular, e muito, mesmo muito, ao sr. Cruz Magalhães, resta-nos aguardar que outras dividas para com outros portugueses ilustres como Camilo Castelo Branco, Marquês de Pombal, etc., se efectivem também com a possível rapidês, não devendo ainda ficar só em palavras o alvitre do nosso venerando tribuno dr. Magalhães Lima, de se glorificar ainda em sua vida, numa apoteose, semelhante à que se fez a João de Deus, o sublime poeta máximo Guerra Junqueiro, lídima glória da nossa terra.

A imprensa fez-se também representar largamente nesta festa, tendo assistido por parte da *Elite* os nossos colegas João António Borges e Alberto Carlos Caleia.

"A ELITE"

eduo 1.º n.º 29. 11/4/1921.

Semanao illustrado, satyrico e literario.

Bordalo Pinheiro

A inauguração do monumento

E' com effeito hoje, pelas 2 horas da tarde, como temos noticiado, que a cidade de Lisboa presta homenagem ao inimitável caricaturista e apreciado ceramista Raphael Bordalo, inaugurando o seu monumento na rua oriental do Campo Grande.

Usarão da palavra, n'esse acto, o sr. Conceição Estrela, presidente da Camara Municipal, o sr. dr. Magalhães Lima pelos «Amigos-Defensores do Museu» e o sr. Henrique Lopes de Mendonça pela familia Bordalo Pinheiro, devendo assistir o representante do governo, junta de parochia, Asylos de S. João e D. Pedro V, e sendo o acto abrilhantado pela Sociedade Triumpho e Alliança do Campo Grande.

—A manhã, dia do 75.º anniversario natalicio do popular artista, realisa o sr. dr. Manuel de Sousa Pinto uma conferencia subordinada ao thema *Os tres Bordalos*.

"O JORNAL DO COMERCIO E DAS COLONIAS"
20-3-921.

No Campo Grande

A inauguração do monumento a Raphael Bordalo Pinheiro

Conforme se havia anunciado, realison-se no passado domingo, pelas 2 horas da tarde, a cerimonia da inauguração solemne do monumento ao eminente caricaturista que foi o grande Raphael Bordalo.

Cerca das 2 horas chegou ao local o sr. Presidente da Republica, que se fazia acompanhar dos srs. Jayme Athias e José Nunes, sendo aguardado pela vereação e amigos do Museu ali installado em honra do mesmo genial artista.

Tendo recebido os cumprimentos, foi descansar um pouco n'uma das salas do Museu. Momentos depois, o sr. Presidente da Republica tomou lugar na mesa da presidencia, sobre a

qual se encontrava um tinteiro, destino de Bordalo, e a Jarra da Cidade, obra sua tambem.

Deu-se começo á cerimonia. O Chefe do Estado puxou o cordão, a bandeira subiu e o busto de Bordalo appareceu com o seu eterno sorriso a illuminar-lhe a commissura dos labios e o monoculo a tornar-lhe mais ironica a expressão.

O acto foi acolhido com uma vibrante salva de palmas.

A' direita do Chefe do Estado sentou-se o sr. dr. Fontoura Xavier, illustre embaixador do Brazil, amigo pessoal de Raphael Bordalo Pinheiro, e á esquerda tomou lugar o sr. dr. Domingos Pereira, ministro dos estrangeiros.

Iniciaram-se os discursos por uma breve allocução do sr. Conceição Estrela, presidente da Camara Municipal.

Depois seguiu-se o sr. dr. Magalhães Lima, em nome dos amigos e defensores do Museu. Saudou o Chefe do Estado e os srs. Fontoura Xavier e Domingos Pereira, que serviam de secretarios. Fallou na função educadora dos monumentos e disse que todos os que se erguem em Lisboa são bem merecidos, lamentando, porém, que ainda se não haja concluido o do marquez de Pombal. Traçou o perfil de Bordalo, recordou as paginas immortaes do «Antonio Maria», dos «Pontos nos i», do «Album das Glorias» e da «Parodia», nas quaes o metre immortalison o inesquecivel typo do Zé Povinho. Agradeceu a todos os presentes a sua comparencia e terminou dizendo que Bordalo foi um grande propagandista da Republica.

Seguiu-se o sr. Lopes de Mendonça, que fallou em nome da familia de Bordalo, agradecendo a homenagem que o sr. Presidente da Republica com a sua presença tornou nacional.

Fallou depois o sr. dr. Domingos Pereira, em nome do governo, associando-se ás homenagens prestadas a Rafael, saudando o grande Columbano, gloria mais do que nacional, orgulho de um povo e notavel figura de uma estirpe de artistas.

O sr. dr. Kopke, secretario da Camara Municipal, fez então a leitura do auto da cerimonia, que foi assignado peio sr. Presidente da Republica e mais pessoas de representação.

Pouco depois o sr. Presidente da Republica retirou para sua casa com o mesmo ceremonial da chegada.

A Sociedade Triumpho e Alliança do Campo Grande executou «A Portuguezza» á chegada e á partida do sr. Presidente da Republica, bem como o descerramento do busto.

A SEMANA FIDDA

Glorias de Portugal—Raphael Bordallo—"Valentina de Lucena"—Paixão e Alleluia

Semana triste de recordações e de luto foi esta que passou. Ali, no Arsenal, em deposito, os sagrados despojos d'um humilde mas glorioso soldado morto em França, honrando a bandeira da sua e nossa nacionalidade; mais alem, no Campo Grande, um admirador fervoroso de Raphael Bordallo Pinheiro, conseguindo ver realizado o seu ideal de fazer perpetuar em monumento a memoria do caricaturista eximio, do ceramista notavel; e, finalmente, em sexta-feira de Paixão os jornaes noticiando o fallecimento da illustre poetisa e escriptora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

Tres glorias de Portugal representadas pelo heroismo, pela arte e pelo talento, são essas que já repousam no somno eterno da morte.

Soldados da nossa terra, olhae para o feretro que encerra o corpo do vosso camarada e segui-lhe o exemplo; artistas e escriptores humoristas do nosso tempo fixae o bronze que retrata o rosto de Raphael Bordallo e aprendei, na sua obra, a serdes graciosos e artistas, espirituosos e verdadeiros. Vede os seus desenhos primorosos de finura, de elegancia e de chiste; reparae para as suas faianças tão nacionaes, tão nossas, e, ao mesmo tempo, tão artisticas.

Só aquellas figuras feitas em barro para as capellas do Bussaco, fazem a gloria d'um artista e criam uma reputação. Eu nunca vi em minha vida coisa que mais me encantasse! Só por causa d'ellas vale a pena uma viagem ás Caldas da Rainha. Que eu achó, embora isso custe aos caldenses, que essas figuras, já que não foram para o Bussaco, onde naturalmente seriam destruidas pelo tempo ou por qualquer selvageria, deveriam estar no Museu Bordallo Pinheiro entregues á guarda de Cruz Magalhães.

A obra de Raphael Bordallo não tem equal no nosso paiz nem no estrangeiro. A sua arte é incomparavel, inconfundivel. Assim como sua irmã foi artista eximia em rendas finissimas, Raphael soube tecer, mas em barro, rendas tambem preciosas.

Todo o seu trabalho revela finura e delicadeza. Quer modelando e colorindo em barro, quer desenhando a lapis ou a nan-kim, toda a obra de Bordallo parece feita para *boudoirs*.

Mesmo as suas caricaturas são leves, de traços finissimos, parecem feitas a bilros, ou bordadas em almofadões de seda.

Como a finissima arte de Bordallo, foi a obra litteraria de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, a escriptora illustre ha poucos dias fallecida.

Obra educadora, cheia de moral e de bons conselhos; trechos de arte, descripções historicas, admiraveis chronicas.

Com o pseudonimo de «Valentina de Lucena» as suas cartas nos jornaes brasileiros causaram o encanto dos leitores.

O seu primeiro poema *Uma primavera de mulher*, escripto aos 19 annos, obteve um exito colossal; as suas paginas de investigação historica de *A marquiza de Alorna* e de *Avida do duque de Palmella* confirmaram os seus multiplos conhecimentos.

A extincta poetisa e escriptora foi dotada d'um espirito verdadeiramente superior, tendo conservado todas as suas raras faculdades até aos 74 annos, idade em que a morte a afastou do conviyo de todos os que nos serões litterarios de sua casa, se sentiam presos da sua palavra, encantados com as exuberantes manifestações do seu talento privilegiado e dos seus conhecimentos vastissimos, adquiridos per uma bem orientada cultura.

O seu formosissimo talento attraheu a attenção de outro espirito finissimo, só ao seu comparavel.

E, assim, depois d'uma correspondencia assidua, e que deve ter sido como que uma valiosissima *corbeille* de flôres litterarias, a sr.^a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, consorciava-se com o grande poeta Gonçalves Crespo, o parnasiano dos *Nocturnos* e das *Miniaturas*, uma das maiores glorias da Academia de Coimbra.

Durou apenas nove annos essa união de dois poetas de raça, pela morte do esposo querido e admirado; mas nos sarau litterarios da sr.^a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, parecia que ainda fulgurava, em todo o seu esplendor, o espirito admiravel de poeta, que recitava os seus versos como ninguem.

Se na mansão eterna se juntam as almas que o espirito ligou na terra, a alma de Gonçalves Crespo receberá a da esposa com o encantamento de quem relê a sua melhor estrophe. E a musa do Poeta sorrirá novamente como na mocidade e responderá como nas cartas de ha cincoenta annos.

Semana de sentimento, semana de Paixão, a semana que findou; solemnisando ainda a morte de Christo, d'esse redemptor de almas, d'esse sublime apostolo, que espalhou pelo mundo doutrinas que foram, são, e serão sempre as melhores; mas que a maioria da humanidade, por quem elle se sacrificou, nunca cumpriu, nem cumpre, nem cumprirá. E, comtudo, todos para ahi gritam Liberdade, Igualdade e Fraternidade, querendo a primeira só para si, a segunda em relação aos ricos, e quanto á terceira nem fallar n'isso é bom!

E' que o ser-se honesto, leal e generoso é um tanto difficil e obriga a sacrificios; e o contrario é facilimo.

Mas após a Paixão surge a Alleluia, e os bons e honestos devem sempre contar com a ressurreição de uma felicidade que se julga perdida.

Quanto aos outros, raras vezes se salvam dos seus proprios erros.

Valha-nos isso para premio dos nossos sacrificios. R. F.

Museu Rafael Bordallo Pinheiro

Campo Grande, 382, lado oriental

Está hoje aberto ao publico e do mingos seguintes, das 15 ás 19 horas, este interessante museu, fundado pelo admirador do grande artista sr. Cruz Magalhães.

O produto da entrada reverte a favor do Asilo de S. João.

"A IMPRENSA DE LISBOA"

(note) 17-4-921.

Museu Rafael Bordallo Pinheiro

Está hoje aberto ao publico das 15 ás 19 horas, esse interessante museu, no Campo Grande. O produto das entradas reverte a favor do Asilo de S. João.

"DIARIO DE NOTICIAS"

17-4-921

Museu Bordallo Pinheiro

Campo Grande 382 (lado oriental)

Está hoje aberto ao publico e nos domingos seguintes, das 3 ás 7 horas da tarde, este interessante museu, fundado pelo admirador do grande artista sr. Cruz de Magalhães.

O producto das entradas reverte a favor do Asilo de S. João.

"O JORNAL DO COMERCIO

E DAS COLONIAS"

17-4-921.

Museu Rafael Bordallo Pinheiro

Hoje e nos domingos seguintes, das 15 ás 19 horas, está aberto ao publico este museu, instalado no Campo Grande, lado oriental, 382. O produto das entradas reverte a favor do asilo de S. João.

"O SECVULO" 24-4-921.

Museu Bordallo Pinheiro

De Janeiro a Abril (16 domingos) este interessante museu teve 1.610 visitantes, cujo producto das entradas foi de 324\$13, importancia que integralmente reverteu em favor do Asilo de S. João.

"O JORNAL DO COMERCIO

E DAS COLONIAS" 25-4-921.

Museu Rafael Bordallo Pinheiro

De janeiro a abril (16 domingos), este interessante museu teve 1.610 visitantes, sendo o produto das entradas de 324\$13, importancia que integralmente reverteu em favor do Asilo de S. João.

"A CAPITAL"

27-4-921.

"O JORNAL DO COMERCIO E DAS COLONIAS" 27-4-1921.

13

Museu Raphael Bordalo Pinheiro

Campo Grande, 382 (lado oriental)

De janeiro a abril (16 domingos), este interessante museu teve 1.610 visitantes, cujo producto das entradas foi de 324\$130 reis, importancia que integralmente reverteu em favor do Asilo de S. João.

"CORREIO DA MANHÃ"

28-4-921.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

De janeiro a abril (16 domingos) o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, ao Campo Grande, 382, teve 1610 visitantes, cujas entradas produziram 324\$13, que reverteu em favor do Asilo de S. João.

"O SECULO"

29-4-921.

Museu Bordalo Pinheiro

De Janeiro a Abril (16 domingos) este interessante museu teve 1.610 visitantes, cujo producto das entradas foi de 324\$13, importancia que integralmente reverteu em favor do Asilo de S. João.

"IMPRESA DE LISBOA"

28-4-921.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Campo Grande, 382 (lado oriental)

Este interessante museu teve, de janeiro a abril (16 domingos), 1.610 visitantes, cujo producto das entradas foi de 324\$13, importancia que integralmente reverteu em favor do Asilo de S. João.

"A PATRIA"

29-4-921

Museu Bordalo Pinheiro

Este já importante Museu, instalado no Campo Grande, em Lisboa, o unico no país de iniciativa particular, e de que foi fundador o sr. Cruz Magalhães, poeta e escriptor distincto, vai tendo a consagração devida, como o mostra a seguinte estatística que gosadamente publicamos:

Em 16 domingos, nos quatro primeiros mezes d'este anno:

Visitantes: 1610

Rendimento: Esc. 324\$1311

Rendimento este que reverteu integral a favor da instituição de utilidade cabendo a maior parte ao Asilo de S. João.

Satisfacção se deve sentir o sr. Cruz Magalhães por ver a sua obra philantropica devidamente apreciada.

Ao sr. Cruz Magalhães, apresentamos as nossas calorosas congratulações.

"O COMERCIO

DO PORTO"

5-5-921.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

A'manhã, e domingos seguintes, das 15 ás 19 horas está aberto ao publico este interessante museu, fundado pelo admirador do grande artista, sr. Cruz Magalhães, revertendo o produto das entradas a favor do Asilo de S. João.

A LUTA

7-5-921

Museu Bordalo Pinheiro

Está hoje aberto ao publico e domingos seguintes, das 15 ás 19 horas, este interessante museu, ao Campo Grande, 382 (lado oriental), revertendo o produto das entradas a favor do Asilo de S. João.

"A BATALHA"

8-5-921.

Museu Bordalo Pinheiro

Como de costume em todos os domingos, está amanhã aberto ao publico, das 15 ás 19 horas, este museu, instalado no Campo Grande, lado oriental, 382. O produto das entradas reverte, como se sabe, a favor do Asilo de S. João.

"A CAPITAL"

14-5-921.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Está amanhã aberto ao publico e domingos seguintes, das 15 ás 19 horas, este interessante museu, ao Campo Grande, 382 (lado oriental), revertendo o produto das entradas a favor do Asilo de S. João.

"O SECULO"

(noite) 21-5-921.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Deve conservar-se hoje aberto ao publico e domingos seguintes, das 15 ás 19 horas, este museu, ao Campo Grande, 382 (lado oriental), revertendo o produto das entradas a favor do Asilo de S. João.

"O SECULO"

(manhã) 22-5-921.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Está hoje aberto, das 15 ás 19 horas, o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, no Campo Grande, 382, revertendo o produto das entradas em favor do Asilo de S. João.

"O SECULO"

(manhã) 29-5-921

"Os tres Bordallos"

A conferencia de honrem no Atheneu Commercial

No salão do Atheneu Commercial effectuou hontem o talentoso escriptor e critico de arte sr. dr. Manoel de Souza Pinto, tambem illustre collaborador do *Commercio do Porto Illustrado*, a sua annunciada conferencia sob o suggestivo thema «Os tres Bordallos».

Presidia o sr. Antonio Pinheiro, vice-presidente da direcção do Atheneu, tendo a seu lado os snrs. dr. Guilherme Braga e Raul de Souza Ferreira.

O sr. presidente, apresentando o conferente, diz que a actual direcção do Atheneu é credora dos maiores louvores por ter promovido uma serie de conferencias em que têm sido tratados todos os problemas de interesse publico e nacional. Referindo-se depois á individualidade illustre do sr. dr. Manoel de Souza Pinto, diz que o distincto escriptor é sobejamente conhecido pela sua obra litteraria, que elogia, lendo a proposito um formoso trecho do «Jardim das Mestras».

Dada a palavra ao sr. dr. Souza Pinto, começa este por agradecer as palavras do sr. presidente e entrando no assumpto, faz a leitura da sua brilhante conferencia, evocando a memoria de Raphael Bordalo Pinheiro e recordando as relações que o prendiam ao Porto, de que o genial artista fora grande amigo e que tambem partilhou da bonhomia e da jovialidade do talento artistico de Bordallo.

Apresentando-se como delegado dos amigos do Museu de Raphael Bordallo, sito no Campo Grande, e organizado pelo devotado admirador do grande humorista, o sr. Cruz Magalhães, o conferente disse que pelos «tres Bordallos» não se entenderia o Bordallo avô, o Bordallo pae e o Bordallo filho, nem tampouco o trio, notavel composto de Raphael Bordallo, de Columbano e de D. Maria Augusta, devendo comprehender-se antes pela designação alludida, o Raphael Bordallo da caricatura, da ceramica, e da decoração.

Sob estes tres aspectos, o conferente com penetrante senso critico, justeza de conceitos e originalidade de pontos de vista, apreciou e detidamente analysou a obra do caricaturista do «Antonio Maria»; dos «Pontos nos 11» e da «Parodia»; as produções notaveis do oleiro famoso da louca das Caldas que no barro improvisou maravilhas, e as creações surprehendentes e scintillantes de decorador que soube criar um estylo decorativo nacional, deixando vinculado o seu talento imaginativo e fecundo nas capellas imperfeitas do Bussaco, no pavilhão da exposição de Paris de 1900 e no celebre «carro do Porto», que figurou no primeiro cortejo carnavalesco dos Fenianos Portuenses.

O conferente, escutado por um publico de escolha em que se notavam artistas, homens de letras, amadores de arte e bastantes senhoras, foi ao terminar calorosamente applaudido.

O sr. presidente congratulando-se com o brilho da conferencia, que constituiu um raro prazer de espirito para os que ouviram a phrase burlada do sr. dr. Souza Pinto, agradeceu ao primoroso escriptor a honra que deu ao Atheneu, encerrando depois a sessão, a que chamou com propriedade um bello serão de arte.

"O COMERCIO DO

PORTO" 16-6-921

ARTE*Machado Saavedra***Mulher do Minho***Desenho inédito de Saavedra Machado*

Saavedra Machado, pintor, desenhador e escritor, tem o melhor da sua obra artística esparso pelas folhas dos alburns do Museu Etnológico de Belem, onde hoje o substitue um outro artista de raça, Francisco Valença, sob a direcção tecnica do illustre professor snr. Leite de Vasconcelos, que á organização do Museu tem dado o melhor do seu esforço e da sua tenacidade.

Saavedra Machado, de quem em breve vai ser publicado um curiosissimo estudo critico sobre *A mulher na obra de Rafael Bordalo*, com que se inicia uma série de estudos sobre a colecção de trabalhos do genial caricaturista exposta no Museu do Campo Grande, religioso testemunho do carinho e admiração do snr. Cruz Magalhães pela memoria do grande Mestre da Caricatura e da Ceramica, Saavedra Machado, diziamos, ocupa hoje na Faculdade de Medicina um lugar de desenhador, lugar de extraordinaria responsabilidade, ao serviço do professor Vilhena. Novos alburns vai encher a sua pena privilegiada, de beneditina paciencia, com desenhos scientificos que são uma verdadeira maravilha no seu genero e um preciosissimo elemento de estudo para os alunos daquêlê estabelecimento de ensino, os nossos futuros médicos. Pois apesar de um extenuante labor ainda lhe sobra o tempo para prosseguir nos seus primorosos trabalhos de pintura em que o seu pincel disputa á pena primazias de factura a par e passo que demonstra profundos conhecimentos da sua Arte que tanto sabe honrar.

"REPÚBLICA"

12-5-1921.

Director

ANTONIO GRANJO

SECRETARIO DA REDACÇÃO

Oldemiro Cesar

EDITOR

Lemos de Napoles

Museu Bordalo Pinheiro

Devido á iniciativa de alguns amigos e admiradores da obra do grande artista Rafael Bordallo Pinheiro, teve o Porto o prazer espirital de ouvir aqui, no sumptuoso salão do Athenaeu Commercial, a brilhante conferencia que o sr. dr. Manoel de Souza Pinto, illustre crítico de arte e devotado amigo e defensor do Museu Bordallo Pinheiro realizou na noite de quarta-feira.

Interessante «Serão de arte», como muito bem lhe chamou o zeloso vice-presidente do Athenaeu, essa sympathica festa, que houve sobremaneira os seus organisadoras, deixou bem gravada no coração de todos aquelles que a ella tiveram a ventura de assistir, a melhor impressão. E' mais um padrão de gloria para o grupo dos Amigos Defensores do Museu Bordallo Pinheiro, de que é seu presidente o illustre jornalista e grande patriota dr. Magalhães Lima, organisador d'estas conferencias, a quem endereçamos os nossos parabens, bem como ao seu fundador, o nosso particular amigo sr. Cruz Magalhães.

Vem a proposito, e com gosto o fazemos, dar aos leitores de *O Comercio do Porto* a interessante estatística do rendimento do museu, desde o seu inicio até 15 do corrente: 1916, 598\$10; 1917, 1013\$220; 1918, 169\$965; 1919, 152\$530; 1920, 146\$260; 1921, até 15 de junho, 444\$690.—Total, 1:074\$075.

Em 147 domingos rendeu, pois, 1:074\$075, receita integral recebida pela Cruz Vermelha, Cruzada das Mulheres Portuguezas e Asylo de S. João.

"O COMERCIO DO PORTO"
19-6-1921.

Cruz Magalhães

De hoje em diante vão os estimados leitores deste nosso semanario, sentir o grato prazer de apreciarem algumas inspiradas poesias de Cruz Magalhães, que tanto nos quiz honrar oferecendo-nos a sua valiosa colaboração. E' um nome já sobejamente conhecido, que dispensa apresentações eloquias. Alma verdadeira de artista, grande amigo do teatro e caracter de eleição, basta acordar os seus grandes esforços e peregrinações em homenagem á memoria do grande Bordalo Pinheiro; museu, obras *in-memoriam*, monumento, consagrações, tudo productos do seu incansavel labor.

Aos que nos leem, as nossas felicitações. A Cruz Magalhães o nosso profundo reconhecimento.

"A ELITE" n.º 33.
23-6-1921.

Museu Rafael Bordallo Pinheiro

Está hoje aberto ao publico, das 15 ás 19 horas, no Campo Grande, 382, o Museu Rafael Bordallo Pinheiro. Interessante repositório de inúmeras obras do individualista artista, paciente e intelligentemente collectadas pelo sr. Cruz Magalhães. O produto das entradas é, como se sabe, destinado ao Asylo de S. João.

"O SECULO" (manhã)
10-7-1921.

UM BELO GESTO

O sr. Cruz Magalhães o il. director á Camara Municipal de Lisboa o Museu Bordallo Pinheiro

Portugal é um país que não conta muitos museus e os que tem, esses mesmos, são pouco visitados. Em Paris, o Louvre, os Invalidos, o Cirna-valet, o Grévin, o precioso Luxemburgo são todos os dias visitados por uma legião de criaturas de todas as classes. Ha o culto, a curiosidade, o enêvo da Arte. Em Portugal... Este facto, que é lastimavel, não diminui, todavia, o valor intrinseco dos museus que possuímos. São tão poucos! Acerca de um deles tem hoje *A Manhã* o prazer de dar, em primeira mão, uma noticia que, além de ser uma noticia, tem o merito de a ninguem poder ser desgradavel. Pelo contrario! Trata-se do belo gesto de um homem de gosto, dedicado fervorosamente ao culto de um dos maiores artistas que Portugal tem visto nascer. O sr. Cruz Magalhães que, á custa de um trabalho paciente e de um desvelado amor pela memoria do grande artista que foi Bordalo, organizou e mantém ha uns poucos de anos, junto da sua residencia, ao Campo Grande, um encantador museu de trabalhos de toda a ordem do inextinguivel humorista do Antonio Maria e da Parodia, vi oferecer generosamente ao Municipio da capital esse precioso espolio artistico, que consta de mais de 10000 peças, desenhos, esculturas, etc., e apenas ao no condicão para essa entrega que tudo seja conservado tal qual ele dispôs, fazendo-se um mostruario de cerâmica bordalesca, para o que igualmente cede á Camara nada mais nada menos de 200 peças, e bem assim que como conservadora do Museu seja colocada sua sobrinha, a sr. D. Julietta Ferrão, que tão competente e amorosamente o tem auxiliado na sua faina. Sabemos que o sr. Alexandre Soares, architecto da Camara de Lisboa, visitou ontem, por incumbencia municipal, o Museu Rafael Bordallo Pinheiro, não tendo senão palavras de louvor para a obra do sr. Cruz Magalhães. A cedencia não está ainda arrumada, mas tudo indica que se consumará. Trata-se, repetimos, de um belo gesto de um homem de gosto a que não sabemos senão tributar louvores. Eles aqui ficam, com a certeza de que na homenagem de *A Manhã* nos acompanham quantos tem pelas coisas do espirito o interesse tão grande como a admiração que lhes causa a actos cívicos como o do sr. Cruz Magalhães.

"A MANHÃ"
9-7-1921

Museu Rafael Bordallo Pinheiro

Está hoje aberto ao publico e domingos seguintes, das 15 ás 19 horas este interessante museu situado no Campo Grande, 382 (lado oriental), fundado pelo admirador do grande artista sr. Cruz Magalhães:

O produto das entradas reverte a favor do Asylo de S. João, tendo em 20 domingos 1.847 visitadtes

"O MUNDO"
10-7-1921.

Romper d'A MANHÃ

Um "gesto"

Já agora, e porque as estatísticas são sempre curiosas, queremos dar aos leitores de *A Manhã* o numero de visitantes do Museu Bordallo Pinheiro desde a sua inauguração, em 6 de Agosto de 1914. Segundo uma nota que temos presente, foram em numero de 5836 esses visitantes, devendo atentar-se em que o precioso monumento á memoria do grande caricaturista e ceramista só está aberto aos domingos, tendo rendido as entradas, em 147 desses dois dias, a importância de 1:074\$07, que o sr. Cruz Magalhães integralmente entregou ao Asylo de S. João. Quere dizer: o gesto do sr. Cruz Magalhães, a que ontem nos referimos, e que não carecia de novos deialhes para ser apreciado em toda a sua beleza, só ganha em realce á medida que a imprensa pode divulgar as *circunstancias* da sua existencia simpatica. E' afinal o que temos em vista, convencidos de que o Museu Bordallo Pinheiro marca uma feliz iniciativa no nosso meio.

"A MANHÃ"
10-7-1921.

Museu Rafael Bordallo Pinheiro

a favor do Asylo de S. João

Está amanhã aberto ao publico e domingos seguintes, das 15 ás 19 horas, este interessante museu, ao Campo Grande, 382 (lado oriental), revertendo o produto das entradas a favor do Asylo de S. João.

"O SECULO" (manhã)
16-7-1921

Museu Rafael Bordallo Pinheiro

Está hoje patente no Campo Grande, 382, o interessante museu Rafael Bordallo Pinheiro, destinando-se o produto das entradas ao Asylo de S. João.

"O SECULO"
17-7-1921

Raphael Bordallo Pinheiro

Jorge Cid dedica ao grande caricaturista as seguintes linhas:

"Ramalho Ortigão recorda, numa linda pagina, fina e pura como uma medalha antiga, o tempo que convivera com Raphael Bordallo e, fazendo notar o milagre de terem cooperado com inesperada cohesão esthetica duas naturezas tão antinomicas, explica esse extraordinario caso pela maior e mais constructiva força, de que Raphael dispunha: a força da bondade.

A força da bondade era talvez, por igual, o privilegio maximo desses dois espiritos; e esta circumstancia justifica ainda melhor a sympathia, que tanto tempo os ligou.

Mas, na realidade, eu penso que a particularidade, que mais fortemente vinculou esses homens de arte, foi terem ambos possuido, no mais raro e elevado grau, o culto da elegancia — da elegancia, no sentido etimologico, significando escolha — "cette qualité, qui résulte de la justesse et de l'agrément", no dizer conceituoso de Voltaire.

Assim, na vida e na obra de Raphael Bordallo — "essa bella flor de talento", como lhe chamou Ramalho — o traço primordial é a elegancia. Póde diz-se que é uma virtude de familia; ella caracteriza igualmente a obra de Columbano, de d. Maria Augusta e de Manoel Gustavo. E, ainda ao lado da propria obra, como nos trabalhos de decoração de Raphael ou como na disposição do Museu de Arte Moderna, que Columbano organizou, o encanto resulta sempre da justa elegancia.

Só agora reparei (e com que receio!) que estas pobres e desprezueusas linhas podem ser tomadas co-

mo uma aspiração a critico de arte. Por muito menos se tem com este titulo paramentado varios, com bem apoucadas faculdades de apreciação. Até, sem querer desdoir reputações, pôde dizer-se que a alguns se devia exigir a licença de porte-de-pena! Pela minha parte, desde já o declaro: não possuo essa licença.

Tendo convivido, collaborador e amigo, com Raphael Bordallo Pinheiro, são-me naturalmente permissidas algumas considerações, que têm apenas o interesse de constituirem o depoimento dum dos poucos sobreviventes de Antonio Maria. Nesta ordem de factos, poderia dizer que o seu encanto pessoal não provinha apenas da sua jovialidade e dessa qualidade de bom rapaz tão promptamente reyclada; derivava sobretudo da sympathia e da lhanza do seu trato, sempre distincto, atencioso e affavel. Recordo bem vivamente a emabilidade do seu acolhimento, em que havia aquella sympathia bondosa, que caracterizava de igual maneira o trato de outro gentilissimo artista, d. João da Camara, tão parecido com Raphael nas suas maneiras patricias e até no proprio typo de raça.

Não sei até que ponto estes predados serão agora tidos em estima, nesta época em que, seguindo uma fatalidade historica demasiadamente repetida, outros povos, ao que parece, atravessaram a Peninsula e acamparam nestas encostas da beira-mar.

Contudo, para a historia de Raphael Bordallo, o conhecimento do seu viver e o da sua época são indispensaveis para se comprehender, no meio da sua obra de caricaturista, a sinceridade de tanto entusiasmo reverente e de tanto ardor patriotico, e quanta commoção exprimiu com o fino lavor do "seu" lapis.

E' certo que elle attingiu á gloria, em vida, mas conheceu tambem a "seje" de ver sempre o seu nome acompanhado pelo qualificativo de genial artista, mesmo para annunciar uma simples partida para as Caldas. Elle proprio, uma tarde, mofava deste sestro, num gaudío transbordante e vivaz:

"Isto de nos chamarem genio é o diabo!"
"Sae a gente para a rua e põe-se logo tudo a dizer: "Olha o Genio!"
"Lá vem o Genio!" "Lá passa o Genio!"

E, com aquella sua prodigiosa mobilidade physionomica, Raphael mimava, numa escala magistral de expressões, a ancia, o pasmo, a reverencia da multidão abrindo alas; e tomava em seguida um ar imponente de Genio, para atravessar a sala em passo de cortejo, erguendo a cabeça triumphante, como se a cingisse uma coroa de louros.

Em actor algum se notou jámais tão intenso poder de expressão mimica. Elle exprimia com os musculos da face tão completamente como com o lapis. E, tanto nos fazia rir um projecto de caricatura "representada" por elle, como a pagina já executada no papel.

Lembro-me que, um dia, no Lactario, examinando um quadro com photographias de creancinhas de um anno em varias attitudes e expressões — o riso e o choro collectados em dumas gamas — Raphael achou-lhes muita graça e logo realizou uma espatosa imitação de cada retrato, reproduzindo as varias modalidades da alegria, do amuo e da birra... na primeira infancia!

Não é o momento de lhes contar anecdotas de Raphael Bordallo, mas convém dizer que ellas deviam ser reunidas como a sua obra de caricaturista o foi, com tanta religiosidade, no Museu do Campo Grande, templo dedicado ao culto de Bordallo pelo poeta Cruz de Magalhães, num rasgo de devoção sem exemplo entre nós. A proposito, se me é permitido manifestar um desejo, direi que gostaria de encontrar ali, executado num bronze delicadamente patinado, com um tom de pelle morena, não o Raphael desfigurado dos ultimos tempos, mas o seu bello retrato dos vinte e cinco annos, cabeça apollinea, que merecia ter servido de modelo a Carpeaux.

Nessa tarde de janeiro em que pela ultima vez lhe falei, estava elle sentado a um canto da saleta executando "in articulo mortis", o projecto de mascarada dos Fenianos...

Conversou já sem "entrain". Como u mamão presagio, por duas ou tres vezes dos seus dedos finos esquecidamente escorregaram para o chão o pinoel de agurella ou a boquiilha com o cigarro. A despedida, esboçou o gesto, que eu retive, de se levantar; e, segurando a manta, que lhe cobria os joelhos, disse-me com uma ironia fatigada, que um sorriso dolente sublinhava:

"Desculpe não o acompanhar... mas "dizem que estou muito mal..."

Horas depois tornei a vê-lo; já então a sua mascarara varonil, que tanta alegria traduzira, reflectia a bella e nobilitante calma da morte; mas conservava — como no aspecto de Gavarni morto, descripto pelos Goncourt — "uma expressão de elegancia robusta, de bondade máscula e de suave ironia, que tinham sido a physionomia e o caracter do homem".

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Está hoje aberto ao público e domingos seguintes, das 15 ás 19 horas, este interessante museu, situado no Campo Grande, 382 (lado oriental) fundado pelo admirador do grande artista sr. Cruz Magalhães. O produto das entradas revertio a favor do Asilo de S. João.

"O MUNDO"

24-7-921.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Está hoje aberto ao público e domingos seguintes, das 15 ás 19 horas, este interessante museu, no Campo Grande, 382 (lado oriental), revertendo o prouto das entradas em favor do Asilo de S. João.

"DIARIO DE NOTICIAS"

31-7-921

Museu Bordalo Pinheiro

Está hoje aberto ao público e domingos seguintes, das 15 ás 19 horas, este interessante museu, no Campo Grande, 382 (lado oriental), fundado pelo admirador do grande artista, sr. Cruz Magalhães, revertendo o produto das entradas a favor do Asilo de S. João.

A IMPRENSA DA MANHÃ

31-7-921

O BUSTO DE BORDALLO

A piedade dum amigo acaba de levantar a Raphael Bordallo uma estatua. Esse amigo é o sr. Cruz Magalhães — o fundador do curioso Museu de Raphael. Essa estatua — um busto de bronze sobre um plintho simples de marmore — deve-se a um moço esculptor quasi desconhecido, e foi collocada numa frondosa e solitaria alameda do Campo Grande. Como os meus leitores vêem, trata-se dum homenagem cheia de sinceridade prestada por um homem bem intencionado a uma grande figura nacional. Isto basta para que a iniciativa do sr. Cruz Magalhães mereça todo o meu respeito. Os verdadeiros amigos não se encontram com frequencia; e aquelles cujo affecto triumphava da propria morte podem considerar-se raros como os melros brancos e as tulipas azues. Ninguem contestará a semelhante consagração a justiça que se deve sempre á manifestação dum nobre sentimento. Mas — Deus de piedadel — como eu agradecerá ao sr. Cruz Magalhães, eu, que me prêzo de possuir o sentimento das proporções, se elle não tivesse pensado em perturbar, com o seu gesto damiço, a serena dignidade da memoria de Bordallo! Porque a homenagem foi pobre? Talvez. Mas, sobre tudo, porque a idéa não foi feliz.

Eu quereria, de todo o coração, que se levantasse um mo-

numento ao assombroso genio que creou a jarra Beethoven e a synthese popular do "Zé Povinho" — ao homem que, em Portugal, soube fazer da ceramica uma grande arte e da caricatura uma terrivel arma de demolição politica. Algumas vezes o escrevi. Algumas vezes chamei a attenção dos poderes publicos para esse acto de justiça nacional. Mas uma estatua só significa uma consagração, quando, pela representação viva da figura gloriosa que perpetua, tem o poder de transmittir ás multidões uma impressão dominadora de belleza, de força e de majestade. De contrario — a estatua converte-se num polourinho. Não exalta; deprime. Não faz pensar; faz sorrir. E se isto é verdade para as estatuas dos heroes e dos sabios, muito mais o é ainda para as estatuas dos artistas. O monumento destinado a consagrar a memoria dum artista excepcional, como Bordallo, deveria, antes de tudo, ser uma obra d'arte; e, com franqueza, o busto que acabam de inaugurar no Campo Grande, não o é. Obra dum esculptor moço e inexperiente, nem ao menos tem, a recommendal-o á nossa sympathia, as audacias da mocidade. E' um mono de bronze, sem vida, sem scintella, sem expressão, sem execução — um Bordallo decrépito, opado, pastoso, balofo, que não olha, que não ri, que não pensa, que nada nos diz, que nada nos suggere daquella formidavel figura que tamanha influencia exerceu sobre a sociedade portugueza do fim do seculo XIX. Poderá ser o busto de toda a gente: não é o de Raphael Bordallo. Todos nós perdoariamos ao artista a sua falta de experiencia e de execução — se elle nos tivesse dado, ao menos, a impressão do Bordallo dos tempos aureos, do Bordallo do "Antonio Maria", aquelle que deve ficar na retina das multidões, o unico que poderá viver na praça publica, bello, viril, apollineo, leonino, scintillante, conversador, demolidor, mundano, respirando elegancia e audacia, dextreza e força — como o Brasil o conheceu e como m'o descrevia ainda ha pouco, em familiar conversa, o embaixador Fontoura Xavier. Assim — ninguem lh'o perdoará. As estatuas, expressões supremas do triumpho, são incompativeis com a representação da decadencia organica. Não se comprehende que para consagrar Bordallo, genio eternamente moço, se reproduza a sua velhice. Converter numa figura de sátyro obeso, mazombo e decrépito, um homem que na admiração das gerações não envelhecerá nunca — não é immortalizar pela estatua, não é esculpir para a gloria — será, quando muito, fazer um "portrait-charge" em bronze. Meu pobre e querido Raphael, estava escripto que a glorificação da tua obra prodigiosa de caricaturista — havia de ser uma caricatura!

Não é este, porém, o unico aspecto por que tem de ser considerado o monumento que acaba de levantar-se ao maior dos Bordallos. O busto é máo; mas o local em que o collocaram não é melhor. Só por uma lamentavel falta de sensibilidade

se poderia ter escolhido uma alameda triste e umbrosa dos arredores de Lisboa, para collocar a estatua do mais alegre, do mais ruidoso, do mais cidadão, do mais baírrista, do mais "alfacinha" de todos os artistas portuguezes. Raphael pôde dizer-se que viveu sempre entre o Chiado e a rua de S. Roque — entre as ceias do "Tavares" e os charutos da "Havaneza". Lisboa, para elle, eram as quatro esquinas do Largo das duas Igrejas, onde a sua elegancia flanava, no bom tempo do Fontes e das hespanholas, de camélia branca na botoeira e badine "pomme d'or", á hora em que então se conversava e em que hoje se toma chá por não se saber conversar. Era ali, naquella pequeno largo que tanto o conheceu em vida — que o grande Bordallo tinha o direito de permanecer na morte. Era ali — ou, a dois passos, deante da casa da Abegoaria, onde muitas vezes tive a honra de trabalhar com elle — que os seus amigos, Ramalho, Fialho, João Chagas, queriam que se levantasse o seu busto. Mas a morte dispersou

os evangelizadores desta idéa piedosa — é o busto de Bordallo, devido á iniciativa dum amigo menos brilhante mas muito mais pratico, acaba de apparecer-nos, de improviso, no Campo Grande. Pobre e glorioso Mestre, que, a respeito de campo, só tolerava as Caldas — porque tinham um céu de vidro! Dir-se-á que uma idéa não prejudica a outra, e que nada se oppõe a que o grande commentador da vida lisboeta tenha ainda o seu busto no Chiado. Engano! Já lá vai o tempo em que a opinião publica demolia estatuas, como a de Sousa Martins, quando ellas não eram dignas das grandes figuras que consagravam. Hoje, tudo está bem e ninguém se incommoda. Se é certo que nas estatuas palpita uma alma, Raphael Bordallo, vendo, através do seu monoculo de bronze, passar no Campo Grande os electricos e as saloias, deve repetir a estas horas a dolorosa phrase de Camillo:

— Senhor, livrae-me dos meus amigos, que dos meus inimigos me livrarei eu!

JULIO DANTAS

(Escrepto expressamente para o Correio da Manhã).

"CORREIO

DA

MANHÃ"

Do

RIO DE JANEIRO

DE

29 - 5 - 1921

(Foi conhecido com o objecto por intermédio de sua filha que publicou, de um modo...)

O busto de Bordallo

(Resposta a um artigo, com o mesmo titulo, do sr. Julio Dantas, publicado no "Correio da Manhã", do Rio de Janeiro, de 29 de Maio de 1921)

**Para ser bom julgador,
Tenho cá o meu criterio:
Desprezo o proprio valor,
O dos mais não tomo a serio.**

Em hora de «vomitto moral», concetiva frase de Camilo, safu-me esta quadra arrevesada, que traduz uma certa independencia de vistas, resultante da impressão desoladora, causada, após longa vida, pelo estudo imparcial do mesquinho mundo, que nos cerca. Sou um dehumanizado, mas a sociedade é uma engranagem, ninguém lhe foge aos dentes, que morrem sempre: movidos pela fome; pela inveja, mãe da calunia; pels simples prazer chocarteiro da maledicencia.

Ha, por aí muito critico traiçoeiro, arvorado em censor, só cuidando de assuntos em que possa ferir reputações feitas, ou aspirações nascentes, occultando, por acinte, o que seria indubitavelmente digno de applauso; ha muito prazer na má lingua, deprimindo por gosto, por habito, por vicio de origem, ou do meio vão e ostentoso; e ha tambem muito prazer secreto em malsinar a obra alheia, quando os criticos detratadores se sentem incapazes de produzir algo util e duradouro!...

Felizmente, não é o caso presente, longe disso!

Trata-se dum caracter diamantino, que só por involuntario mau humor poderá ter um leve deslize na critica, sempre alta e nobre, que produz. Contudo, quem não conhece a alma magnanima, o fuigido espirito superior, todo lizado de scintilações subitias, a lealdade inconcussa, que uma altissima superioridade literaria e social confere ao egregio dramaturgo e laureado poeta, sr. Julio Dantas, poderia supôr que no artigo «O Busto de Bordallo» haveria occulto qualquer perverso sentimento do odio, ou simples má vontade.

Pois quer! Existindo tanta coisa bella para exaltar, em Portugal, nas artes, nas sciencias, em mil e mil manifestações do civismo, propenso a collocar o país á altura que lhe compete no concerto das nações civilizadas; bramindo num povo amigo, num Povo irmão, numa deploravel campanha, que tenta enlamear os portuguezes, e a sua angusta e querida Patria, não seria melhor que um luminar das letras, e um consagrado das turbas, mercê de trephos de imorredora prosa, como «A hengala de Madame Z» e «Os pés de Madame X», deixasse assuntos de duvidosa importancia, em que sobretudo amesquinha, e preferisse enaltecer o que digno fosse de seu venerando louvor?

E' claro que se o excelso principe das letras portuguezas não tivesse publicado o meu obscuro nome, envolvendo-o em lapsos, eu não satria á estacada.

Com a declaração prévia de que me não move o minimo impulso desprimoroso para o parnasiano literato, farei umas observações, cuja mira principal é repôr a verdade onde ela falte, nalgumas inadvertencias em que o abalitado escritor caiu, sem má intenção, certamente. Eu não levantei a estatua Rafael Bordallo. Essa honra cabe á Camara Municipal de Lisboa. Não ha estatua alguma no momento, mas sim, como sua ex.º depois confessou, um plinto e um busto. Faltou só dizer que na face principal do plinto ha uma bdm lançada palma de bronze, entretecida de loureiro, e que o plinto tem um formoso capitel, tambem de bronze, na frente do qual se ve a mascara e as insignias da caricatura, na parte posterior uma cabeça do «Zé Povinho», e de cada lado um gato, que tantas vezes esmaltou a obra gloriosa de Rafael Bordallo Pinheiro. O sóco, a base e o plinto são de marmores diferentes, o colorido de bronze, na palma, no capitel, e no busto, não é do mesmo tom.

O projecto do monumento deve se ao conceituado artista, architecto-chefe da Camara Municipal de Lisboa, sr. Alexandra Soares, que procurou

na policromia e na linha geral do monumento torná-lo um dos melhores, senão o melhor dos monumentos camarários de Lisboa. Só a parte escultural, propriamente dita, é devida ao moço escultor, sr. Raul Xavier, já cotado, entre outros, por varios trabalhos expostos na Sociedade Nacional de Belas Artes.

Diz o sr. Julio Dantas que o monumento «foi collocado numa frondosa e solitaria alameda do Campo Grande». Não tão solitaria que pela frente do monumento não passem, diariamente, algumas dezenas de automoveis, algumas dezenas de trens e centenas de pessoas, principalmente aos domingos. A camara municipal derrubou o necessario numero de arvores para que o monumento ficasse perfeitamente desassombrado, circundado o de relva, ajardinou dois pequenos talhões lateralmente.

O busto olha para a rua interior do Parque, onde só passam automoveis, trens, cavaleiros e publico, de forma que o observador, olhando o monumento, vê-o em conjunto com o edificio—casa de estilo portuguez—onde está instalado o «Museu Rafael Bordallo Pinheiro», e foi exactamente esta circunstancia, este conjunto, que fez escolher o local, para nele se erigir a memoria ao glorioso artista.

O busto e a parte principal do monumento voltam as costas á via publica, que liga a parte central da cidade ao Lumiar, por essa rua é que passam os electricos, as lavadeiras e os carros e animais de carga.

O terso estilista, sr. Julio Dantas, afirma que varias vezes pugnou pela idéa de se erigir um monumento ao grande caricaturista, mas, infelizmente, passaram 16 anos, sem que essa aspiração fosse satisfeita, e, se eu não tivesse oferecido o busto á camara municipal, quem sabe quantos interminaveis anos decorreriam sem que o monumento surgisse?! Haja vista o que tem sucedido, sucede e sucederá com identico preito a Camilo Castelo Branco.

Esprava-se, o triunfal e conspicuo critico da arte, em considerações sobre estatuas, consagrações, o que ellas traduzem, forma de impressionarem as multidões, etc. Não responderei detidamente á fluente argumentação do vernaculissimo arbitro, de cujas teorias, aliás, discordo. Quando diz, porém, que as estatuas, em certas condições, se convertem em pelourinho; que não exaltam, deprimem; que não fazem pensar, fazem sorrir; afirmo, na certeza inabalavel de que o asserto ficará sem contradita: o monumento existente no Conipo Grande, nunca deprimiu, nem deprime o grande artista Rafael Bordallo Pinheiro e jamais fez sorrir alguém.

Sem procuração do novel escultor, que não precisa dela, direi que o busto foi aplaudido por varias pessoas da propria familia do homenageado e por muitissimos individuos que o conheceram e com ele lidaram.

Naturalmente, nenhuma destas creaturas possui o maravilhoso dom do sentimento das proporções, que enalteece, olimpico, o cultor da mais pura estesia, sr. Julio Dantas. Sua Ex.º muito justamente afirma, no seu artigo, possuir aquelle desvaneçedor sentimento.

Queria, o portentoso burilador de frases, que o joven escultor apresentasse o Bordallo do «Antonio Marias», e não o Bordallo da «Parodia», mais sintetico e alegorico, certamente, mas nem por isso menos grande e menos belo.

Questão de idade? Mas, foi exactamente o Bordallo do busto que a geração actual conheceu. Emfim, modos de ver.

«Ninguém podoará ao moço escultor», afirma o filigranico estilista e petroniano esteta! Salvo o devido respeito, consinta-me o aristocratico se-

gredeiro de «M. X» a declaração de que tal inclemencia somente se dará em cumprimento da impietosa sentença de sua ex."

O falcante literato, usando sempre lindos tacões vermelhos e preciosos punhos de rendas, multiplica descaradamente as razões de queixa contra o pobre escultor! Pareceria desumano, se todos o não soubessem tão candido coração columbino, quanto capitoso poeta de amor.

Depois saí, novamente, a denegrir o local, chama-lhe uma alameda triste e umbrosa, quando ela é fartamente lavada de ares, alegremente baída pelo sol radioso, que se coa através do lindo verde das folhas dos platanos, colocados á devida distancia para que a luz, por entre eles penetre a jorros. E tudo sob este lindo céu de Portugal!

O facto de existir este pequeno monumento do Parque do Campo Grande não impedirá que se efectivem as altas congeminencias de um dos sacerdo magnos da literatura portuguesa actual.

Porque não se ha-de erigir um monumento de arte sublime, inspirado por um cerebro magistral, como o do sr. Julio Dantas, ou uma estatua, de corpo inteiro, representando o grande Rafael Bordalo Pinheiro, do «Antonio Maria», no Largo das Duas Igrejas, ou no da Abegoaria, tão predileto do requintado escritor? Nota-se que este ultimo largo se chama, ha muito, de Rafael Bordalo Pinheiro. Pois não foi, o grande caricaturista, tão notavel que possa ter dois monumentos na cidade que o viu nascer, a alguns kilometros um do outro, e com diversas razões de existencia?

Lamenta ainda, o abalisado censor, que o monumento surgisse de improviso no Campo Grande, porque o glorioso caricaturista, de campo, só tolerava as Caldas.

Obtemperarei: o Campo Grande, de campo só tem o nome. E' um parque citadino, que fica a ~~uma~~ dois kilometros da periferia de Lisboa.

Numa correlação infeliz de ideias, o desvelado progenitor das «Abelhas Doiradas» chega a lamentar que a opinião publica de hoje não obrigue a demolir o monumento do Parque do Campo Grande, como fez demolir o primeiro monumento a Sousa Martins!

Pego licença para muito cordealmente cumprimentar, numa reverente curvatura de homenagem, a opinião publica actual.

Agora o fim, que é de estarrecer: «se é certo que nas estatuas palpita uma alma, Rafael Bordalo Pinheiro, vendo, através do seu monoculo de bronze, passar no Campo Grande os electricos e as saloias, deve repetir a estas horas a dolorosa frase de Camilo: — Senhor livrai-me dos meus amigos, que dos meus inimigos me livrarei eu!»

Se fôsse licito duvidar da lealdade e pundonor com que o luminar sr. Julio Dantas arvorado em juiz do supremo tribunal... da opinião publica, deprime um architecto, um escultor, e o insignificante oferente de um busto, dir-se-ia que toda a azeda critica feita ao monumento do Campo Grande foi escrita... *sem sua ex.*" ter visto o mesmo monumento!...

Como pode ver Rafael Bordalo através do seu monoculo de bronze, se o busto não tem monoculo?

Como pode ver passar os electricos e as saloias, se o busto do glorioso Artista está completamente voltado de costas para a rua onde passam os electricos e as saloias?

Com que monoculo, com que olho, pode ver o busto de Rafael semelhantes coisas?

E' evidente que no mimo transcrito, o integerrimo julgador de assuntos de Arte se refere ao obscuro fundador do «Museu Rafael Bordalo Pinheiro», e modesto oferente do busto.

Ficarei sentenciado á classificação de amigo... dos diabos, de Rafael Bordalo Pinheiro, se assim apraz a soberana vontade do aureolado autor de tanta e tão substanciosa prosa imortal, mas não me sofre a paciencia calar que, se muito pequei, oferecendo um busto, que considerava e considero bom, á Camara Municipal, tambem organizei, em mais de vinte anos de porfiada labuta, o «Museu», que conta hoje para cima de oitocentos originaes, alguns milliares de reproduções, e centenas de retratos e recordações do genial caricarista, além duma importantissima biblioteca e de multissimos espécimes de ceramica, «Museu» que em 151 domingos foi visitado por 6:045 pessoas pagantes, dois Presidentes da Republica, varios ministros, alguns senadores,

bastantes deputados, e inumeros homens de letras e artistas, nacionais e estrangeiros.

O «Museu» já rendeu, para instituições de caridade, 1:122:92 escudos.

Em verdade, que será mais conde-nável? Oferecer um busto para provocar a construção dum monumento, ou não ter já mais visitado o «Museu Rafael Bordalo Pinheiro», havendo sido amigo e colaborador do grande Artista?

Pois saiba-se que, pelo menos, um amigo e colaborador de Rafael Bordalo Pinheiro, um que *teve a honra de trabalhar com ele no Largo da Abegoaria*, não visitou ainda o «Museu», que já conta cinco anos de existencia!...

Era dos amigos a valer!...

Usei, como timbre do meu papel de cartas, um gato com um rato na boca, subposta a seguinte legenda: «antes inimigo certo do que amigo incerto».

Sinceramente desejo mais um inimigo certo.

Cruz Magalhães.

“A IMPRENSA DA MANHÃ”

6-8-921.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Vai ser encerrado temporariamente, estando ainda amanhã aberto

Vai estar encerrado temporariamente o Museu Bordalo Pinheiro, cujas receitas totais revertem a favor do Asilo de S. João, por irem as educandas do mesmo Asilo fazer a sua cura de ar para o seu Sanatório na Parede, e serem das que gentilmente lhe fazem a guarda de honra.

As pessoas que quiserem visitar o curioso museu, no Campo Grande, 362, lado oriental, aprovelem amanhã, domingo.

“O SECULO” (da noite)

6-8-921.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

O seu aniversario

Passa hoje o quinto aniversario deste precioso museu. A maior parte da maravilhosa obra de Rafael Bordalo Pinheiro está ali reunida pela mão... amiga do sr. Cruz Magalhães, devotado admirador do grande mestre.

No caminhar dos seculos, a historia e fundação do museu deverá constituir uma das mais lindas lendas da nossa terra.

Dirão as poeirentas e amareladas crónicas que um tal Cruz Magalhães, fervoroso crente na Divina Arte, abandonando galas e prazeres mundanos e fugindo para o campo Grande, ali erguera, nos principios do seculo XX, a sua custa, com muitos sacrificios, um artistico templo consagrado a perpetuar a memoria o obra de Rafael Bordalo Pinheiro. Mais dirão as crónicas que Cruz Magalhães, rodeado de lindos cães da serra Estrela, levava vida de ermita no culto do orago do templo.

Não no culto oculto, acrescentarão as crónicas, mas bem patente... ao público todos os domingos, das duas ás sete da tarde. Ainda um *coca bichinhos*, investigando na Torre do Tombo, encontrará um codice roído pela traça, do qual constará que o bom ermitão, livrera a scollito uma sacerdotisa, D. Julieta Ferrão, senhora que fugindo tambem á vida positiva da sua epoca, trocára



salsitres, tangos e fox-trots, pela solidão, fox-terriers e estrelas, e que acompanhando o modesto asceta nos serviços do culto, ainda *oficiava...* e *escrevia a correspondencia do museu* Na «Biblioteca do Vaticano» ainda será descoberto um *dactilografado* valioso, que examinado, se reconhecerá ser um projecto de estatutos da muito antiga e mui veneravel confraria intitulada «Grupo dos Amigos Defensores do Museu». Do precioso achado se verificará quais eram os uteis fins da irmandade, que teve por primeiro juiz ou presidente o dr. Magalhães Lima.

Os jornais dessa futura epoca, citarão constantemente o nome de Cruz Magalhães, falecido de avanzada idade e de se cheio de *santidade...* artistica, apontando-o es gerações como exemplo a seguir e pondo-o em contraste com aqueles que, *morrendo pôdres...* de rios, nem em vida, nem em testamento dão um chave para uma biblioteca ou museu.

E assim, de geração em geração, a despeito da grande modestia do sr. Cruz Magalhães, será devidamente apreciado o alto significado da fundação do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, e a acrisolada devoção do seu fundador pela grandiosa obra do genial caricaturista e ceramista.

Carlos Simões

“O MUNDO” 6-8-921.

O MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Completam-se hoje cinco anos que se inaugurou essa galeria onde se reuniu a obra maravilhosa do Mestre

Dentro em pouco, serão abertas ao publico as salas de ceramica, para a qual já se reuniu uma boa centena de peças



Desenho inédito, do grande Mestre—propriedade do Museu Rafael Bordalo Pinheiro—para um figurino das «Formigas e Formigueiros», revista do ano de 1897, original de E. Schwalbach, com musica de Filipe Duarte, F. Gazul e T. Del-Negro, representada pela primeira vez em 25 de março de 1898, no Teatro da Rua dos Condes.

O «Musu da dança», representa o afamado professor de dança, Justino Soares, a auto-caricatura de Bordalo, que se vê a um canto, deitando joguetes e soltando uma interjeição de alívio, explica a satisfação do Mestre, quando terminou o ultimo figurino da revista, que se notabilizou pela esfusante graça, pelo simbolismo flagrante e imaginação fantasista, que o maravilhoso lapis de Rafael Bordalo deu ás «Formigas e Formigueiros».

«Só um espirito de artista podia consagrar, por modo tão solene e tão completo, a obra de Rafael Bordalo Pinheiro. Naquele ninho encantador, que bem poderíamos chamar um ninho de jadas, vibra e pulsa, com efeito, a alma do incomparavel Mestre».

(De um autografo inédito)

24 de Novembro 1915.

Magalhães Lima.

Rafael Bordalo Pinheiro, assombro de genio e de exuberancia, uma das individualidades mais completa e harmonicamente artisticas de Portugal, abriu do alto da montanha sáfara do ramerrão e da pacovice indigena, larguissimos horizontes inéditos sobre a arte da decoração, da caricatura e da ceramica. Devido-lhe a Patria as homenagens, que sao a justa recompensa dos que a exal-

tam e dela são lidimas glorias, estava sentenciado a um rapido e ingrato esquecimento, se não existisse a «Catedral de Arte e de Genio» como alguém já classificou o Museu Rafael Bordalo Pinheiro!

Faz hoje cinco anos que o Museu abriu pela primeira vez as suas salas ao publico. Recordo-me perfeitamente da surpresa causada pelas quatro salas cheias de quadros.—Seria possivel que todo aquele labor fôsse dum só artista? E que a obra colossal, ali reunida, representasse o estorço dum só homem? A quantidade de trabalhos provocava admiracão e custava a compreender como alguém, numa época tão interesseira, levava o altruisimo, a admiracão por um artista, ao ponto de organizar um Museu, arquivo das scentellas do genio fértil e extraordinario de Rafael Bordalo, para mais tarde ceder esse Museu a cidade de Lisboa! Num país em que as grandes

iniciativas morrem ao nascer, por maior entusiasmo com que surjam, não se podia conceber um fanatismo com a abnegação precisa para levar a cabo tão arrojada consagração! O nome de Cruz Magalhães corria de boca em boca num murmúrio de aplauso. Eu, que tenho acompanhado dia a dia a evolução do Museu, sei quanto esforço é preciso empregar, quando se ultrapassa a craveira comuna, para desprezar a baba peçonhenta da inveja, mesquinha e traiçoeira; a luta persistente que é preciso travar com o «nosso semelhante», que hipo ritamente vai minando, minando sempre, a ver se consegue desvirtuar o nobre e alevantado pensamento que presidiu á acção. Tenho tido ensejo de ver e de admirar a constante tenacidade com que Cruz Magalhães tem mantido a sua profissão de fé. Retraído hoje, num isolamento esquivo, para tudo que não tenha por objectivo o Museu, vem ha vinte e tantos anos trabalhando para a consagração daquelle que foi na caricatura portugueza o maior, e realizando o seu conceito «...incitar todos os que melhor do que eu podem organizar museus particulares tão abundantes nos países estrangeiros». Começou a colleccionar a obra de Bordalo com o intuito egoista de lhe servir de recreio espirital na velhice, mas com a frequente observação das maravilhas do portentoso genio Rafaelino foi-se pouco a pouco radicando na admiracão pelo Artista, sentindo-se dominado pela revolta contra a ingratitude miseravel dos contemporaneos de Bordalo, que, enquanto o grande Artista foi vivo tanto o festejaram, e, após a morte, quando já não o temiam, o lançavam num criminoso esquecimento! Foi concorde com essa revolta e perante tantos trabalhos colleccionados de Rafael Bordalo, que a malogrado poeta Luis Calado Nunes, alma de eleição, amigo intimo de Cruz Magalhães, lhe sugeriu a ideia do Museu, que, tornando-se uma obra util, serviria de lenitivo ás dores morais, que atormentavam o fundador do Museu.

Por fins de 1913 começava-se a construção da casa onde está instalado o Museu, em 6 de agosto de 1916 patenteava-se ao publico; inaugurou-se com quatro salas, quantas Cruz Magalhães supunha bastarem; passado tempo, faltava espaço para expôr os trabalhos, que uma infantigavel labuta ta descobrindo, e que almas generosas iam oferecendo. Viam-se muitos quadros ao nível do sobrado, e nas paredes, até grande altura, o que dificultava a apreciação deles; para descongestionar e facilitar a análise dos desenhos foram-se inaugurando salas, que atingem actualmente o numero de oito, todo o primeiro andar.

Desde o inicio foi o Museu ornamentado com ceramica Rafaelina. Surgiu, depois, a ideia de se reunir no rés-do-chão um mostruario, quanto possivel completo, dos maravilhosos barros de Rafael Bordalo Pinheiro, ficando assim, num só edificio, comprovados os multiplos cambiantes dum privilegiado talento tão maleavel quanto original. Com tal intuito Cruz Magalhães desalojar-se-á, logo que as circunstancias o permitam, do rés-do-chão, a fim de néle se instalar o Museu de ceramica, para o qual existe já uma boa centena de peças. Mas quantas sensaborias, contrariedades e desgostos lhe tem dado o Museu? Algumas compensações tem tido, de certo: a que mais intimamente o sensibilizou foi a organização do grupo «Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro», criado por iniciativa de Alvaro Neves, presidido pelo venerando cidadão dr. Magalhães Lima, e constituído por personalidades de alta cotação moral e mental. Muito grata lhe é tambem a multidão anonima, que todos os domingos visita o sacerario de arte, que é o Museu, prestando o melhor culto ao glorioso Rafael Bordalo—o estudo e a compreensão da sua prestigiosa obra por tantos titulos imorredoura.

Póde-se afaçar que é este o Museu de Lisboa mais concorrido. Sobre a minha mesa de trabalho tenho a estatística, que menciona: de 1916 a 1921, em 151 domingos, 6.045 visitantes, sendo de 1.122\$92,5 a verba recebida no Museu e entregue ás benemeritas instituições Cruz Vermelha, Cruzada das Mulheres Portuguesas e Asilo de S. João.

Agosto, 1921.

Julietta Ferrão.

"DIARIO DE NOTÍCIAS"

G-8-921.

COMEMORA-SE hoje mais um aniversario da fundação do Museu Bordalo Pinheiro, ao Campo Grande, devido á inteligente tenacidade de Cruz Magalhães e estamos certos de que o festejado poeta ali receberá nesta ocasião a visita de toda a Lisboa culta. Cruz Magalhães, na sua obra, encarregou-se de avivar constantemente o culto pelo grande caricaturista; não deixa que o esqueçam e bem haja na devoção, que a não ha mais patriótica: em Bordalo aprender-se-ha sempre, Bordalo deve ser visto e meditado em cada hora, porque apontou erros e castigou vicios de todos os tempos.

Hoje, mais do que nunca, impõe-se uma romaria ao Museu; quem sabe se, depois da permanencia duradoura e reflectida d'alguns politicos, entre as obras primas do mestre, o cambio não virá a melhorar?

"ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA"

CRÓNICA DE ACACIO

DE PAIVA.

N.º 807.

6-8-921.

UM MUSEU

Rafael Bordalo Pinheiro

No operariado português está viva a recordação de um caricaturista que defendeu pela sátira as classes trabalhadoras simbolizadas no Zé Povinho. Rafael Bordalo foi um crítico dos acontecimentos da sua época, e foi um previdente. Quem visita o museu e admira muitíssima páginas da Paródia, encontra-lhe uma surpreendente oportunidade. O Fiel amigo — por exemplo — é uma espinha de bacalhau; a fiança é o graúdo cão magrinho de pelo eriçado; a retórica parlamentar um papagaio pedindo a palavra... D. Quixote é o Paiva Couceiro. A indiferença mascarando a miséria, como a liberdade ajoelhada ao confessorário, como o Zé Povinho com a albarda dos impostos e contribuições são páginas de crítica acerba à nossa vida de hoje. Para essas caricaturas serem permanentemente admiradas, o sr. Cruz Magalhães tornou público — faz hoje cinco anos — o museu que organizou. Cruz Magalhães não é ricaço nem negociante. Privou-se do seu conforto individual, para uma tarefa constante; durante anos: organizar essa colecção, e ao mesmo tempo, muito secretamente, auxiliar artistas infelizes. Pois bem, tencionava esse sr. doar à cidade de Lisboa — representada pelo seu município — o museu. É um acto de notável desinteresse digno de reparo. Mas talvez temendo o mau critério demonstrado em cousas de arte pela vereação criou-se o grupo Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro. Fizeram bem. É esse grupo que nos solicita a publicação duma nota-estatística pela qual se vê que em cento e cincoenta e um domingos visitaram o museu 6045 pessoas, rendendo as entradas 1.122\$92,5 a favor de instituições de caridade.

"A BATALHA"

6-8-921.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro—Vai estar encerrado temporariamente este Museu, cujas receitas revertem a favor do Asilo de S. João, por motivo de as educandas do mesmo Asilo irem fazer a sua cura de ar para o seu chalet na Parede.

As pessoas que quiserem visitar o curioso Museu, no Campo Grande, 382, lado oriental, só hoje pode aproveitar.

"DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

7-8-921

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Vai encerrar-se temporariamente o Museu Bordalo Pinheiro, cujas receitas totaes revertem a favor do Asilo de S. João, por irem as educandas do mesmo Asilo fazer a sua cura de ar para o seu Chalet na Parede e serem ellas que gentilmente lhe fazem a guarda de honra.

As pessoas que quiserem visitar o curioso Museu, no Campo Grande, 382, lado oriental, podem ainda fazê-lo hoje.

"O SÉCULO" (manhã)

7-8-921

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

No seu 5.º aniversario

Passou ontem o 5.º aniversario do Museu Rafael Bordalo Pinheiro—um templo de arte destinado a consagrar a memoria do grande caricaturista que soube immortalisar o seu nome nas paginas da Paródia. Organizou-o Cruz Magalhães, que mais tarde viu a sua bela e patriótica iniciativa compreendida por espiritos de elite, á frente dos quais se encontra Magalhães Lima.

O precioso museu vai ser doado á cidade de Lisboa, e para que a ideia que presidiu á sua organização viva eterna atravez das gerações, criou-se já o Grupo dos Amigos—Defensores do Museu.

Ao passar o 5.º aniversario dessa obra de amor e de arte, não podiamos deixar de felicitar Cruz Magalhães e os amigos do Museu, com quem espiritualmente nos sentimos irmanados.

Vai encerrar-se temporariamente este Museu, cujas receitas totaes revertem a favor do Asilo de S. João, por motivo das educandas desta casa de beneficencia irem fazer a sua cura de ar para o seu chalet na Parada.

As pessoas que quiserem visitar o Museu, no Campo Grande, 382, lado oriental, podem ainda fazê-lo hoje.

"A DEMOCRACIA"

7-8-921.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Fez ontem cinco anos que foi aberto ao publico o museu Rafael Bordalo Pinheiro. No estrangeiro são vulgares estas consagrações. Victor Hugo tem um museu, como a outros grandes artistas identico preito lhe foi prestado. Ainda recentemente D. Afonso XIII comprou a casa onde morreu Cervantes para lá organizar o museu cervantino. Em Portugal a primeira homenagem nesto genero prestou-a um modestissimo cidadão — sr. Cruz Magalhães, a um genial caricaturista — Rafael Bordalo Pinheiro. Não uma criação para exclusivo recreto espirital do seu organizador. Esse museu nas peças expostas representa um dispendio de dezenas de contos. Esta ali colecção com carinho a obra do nosso primoroso desenhador e gracioso caricaturista. Pois a isenção do sr. Cruz Magalhães é tão extraordinariamente grande, nesta vaga uzureira, que cede a Lisboa o Museu Rafael Bordalo Pinheiro!

Estas palavras são sugeridas pela estatística dos visitantes: — 6:045 em cento e cincoenta e um domingos!

Isto prova a recordação saudosa do publico pelo artista que o defendia sempre, — simbolizando-o num caracteristico Zé Povinho, — ora indifferente e folgasão, ora sobrecarregado com a albarda dos impostos.

Comemorando o quinto aniversario da abertura do Museu ao publico reunem amanhã os amigos defensores do mesmo museu.

Vai estar encerrado temporariamente este museu, cujas receitas totaes revertem a favor do Asilo de S. João por irem as educandas do mesmo asilo fazer a sua cura de ar para o seu chalet na Parede, e serem ellas que gentilmente lhe fazem a guarda de honra.

As pessoas que quiserem visitar o curioso museu no Campo Grande, 382, lado oriental, aproveitem hoje.

"A IMPRENSA

DA MANHÃ"

7-8-921.

152 domingos.

6:089 visitantes. *

1.148\$42 rendimento.

ATÉ 7-8-921.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Faz precisamente hoje cinco anos que o prestimoso cidadão sr. Cruz Magalhães expoz ao publico a sua já famosa collecção da obra do imortal e incomparavel caricaturista Rafael Bordalo Pinheiro, a qual tem sido admirada em cento e cincoenta e um domingos, por 6045 visitantes ao museu do Campo Grande.

Neste caso a eloquencia dos numeros é a prova de quanto o publico não esquece os seus artistas prediletos e queridos como Rafael.

Este Museu é bem um incentivo para outras homenagens congéneres.

Ninguem como falecido dr. Carvalho Monteiro podia ter tornado publico o seu precioso museu camoneano. No entanto estão vivos outros colleccionadores que bem podam seguir o exemplo do sr. Cruz Magalhães, contribuindo assim para a illustração do povo portuguez.

Comemorando o anniversario da inauguração, reúne amanhã o Grupo Amigos—defensores do mesmo.

"O SECULO" (muito)
7-8-921.

A proposito do anniversario do museu Bordalo Pinheiro, tem-se falado muito no distincto caricaturista. Bem o merece. O seu chiste inconfundivel, a nota puramente portuguesa que imprimia aos seus trabalhos, e a superior mesria com que tratava os assuntos recolhidos, impõe-no á nossa consideração.

O lapis maravilhoso de Bordalo, dois ou tres minutos a acionar sobre o papel produzia, invariavelmente, uma gargalhada. As suas faianças são uma maravilha, Rafael Bordalo, se vivesse tinha hoje 75 anos.

"O SECULO"
(muito)
7-8-921.

Museu Raphael Bordalo Pinheiro

Vae ser encerrado temporariamente, estando ainda hoje aberto

Vae estar encerrado temporariamente o Museu Bordalo Pinheiro, cujas receitas totaes revertem a favor do Asylo de S. João, por irem as educandas do mesmo Asylo fazer a sua cura de ar para o seu Sanatorio na Parede, e serem das que gentilmente lhe fazem a guarda de honra.

As pessoas que quizerem visitar o curioso Museu, no Campo Grande, 362, lado oriental, aproveitem hoje, domingo.

"O JORNAL DO
COMERCIO E
DAS COLÓNIAS."
7-8-921.

AS BELAS INICIATIVAS

RAPHAEL BORDALO E A CARICATURA

A proposito do 2.º anniversario da abertura ao publico do Museu do Campo Grande.

A Caricatura é a propria essencia do Riso. Tem o seu lugar marcado, e dos mais honrosos, na série resumida das Artes a que se convencionou chamar Belas.

Um grande caricaturista é, ao mesmo tempo, um filosofo, um psicologo e um homem de letras. Claro que é tambem um grande desenhador e um observador atento da Comedia Humana que passa.

Tudo isto foi Rafael Bordalo Pinheiro, e como nenhum outro possuia o dom do Riso, do Riso abrangendo todos os Risos, aquele Riso dividido e classificado por um grande espirito de sabio e homem de letras—o sr. dr. Ricardo Jorge—em olimpico e homérico, o angelico, o satânico e o sardonico, o Rir dos deuses e o Rir dos foliões, o Riso liso e o convulso, o amargo, o amarello e o sarcástico, o Riso de escarneo e o Riso de piedade, o Riso da esperança e o Riso do tetano, o Rir que cura e o Rir que mata—*todos os Risos menos o Riso alvar...*

Grande e extraordinario artista esbanjou ás mãos cheias, com uma prodigalidade de nababo, a sua obra por todos os assuntos, obra sob todos os aspectos admiravel, obra que foi, dia a dia, o comentario ironico a um agitado quartel da vida portuguesa—sombra de fumo que o vento implacavel da morte já desfez no turbilhão constante da sucessão dos homens e dos factos.

Acima de tudo vemos em Rafael o observador e o desenhador. Não se pode ser um bom caricaturista sem se conhecer a fundo os segredos do desenho.

Por isso mesmo que o artista tem de lhe deformar as linhas puras e correctas para dar á mascara humana os esgares do grotesco ou o rictus da agonia, esse conhecimento é indispensavel, e bem superiormente o revelou Rafael desde os seus primeiros trabalhos, tentativas serias breve postas de parte para mais tarde continuarem na obra do decorador e do ceramista—essa maravilhosa criação das faianças portuguesas que tem qualquer coisa do quimerico, do gracioso e delicado dos milagres dos contos de fadas.

Mas suficientemente estão já esclarecidos o valor social da Caricatura e o talento enorme deste Homem para que possa merecer indulgencia do hipotético leitor qualquer persistencia minha em falar-lhe dele e da sua obra.

Todos mais ou menos a conhecem, todos mais ou menos a folhearam nos jornais e revistas da especialidade, muitos dela possuem uma minima parcela em qualquer dos barros artisticos das Caldas, comprados para adorno de qualquer gabinete de estudo ou casa de jantar decente.

E os que ainda a não conhecem, ou os que mal avaliam da sua vastidão e variedade, tem ha dois anos — fê-los ontem — exposta ali numa vivenda do Campo Grande—retiro discreto de um poeta onde a saudade habita—a melhor, a mais grandiosa e bela consagração do grande morto que a alma apaixonada de um crente poderia ambicionar para o objectivo da sua devoção.

Bem merecia o sr. Cruz Magalhães, fundador e organisador do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, respeitoso tributo de gratidão dos seus contemporaneos por esta sua obra de paciente investigação, aberta ao publico com o fim louvavelmente caritativo de acudir ás internadas do asylo de S. João, e desde o seu inicio generosamente legada ao municipio de Lisboa, o qual, até hoje,

que eu saiba, não a agradeceu nem a visitou, não tendo sequer comparcido á sua abertura ao publico!

Bem certo é que a gratidão dos homens, como dizia o filosofo, quando se manifesta é sempre e apenas... para pedir mais.

O exemplo lá de fóra e a obra de Cruz Magalhães

Razão de sóbra para que o poeta se afastasse do contacto repugnante da vida exterior, e entre as quatro paredes do Museu, que já não são sua pertença, passasse a viver para o culto do grande artista, que foi tambem um grande homem de bem, tendo ali, sob os seus olhos, fiel a todas as evocações, o caleidoscopio interessantissimo de um passado incomparavelmente mais curioso que o presente—senão melhor.

O passado...

«O mister de o recordar, pontificou Herculano—outro desiludido dos homens e das coisas—é uma especie de magistratura moral, uma especie de sacerdocio...»

E aconselhou:

«Exercitem-o os que podem e sabem, porque não o fazer é um crime...»

Le passé c'est un second cœur qui bat en nous...

Neste verso de Bataille, o lirico e admiravel dramaturgo de *L'Homme à la Rose*, está todo o elogio da obra deste homem, a quem ainda hoje nenhuma portaria na folha official elogiou nem (felizmente!) nenhuma comenda foi oferecida.

O Museu Bordalo Pinheiro realiza hoje em Portugal o que na Inglaterra realizou já ha muito o culto nacional por Shakespeare, Byron e Dickens, em França a veneração por Vitor Hugo e Napoleão Bonaparte, na Italia a religiosidade pela memoria do Dante, cantor das penas do Inferno, na Espanha o respeito pela demolidora ironia de Cervantes, na Alemanha o culto a Goethe e Wagner, na Suica a patriótica admiração por Guilherme Tell, na Austria o entusiasmo pela obra musical de Mozart, na nebulosa Scandinavia a justiça prestada ao genio inconfundivel do espantoso Ibsen.

Se Cruz Magalhães puder viver ainda os anos precisos para num livro, que seria um soberbo e utilissimo catalogo do Museu, comentar, descrever e analisar todas as joias da sua inestimavel collecção, a obra deste homem ficará completa em toda a sua enorme beleza, impondo-se com respeito á admiração dos posterios — se porventura a geração dos que hão-de vir se avantajarem em honestidade, inteligencia e patriotismo a esta dos que estão para ir.

E, muito tranquilamente, com a consciencia aquietadada de quem soube na vida cumprir uma grande e dignificadora missão, o seu delicado espirito de artista poderá mergulhar no misterio do Além com o direito de antepôr com justiça ás paginas desse livro, como louvavel incentivo futuro de homenagens a prestar á memoria de um dos maiores artistas portugueses, a quintilha franca e perentoria do nosso illustre Garcia de Rezende:

*O caminho fica aberto
A quem mais quizer dizer;
Tudo que escrevi é certo;
Não pude mais escrever
Por não ter mais descoberto.*

Oldemiro Cesar.

"REPUBLICA" 7-8-921.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Está hoje aberto ao publico e domingos seguintes, das 15 ás 19 horas, este interessante museu, situado no Campo Grande, 382 (lado oriental), e fundado pelo admirador do grande artista, sr. Cruz Magalhães.

O producto das entradas reverte a favor do Asylo de S. João.

"A VOZ DO OPERARIO"

7-3-921

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Na ultima reunião Amigos-defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro foi exarado na ata um voto de graças em n.º a Imprensa, especllizando o «Seculo», pela fórma como sempre se tem interessado por aquella instituição.

"O SECULO" (manhã)

14-3-921

Museu Bordalo Pinheiro 107

Um voto de agradecimento

Recebemos o seguinte penhorante officio:

Senhor:

Cumpro-me participar a V. que, na reunião dos Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, realizada no passado dia 7, foi exarado na acta um voto de agradecimento á Imprensa. Peço licença para espedificar V. pela fórma generosa e cultivante como sempre V. se tem interessado pelo dito Museu.

Apresentando a V. as minhas mais cordoais saudações, subscrevo-me, etc.

A 1.ª secretária
Julietta Ferrão.

"DIARIO DE NOTICIAS"

14-3-921



NO MAIS CONCORRIDO MUSEU DE LISBOA.—A figura da Justiça, segundo a fantasia do grande caricaturista que foi Rafael Bordalo Pinheiro



NO MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO.—Um original tinteiro, propriedade do Museu Bordalo Pinheiro, e que é constituído pelas cabeças de Ze Povinho e de Maria Constança a *alho-da-Beirã*



A OBRA DUM CARICATURISTA.—Desenho inédito de Rafael Bordalo Pinheiro, para o figurino da «Temporaria», da revista «Formigas e Formigueiros», da autoria de E. Schwalbach

"O SECULO" (da noite)

NO ANIVERSARIO
DA INAUGURAÇÃO
DO MUSEU RAFAEL
BORDALO PINHEIRO



Um museu, sobretudo de um artista, é a fôrma mais completa e evidente de revelar aos vindouros a própria alma d'esse artista, patenteada no seu labor. Foi este certamente o intuito que presidiu á organização do Museu Rafael Bordalo Pinheiro. Este museu não é a obra fria de coleccionador egoista e interesseiro. E', sim, o produto de sentida e sincera revolta de uma alma superior que não quiz deixar afundar-se no esquecimento a produção do artista genial, que lá fóra seria Grande entre os Grandes. Com a organização do Museu, Cruz Magalhães veio revelar-nos varios aspectos artisticos de Rafael Bordalo, quasi ignorados; n'ele se pôde estudar a tríplice acção do grande artista na sociedade portugueza, como ornamental, caricaturista e ceramista. Todos os eleitos da arte devem dedicar a este museu um especial carinho, porque os museus são para os artistas o que as bibliotecas são para os literatos e investigadores.

Deve orgulhar-se Cruz Magalhães com o successo obtido, tendo inaugurado o museu n'uma epoca em que as questões sociaes e politicas sobrelevavam todas as manifestações artisticas. Soube impôr-se. Prefaz hoje cinco anos que foi aberto ao publico e de ano para ano tem visto aumentar num crescendo admiravel o numero de visitantes, ascendendo já a cinco mil.

Cruz Magalhães vai bre-

As consagrações mais vulgares são os monumentos na praça pu-



blica. Na síntese representativa podem recordar-nos homens, mas não conseguem rememorar todos os seus feitos, as suas virtudes e a sua acção que porventura tenham tido na sociedade em que viveram.

1. Tintello original: Zé Povinho e Marla Constança. 2. O velho Portugal muralhado por cedulas. 3. A «Temperança» para a revista de Schwalbach «Formigas e Formigueiros». 4 e 5. Duas curiosas peças de ceramica.

vemente entregar á Camara Municipal de Lisboa, como representante da terra que serviu de berço ao Mestre, a sua famosa colecção Bordaliana e o edificio onde está instalada. Bela lição de civismo, exemplar rasgo de abnegação e altruismo numa epoca tão interesseira como a actual. 6-8-921. J. B. F.

"ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA"

N.º 209. 20-8-921.

(a) Maria da Paziancia.

(atrasado dois numeros.)

Museu Bordalo Pinheiro

A 6 do corrente passou o 5.º aniversário dêsse precioso monstuario dos notáveis trabalhos do grande caricaturista e ceramista Rafael Bordalo Pinheiro; e que o seu admirador e amigo Artur Magalhães tem sabido reunir e que apresenta ao publico com justificado orgulho pela sua brilhante e patriótica iniciativa.

O precioso museu que se inaugurou em 6 de Agosto de 1916, tem sido visitado em 151 domingos por 6:045 pessoas pagantes, dando o rendimento das entradas 1.122\$92 que revertem em favor de instituições de caridade e educação.

MUSEU BORDALO PINHEIRO

Reabriu hontem o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, que, como de costume, esteve encerrado durante a época estival. O interessante repositório das obras do genial artista foi enriquecido, durante o seu encerramento, com algumas curiosidades interessantes, notando-se tambem, entre as provas de apreço pelo museu, uma photographia do chefe do Estado, com a seguinte dedicatória: «Ao Museu Rafael Bordalo Pinheiro—o pequeno—maravilhoso templo de Arte, de que Cruz Magalhães foi o construtor commovido e/o celebrante entusiasta, em 6-8-921.—Antonio José de Almeida.»

"O SECULO"
(manhã)

7-11-921.

Rafael Bordalo Pinheiro (Campo Grande), das 14 ás 17. O produto das entradas é destinado ao Asilo de S. João.

"O SECULO" (na mesma sessão)
20-11-921.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Está amanhã aberto ao publico e domingos seguintes, das 14 ás 17 horas, este interessante museu, ao Campo Grande, 382 (lado oriental), fundado pelo admirador do grande artista sr. Cruz Magalhães, revertendo o produto das entradas a favor do Asilo de S. João.

"A CAPITAL"

4-12-921.

"CORREIO

DA EUROPA."

21-8-921.



Museu Bordalo Pinheiro

A sua reabertura

Reabriu hontem o Museu Raphael Bordalo Pinheiro, que, como de costume, esteve encerrado durante a época estival. O interessante repositório das obras do genial artista foi enriquecido, durante o seu encerramento, com algumas curiosidades interessantes, notando-se tambem, entre as provas de apreço pelo museu, uma photographia do chefe do Estado, com a seguinte dedicatória: «Ao Museu Raphael Bordalo Pinheiro—o pequeno maravilhoso templo de Arte, de que Cruz Magalhães foi o construtor commovido e/o celebrante entusiasta, em 6-8-921.—Antonio José de Almeida.»

"O COMERCIO DO PORTO"

8-11-921.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Está amanhã aberto ao público e domingos seguintes, das 14 ás 17 horas, o museu Rafael Bordalo Pinheiro, ao Campo Grande, 382 (lado oriental), fundado pelo admirador do grande artista sr. Cruz Magalhães, revertendo o produto das entradas a favor do Asilo de S. João.

"DIARIO DE LISBOA"

4-12-921.

MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Reabre hoje ao publico e domingos seguintes das 15 ás 19 horas, o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, ao Campo Grande, 382 (lado oriental) revertendo o produto das entradas a favor do Asilo de S. João.

"O SECULO"
(manhã)

6-11-921.

Diversões

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Está hoje aberto ao publico e domingos seguintes, das 14 ás 17 horas, este interessante museu, ao Campo Grande, 382 (lado oriental), revertendo o produto das entradas a favor do Asilo de S. João.

Este museu foi visitado pelo nosso colega madrileno do «Imparcial» sr. Gil Fillol, que percorreu todas as celas, mostrando-se encantado com a vastissima exposição dos trabalhos do nosso glorioso artista.

"DIARIO DE NOTICIAS"

11-12-921.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Reabre hoje ao publico e domingos seguintes, das 15 ás 19 horas, este interessante museu, situado no Campo Grande, 382, lado oriental, fundado pelo admirador do grande artista sr. Cruz Magalhães. O produto das entradas reverte a favor do Asilo de S. João.

"O MUNDO"

6-11-921.

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Está amanhã aberto ao público e domingos seguintes, das 14 ás 17 horas, o «Museu Rafael Bordalo Pinheiro», ao Campo Grande, 382 (lado oriental) fundado pelo admirador do grande artista sr. Cruz Magalhães, revertendo o produto das entradas a favor do Asilo de S. João.

"DIARIO DE LISBOA"

12-11-921.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Está hoje aberto ao publico e domingos seguintes, das 14 ás 17 horas; este interessante museu, ao Campo Grande, 382 (lado oriental), fundado pelo admirador do grande artista, sr. Cruz Magalhães, revertendo o produto das entradas a favor do Asilo de S. João.

"A IMPRENSA DA MANHÃ"

13-11-921

Museu Bordalo Pinheiro

O nosso illustre collega madrileno, sr. Gil Fillol, do «Imparcial», visitou o Museu Bordalo Pinheiro, cujas salas percorreu durante quatro horas, mostrando-se encantado com a vastissima exposição dos trabalhos do nosso glorioso artista, e confessando varias vezes a sua grande admiração pelo caricaturista e pelo ceramista, que foi um dos mais notaveis cultores da Arte em Portugal.

Está hoje aberto ao publico e domingos seguintes, das 14 ás 17 horas, este interessante museu, ao Campo Grande, 382 (lado oriental), fundado pelo admirador do grande artista Sr. Cruz Magalhães, revertendo o produto das entradas a favor do Asilo de S. João.

"O JORNAL DO COMERCIO E DAS COLONIAS"

11-12-921.

DIVERSÕES

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Reabre hoje ao publico e nos domingos seguintes, das 15 ás 19 horas, este interessante museu, ao Campo Grande, 382 (lado oriental), revertendo o produto das entradas em favor do Asilo de S. João.

"DIARIO DE NOTICIAS"

6-11-921.

"O SECULO" (manhã)

na sessão: O por hoje ha

-museu-

13-11-921

Gil Filibi

Este nosso ilustre colega madrileno do Imparcial visitou o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, cujas salas percorreu durante quatro horas, mostrando-se encantado com a vastíssima exposição dos trabalhos do nosso glorioso artista, e confessando varias vezes a sua grande admiração pelo caricaturista e pelo ceramista, que foi um dos mais notaveis cultores da Arte em Portugal.

Museu Bordalo Pinheiro

O interessante Museu Rafael Bordalo Pinheiro não abre nos dias de Natal e de Ano Bom. O seu rendimento desde 1 de Janeiro a 19 do corrente ano foi de 654\$24, produto de 2:579 entradas. Desde que o Museu está aberto, tem sido visitado por 6:568 pessoas, r. nden. o 1.283\$62. O produto das entradas nos primeiros anos foi recebido integralmente pela Cruz Vermelha e Cruzada das Mulheres Portuguezas e nos ultimos tempos revertete a favor do Asilo de S. João.

Museu Bordalo Pinheiro

O Museu Rafael Bordalo Pinheiro, notavel instituição que o culto de um amigo do genial artista vem dia a dia enriquecendo, tem sido visitado até hoje por 6.568 pessoas, cujas entradas renderam 1.283\$62, quantia totalmente aplicada a instituições de beneficencia. Os que admiraram os fulgores daquele raro talento ou os que vagamente conhecem a sua obra multiplicamente notavel, devem visitar aquele museu, que faz deliciosos momentos espirituais proporcionando aos que amam a arte nas suas expressões mais bizarras.

"A MANHÃ"
11-12-921

"O SECULO"
(manhã)
23-12-921.

"A PATRIA"
23-12-921.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Está hoje aberto ao publico e domingos seguintes das 14 ás 17 horas, este interessante museu, ao Campo Grande, 522 (lado oriental), fundado pelo admirador do grande artista Sr. Cruz Magalhães, revertendo o produto das entradas a favor do Asilo de S. João.

O nosso ilustre colega madrileno sr. Gil Filibi, do «Imparcial» visitou o Museu Rafael Bordalo Pinheiro cujas salas percorreu durante quatro horas, mostrando-se encantado com a vastissima exposição dos trabalhos do nosso glorioso artista, e confessando varias vezes a sua grande admiração pelo caricaturista e pelo ceramista, que foi um dos mais notaveis cultores da Arte em Portugal.

"A IMPRENSA DA MANHÃ"
11-12-921.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Está fechado este interessante Museu nos dias de Natal e Ano Bom. Continua sendo muito visitado; o rendimento desde 1 de Janeiro a 19 de Dezembro do corrente ano foi de 654\$24, produto de 2:579 entradas. Desde que o Museu está aberto tem sido visitado por 6:568 pessoas, cujo rendimento foi de 1.283\$62. Esta quantia nos primeiros anos foi recebida integralmente pela Cruz Vermelha e Cruzada das Mulheres Portuguezas e agora nos ultimos tempos a favor do Asilo de S. João.

Museu Bordalo Pinheiro

Este interessante Museu está fechado nos dias de Natal e Ano Bom. Desde que o Museu está aberto ao publico tem sido visitado por 6:568 pessoas, cujo rendimento foi de 1.283\$62. Esta quantia, nos primeiros anos, foi recebida integralmente pela Cruz Vermelha e Cruzada das Mulheres Portuguezas e nos ultimos tempos tem revertido a favor do Asilo de S. João.

"A MANHÃ"
23-12-921.

PRESIDENTE DA REPUBLICA

O sr. Presidente da Republica visitou hontem o Museu Bordalo Pinheiro e o seu director, sr. Cruz Magalhães.

"O SECULO"
14-12-921.

"O MUNDO"
23-12-921.

Igual na "Imprensa da Manhã", e outros jornais.

Museu Bordalo Pinheiro

Este interessante museu está fechado hoje e no dia de Ano Bom. O Imparcial de publico está bem manifestado desde 1 de Janeiro a 19 de Dezembro, no rendimento das entradas que foi de 654, produto de 2:579 entradas. O Museu que o Museu está aberto ao publico tem sido visitado por 6:568 pessoas, sendo o rendimento de 1.283\$62, revertendo a favor do Asilo de S. João.

"DIARIO DE NOTICIAS"
25-12-921.

Museu Raphael Bordallo Pinheiro

Em 159 domingos, este interessante Museu foi visitado por 6:568 pessoas, tendo de rendimento réis 1.283\$620, que foram distribuidos por diferentes instituições de caridade. O melhor anno foi o actual, pois o Museu não abre no proximo domingo. O numero de visitantes foi de 2:579, havendo um rendimento de 654\$240.

"O COMERCIO DO PORTO"
21-12-921.

Recapitulação.

Ano	Dias	Visitantes	Rendimento
1916	-15 domingos	518 visitantes	59:41
1917	-27 "	775 "	104:22
1918	-29 "	743 "	167:96
1919	-22 "	1129 "	152:53
1920	-34 "	824 "	146:26
1921	-32 "	2579 "	654:24
		<u>159</u>	<u>1:283\$62</u>

ATÉ hoje visitarm o «Museu Rafael Bordalo Pinheiro» 6:568 pessoas cujas entradas renderam 1:283\$62, quantia integralmente distribuida por instituições de caridade. O museu possui um catalogo muito bem organizado, se bem que não enumere as suas aquisições mais recentes.

"DIARIO DE LISBOA"
22-12-921.

Luís Fernandes

PARIS, 4.—O feretro do sr. Luís Fernandes seguiu já da estação do Quai d'Orsay para Bordéus, onde embarca para Lisboa. Na Igreja de St. Augustin teve exequias muito concorridas pelas colônias brasileiras e portuguezas. Presidiu a todas as cerimônias o sr. dr. Melo Viana, amigo intimo do finado. Foi o ultimo julgado, e condenado a um mês de prisão e cem francos de multa o «chauffeur» do automovel homicida. (Correspondente).

N. do R. — A pequena multa imposta ao «chauffeur» foi resultado de ter desistido de ser parte civil no processo o sr. dr. Figueiredo Seixas, residente no Brasil e legatario universal de Luís Fernandes. Os amigos do saudoso extinto, sabendo quanto os tribunais francezes são rigorosos na applicação de castigos aos culpados de desastres, tinham sugerido a ideia de que a indemnização a pedir ao proprietario do automovel, que é pessoa abastada, fosse applicada em obra de beneficencia em homenagem á memoria de Luís Fernandes. Ainda ha poucos dias o rei da Suecia pediu aos tribunais francezes uma indemnização de cem mil francos para o seu camarista, que ficou muito ferido quando o automovel, em que iam juntos, foi chocado por outro nas imediações de Grenoble.

Dizem de Paris que em casos identicos a indemnização que os tribunais concedem é de 150.000 francos, ou sejam mais de cento e sessenta contos, que o proprietario do auto homicida ganhou... de perder. O feretro com os restos mortais do sr. Luís Fernandes chega hoje a Lisboa.

"DIARIO DE NOTICIAS"
6-5-922
(Um dia com o feretro em noticia de pg. seguinte)

DUQUESA DO PORTO

A sr.^a duquesa do Porto esteve ontem no Palácio de S. Vicente acompanhada por um dos secretários da presidência do Ministerio demorando-se ali algum tempo para a escolha do local onde ficará depositada a urna com os restos mortais do infante D. Afonso.

A sr.^a D. Nevada de Bragança dirigiu-se depois ao Campo Grande a visitar o Museu Rafael Bordalo Pinheiro tendo também estado na igreja da Estrela e recolhendo ao hotel Avenida Palace, cerca das 18 horas.

Na ausencia da illustre dama estiveram no Palace a deixar os seus cartões de cumprimentos os srs. ministros da America, Braga de Carvalho e muitas outras pessoas.

O sr. presidente do Ministerio recebe a sr.^a duquesa do Porto, amanhã ás 15 horas.

"A IMPRESSA DA MANHÃ"
8 de Janeiro

DIVERSÕES
Museu Bordalo Pinheiro—Está hoje aberto ao publico e domingos seguintes, das 14 ás 17 horas, este interessante museu, ao Campo Grande, 282 (lado oriental), revertendo o produto das entradas a favor do Asilo de S. João.

"DIARIO DE NOTICIAS"
8 de Janeiro

Museu Bordalo Pinheiro
Está amanhã aberto ao publico e domingos seguintes, das 14 ás 17 horas, o museu Rafael Bordalo Pinheiro, no Campo Grande, 282 (lado oriental), fundado pelo admirador do grande artista sr. Cruz Magalhães, revertendo o produto das entradas a favor do Asilo de S. João.

"DIARIO DE LISBOA"
14 de Janeiro, igual no dia 7.

N.B.
abstenho-me de ceder noticias de chapas, que o Asilo de S. João manda publicar semanalmente.

LUIS FERNANDES

O grande protector das artes deixa as suas colecções de ceramica ao Museu de Arte Antiga

Na Conservatoria do Registo Civil, da rua Ferreira Borges, foi ontem aberto o testamento do malogrado Luis Fernandes, grande amigo do nosso país e requintado espirito de artista, cuja desastrosa morte, em Paris, este jornal teve o desgosto de noticiar.

O illustre extinto confirma nas suas ultimas disposições o grande affecto que o prendia á nossa terra, da qual era filho adoptivo e dilecto. Deixa ao Estado português, com o exclusivo fim de serem collocados e ficarem em exposição no Museu Nacional de Arte Antiga, a sua collecção de chicaras com as vitrines e armarios que a contém e todas as peças de ceramica artistica que estão na sua residencia em Lisboa e que forem dignas de serem expostas naquele Museu. Se o Estado português não quiser aceitar este legado com a condição de estar toda a collecção, um ano depois de entregue, exposta em uma sala ou salas que se denominarão «Maria Emilia», em memoria de sua mãe, passará o legado para o Estado brasileiro e para o Museu Nacional do Rio de Janeiro. Deixa mais Luis Fernandes ao Estado português, com o exclusivo fim e applicação de serem collocados e estarem em exposição no Museu de Arte Contemporanea ou em algum novo museu das artes decorativas, que se crie de futuro, o relógio monumental de A. Moreau, que está na escada da sua residencia em Lisboa; a grande taça de faiança de Rafael Bordalo Pinheiro e a collecção de 108 colheres de «vermel» com os braços de armas das cidades e vilas de Portugal em esmalte, trabalho da casa Leitão & Irmão, de Lisboa.

O sr. Luis Fernandes dispõe depois que o Instituto Geografico e Historico da Baía receba todos os seus livros, com excepção do exemplar unico da Ceramica Portuguesa de José Queiroz, com aguarelas originaes deste artista, que lhe deixa a ele e por sua morte á Biblioteca Nacional de Lisboa.

Ao Estado brasileiro lega, para ficarem em exposição na Academia Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, todos os seus quadros a oleo, desenhos, estampas, gravuras, esmaltes, bronzes e marmores, com excepção do quadro «Flores», de P. Lasserre.

Determina por ultimo o sr. Luis Fernandes que seja concedida ao Estado português prioridade na compra do seu predio da Travessa de S. Marçal, pois tudo haverá a ganhar com a conservação das collecções no sitio onde estão, especialmente a collecção de chicaras, podendo vir a fazer-se um anexo do Museu de Arte Antiga na referida casa, onde ficariam designadamente a ceramica antiga e as artes decorativas.

O testamento tem a data de 18 de dezembro de 1914. Os testamentarios são os srs. Antonio Tarujo Formigal, primo do finado, e dr. Fortunato Jorge Guimarães e Rodrigo Peixoto.

Uma homenagem a Luis Fernandes

Reuniu-se ontem a comissão de hotéis da Propaganda de Portugal, de que o sr. Luis Fernandes era vice-presidente e assíduo colaborador. O sr. Manuel Emidio da Silva, que presidiu á sessão, fez o elogio do finado, salientando os serviços que ele prestou ao turismo e a sua influencia na evolução que está passando a industria hoteleira em Portugal; o sr. dr. Alfredo da Cunha associou-se, num sentido discurso, a esta homenagem, no que foi acompanhado pelos outros vogais da comissão.

Por proposta do sr. José Lino Junior, que ficou para estudar, será criada uma medalha destinada para premio a hoteleiros e que perpetue a memoria do illustre extinto.

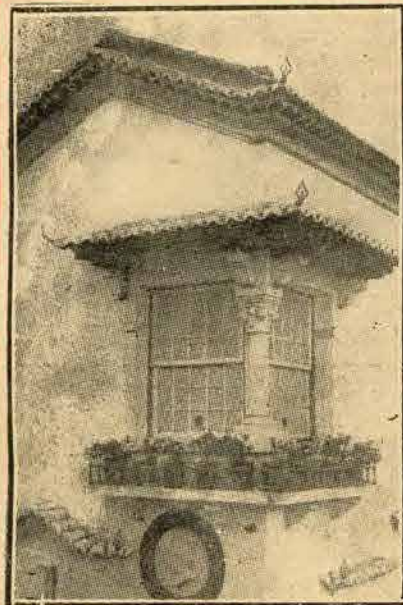
A parte propriamente de Ceramica — arte decorativa — do Museu Rafael Bordalo Pinheiro não estava inaugurada, quando este testamento foi feito. Parece-me inutil o direito deste «Museu» á grande taça de faiança, a que o testamento se refere.

"DIARIO DE NOTICIAS"
11-2-1922.

HOMBRES PORTUGUESES

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

DIBUJANTE, PINTOR, ESCULTOR Y CERAMISTA.



— DETALLE DE LA FACHADA DEL MUSEO —

NINGÚN artista portugués del pasado siglo ha despertado en nosotros tan avivada y punzante curiosidad como Rafael Bordallo Pinheiro. Su obra, de ingenio fértil, laboriosidad infatigable, llama—y aun diré mejor rebasa—gran parte de la segunda mitad del siglo XIX.

No hay recuerdo de una velada artística, ni de una fiesta de caridad, ni de un periódico satírico de aquella época a los cuales no vaya ligado el nombre del esclarecido dibujante.

«Su influencia sobre la sociedad portuguesa—escribe Julio Dantas a propósito de Ramalho Ortigao—, sólo comparable a la influencia de Bordallo Pinheiro, fué formidable.»

Formidable en todos sentidos: como página vibrante de actualidad, como reformador de las costumbres, como luchador político, como innovador de los procedimientos técnicos, como propulsor de movimientos culturales. Influencia semejante una veces a la piqueta que destruye y otras al genio constructor que crea.

Bordallo Pinheiro se dió a conocer en el agitado período escolar, cuando asistía por las mañanas a las lecciones del curso superior de Letras y por las noches a las tertulias del Martinho, envuelto siempre en el holgado y airoso manto de estudiante. Las paredes del claustro del Liceo de Jesús y las mesas del típico café recibieron infinidad de veces la gracia de sus trazos ingenuos.

Poco después, hacia el año 1867, se formalizó su vocación interpretando fidelísimamente, admirativamente, casi devotamente, escenas y tipos populares. Su amor a los humildes, a los desvalidos, a los desamparados de la fortuna, le llevó a buscar en los sencillos cuadros pintorescos de la calle la suprema inspiración de su arte, también sencillo, modesto y humilde. Fué entonces, sin duda, cuando surgió en su fantasía—en sus láminas surgió algo más tarde—esa admirable figura simbólica del «Zé Povinho», que ha ilustrado tantas caricaturas de diarios y revistas portuguesas.

Le atraían en los comienzos de su carrera, como le atrajeron después, las escenas íntimas y familiares. Todo arte joven, sincero, gusta de dar sus primeros

pasos entre las cosas más allegadas y sentidas. Es la imaginación estética despertando al conjuro de cuanto nos rodea, la sensibilidad excitada por el estímulo de cuanto amamos. Así nació el puro arte holandés a la luz de las fiestas campesinas y al prestigio de las anécdotas caseras, espontáneo, natural y realista. Así nació el arte de Bordallo Pinheiro al abrigo de la vida local, que él veía transcurrir apacible en su casita de la calle de San José o en las plazas públicas de Lisboa. Anotemos que la mayoría de los retratos de su familia pertenecen a esa misma época de iniciación, de 1867 a 1872, cuando, después de haber practicado el dibujo, ensayó los pinitos pictóricos.

Pero su ambición fué más allá. Bordallo Pinheiro no aspiró nunca, ni aun en su tranquila mocedad, a ser un cronista del ambiente portugués del siglo XIX. Quería ser, además, educador de la sociedad en que vivía. Y floreció el caricaturista. Es decir, el comentarista, en la mejor, más eficaz y positiva acción del comentario: por el humor.

¡Qué años más rebosantes de juvenil ímpetu, sana y varonil rebeldía, los que se extienden desde *A Linterna Magica y Diario ilustrado*, de 1875, a *Parodia*, de 1903!

Nos complace señalar las fechas, porque ellas marcan la trayectoria evolutiva del artista. Aquellos candorosos tropezos técnicos de la obra anterior al *Antonio Maria* (1880, cúspide de su apogeo), *O Mosquito*, *Prit...*, *O Besouro* y la colección *O Calcalhar d'Achilles*, se convierten a través de las páginas de *O Sorvete*, *A Folha Nova*, *Ilustração Universal*, *Os Pontos nos II...*, *O Proletario*, etc., en es-

siguió exceder al efecto producido por una sola página de *Antonio Maria*, el arma de mas fino acero que nunca fué manejada por combatientes o luchadores eximios—dice Magalhaes Lima en su libro *A Revolta*.

Semejante persistencia en la lucha parece que debía rendirle. Pero Rafael Bordallo era un espíritu altivo encerrado en un cuerpo de hierro, al que no doblegaban las persecuciones ni abatía el trabajo. Al margen de las campañas políticas, en un creciente entusiasmo por el progreso de su país, abarcó el estudio de todas las artes aplicadas, consiguiendo en la cerámica éxitos manifiestos, después de haber pasado por la pintura al óleo, a acuarela, el pastel, el grabado y la escultura. Caldas da Rainha parecía agua dar el talento de este artista único para renacer en su antiguo esplendor industrial. Aun vive allí la gran fábrica creada y dirigida por él para gloria de las artes y las industrias portuguesas.

Más aún: Bordallo Pinheiro, infatigable, pareciéndole poco el taller y las Redacciones de los periódicos, guió su iniciativa al resurgimiento, ennoblecimiento y prosperidad de industrias artísticas nacientes: la decoración, el *bibelot*, los carteles, las Exposiciones.

Alma de filántropo, no regateó nunca su concurso a las fiestas de caridad, ni a los homenajes, ni a cuanto pudiera redundar en beneficio ajeno. *Portugal y Hespanha* se titula un folleto patrocinado e ilustrado por él a beneficio de las víctimas de los terremotos de Granada de 1885.

— Pero su labor más importante, la que



— FACHADA PRINCIPAL DEL MUSEO BORDALLO —

tampas de atildado dibujo y fresca y jugosa inspiración.

El rudo y violento combate que la lucha política obligaba a sostener en Portugal en los momentos de decadencia de la Monarquía de los Braganzas, le llevó, o la mano de ese otro cáustico y agresivo ingenio que se llama Ramalho Ortigao, a refinar contra el régimen caduco una batalla temeraria, sin tregua.

«De todos los periódicos, de todas las publicaciones, de todas las manifestaciones hechas, promovidas y organizadas por el partido republicano, ninguna con-

más debía quedar para orgullo de los portugueses y, sin embargo, la más expuesta a extraviarse, es la de los periódicos.

¿Qué es el periódico sino el latido de la actualidad, el minuto que se renueva matemáticamente, insocronamente, pero sin repetirse, la vibración que nace y se pierde a la vez para dejar paso a otras innumerables vibraciones que pareciendo iguales son siempre nuevas?

Bordallo Pinheiro se había dado integro a los periódicos. En cada página, en cada viñeta, en cada ilustración, dejaba un minuto de su vida. Y los minutos, las



— ÚLTIMO RETRATO DEL ARTISTA —

horas y los días fueron pasando para él y para el mundo, perdiéndose en el inmenso océano de la lucha moderna. Minutos nuevos, horas nuevas, días nuevos. La figura de Bordallo Pinheiro amenazaba con pasar también como un gran día de sol y de fiesta, cuyo recuerdo habían de borrar otros días de fiesta y de sol.

Lo único que no se perdía era el ejemplo. Entre sus admiradores hubo uno, desconocido de él o poco conocido—he aquí la verdadera admiración—, que le seguía por el calvario abrupto de la lucha con igual lealtad que por la senda florida de los triunfos, con sincero cariño paternal, recogiendo el caudal de esas horas sublimes dispersas en revistas y folletos que la polilla había de destruir en los viejos archivos: el gran poeta Artur Ernesto de Santa Cruz de Magalhaes.

Otro ejemplo elocuente de constancia y abnegación: Cruz Magalhaes, con franciscana paciencia, con tenaz perseverancia, con esmerado celo de coleccionista, ha ido juntando—sigue aún juntando— toda la obra de Bordallo Pinheiro, todo cuanto produjo el talento del artista, todo cuanto pueda referirse a su vida o a su labor.

Así surgió el Museo Bordallo, inaugurado no hace muchos años en la avenida oriental del Campo Grande.

Primero era una sala pequeña del hotelito propiedad del ilustre poeta. Después fué todo un piso. Ahora es ya la casa entera, con su aspecto de quinta clásica portuguesa, resumen de los estilos más artísticos y característicos del país.

Allí está ya completo Rafael Bordallo. Allí tiene su altar. Allí pueden admirarlo los siglos.

Allí puede Portugal sentir unido el influjo de esos dos grandes corazones—Bordallo y Magalhaes—, parejos en sensibilidad y gemelos en el entusiasmo por el progreso de esta nación, que si debe enorgullecerse de contar con un hijo tan precioso como el insigne caricaturista, ha de enorgullecerse también de contar con un espíritu tan selecto, tan refinado y tan culto como Cruz Magalhaes, para honrarlo y perpetuarlo en la memoria de los portugueses.

DUAS CARTAS INÉDITAS DE CAMILO

HA 48 ANOS — 900\$000 REIS PELO DESABAFO DE UMA ENORME DOR — EM QUE SE EVOCA UMA GRANDE FIGURA E UMA MAIOR TRAGEDIA — HISTORIA OBSCURA DE TRES OBSCUROS LIVROS

Ha 48 anos, em 18 de junho de 1874, espantava-se o «Diario de Noticias» que por um livro de cartas de Camilo a Vieira de Castro, com a correspondente resposta e o suplemento de uma introdução, se pagasse a «avultada soma de 900\$000 réis» em moeda do tempo e de ainda ha pouco tempo. A local é curiosa e merece o traslado:

O illustre romancista Camilo Castelo Branco vendeu pela avultada soma de 900\$000 réis, a um zrvreiro editor do Brasil, por intervenção do sr. Cruz Continho Junior, do Porto, a publicação da correspondencia trocada entre o referido escritor e o desditoso Vieira de Castro. As cartas, precedidas de uma longa introdução do sr. Camilo, deverão produzir dois grossos volumes em 8.º.

Dois grossos volumes in-8.º por 900\$000 réis, e ainda por cima com

to do espanto do «Noticias» de ha 48 anos, é o desenlace brutal da tragedia.

Vieira de Castro, assassino de sua mulher, foi preso, julgado e condenado na pena de 10 anos de degredo em Africa, de nada lhe valendo a brilhante defeza do seu advogado Freitas Moniz e a campanha movida pelo seu grande amigo Camilo pelo livro, pelo jornal e até pelo teatro, procurando comover a opinião publica em favor do desditoso que durante as horas amargas do presidio e as mais amargas ainda da comparencia ante os juizes sempre soube manter a mais nobre e comovedora attude.

A plagas africanas foi morrer o fogaoso tribuno parlamentar, um dos homens mais illustres do seu tempo, ex-

que restam por preço mais elevado do que custaram em 1914, em todo o caso muito mais em conta do que os mesmos exemplares se vendem em leilão quando em leilões apparecem. E' o cumulo, mas é assim mesmo, quicá pela razão de serem antigos e haver entre nós a cretina preferencia pelos objectos em segunda mão...

O ultimo, «Em terra de ingratos...», simples colectanea de artigos de jornaes em defeza do subsidio á neta solteira e pobre de Camilo, da colocação de um neto do Mestre, aprovado em concurso para aspirante de finanças mas esquecido de provimento, da homenagem devida a Camilo e não sei se de mais alguma coisa, trabalho que só vale pela colaboração junta do meu illustre amigo Cruz Magalhães, o apaixonado organisador do Museu Bordalo Pinheiro, sem ter coberto as despesas da edição foi já retirado da venda para evitar explorações de depositarios, destinando-se o seu produto áqueia mesma homenagem que ainda se não fez mas em que de vez em quando se fala com tanto entusiasmo como rapido esquecimento...

Em mãos do meu colaborador se encontram os exemplares restantes para serem vendidos pelo primitivo preço de capa a quem os quizer comprar, salvaguardadas tanto quanto possível as proximas explorações do centenário camiliano.

Já veem portanto os intimos que eu não sou aquele feroz camilianista da regra geral que muitos supõem, esquecido daqueles sabios conselhos do meu illustre colega Vautel que rezam assim:

A melhor maneira de dignificar os mortos illustres não consiste em coleccionar e venerar reliquias materiais... Não é a contemplar a sua caixa de rapé, a enternecermos diante dos seus chinelos, derramando lagrimas dentro do seu tinteiro, que podemos render a mais bela homenagem á sua memoria, é inspirando-nos nas suas ideias, é comunicando (sem mezas de pé de gato) com o seu espirito sempre presente nas paginas das suas obras.

Sei muito bem, como ele e com a filosofia dos proverbios que são um capitulo da sabedoria das nações, que tudo o que é de mais é erro e que o fetichismo é a mais baixa demonstração da religiosidade, e da sementeira da minha paixão camiliana me contento com o ter contribuido um pouco para o proveito material da triste vida dos descendentes do maior romancista português e a colheita do doce fruto de algumas boas e solidas demonstrações de estima de vultos que muito prezou pelo muito que valem mais do que eu, dentre os quais — sem desprimôr para os que de memoria não lembro agora — me acodem neste momento ao bico da pena os nomes de Alberto Pimentel e Paulo Osorio, comentadores autorizados da obra de Camilo, Trindade Coelho, o que mais esforços empregou para colocar o neto mais velho de Camilo pagando assim uma divida sagrada de seu illustre pai, Jorge de Faria, estudioso apaixonado de teatro e das figuras de avarentos, criminosos e degenerados em Camilo, Cruz Magalhães, honestissimo camilianista e tambem seu comentador competente, e os dos falecidos escritores Sampaio Bruno e Brito Aranha, generoso ofertante das duas cartas que a seguir se publicam, cartas que reputo inéditas e de que não faço tiragem especial numerada e rubricada em papéis de varia especie para exploração mercantil em proveito proprio.

Por curiosas e interessantes se reproduzem, sem que a «Vitória» por isso aumente a tiragem ou o preço ayulso de cada numero — muito embora antecipadamente eu saiba que em qualquer proximo leilão novos ricos camilianistas pagarão por todo o preço cada exemplar que appareça...

Meu ex.^{mo} e mt.^o presado amigo

Comprarei a trapalhada toda. E' onde pode chegar o amor da Asneira! Deixe-me V. Ex.^a prestar este culto á memoria do pobre doudo, que pertenceu á eschola germanica sem o pensar, e foi deste mundo sem ter feito mal a folego vivo, o q. não acontece ao maximo n.º dos seus collegas.

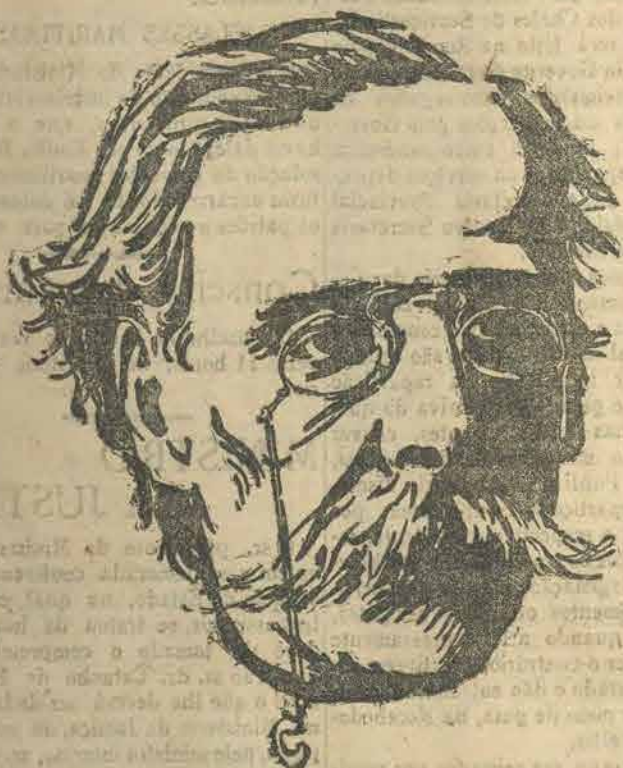
Hoje dou ordem ao Campos Junior para entregar á ordem de V.ª Ex.^a os 1.920 rs. e receber o pacotinho p.^a mto enviar oportunamente. Cahn-me a penna das mãos com frio. O calor concentrou-se todo nos figados d'uns bebados q. andam á berrar «liberdades» pelas ruas. En cá estou entre os meus livros velhos com vont.^o de os queimar para me aquecer.

De V.ª Ex.^a
Mt.^o gnto amigo
C. Castello Branco.

Porto
4 de 7.º de 68.

Meu particular amigo

26 de 7. 1867.



(Desenho de Cristiano de Carvalho)

uma introdução do Mestre — uma longa introdução — seriam nos tempos de hoje dois ovos por um real, dado o credito que no mercado está tendo a firma comercial Camilo Castelo Branco, com varias Companhias, umas mais duvidosas de que as outras, e todas de responsabilidade illimitada...

Verdade seja que o generoso Mecenas, consoante no-lo diz a local, era brasileiro, não sei se brasileiro de profissão, como pelo Mestre tão justamente foram definidos alguns, em todo o caso livreiro editor do Brasil, sendo logico perguntar se em moeda forte ou fraca seriam pagos os 900\$000 réis...

Havia no negocio principalmente a atender á oportunidade da tragedia moral que vitimou a grande figura de Vieira de Castro, inspiradora das dolorosas cartas dos dois grossos volumes, tragedia que não será demais recordar.

Precisamente tenho aqui a geilo, num velho exemplar que pertenceu a Mayer Garção, o relato do «Processo e julgamento de José Cardoso Vieira de Castro no Tribunal do 2.º Distrito Criminal de Lisboa pela accusação do crime de homicidio voluntario na pessoa de sua mulher D. Claudina Adelaide Guimarães Vieira de Castro», editado em 1870 na Imprensa Nacional pelos taquigrafos da Camara dos Senhores Deputados incumbidos da especial missão de arquivar o andamento do processo, e illustrado com os retratos dos dois desgraçados actores desse pungente drama da sua propria vida intima.

No predio n.º 109 da rua das Flores, aqui a dois passos, o grande orador Vieira de Castro matava sua mulher com a applicação de chloroformio, depois de posto ao corrente, por uma carta infame, do crime de adulterio de sua esposa.

Desafiado para um duelo, o miseravel D. Juan, José Maria de Almeida Garrett, respondia a Ramalho Ortigão, uma das testemunhas do marido offendido, nos seguintes termos perentorios e relintamente romanticos:

Meu caro amigo: — Depois de reflectir maduramente sobre o grave caso que se me apresenta, resolvi não aceitar o duelo que me é proposto. Não me dissimulo que esta recusa me perde de uma vez para sempre na opinião das pessoas honradas, que não conhecem o motivo que me leva a proceder assim; todavia, como desde hoje me considero morto para o mundo porque esta mesma noite parto

traordinario infeliz que com outro grande desgraçado trocou uma correspondencia avultada que ninguem de coração poderá lêr hoje sem lagrimas.

Pois Camilo vendendo essas cartas por 900\$000 réis, ele que escreveu 132 volumes, traduziu 14, prefaciou 175 e colaborou em 129 periodicos, recebendo entre 100 e 150\$000 réis por volume original, prestava á memoria do seu fiel amigo o maior dos preitos de homenagem pelo que a divulgação d'essa epopeia de martirio significava na reabilitação da posteridade.

Vem isto a proposito, ou desproposito — como queiram — de um recente leilão de livros camilianos que mais uma vez veio pôr em foco uma moderna epidemia de exploração do nome sagrado do Mestre que já vae tomando fóros de abuso, para outra coisa mais mal soante lhe não chamarmos.

Claro que não falo dos que, constituindo a minoria honesta, teem intelligentemente trazido á luz da publicidade elementos de estudo para a compreensão e analyse da obra camiliana, das suas figuras, da sua filosofia ou do seu ambiente.

Refiro-me a uma modernissima horda de vampiros que sobre o cadaver do Maior de todos vão tripudiando, enriquecendo-se a si e aos livreiros e leiloeiros pela manipulação, meramente especulativa, de ignobels mixorofadas a que o rotulo camiliano dá garantias certas de venda a preço alto, como algumas especialidades farmaceuticas, recomendadas em comunicados nos jornaes por atestados de medicos sem doentes ou doentes reconhecidos sem medico conhecido. Tal é a exploração moderna dos atacados da mania de coleccionar — selos do correio ou estrume arqueologico, borboletas e cintas de charuto, ou simplesmente referencias a Camilo ou a Camões, a Garrett ou a Herculano — mania de que todos nós mais ou menos padecemos, até eu, infatigavel coleccionador de intimos intimos...

E não me digam esses mesmos intimos, para engrossarem o catalogo das coisas feias que de vez em quando me endereçam, que neste caso particular de que venho tratando atiro a pedra e escondo a mão, porque me não pesa na consciencia o crime literario de ter ganho dinheiro á custa da memoria do

17 de Fevereiro de 1922.

«A VITÓRIA.»

Raphael Bordalo Pinheiro

Como o grande artista, gloria de Portugal, é apre-
ciado por um escriptor hespanhol: —: —:

Um artigo de Gil Fillof

Desconhecemo-nos, portuguezes e hespanhoes. No entanto como seria interessante que entre os dois paizes não existisse uma indiferença que seja quase a ser um absurdo se o mundo afinal, não fosse feito de absurdos. A litteratura hespanhola, e a admiravel arte hespanhola, nossa litteratura e a nossa arte deviam viver em communhão, deviam intimamente conhecer-se. Linguas quasi irmãs, povos que as mesmas aspirações uniram em seculos distantes—dos primeiros a conquistar o mundo—porque não havemos agora de mutuamente nos dar-mos as mãos como dois bons amigos, que o destino obrigou viver lado a lado?

No entanto, nota se já um grande interesse uma curiosidade, entre os intellectuaes e artistas dos dois paizes, em conhecerem-se. Isto já é alguma coisa mas não é tudo.

O distincto jornalista e homem de letras hespanhol Gil Fillof, publica no «Imparcial», o seguinte bello artigo a proposito do grande artista que foi Raphael Bordalo Pinheiro:

Nenhum artista portuguez do passado seculo nos desperta tão viva e excitante curiosidade como Raphael Bordalo Pinheiro.

A sua obra de engenho fertil e laboriosidade infatigavel ou melhor ainda ultrapassa a segunda metade do seculo XIX.

Não existe recordação de sarau artistico nem de festa de caridade, bem como nenhum jornal humoristico d'essa epoca, deixam de ter ligado o nome do notavel desenhista.

«A sua influencia sobre a sociedade portugueza—escreve Julio Dantas a proposito de Ramalho Ortigão—só comparavel á influencia de Bordalo Pinheiro, foi formidavel».

Formidavel em todos os sentidos: como pagina vibrante de actualidade, como reformador dos costumes, como luctador politico, como innovador dos processos technicos, como propulsor de movimentos culturais, influencia semelhante umas vezes á picareta que destroe e outras ao genio constructor que cria.

Bordalo Pinheiro deu-se a conhecer no agitado periodo escolar quando assistia de manhã ás lições do Curso Superior de Letras e de noite pelas reuniões do Martinho, envolto sempre n'uma larga e airosa capa de estudante.

As paredes do claustro do Liceu de Jesus e as mesas do tipico café receberam uma infinidade de vezes a graça dos seus traços.

Pouco depois, pelo anno de 1867, formou-se a sua vocação interpretando admirativamente, quasi devotamente, scenas e typos populares. O seu amor aos humildes, aos desvalidos, aos desamparados da fortuna, levou-o a procurar nos simples e pitorescos quadros da rua, a suprema inspiração da sua arte, tambem singela, modesta e humilde.

Foi então sem duvida quando surgiu na sua fantasia—nas suas laminas surgiu um tanto mais tarde—essa admiravel figura simbolica do «Zé Povinho», que tem servido para ilustrar tantas caricaturas de diarios e revistas portuguezas.

Atrahiam nos começos da sua carreira, como o atrahiram depois, as scenas intimas e familiares. Qualquer arte joven, qualquer nova escola, sincera, apraz-se em dar os seus primeiros passos entre as coisas mais proximas e sentidas. E a imaginação estetica despertando em conjunção com o que nos rodeia, a sensibilidade excitada pelo estimulo de pranto amamos. Assim nasceu a arte de Bordalo Pinheiro ao abrigo da vida local que elle via transcorrer da sua casinha da rua de S. José ou nas praças publicas de Lisboa.

Anotemos que a maioria dos retratos de sua familia pertencem a essa mesma época de iniciação, de 1867 a 1872, quando depois de ter praticado o desenho, ensaiou os seus traços pictóricos.

Porem a sua ambição foi mais além.

Bordalo Pinheiro não aspirou nunca, nem mesmo na sua tranquilla mocidade, ser um chronista do ambiente portuguez do seculo XIX. Queria ser, demais, um educador da sociedade em que vivia. E florescem o caricaturista. Melhor dizendo o commentarista, na maior, ha mais efficaz e positiva acção do commentario: por o humor.

Que annos mais intensivos de juvenil impeto, sanha e varonil rebeldia, os que se extendem desde a *Lanterna Magica* e o *Diario Illustrado*, de 1875 á *Parodia*, de 1903!

Apraz-nos assignalar as datas porque ellas marcam a trajetoria evolutiva do artista, aquellos candidos tropeços technicos da obra anterior ao *Antonio Maria* (1880 maximo do seu apogeu), *O Mesquinho*, *Pril...*, *O Besouro* e a colleção de *O Calcanhar de Aquilles*, convertem-se através as paginas de *O Sorvete*, *A Folha Nova*, *Illustração Universal*, *Os Pontas nos...*, *O Proletario*, etc., em estampas de denotado desenho, e fresca e proveitosa inspiração.

O rude e violento combate que se travou á volta da monarchia dos Braganças, nos ultimos momentos politicos, levou-o a achar-se a esse outro caustico e aggressivo critico e artista que se chamou Ramalho Ortigão, n'uma batalha temeraria e sem treguas, contra o antigo regimen.

«De todos os jornaes, de todas as publicações, de todas as manifestações feitas, promovidas e organisadas pelo partido republicano, nenhuma conseguiu exceder o effeito produzido por uma unica pagina do «Antonio Maria», a arma de mais fino e cortante germe que já mais foi manejada por combatentes ou luctadores eximios»—disse Magalhães Lima no seu livro «A Revolta».

Semelhante persistencia na lucta parece que devia alquebrar e abater o espirito do artista. Porém Raphael Bordalo era um espirito activo n'um corpo de ferro, ao qual não venciam nem as perseguições nem o excesso do trabalho.

Fóra das campanhas politicas, n'um crescente entusiasmo pelo progresso do seu paiz, o artista, emprehendeu o estudo de todas as artes applicadas, conseguindo manifes-

tos exitos de ceramica, depois de ter cultivado a pintura a oleo, a aguarella, o pastel, a gravura e a esculptura. A industria das Caldas da Rainha parecia aguardar o talento d'este artista singular para renascer no seu antigo esplendor.

Ainda existe até a fabrica creada e dirigida por elle, para gloria das artes e das industrias portuguezas.

Mais ainda:—Bordalo Pinheiro, artista incansavel, parecendo-lhe pouco o trabalho da officina e das redacções dos jornaes, orientou a sua iniciativa no sentido do resurgimento do enobrecimento e da prosperidade das industrias artisticas nascentes: —a decoração, o «bibelot», os cartazes e as exposições.

Alma de philanthropo, não recusou nunca o seu concurso em festas de caridade, em homenagens, e em tudo que podia redundar em beneficio alheio.

«Portugal e Hespanha» se intitula um folheto patrocinado e illustrado por Bordalo, em beneficio das victimas dos terramotos de Granada de 1885.

Porem, o seu trabalho mais importante aquelle que devia ficar para orgulho dos portuguezes e, no entanto, está mais sujeito a extraviar-se, é a sua obra dispersa em jornaes.

Bordalo Pinheiro consagrou-se inteiramente aos jornaes.

Em cada pagina, em cada vinheta, em cada illustração deixava impresso um momento da sua vida. E os minutos, as horas e os dias foram passando para elle e para o mundo, perdendo-se no immenso oceano da lucta moderna. Minutos novos, horas novas e dias novos, vieram.

A figura de Bordalo passou tambem como um grande dia de sol e de festa.

A unica coisa que se não perdia era o seu exemplo.

Entre os seus admiradores houve um desconhecido d'elle ou pouco conhecido—e eis aqui a verdadeira admiração—que o seguia pelo calvario abrupto da lucta com a mesma lealdade com que o seguira pela senda florida dos triumphos, com sincero carinho paternal, recolhendo o caudal d'essas horas sublimas dispersas em revistas e folhetos que o pó havia de destruir nos velhos archivos:—foi o grande poeta Arthur Ernesto de Santa Cruz de Magalhães.

Outro exemplo eloquente de constancia e abnegação: Cruz Magalhães, com franciscana paciencia, com tenaz perseverança, com esmerado zello de colleccionista, tem ido ajuntando—segue ainda ajuntando—toda a obra de Bordalo Pinheiro, tudo quanto produziu o talento do artista, tudo quanto possa referir-se á sua vida ou ao seu trabalho.

Assim surgiu o museu Bordalo Pinheiro, inaugurado não ha muitos annos na avenida oriental do Campo Grande.

Primeiro era uma sala pequena do chalet propriedade do illustre poeta. Depois um andar inteiro. Agora é já a casa toda, com seu aspecto de quinta classica portugueza, resumo dos estylos mais artisticos e mais caracteristicos do Paiz.

Alli está completo já Raphael Bordalo. Alli tem o seu altar. Alli póem admural-o durante seculos.

Alli póde Portugal sentir unido o influxo d'esses dois corações—Bordalo e Magalhães—paralelos em sensibilidade e gemeos no entusiasmo por o progresso d'esta nação que se deve orgulhar de contar um filho tão preclaro como o insigne caricaturista, ha-de orgulhar se tambem de contar com um espirito tão selecto, tão refinado e tão culto como o de Cruz Magalhães, para honral-o e perpetrar-o em memoria dos portuguezes.

"O COMERCIO DO PORTO"
-EDIÇÃO DA TARDE-
4-3-1922.

Homenagem

Passa hoje o anniversario do nascimento do insigne caricaturista que foi Raphael Bordalo Pinheiro.

Não quizemos deixar passar esta data, tão notavel, em que nasceu o Mestre da Caricatura em Portugal, sem lhe tributarmos, em algumas linhas, o nosso preito de homenagem e justa admiração.

A sua historia está feita, por isso não nos demoraremos a descrever o que foi a sua vida, a sua obra, a sua grande obra, quer como caricaturista, quer como ceramista. Não ha quem não conheça o «Antonio Maria», «A Parodia», «Os Pontos nos II», etc., em que elle, com verve e bom humor, causticou a politica d'aquelle tempo, como tambem não ha quem não conheça o popular typo «O Zé Povinho», que elle creou, como, aliás, uma infinidade de typos portuguezes, que se acham reproduzidos e espalhados em revistas e milhares de peças ceramicas.

O «Museu Raphael Bordalo Pinheiro», que o devotado patriota e laureado poeta Cruz Magalhães, fundou em Lisboa, no Campo Grande, n'uma linda casa portugueza, é o repositório da grande obra do genial artista. Este verdadeiro templo da Arte, está hoje em festa.

O «Grupo dos Amigos Defensores do Museu Raphael Bordalo Pinheiro», de que é esclarecido presidente o sr. dr. Magalhães Lima, irá espalhar flores no pedestal do monumento erigido ao glorioso artista, no Campo Grande, defronte do «Museu», tributando lhe assim a homenagem da sua eterna saudade.

"O COMERCIO
DO PORTO"

21-3-922

Raphael Bordalo Pinheiro

Passa hoje o 76.º anniversario do nascimento do genial caricaturista e glorioso oleiro que foi Raphael Bordalo. Por tal motivo, a direcção do grupo Amigos Defensores do Museu, onde o sr. Cruz Magalhães reuniu a obra do famoso artista, colloca um ramo de flores no pedestal do monumento erecto na tapada do Campo Grande e promove, para o proximo domingo uma conferencia subordinada ao thema: «Raphael Bordalo Pinheiro, considerações acerca da sua viagem ao Brazil e da actualidade das suas caricaturas», sendo conferente um dos secretarios do referido grupo.

"O COMERCIO DO
PORTO"

Edição de Terça. 21-3-922.

RAFAEL BORDALO LO PINHEIRO

Passa hoje o 76.º anniversario do nascimento do insigne caricaturista Raphael Bordalo Pinheiro.

Talento admirável, criador profundo, tradutor da graça portugueza, Raphael Bordalo tem uma obra eterna.

O «Museu Raphael Bordalo Pinheiro», que a alma entusiástica de Cruz Magalhães fundou em Lisboa, no Campo Grande, é o santuário carinhoso das coisas lindas que Rafael legou á sua Pátria.

O «Grupo dos Amigos—Defensores do Museu Raphael Bordalo Pinheiro, de que é digno presidente o venerando dr. Magalhães Lima, irá hoje espalhar flores no pedestal do monumento erigido ao glorioso artista.

"A TRIBUNA"
(PORTO) 21-3-922.

Rafael Bordalo Pinheiro

Hoje mais um aniversario



«Rafael Bordalo de 1879 da Lume ao Rafael Bordalo de 1903»

Ontem, ao encontrarmos o nosso presado amigo sr. Licínio Perdigão, o homem que no Porto mais contribuiu para a glorificação de Raphael Bordalo Pinheiro, como o sr. Cruz Magalhães o tem feito entusiasticamente em Lisboa, ouvimos a seguinte pergunta:

—Então amanhã, terça-feira, passa mais um anniversario do nascimento do grande caricaturista, primoroso homem de espirito, o Rafael Bordalo Pinheiro.

—Sim, tem razão, é o dia 21 de março — respondemos nós ao sr. Licínio Perdigão.

—E' claro. E a história desse homem está feita. Talento e caracter. Quem ha ahi que não conheça o «Antonio Maria», a «Parodia», os «Pontos nos II» e outras tantas publicações, onde a «verve» do mestre se espargiu como benção da Arte?

—Justo. E quem não conhece o «Zé Povinho», a concretização do homem portuguez... Sofredor sempre, besta de carga?..

—Sim. Lá tem ele a albarda ao

lado no desenho fulgurante do Rafael.

—Diga-nos: não ha festa amanhã em Lisboa?

—O «Grupo dos Amigos Defensores do Museu Raphael Bordalo Pinheiro», na capital, vão amanhã colorir de flores o monumento erigido ao glorioso artista no Campo Grande, mesmo em frente ao museu.

O «Jornal de Noticias» presta homenagem á memoria de Raphael Bordalo Pinheiro e terminamos estas rápidas considerações com os seguintes periodos de Alfredo Pinto (Sacavem):

«O seu olhar penetrava, o seu monóculo era audacioso. E quando hoje pensamos em Raphael Bordalo, quando passa por nós a doce ilusão que lhe ouvimos a sua voz, temos profundas saudades dessas horas que o ouviamos conversar; pois quando ele falava, ninguém dizia palavra, era *ele só!* Todos riam, todos estavam atraídos pela sua graça, pela sua intelgencial»

Muito bem disse Julio Cesar Machado, referindo-se a Rafael Bordalo: «A pouco a pouco vai-se amando. Como na adivinhação dos jogos de prendas «quente, quente», já a graça, a critica se lhe chegam... Vem uma observação, dali a nada uma malícia, duas ironias, uma gargalhada, três epigramas... E «agora me lembro» e «querem os senhores saber», e «a propósito disso» e sempre para all tudo quanto ha em casos, as ratices de fuão, a sátira de beitrano, e «oiga o meu amigo agora isto» e «vamos d'ahi ao Martinho» e «Passemos ao camarim daquele Talma» e «Já agora não trabalho hoje; vamos ceiar! vamos fumar e rir!»

E era então de madrugada que ele trabalhava, ao lado do seu gato favorito, seu companheiro artistico.»

Rafael Bordalo nasceu em 21 de março de 1846

"JORNAL DE NOTICIAS"
(PORTO) 21-3-922.

Rafael Bordalo Pinheiro

Passa hoje o 76.º aniversário do nascimento de Rafael Bordalo Pinheiro, o glorioso artista que ao seu paiz legou uma obra admirável de talento e graça. Como ceramista Rafael Bordalo determinou, como disse Ramalho Ortigão, uma commoção que é bello comparar á que se experimenta, por exemplo, no convento de Cristo, em Tomar. Na louça das Caldas todos os motivos decorativos são tirados da fauna e da flora local ou dos utensílios do povo.

O Grupo dos Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, do que é digno presidente o sr. dr. Magalhães Lima, terá hoje esparhar flores no pedestal do monumento que em memoria da grande porphyreuz foi erigido no Campo Grande, em Lisboa.

"O PRIMEIRO DE JANEIRO" (PORTO)
21-3-922

Rafael Bordalo Pinheiro

Passam hoje o 76.º aniversário

Em 21 de março de 1846 nasceu o glorioso artista Rafael Bordalo Pinheiro. Homem de grande talento soube traduzir admiravelmente no barro das Caldas ou nos jornaes de «charges», como «o Antonio Maria» a «Parodia», «Pontos nos i's», etc., etc., a sua e confortante graça portuguesa.

Rafael Bordalo Pinheiro creou uma obra bem nacional e na cerâmica, onde o seu espirito viverá eternamente, os motivos de adorno foram procurados na suntuosidade da vida dos nossos tempos. Sarcasta do lapis, as suas caricaturas demoliram sorrindo; artista do barro as suas louças adquiriram figura, caracter, e hoje distinguem-se de tudo quanto outros artistas tenham produzido.

«A Montanha» prestando o seu preito de homenagem á memoria do portuguez brilhante sauda o «Grupo dos Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro», em Lisboa, que hoje foram junto do monumento do grande mestre de jór flores de glorificação e de saudade.

"A MONTANHA" (PORTO) 21-3-922.

Rafael Bordalo Pinheiro

Passa hoje o 76.º aniversário do nascimento do genial caricaturista e glorioso oleiro que foi Rafael Bordalo. Por tal motivo, a direcção do grupo Amigos-Defensores do Museu, onde o sr. Cruz Magalhães reuniu a obra do famoso artista, coloca um ramo de flores no pedestal do monumento erecto na tapada do Campo Grande e promove, para o proximo domingo, uma conferencia subordinada ao tema: «Rafael Bordalo Pinheiro, considerações acerca da sua viagem ao Brasil e da actualidade das suas caricaturas», sendo conferente um dos secretarios do referido grupo.

Recentemente visitaram o Museu Rafael Bordalo a esposa de S. Ex.º o Presidente da Republica, a duquesa do Porto, a distinta actriz Berta de Bivar e o actor Alves da Cunha, que deixou 10500 para o Asilo de S. João.

"DIARIO DE NOTICIAS" 21-3-922.

Rafael Bordalo Pinheiro

Passa hoje o 76.º aniversário do nascimento do genial caricaturista que foi Rafael Bordalo. Por tal motivo a direcção do grupo Amigos-Defensores do Museu, onde se guarda a sua obra, coloca um ramo de flores no pedestal do monumento erecto na tapada do Campo Grande, e promove para o proximo domingo uma conferencia subordinada ao tema: Rafael Bordalo Pinheiro—Considerações acerca da sua viagem ao Brasil e da actualidade das suas caricaturas, sendo conferente um dos secretarios do referido grupo.

Recentemente visitaram o Museu Rafael Bordalo a esposa de S. Ex.º o sr. Presidente da Republica, a Duquesa do Porto, a distinta actriz Berta de Bivar e actor Alves da Cunha, que deixou 10 escudos para o Asilo de S. João.

"A IMPRENSA DA MANHA" 21-3-922

Rafael Bordalo Pinheiro

Passa hoje o 76.º aniversário do nascimento do genial caricaturista Rafael Bordalo Pinheiro. Por tal motivo, a direcção do grupo Amigos-Defensores do Museu, onde o sr. Cruz Magalhães reuniu a obra do grande artista, coloca hoje um ramo de flores no pedestal do monumento erecto na tapada do Campo Grande e promove, para o proximo domingo, uma conferencia subordinada ao tema: «Rafael Bordalo Pinheiro, considerações acerca da sua viagem ao Brasil e da actualidade das suas caricaturas», sendo conferente um dos secretarios do referido grupo.

"DIARIO DE LISBOA" 21-3-922.

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Uma homenagem á memoria do grande artista

Os amigos e admiradores da obra do saudoso artista que foi Rafael Bordalo Pinheiro reuniram-se ontem no edificio do musen criado em sua honra, a fim de resolverem sobre a maneira de levar a effecto a projectada homenagem á memoria do grande artista, resolvendo por unanimidade que fosse convidado o sr. dr. Luis Antonio Xavier, um dos amigos do musen, a realisar uma conferencia sobre o assunto.

Nesta reunião foram tambem aprovados um voto de sentimento pela morte de Luis Fernandes, ha pouco falecido em Paris, e outro de agratecimento ao illustro artista Antonio Carneiro, pela sua recente offerta ao mesmo musen.

Tambem foi deliberrado que o musen se faga representar na Exposição Internacional do Rio de Janeiro, accedendo desta maneira ao convite que lhe foi enviado pelo sr. commissario geral da exposição.

"DIARIO DE NOTICIAS" 27-3-922.

(a) Esta associaçã e' inexistente. A deliberação não foi tomada, por mim, reunião da entidade em tal ponto resolver. —

Manifestação de vitalidade

SÃO IMPORTANTES AS ADESÕES Á EXPOSIÇÃO DO RIO DE JANEIRO, CONSTANTEMENTE RECEBIDAS NO COMISSARIADO GERAL DO GOVERNO

Sempre que vamos ao Commissariado da Exposição do Rio de Janeiro colher informações para o publico—e fazemos constantemente, porque não perdemos de vista tão momentoso e importante assumto—vimos de lá intimamente satisfeitos, porque verificamos que, a medida que a data da abertura da exposição se aproxima, re-crudesce o entusiasmo avolumando-se o numero de inscrições de expositores de uma forma consideravel.

Ainda hontem ali nos forneceram uma enorme lista de boletins de expositores, que, junta ás que já nos foram cedidas, atingem alguns milhares.

A falta de espaço não nos tem permitido publical-as, mas esperamos muito brevemente começar a tornar publico os nomes de particulares, empresas ou casas commerciaes e respectivos artigos com que concorrem.

Esta publicação permitira ao paiz avaliar do incremento que vaee tomando a nossa representaçã na grande feira municipal do Rio de Janeiro, graças á boa orientaçã do Commissariado do Governo e ao zelo dos seus colaboradores.

No numero de inscrições a que acima nos referimos, ha uma que nos merece especial menção. Trata-se do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, ao Campo Grande, que, segundo officio enviado ao Commissariado pelo seu director o illustre poeta Cruz Magalhães far-se-ha representar brilhantemente, concorrendo com obras d'aquelle artista, ainda não expostas, e com uma monografia sobre o musen e obra do genial artista Rafael Bordalo Pinheiro. Esta monografia será distribuida profusamente no Brazil.

A representaçã artistica de Portugal causará, necessariamente, uma grande sensaçã. Não somos nós que o dizemos. Dillo o numero importante de boletins, com a inscriçã de escultores e pintores nacionaes que residem em Portugal e estrangeiro, que affuem, constantemente, ao Commissariado.

A Cordoaria Nacional, que no genero é o mais importante estabelecimento do paiz, enviara ao Rio de Janeiro um interessante mostruario dos productos que confecçiona. Isto quer dizer que os estabelecimentos publicos continuam a contribuir para o bom exito do grande certamen.

Ha tempo fizemos referencias a adesões identicas e esperamos muy brevemente ter enjeo de registar ainda mais de igual valia.

"O SECVLO" (manhã) 8-4-922.

Noticia igual no "Diario de Lisboa" de 11-4-922.

Museu Bordalo Pinheiro

Passa hoje o 6.º aniversário da inauguração do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, no Campo Grande, 382 que em 181 domingos foi visitado por 7.331 pessoas, cujas entradas renderam 1.636\$887, quantia integralmente entregue ao Asilo de S. João. Durante alguns dias da ultima semana estiveram expostos nas mostras dos Armazens Grandes, os quadros que o musen envia á Exposição Internacional do Rio de Janeiro, com a monografia acerca d'aquelle repositorio artistico da autoria da sr. D. Julieta Ferrão destinando-se o producto lido da sua venda ao Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro.

O musen fecha no dia 13 do corrente, por as educandas do Asilo de S. João irem veranear para o seu «chale» da Parede.

"O SECVLO" (manhã) 6-8-922.

RAFAEL BORDALO

Passa hoje o sexto aniversário da inauguração do Museu do Campo Grande

A obra do ilustre poeta sr. Cruz Magalhães, o coleccionador devotado dos trabalhos do Mestre glorioso

Inaugurou-se ha seis anos, feitos hoje, o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, no Campo Grande, uma casinha risonha, dum aspecto muito português, dentro da qual Cruz Magalhães, um poeta delicadissimo e um aristocrata da Arte, reuniu, com inigualavel dedicacão, muita da obra dispersa do grande Mestre caricaturista.

O Tempo passa rapidamente e apaga as recordações. Uma pagina de caricaturas ou um artigo de jornal vivem o espaço de algumas horas; mas se os trabalhos de Rafael não morrem é porque a pena que os traçou atingiu rasgos de genio e fixou na mortalidade o nome do extraordinario artista.

Guardando no seu pequenino Museu os desenhos e as peças de ceramica em que Rafael pôs as mãos divinas, Cruz Magalhães deu um alto e raro exemplo de civismo; trabalhou mais na obra de educação deste povo do que muitos outros que de tal se orgulham, e, sobre isso, conquistou para a historia duma época da vida nacional documentos de inestimavel valia.

Nunca entramos na pequena casa do Campo Grande sem um respeito profundissimo, como se á porta tivessemos deixado o pó das nossas sandalias, fartas de pisar as lamas deste mundo. Está ali a vida de dois illustres portugueses, a daquele que gerou a obra formidavel que ali se guarda, e a daquele que, pacientemente, distante dos conflitos que aviltam e da acção corrosiva das intrigas, coleccionou peça a peça, desenho a desenho, barro a barro, com fé, com dedicacão, com grandeza de alma, tudo quanto o genio do primeiro prodigamente espalhou!

*

Tem sido sempre crescente o numero de visitantes do Museu e o seu rendimento integralmente recebido pelo Asilo de S. João nos ultimos tempos.

Em 181 domingos foi o Museu visitado por 7.836 pessoas e rendeu 1.636\$87.

Durante alguns dias da semana passada figuraram numa das montras dos Armazens Grandela, da rua do Ouro, os quadros que o Museu envia á Exposição Internacional do Rio de Janeiro, a Monografia do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, escrita por D. Julieta Ferrão, composta e impressa na Imprensa Nacional, destinando-se o produto liquido da sua venda ao Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.

A monografia deve ser vendida no recinto da Exposição, onde serão distribuidos gratuitamente folhetos explicativos da representacão do Museu no Rio de Janeiro.

O Museu fecha no dia 13 do corrente, por as educandos do Asilo de S. João irem veranearem na sua chalet na Parede, como tem sucedido todos os anos.

"DIARIO DE NOTICIAS"
6-8-922.

NOTA - Deixei de colar as noticias semanais de Chapa, enviadas para o jornal pelo Asilo de S. João.

ARTE & ARTISTAS

MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Passa hoje o sexto aniversario da inauguração deste museu. Recordar esta data é recordar tambem o trabalho e devocão do nosso amigo Cruz Magalhães, seu fundador. O grande caricaturista e ceramista teve sempre em Cruz Magalhães um admirador levado á pai.



Rafael Bordalo Pinheiro em 1885
(Auto-caricatura)

ção. A expensas suas, com muitos sacrificios e tadjas, se constituiu o museu e nele se coteccionou o que de mais precioso saiu da inspiração de Rafael Bordalo. O culto do nosso amigo é tanto pela obra do Mestre, que se julgando insufficiente para conservar e defender as maravilhosas coleccões, instituiu o «Grupo dos amigos-defensores do museu» presidido pelo dr. Magalhães Lima. O museu vai enviar alguns trabalhos de Rafael á Exposição do Rio de Janeiro, onde certamente serão alvo da apreciação dos admiradores de Rafael Bordalo na grande Republica irmã. Aqui registamos e agradeceremos a Cruz Magalhães e aos «Defensores do Museu» as suas felicitações pela data que hoje celebram.

C. S.

"O MUNDO" 6/8/922.

(a) Não é assim. Quem instituiu o Grupo foi o Sr. Alvaro Neves, sugerindo a idea ao Sr. Magalhães Lima, que lhe deu realdação com a devocão civica que pôs em tudo. Eu fui e sou socio honorario por actividade de defrenção do mesmo Grupo.

Alvaro Neves

7/9/922.

MUSEU BORDALLO PINHEIRO O seu anniversario

Passa no proximo domingo 6, o sexto anniversario da inauguração do Museu Bordallo Pinheiro, ao Campo Grande, 382. Tem sido sempre crescente o numero de visitantes e o seu rendimento integralmente recebido pelo Asylo de S. João, nos ultimos tempos.

Em 181 domingos foi o Museu visitado por 7.836 pessoas e rendeu 1.636\$87.

Durante alguns dias da semana passada figuraram n'uma das montras dos Armazens Grandela, da rua do Ouro, os quadros que o Museu envia á Exposição Internacional do Rio de Janeiro; a Monographia do Museu Bordallo Pinheiro, escripta por D. Julieta Ferrão, composta e impressa na Imprensa Nacional, destinando-se o producto liquido da sua venda, ao Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro.

A Monographia deve ser vendida no recinto da Exposição, onde serão distribuidos gratuitamente folhetos explicativos da representação do Museu no Rio de Janeiro.

O Museu fecha no dia 13 do corrente, por as educandas do Asylo de S. João irem veraneiar para o seu chalet na Parede, como tem succedido todos os annos.

"O JORNAL DO COMERCIO E DAS COLONIAS" 6-8-922.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Passa hoje domingo 6, o sexto anniversario da sua inauguração, o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, ao Campo Grande, 382. Tem sido sempre crescente o numero de visitantes e o seu rendimento integralmente recebido pelo Asylo de S. João nos ultimos tempos.

Em 181 domingos foi o Museu visitado por 7.836 pessoas e rendeu 1.636\$87.

Durante alguns dias da semana passada figuraram numa das montras dos Armazens Grandela, da rua do Ouro, os quadros que o Museu envia á Exposição Internacional do Rio de Janeiro, a monographia do Museu Rafael Bordalo Pinheiro escripta por D. Julieta Ferrão, composta e impressa na Imprensa Nacional, destinando-se o producto liquido da sua venda, ao Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro.

A Monographia deve ser vendida no recinto da Exposição, onde serão distribuidos gratuitamente folhetos explicativos da representação do Museu no Rio de Janeiro.

O Museu fecha no dia 13 do corrente por as educandas do Asylo de S. João irem veraneiar para o seu chalet na Parede, como tem succedido todos os annos.

"REPUBLICA" 6-8-922

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Passa hoje o sexto anniversario, o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, ao Campo Grande, 382. Tem sido sempre crescente o numero de visitantes e o seu rendimento integralmente recebido pelo Asylo de S. João nos ultimos tempos.

Em 181 domingos foi o Museu visitado por 7.836 pessoas e rendeu 1.636\$87.

Durante alguns dias da semana passada figuraram numa das montras dos Armazens Grandela, da rua do Ouro, os quadros que o Museu envia á Exposição Internacional do Rio de Janeiro, a monographia do Museu Rafael Bordalo Pinheiro escripta por D. Julieta Ferrão, composta e impressa na Imprensa Nacional, destinando-se o producto liquido da sua venda ao Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro.

A monographia deve ser vendida no recinto da exposição, onde serão distribuidos gratuitamente folhetos explicativos da representação do Museu no Rio de Janeiro.

O Museu fecha no dia 13 do corrente por as educandas do Asylo de S. João irem veraneiar para o seu chalet na Parede, como tem succedido todos os annos.

"A PATRIA" 6-8-922.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Passa amanhã o sexto anniversario da inauguração do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, ao Campo Grande, 382. Tem sido sempre crescente o numero de visitantes e o seu rendimento integralmente recebido pelo Asylo de S. João, nos ultimos tempos.

Em 181 domingos foi o museu visitado por 7.836 pessoas e rendeu 1.636\$87.

Durante alguns dias da semana passada figuraram numa das montras dos Armazens Grandela, da rua do Ouro, os quadros que o museu envia á Exposição Internacional do Rio de Janeiro, a monographia do museu Rafael Bordalo Pinheiro, escripta por D. Julieta Ferrão, composta e impressa na Imprensa Nacional, destinando-se o producto liquido da sua venda, ao Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro.

A monographia deve ser vendida no recinto da exposição, onde serão distribuidos gratuitamente folhetos explicativos da representação do museu no Rio de Janeiro.

O museu fecha no dia 13 do corrente, por as educandas do Asylo de S. João irem veraneiar para o seu chalet na Parede, como tem succedido todos os annos.

"A VITÓRIA" 6-8-922

Museu Bordalo Pinheiro

Em 181 domingos foi o Museu visitado por 7.836 pessoas e rendeu 1.636\$87. Durante alguns dias da semana passada figuraram numa das montras dos Armazens Grandela, da Rua do Ouro, os quadros que o Museu envia á Exposição Internacional do Rio de Janeiro e a monographia do Museu Rafael Bordalo Pinheiro escripta por D. Julieta Ferrão, composta e impressa na Imprensa Nacional, destinando-se o producto liquido da sua venda ao Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro. A monographia deve ser vendida no recinto da Exposição, onde serão distribuidos gratuitamente folhetos explicativos da representação do Museu no Rio de Janeiro. O Museu fecha no dia 13 do corrente por as educandas do Asylo de S. João irem veraneiar para o seu chalet na Parede, como tem succedido todos os annos.

"O MUNDO" 11-8-922

JULIETA Ferrão enviou-nos a Monographia do Museu Rafael Bordalo Pinheiro que é uma novidade literaria desta semana.

Acompanha-se de varias illustrações, entre ellas um retrato de Rafael Bordalo Pinheiro, belo desenho de Francisco Valença.

Quem queira conhecer bem as salas do Museu—obra do carinho e dedicação de Cruz Magalhães—encontrará um guia seguro, com os melhores elementos de descrição e informação, no excelente trabalho de Julieta Ferrão.

DIARIO DE LISBOA
19-8-922

Recapitulação
até ás fexas do asylo,
13 de agosto de 1922:
183 Domingos
7.948 Visitantes
1.685\$22 Rendimentos

Monographia do Museu Rafael Bordalo Pinheiro—É uma elegante eplaquette, impressa em bom papel, da autoria da sr.^a D. Julieta Ferrão, que nela faz a descrição detalhada de todas as obras de Rafael Bordalo Pinheiro, existentes no bello museu do nome do genial caricaturista, fundado pelo sr. Cruz Magalhães. As primeiras paginas são um breve estudo sobre Rafael Bordalo. O folheto contém numerosas fotografias das salas do museu e fecha pela transcrição de algumas opiniões de artistas, homens de letras, jornalistas e outras pessoas, acerca do saudoso artista e da bella homenagem que pelo sr. Cruz Magalhães lhe foi prestada.

"DIARIO DE NOTICIAS" nas suas LIVROS E PUBLICAÇÕES
28-8-922

EXPOSIÇÃO DO RIO DE JANEIRO

A representação do Museu Rafael Bordalo

Toda Lisboa conhece a admiravel e generosa obra de Cruz Magalhães, o Museu magnifico onde está collocada a obra do grande mestre da caricatura que se chamou Rafael Bordalo Pinheiro. Não é de mais, poré n, lembrar-lha, através de uns curiosos apontamentos da distinta escritora D. Julieta Ferrão, que acompanham, juntamente com uma artistica monographia do Museu, o precioso concurso dado pelo sr. Cruz Magalhães á proxima exposição do Rio de Janeiro.

Numa casa, cuja construção obedeceu quanto possivel ao estilo chamado portuguez, situada no Campo Grande, 387, oito salas do primeiro andar estão repletas de trabalhos originaes e reproduções graficas do genial caricaturista portuguez e de muitas peças ceramicas, devidas ao génio fe-

Quando do grande reformador da lousa caldense. Contam-se por milhares os objectos expostos. Possui o Museu uma biblioteca ornativa, que contém mais de 3.000 peças bibliotecas, compreendendo todos os jornais e livros que Rafael Bordalo illustrou em Portugal e no Brasil; centenas de livros, folhetos e jornais, que tratam do glorioso Activo, subsídio inextinguível para o estudo completo do gigante da caricatura portuguesa, do supremo caricaturista, como se não bastasse para o estudo do homeageneado o próprio Museu, revelação completa do valor magnifico de Rafael Bordalo Pinheiro e da sua grande Alma, visto que nas obras dos Artistas palpita sempre não só a feição material que os distingue, mas a sua própria espiritualidade.

O Museu foi inaugurado em 6 de Agosto de 1910. Em 169 domingos foi visitado por 75.4 pessoas e rendeu 1.46502, quantia integralmente recebida pelas benemeritas instituições: Cruz Vermelha, Cruzada das Mulheres Portuguesas e Asilo de S. João. De começo, era intenção de Cruz Magalhães, que fundou, organizou e inteiramente custeou o Museu, empregar só três salas do primeiro andar para a exposição da obra grafica de Bordalo, que então possuía, sendo o rés-do-chão e parte do primeiro andar para uma escola feminina e habitação da respectiva professora. Com o incremento constante e avassalador da colecção rafaquina, surgiu a necessidade imperiosa de aumentar a área do Museu. Foi occupado todo o primeiro andar, chegando-se depois á conclusão de que só o edificio inteiro poderia bastar para conter innumeráveis exemplares rebuscados com tenacidade e paixão durante mais de vinte annos. Dentro de pouco tempo, o indispensavel, o Museu Bordalo Pinheiro occupará todo o edificio do Campo Grande, edificio e collecções que virão a pertencer á cidade de Lisboa, onde Rafael Bordalo Pinheiro nasceu, por doação que o fundador do Museu muito em breve fará e cujo projecto já está na Camara Municipal de Lisboa, como representante da cidade.

O Museu Rafael Bordalo Pinheiro faz-se representar na brilhante exposição Internacional do Rio de Janeiro da seguinte forma:

Um quadro contendo sete fotografias representando o edificio onde está instalado e seis das suas salas — «cliches» do sr. Manuel Vitor Guerreiro; um desenho, que representa o sr. dr. Magalhães Lima, empunhando um ramo de oliveira na mão direita, e amarranhando de encontro ao coração com a esquerda a bandeira portuguesa, de desenho que se intitula «Paz»; uma grande litografia colorida allegorica ao carnaval de 1897, do Rio de Janeiro, em que a fulgurante fantasia de Rafael Bordalo Pinheiro se expande prodigamente, um desenho original, que figura Tomaz Ribeiro, montando o Pégaso, na sua partida para o Brasil; desenhos originaes para uma pagina de «O Comercio do Porto Ilustrado», que patenteia o alto poder de Rafael Bordalo em grafiar as varias expressões da marca humana; uma pagina de «O Mosquito», em que se vê o falecido Imperador D. Pedro II, cedendo a regencia do Imperio á sua filha, e todos os cartões da época em caricaturas de uma lagrange verdadeira, com uma disposição verdadeiramente artistica e deliciosamente illustrante; um desenho colorido original, para uma pagina de «A Parodia», representando o falecido ministro Veiga Beirão, que deixa passar através do nariz o exercito inglés na guerra do Transvaal. Procurou-se patentear, nos trabalhos escolhidos, ás varias feições do glorioso artista como reformador social e politico, como inextinguível fantasista, como homenageador de homens notaveis, como simbolista e ainda como um dos mais pungentes provocadores do riso, essa alma a um tempo destruidora e salutar.

O producto liquido da venda do folheto a que nos vimos referindo reverta a favor do gabinete portuguez de leitura do Rio de Janeiro.

O trabalho da sr.^a Julieta Ferrão encerra além de uma larga exposição de todos os objectos de arte que se encontram no museu as apreciações das individualidades que no livro de honra deixaram as suas impressões.

"O COMERCIO DO PORTO" 6/9/1922.

Monografia do Museu Bordalo Pinheiro

Rafael Bordalo Pinheiro foi, o insigne caricaturista que em traços fulgurantes de genio honrou notavelmente a Arte Portuguesa. Algum tempo depois do seu falecimento, Cruz Magalhães, carinhoso temperamento de artista, num patriotico intuito de avivar o culto pelo saudoso caricaturista, organizou com uma paciencia beneditina, o Museu Bordalo Pinheiro. Instalado num chalet do Campo Grande, é aos estorços desse presbinte cidadão que se deve a fundação daquele museu que, pela sua interessante disposição, é um templo onde se renha toda a vida artistica de Bordalo, nas varias leitções do glorioso mestre.

Agora a sr.^a D. Julieta Ferrão fez publicar uma cuidada plaquette em que descreve a historia do museu, narrando minuciosamente as riquezas artisticas que se espalham pelas suas seis salas. É uma interessante peregrinação que nos aculta largos subsídios para o estudo da obra de Bordalo. Adividham-se ali os primeiros voos de artista e registam-se os ultimos trabalhos que o celebrisaram. Acompanham o texto algumas gravuras.

Dedicada ao Ilustre Presidente da Republica, esta homenagem ao maximo artista, espirito envolto em grandeza moral e aleventado patriotismo, é seguida dumas notas em que se recolhem as opiniões de varias individualidades nacionaes e estrangeiras acerca de Bordalo e do museu, onde religiosamente paira o seu espirito sonhador.

"O PRIMEIRO DE JANEIRO" 10-9-1922.

A Janela de O MUNDO

Entre a vdría correspondencia que me tem sido enviada por alguns leitores desta secção que, por sua especial natureza, não se presta a discussões nem controvertias, e por isso mesmo, tambem, se deve furtar ao agradecimento de inmerecidos louvores endereçados por espiritos gentis, eu devo abrir uma excepção para uma carta que a senhora D. Julieta Ferrão me dirigiu. Tanto mais que, como é sabido, as excepções confirmam, quasi sempre, as regras gerais. E porque é que eu especializo a amavel carta desta senhora? Pela razão muito plausivel de ser assaz elucidativa e interessante para aqueles que, como eu, apreciam as manifestações artisticas, e tem, pela História da arte, em Portugal, um ferocoso culto.

Já Socrates dizia que nem só de pão vive o homem, e este dito á força de ser citado e repetido atingiu, talvez, as raizs da banalidade. Mas, uma coisa é empregá-lo como corolario de um assunto de que se trata; e, outra coisa será, por certo, commungar na imortal filosofia que ele encerra, apreendendo nas suas proclamas palavras todo o valor existente no poder espiritual da humanidade. Quero dizer, antepozito ao util e ao forte, o belo e o bom, ir buscar ás manifestações da arte o estímulo reconfortante

para as energias vitais. De contrario, é bem possivel que a vida não vallesse a pena vive-la.

Foi a propósito do que eu disse aqui, relacionamente a um suggestivo cartaz anunciador de chocolates da Fabrica Suíça, optativamente lançado em linhas singelas mas atraentes, alegre pela combinação das cores que são vivas sem serem berrantes, com todos os predicados, enfim, para chamar a agradável dos olhos, não lhe faltando, ali, a impagavel legenda que falta ao nosso coração de patriotas que a senhora D. Julieta me escreveu. E ela cita um facto que eu desconhecia, aliás do maior interesse para todos que se presam de ser portuguezs, o qual é, nem mais nem menos, do que a existencia, no Museu do Campo Grande, de exemplares de cartazes annunciadores, devidos ao famoso lápis do grande caricaturista que foi Rafael Bordalo Pinheiro. Devo confessar que a minha ignorancia era, neste ponto, bastante comprometedora para quem muito admira o insigne artista, incontestavelmente uma das maiores glorias do Portugal contemporaneo. Pois, fui ontem ao Museu, que a despoção de um outro espirito de elite conseguiu a muito custo fundar, como atestado, indiscutivel, para a posteridade, do genio de Rafael, mas, infelizmente estava fechado. Só reabre para Outubro, conforme lá mesmo me disseram; e já agora não hesito em deixar aqui o aviso para os gulosos da especialidade em que o prodigioso e prodigo talento de Bordalo Pinheiro obrou maravilhas, formidaveis de graça, o genero caricatural, esculptado, por ele, durante annos consecutivos, desde o Calcanhar de Aquiles, se não estou em erro, á Parodia, com escala pelos cartazes pátrios e de variados motivos, annunciando peças de teatro, espectaculos de toureiros e toureiros, e mais personagens publicos, como a graciosa autora da carta e que me refiro minuciosamente revela.

Se eu fôsse um critico de arte teria nas suasas elucidações desta senhora que, por seu turno, oulta com esmero a arte, conforme averiquei, farto marxial para estudo; assim, limitar-me-ii, em conclusão, por lhe agradecer a gentileza da sua esplendida acção, pedindo, ao mesmo tempo, desculpa á magnanima alma de Rafael Bordalo Pinheiro, não só da minha confessada ignorancia pelo seu trabalho de cartazista, como, até, pela insignificancia das minhas palavras a seu respeito.

E assim, parecendo que o autor desta crónica de hoje fui eu, pô-se, claramente que foi, ainta o espirito do inolvidavel Mestre quem lhe deu o maior realce, como, afinal, dará lugar, ainta, a muitos futuros criticos e comentaristas da sua obra incomparavel, para longas e proficuentes dissertações. De orla, como Socrates afirmava, resalta a imorredoura verdade, que não só do pão vive o homem, porque se o corpo morre, o espirito, esse, jámais poder algum será capaz de o eliminar.

FERNANDO REIS.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

A sua monografia por Julieta Ferrão

Devido á uma gentileza de apreciavel e ilustre publicista sr.^a D. Julieta Ferrão recebemos a sua interessante Monografia do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, avelha castiña do Campo Grande, obra admiravel de reconhecida attenção e de sentimento do nosso querido e distinto poeta sr. Cruz de Magalhães.

Lisboa pos-se hoje aquelle museu graças á paz de, no amar, com que a alma de Cruz Magalhães se dedicou á a maioria artistas do grande Rafael Bordalo. Faltava, porém, ao museu, uma monografia, isto é, estava um documento, que resistesse para a historia da arte em Portugal todos os elementos que pelas diversas salas do museu se espalhava a alistar uma epoca que Rafael Bordalo encarna e marcou pelo seu talento.

Essa monografia, honra de ser publicada e com grande éxito e esplendido methodo pela sr.^a D. Julieta Ferrão a quem apresentamos as nossas felicitações.

Da monografia extrahimos os seguintes pontos: «As altapressantissimas as salas do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, sentimo-nos atrevidos a autorrenhimo pela nobre obra fundada, e a ser submetidos que máe admira, se o insubstituivel labor presbiterio por que se attilava, se o templo de lousas mais-vilhas, estorço extraordinario de um do homem, que, não se despoando a lousas despezas, levou a cabo tão arrojado empreendimento. «A quantidade de trabalhos produzidos, e esta a crescer como Cruz Magalhães, numa epoca não interessava, levou o attilimo e a admittição por um artista no ponto de organizar um Museu par o celet Camara Municipal de Lisboa, como representante da terra, que serviu de berço a Rafael Bordalo Pinheiro.» Agrádo-mos o exemplar recebido.

BIBLIOGRAPHIA

Mo nographia do Museu Rafael Bordalo Pinheiro de D. Julieta Ferrão

Trata-se de um interessante trabalho organizado pela sr.^a D. Julieta Ferrão sobre o museu Rafael Bordalo Pinheiro organizado para perpetuar a memoria do insigne artista portuguez que tanto soube elevar a arte nacional.

É no Campo Grande em Lisboa que se acha instalado, n'uma casa obedecendo ao estylo portuguez, o Museu Rafael Bordalo Pinheiro e onde se encontram grande numero de originaes e reproduções graphicas do genial caricaturista portuguez e peças ceramicas em que o seu espirito ficando sobre modelar tantos typcs curiosos do nosso povo.

111
"O MUNDO" 11-9-1922.

"O MUNDO" 28-8-1922.

"JORNAL DE NOTICIAS" PORTO. 8-10-1922.

LUIZ CALADO NUNES

FALLECIDO EM 16 DE SETEMBRO DE 1918.

A alma do poeta revela-se n'este proverbio:

*Não recuses abrigo
nem ao teu inimigo;
que a arvore tambem
não nega sombra a quem
pretende derrubal-a.
Faze por imital-a.*

O seu alto civismo n'esta quadra:

*Queres exemplos de fama,
de honra, brio, amor leal?
Lê o livro que se chama:
«Historia de Portugal».*

A sua fina ironia n'este dialogo:

*Enco tram-se dois amigos
sem terem uma de X:
—Não tenho nem p'ra dois figos!
Exclama um, o outro diz:
—Poís eu nem para uma passa!
Anda-me á roda o toutiço!
Tenho fome... uma desgraça!
—Tens fome? Poís eu nem isso!*

Deixou um formoso livro de versos «O meu moinho», varias separatas de odes de Horacio e de Anacreonte, um voluminho «Santelmo», outro «Ripanso de conselheiros», assinado Tacito. O seu supremo trabalho poetico, erudito, probo, pacientissimo, é, sem duvida, as «Odes de Anacreonte»; traduziu magistralmente tambem algumas odes de Horacio. Como professor abalisado ha d'ele ainda a «Farsa, chamada Auto da India, por Gil Vicente».

Pontificava Navarro nas «Novidades» quando Luiz Calado Nunes, arvorado em critico vibrante, ali publicou uma «Carta extraviada», ferindo os parasitas sociaes, com mordacidade justa e caustica, sob o pseudonimo de Probo Lusitano. Discursou uma unica vez na sua vida de 52 anos, sendo reitor no liceu de Faro; desenvolveu tal clarividencia, que se diria representativa do que virão a ser as sociedades n'um futuro ainda

longinquo! Era cordato, mas progressivo. Por seu esforço dedicado e tenaz foi dado ao liceu

de Faro o nome de João de Deus.

Como desenhador aqui ficam provas ineditas d'um alto temperamento artistico em que a intuição prevalecia.

(No museu Rafael Bordalo Pinheiro existem inumeras copias preciosas de desenhos originaes do Mestre; são de inultrapassavel fidelidade.

Fazia vibrar o piano com tal sentimento que o grande João de Deus muitas vezes lhe pedia que tocasse, ouvindo-o aprasivelmente!

Foi um cavaqueador primoroso, hilariante. Um dos seus ditos basta: «Sabes uma coisa que n'estes longuissimos dias me tem feito, ás vezes, rir? Um criado do hotel. E' original e define-se assim: se a gente o chama não ouve; se ouve não entende; se entende não faz caso; e, se faz

caso... esquece-se». Tinha o antigo Curso Superior de Letras e como, por uma reforma posterior, esse curso comprehendesse o grego... obteve o diploma official aos quarenta anos! E' sintomatico. Foi um latinista consumado, sabia os «Lusiadas» de cór!...

Tanto como professor de ensino livre, como, mais tarde, liceal, foi sempre querido por colegas e discipulos; cumpridor zeloso dos seus deveres, disciplinador atraente, educador amavel, fez de cada aluno um saudoso amigo.

Extremamente modesto, deixou passar a vaga dos recém-vindos audazes, afastando-se cerimonioso e afavel; não procurou nunca a evidencia, foi um altissimo valor social, que viveu quasi ignorado e morreu quasi esquecido!...

Culpa d'ele, ou dos que não sabem distinguir o trigo do joio?!...

CRUZ MAGALHÃES.



X



"A ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA."
N.º 866.
23-9-922.

Uma monografia do Museu Rafael Bordalo

Diz-nos em poucas paginas algo de interessante sobre a bela obra de Cruz Magalhães

O Museu Rafael Bordalo Pinheiro, sua profissão de fé. Retornado, hoje, ao alto em cima do Campo Grande, concorreu como devia, e como já em ocasiões oportunas noticiámos, a secção portuguesa da grande exposição do Centenario da Independência.



Busto de Rafael Bordalo, do escultor Raul Xavier

cia do Brasil. Para acompanhar a importante remessa de trabalhos expostos no museu, fotografias, desenhos, etc., D. Julieta Ferrão, escritora distinta e delicada alma de artista, teve a feliz lembrança de elaborar uma curiosa e interessantíssima monografia, seguindo assim, como conservadora do museu, o bom exemplo de todos os museus do mundo. É curioso registar que desde 1916 até a data presente foi o museu do Campo Grande visitado por 7 437 pessoas de bom gosto, rendendo as entradas a importante soma de 1 534\$47 para a Cruz Vermelha, a Cruzada das Mulheres Portuguesas e ultimamente para o Asilo de S. João.

A monografia, que tomou a vista, trata nos em primeiro lugar um suggestivo perfil artistico do grande mestre da caricatura e esboça a largos traços a historia da fundação do precioso museu em palavras de justiça que apraz registar:

"Geralmente em Portugal, escreve D. Julieta Ferrão, as grandes iniciativas morrem ao nascer, por maior que seja o entusiasmo com que surgem; dahi o fundador e organizador do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, o poeta Cruz Magalhães, ser entre nós uma criatura excepcional. Admirador fervoroso do grande caricaturista, tem na vida com tenacidade firme a

com isolamento esquivo para tudo que não tenha por objectivo o Museu, trabalhou durante mais de 20 anos na consagração de Rafael Bordalo, e consagração quanto possível completa conseguiu. Hoje a obra de Rafael Bordalo é estudada e admirada não só por espiritos ávidos de beleza, mas também, com entusiasmo, por olhos profanos.

Cruz Magalhães começou a colleccionar a obra de Bordalo com o intuito exclusivo de lhe servir de recreio espirital na velhice; mas, com a frequente observação das maravilhas do portentoso talento de Rafael, foi-se pouco a pouco fanatizando na admiração pelo artista, até o ponto de se sentir dominado pela revolta contra os contemporaneos de Bordalo, que, enquanto o grande artista foi vivo, tanto o festejavam, e, após a morte, quando já o não tinham, o votaram a um criminoso esquecimento!

Felizmente a obra admiravel de Cruz Magalhães prestou a memoria do extraordinario Rafael, quer na colleção do Museu, quer no monumento que fez erigir-lhe, obra do distinto escultor Raul Xavier, o melhor preito de justiça, tão oportunamente consignado nas paginas simples e sinceras desta bela monografia, escritas com uma vibração de artista e um grande entusiasmo, tescriminando, através daquellas salas de maravilha, os 1 100 originaes expostos, as 1 300 reproduções



Cruz Magalhães, fundador do Museu do Campo Grande

e os 3.000 peças biblicas, subsidio completissimo para o estudo da vida e obra do artista homenageado tão intimamente ligada, pela sua propria razão de ser, a uma das mais curiosas épocas da nossa vida social.

Um benemerito

Doação á cidade de Lisboa

O benemerito fundador do Museu Rafael Bordalo Pinheiro e distinto poeta sr. Cruz de Magalhães, acompanhado dos srs. dr. Magalhães Lima e Fernão Boto Machado, e do Grupo dos Amigos e Defensores d'aquelle Museu, conferenciou hoje largamente nos Paços do Concelho com o presidente da commissão executiva da Camara, sr. Magalhães Peixoto, vereador Ferreira da Silva, do pelouro de architectura, Carlos Simões Torres e ainda com o architecto chefe da 1.ª repartição, acerca da valiosa doação que o primeiro dos referidos srs. pretende fazer á cidade de Lisboa, da propriedade total do edificio situado na Avenida do Campo Grande, com todo o recheio das obras desenhadas por Rafael Bordalo Pinheiro, doação esta de valor superior a 250 contos.

Ainda o benemerito sr. Cruz de Magalhães, como fundo para manutenção do edificio e respectivo museu, oferece á cidade 100 acções do Banco Lisboa & Açores, de que o doador se reserva o direito de usufructuario.

O sr. Cruz de Magalhães ficou de apresentar as condições definitivas em que faz a doação, a fim de ellas serem apreciadas pela Camara.

"O PRIMEIRO DE JANEIRO"

PORTO. 21-10-922.

Museu Bordalo Pinheiro

A sua doação á cidade de Lisboa

O benemerito fundador do Museu Raphael Bordalo Pinheiro, o nosso illustre amigo e distincto poeta sr. Cruz Magalhães, acompanhado dos srs. dr. Magalhães Lima e Fernão Boto Machado, do Grupo dos Amigos Defensores d'aquelle Museu, conferenciaram hontem largamente nos Paços do Concelho, com o presidente da Commissão Executiva da Camara sr. Magalhães Peixoto, vereadores Ribeiro da Silva, do pelouro de architectura e Carlos Simões Torres e ainda com o architecto chefe da 4.ª repartição sr. Alexandre Soares, acerca da valiosa doação que o primeiro d'esses cavalheiros pretende fazer á cidade de Lisboa, da propriedade total do edificio situado na Avenida do Campo Grande, com todo o recheio da obra desenhada de Raphael Bordalo Pinheiro, doação esta de valor superior a 250 000\$00. Ainda o benemerito sr. Cruz Magalhães, como fundo para manutenção do edificio e respectivo Museu oferece á cidade 100 acções do Banco Lisboa & Açores, das quaes se reserva o direito de usufructuario.

O sr. Cruz Magalhães ficou de apresentar as condições definitivas em que faz a doação a fim ellas serem apreciadas pela Camara.

"O MUNDO"

10-10-922.

"O JORNAL DO COMERCIO E DAS COLONIAS"

21-10-922.

MUSEU BORDALO PINHEIRO

A sua doação á cidade
de Lisboa

O fundador do Museu Rafael Bordalo Pinheiro é distinto poeta, sr. Cruz de Magalhães, acompanhado dos srs. dr. Magalhães Lima e Fernão Boto Machado, do Grupo dos Amigos Defensores daquele Museu, conferenciaram ontem largamente nos Paços do Concelho com o presidente da comissão executiva da camara, sr. Magalhães Peixoto, com os vereadores srs. Ribeiro da Silva, do pelouro da arquitectura e Carlos Simões Torres, e ainda com o architecto chefe da 4.ª repartição, sr. Alexandre Soares, acerca da valiosa doação que o primeiro dos referidos srs. pretende fazer á cidade de Lisboa, da propriedade total do edificio, situado na Alameda do Campo Grande, com todo o recheio da obra desenhada de Rafael Bordalo Pinheiro, doação esta de valor superior a 250.000\$000. Ainda o sr. Cruz de Magalhães, como fundo para manutenção do edificio e respectivo museu, oferece á cidade com acções do Banco Lisboa & Açores, de que o doador se reserva o direito usufrutuário.

O sr. Cruz de Magalhães ficou de apresentar as condições definitivas em em que faz a doação, a fim de ellas serem apreciadas pela camara.

"DIARIO DE
NOTICIAS"
21-10-922.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

A SUA DOAÇÃO Á CIDADE DE LISBOA

O benemerito fundador do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, sr. Cruz Magalhães, acompanhado dos srs. dr. Magalhães Lima e Fernão Boto Machado, do grupo dos amigos e defensores d'aquella museu, conferenciou hontem, nos Paços do Concelho, com o presidente da Comissão executiva da Camara Municipal, sr. Magalhães Peixoto, com os vereadores srs. Ribeiro da Silva e Carlos Simões Torres e com o architecto sr. Alexandre Soares, acerca da valiosa doação que aquelle distinto poeta pretende fazer á cidade de Lisboa do edificio do museu, situado na Alameda do Campo Grande, e de todo o seu recheio, constituido pela obra desenhada por Rafael Bordalo Pinheiro, doação que é avaliada em 250.000\$000.

O sr. Cruz Magalhães oferece ainda á cidade, como fundo para a manutenção do museu, 100 acções do Banco Lisboa & Açores, de que o doador se reservará o direito de usufrutuário.

A Camara apreciará brevemente as condições definitivas em que a doação se realisará.

"O SECULO"
(manhã)
21-10-922.

O DR. MAGALHÃES LIMA não fará parte da futura vereação de Lisboa



Só num caso excepcional o grande democrata consentiria em ser eleito

Noticiou ontem *O Mundo*, e com ele a maioria dos jornais de Lisboa, que junto do sr. dr. Magalhães Lima se estão fazendo instantes *démarches* no sentido de demover aquelle illustre democrata a fazer parte da lista dos candidatos republicanos ás proximas eleições administrativas, figurando como presidente da futura Camara Municipal de Lisboa. A noticia é, nas suas linhas gerais, verdadeira. O sr. dr. Magalhães Lima tem sido, com effeito, procurado por muitos amigos pessoais, alguns filiados nos vários partidos da Republica, solicitando-lhe vivamente que o seu nome seja incluído numa lista a apresentar ao sufrágio no proximo acto eleitoral. Sabemos, porém, que o velho republicano se tem mantido numa attitude de recusa inabalavel, alegando várias e ponderosas razões para não anuir a tais pedidos. Esta nossa afirmação foi-nos ontem mesmo confirmada pelo proprio sr. dr. Magalhães Lima, nuns breves momentos de palestra que nos concedeu numa das salas da camara municipal, onde fôra assistir, acompanhado do sr. Boto Machado, nosso ministro no Tokio, á leitura das clausulas da doação do edificio onde está instalado o Museu Bordalo Pinheiro, feita pelo benemerito sr. Cruz Magalhães á Camara de Lisboa.

A's nossas primeiras palavras, o sr. dr. Magalhães Lima atalhou-nos logo, sorrindo:

— Não diga mais. Pelo visto, tenho de sair de Lisboa, de fugir para o estrangeiro. Não calcula como tenho sido instado, nos ultimos dias, para que o meu nome seja incluído na lista dos candidatos ás proximas eleições. A minha resolução, porém, é inabalavel. Não aceito. Não devo aceitar.

— Mas não vemos motivo para uma tão obstinada recusa...

— Mas vejo eu. Em primeiro lugar, a minha saude não permite que despenta aquella actividade e energia que demanda o exercicio do cargo de presidente da camara. Para servir de simples *jarrão* decorativo não quero. O meu temperamento não me consente. Que lucraria, pois, a cidade de Lisboa com um tão inutil presidente do seu municipio? Outros, mais novos, mais competentes e activos, que ocupem esse lugar, para cujo desempenho se require, primeiro que tudo, energia e facultades de trabalho que já são incompatíveis com a minha idade. Mas uma outra razão, sobretudo, me leva a recusar a nomeação para tal cargo: é que nem todos os partidos da Republica tem mostrado, por uma forma clara e sincera, que a desejam. Apenas, até agora, dos Partidos Liberal e Reconstituinte tenho recebido provas de que desejam a minha apresentação ao sufrágio eleitoral. Do Partido Democratico não recebi quaisquer solicitações neste sentido. Este partido vai mesmo apresentar uma lista

sua, exclusivamente partidaria. Ora eu num só caso excepcional, num caso de verdadeira defesa da Republica, consentiria sacrificar-me, em me deixar *queimar* num cargo que é alvo de tantos, continuos e por vezes tão malevolos ataques.

— E esse caso excepcional...

— Seria o de uma lista de concentração de todos os partidos da Republica, para salvar o prestigio do regime, a fim de que as maiorias e as minorias fôsem ganhas pelos republicanos, não consentindo que os monarchicos puzessem pé no primeiro municipio do país. Esse



Dr. Magalhães Lima

caso, porém, não se dá. E', pois, escusado o meu sacrificio. A Republica pode bem passar sem ele, dispensando-o a quem não se tem furtado, durante toda a sua longa vida, a consagrar-lhe o melhor da sua energia e da sua saude.

As ultimas palavras do grande republicano, proferidas com acenado calor, mostravam bem que a sua resolução era inabalavel. Assim o compreenderam todos os que assistiam a esta palestra, sendo unânimes em concordar que o sr. dr. Magalhães Lima, figura prestigiosa da Republica, consagrada dentro do seu país e lá fóra, não merecia, com effeito, ser *queimada* ingloriamente num cargo que, sendo de responsabilidades e honrosas, se transformaria para ele num mero titulo decorativo, em que possivelmente seria alvo de facciosos e violentos ataques.

"O MUNDO"

21-10-922.

Museu Bordalo Pinheiro

A sua doação á cidade de Lisboa far-se ha em breve

O benemerito fundador do Museu Rafael Bordalo Pinheiro sr. Cruz de Magalhães, acompanhado dos srs. dr. Magalhães Lima e Fernão Boto Machado, do Grupo dos Amigos Defensores daquele Museu, conferenciou ontem largamente nos Paços do Concelho com os srs. presidente da comissão executiva Magalhães Peixoto, vereadores Ribeiro da Silva, do pelouro de arquitectura, e Carlos Simões Torres e ainda com o architecto chefe da 4.ª repartição sr. Alexandre Soares acerca da valiosa doação que aquele senhor pretende fazer á cidade de Lisboa da propriedade total do edificio situado na Alameda do Campo Grande, com todo o recheio da obra desenhada de Rafael Bordalo Pinheiro, doação esta de valor superior a 250.000\$00. Ainda o benemerito sr. Cruz de Magalhães, como fundo para manutenção do edificio e respectivo Museu, oferece á cidade com acções do Banco Lisboa & Açores de que o doador se reserva o direito de usufruario. O sr. Cruz de Magalhães ficou de apresentar as condições definitivas em que faz a doação, a fim de ellas serem apreciadas pela Camara.

"O MUNDO"

21-10-922.

O Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Vai ser doado á cidade de Lisboa pelo seu fundador

Há muitos anos que o poeta distincto que é Cruz de Magalhães vem juntando, pouco a pouco, numma grande e carinhosa admiração pelo caricaturista insigne que foi Bordalo Pinheiro, toda a obra de riso e critica pelo lapis que este fez da nossa vida politica e social de então.

Não cabe aqui nem agora vem a propósito falar da obra de Bordalo Pinheiro, mas é dever nosso o fazer justiça a Cruz de Magalhães que, tendo prestado um alto serviço ao país não deixando que se perdesse e dispersasse a obra do caricaturista, agora a pretende entregar á cidade de Lisboa com a propriedade total do edificio que transformou em museu.

Por sobre o amor pela obra de Bordalo Pinheiro, o sr. Cruz de Magalhães, soube ser um patriota de raro gesto. Todos o devemos reconhecer.

O benemerito fundador do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, acompanhado dos srs. dr. Magalhães Lima e Fernão Boto Machado, do Grupo dos Amigos Defensores daquele Museu, conferenciou ontem largamente nos Paços do Concelho com o presidente da Comissão Executiva da Camara, sr. Magalhães Peixoto, vereadores Ribeiro da Silva, do pelouro de arquitectura, Carlos Simões Torres e ainda com o architecto chefe da 4.ª repartição, sr. Alexandre Soares, acerca da doação que o primeiro pretende fazer da propriedade total do edificio, situado na Alameda do Campo Grande, com todo o recheio da obra desenhada de Rafael Bordalo Pinheiro, doação esta de valor superior a 250.000\$00. O sr. Cruz de Magalhães, como fundo para manutenção do edificio e respectivo Museu oferece á cidade com acções do Banco Lisboa & Açores de que o doador se reserva o direito de usufruario.

O sr. Cruz de Magalhães ficou de apresentar as condições definitivas em que faz a doação a fim de ellas serem apreciadas pela Camara.

"A PATRIA"

21-10-922.

VARIOS OUTROS, DECERTO, DERAM ANOTICIA DA DOACAO.

Rafael Bordalo Pinheiro

Uma bela monografia do museu fundado por Cruz Magalhães

D. Julieta Ferrão, senhora certamente de larga cultura e grande amor pela obra de Bordalo Pinheiro, enviou-nos uma interessante monografia do museu fundado por Cruz Magalhães.

Com uma dedicatória ao venerando Chefe do Estado e sua esposa, trabalho da sr.ª D. Julieta Ferrão, cujo produto se destina a favor do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro, teve para nós o encanto de fazer recordar a agradável visita que ao museu fizemos numa manifestação de sincero preito pela obra maravilhosa de Bordalo Pinheiro.

A monografia que a sua autora valorizou com uma prova cuidada e um conjunto de apreciáveis elementos é documento imprescindível na biblioteca de todos aqueles que á arte portuguesa tem dedicado os seus estudos e honra a sr.ª D. Julieta Ferrão que teve a amabilidade de no-la oferecer.

"A PATRIA"

25-10-922.

UM BENEMERITO

DOAÇÃO Á CIDADE DE LISBOA

O benemerito fundador do Museu Rafael Bordalo Pinheiro e distincto poeta snr. Cruz Magalhães, acompanhado dos srs. dr. Magalhães Lima e Fernão Boto Machado, e do Grupo dos amigos e Defensores daquele Museu, conferenciou hoje largamente nos Paços do Concelho com o presidente da comissão executiva da Camara, sr. Magalhães Peixoto, vereador Ferreira da Silva, do pelouro de arquitetura, Carlos Simões Torres e ainda com o architecto chefe da 1.ª repartição, acerca da valiosa doação que o primeiro dos referidos srs. pretende fazer á cidade de Lisboa, da propriedade total do edificio situado na Avenida do Campo Grande, com todo o recheio das obras desenhadas por Rafael Bordalo Pinheiro, doação esta de valor superior a 250 contos.

Ainda o benemerito snr. Cruz de Magalhães, como fundo para manutenção do edificio e respectivo museu, oferece á cidade 100 acções do Banco Lisboa & Açores, de que o doador se reserva o direito de usufruario.

O snr. Cruz Magalhães ficou de apresentar as condições definitivas em que faz a doação, a fim de ellas serem apresentadas pela Camara.

Museu Bordalo Pinheiro

A sua doação á cidade de Lisboa

O fundador do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, sr. Cruz de Magalhães, acompanhado dos dr. srs. Magalhães Lima e Fernão Boto Machado, do grupo dos Amigos Defensores do Concelho com o presidente da Comissão Executiva da Câmara sr. Magalhães Peixoto, vereadores Ribeiro da Silva, do Pelourinho de Arquitectura, e Carlos Simões Torres, e ainda com o architecto chefe da 4.ª Repartição sr. Alexandre Soares, acerca da valiosa doação que o primeiro dos referidos srs. pretende fazer á cidade de Lisboa da propriedade total do edificio situado na Alameda de Campo Grande, com todo o recheio da obra desenhada de Rafael Bordalo Pinheiro, doação esta de valor superior a duzentos e cinquenta contos. Ainda o sr. Cruz de Magalhães, como fundo para manutenção do edificio e respectivo Museu, oferece á cidade com acções do Banco Lisboa & Açores de que o doador se reserva o direito usufruario.

O sr. Cruz de Magalhães ficou de apresentar as condições definitivas em que faz a doação a fim de ellas serem apreciadas pela camara.

"A BATALHA"

22-10-922.

Valiosa oferta á cidade de Lisboa

O sr. Cruz Magalhães enviou um offcio á Camara Municipal, manifestando o desejo de, em homenagem ao sr. presidente da Republica, oferecer á cidade de Lisboa a sua propriedade sita no Campo Grande, bem como o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, a'ela instalado.

No offcio, o doador, que avalia o predio em quantia superior a 250 contos, e de inestimavel o valor dos objectos que constituem o museu, estabelece as condições dentro das quaes está pronto a assinar com a Camara Municipal a respectiva escritura.

"O PRIMEIRO DE JANEIRO"

PORTO. 31-12-922.

De nuestro redactor en Lisboa

El sarcasmo de Bordallo Pinheiro

El gran poeta «camilista» y «bordalista» Cruz Magalhães ha donado al Municipio de Lisboa el Museo Bordallo Pinheiro, del que ya me ocupé en estas columnas, y en cuya significación conviene volver a insistir, toda vez que en España no son frecuentes estos Museos personales, consagrados a perpetuar la vida entera de un artista.

No creo que todos los artistas, por distinguidos que hayan sido, merezcan un Museo. Un Museo ha de ser algo más que un homenaje; un Museo debe representar un recuerdo y una orientación: ser, a un tiempo, la Historia y la Escuela. No todos los artistas «enseñan» con su obra, ni todos equivalen a páginas de la historia artística de su país.

Rafael Bordallo Pinheiro sí es todo eso. Su Museo constituye un documento importantísimo para la historia de la caricatura portuguesa; más aun, del humorismo portugués, de ese humorismo negado por algunos, por otros desconocido y por la mayoría inexplorado.

Ese humorismo, que con agudo acierto califica Miguel de Unamuno de «sarcasmo ibérico» por haberlo encontrado en nuestros humoristas clásicos—incluido en Cervantes—y en los escritores portugueses, particularmente en Camilo Castelo Branco, en Garrett y en Eça, ese humorismo tiene en la obra enorme y variada de Rafael Bordallo Pinheiro la expresión gráfica más justa y elocuente.

Allá, en la declinación del siglo XIX, cuando en Madrid triunfaban los periódicos satíricos *El Blas*, *Don Diego*, *Don Quijote*, *El Cascabel*, *El Fisgón*, *Madrid Cómic*, etc., y florecían tan peregrinos y sanos ingenios como Urrabieta Vierge, Ortego, «Demócrito», Cubas Gross, «Mecachis» y otros muchos, también en Portugal se abría un nuevo campo al cultivo del Humorismo con la aparición de Bordallo Pinheiro y las revistas festivas *Lanterna Mágica*, *Antonio Maria*, *Os pontos nos ti...* y *A Parodia*, por citar sólo los más populares.

Bordallo Pinheiro era entonces un bohemio de hechura francesa: alto, con las espaldas anchas y el pecho fuerte, una fértil melena rizada y encrespada, un bigote de frondosas guías, una descaminal chalina negra, revuelta en descuidada lazada sobre aquel fantástico chaleco de piqué, con las solapas monstruosas abiertas por encima de la chaqueta...

También su arte comenzó siendo afrancesado, hijo de aquella caricatura deformativa de que habla Sezanne, y que los dibujos de Grévin generalizaron en todo el mundo, singularmente en España, traducidos por el lápiz de Ortego.

En Portugal apenas hay antecedentes de caricaturistas anteriores de esa época. Existían los dibujantes festivos, humoristas inocentes y triviales, entre los cuales figuraba el propio Bordallo al iniciar su producción, siendo aún estudiante del Liceo, con los retratos de amigos y tipos populares en 1867. Pero no había una tradición, ni un ejemplo, ni un atisbo siquiera, de críticos de las costumbres, de combatientes sociólogos, moralistas y filósofos.

Un género sin raíces en el país, hubo de crearse de fuera a dentro, importando las

primeras materias. Y miró a Francia, que por entonces tiranizaba al mundo artístico.

Sin embargo, Bordallo Pinheiro rectificó bien pronto, acordándose de que, si no existía una tradición nacional, había, en cambio, un alto ejemplo peninsular: Goya.

En la misma historia de la caricatura española no hay humorista que tanto se aproxime al sarcasmo de Goya como Bordallo Pinheiro. Lucas y Alenza vieron los tipos y el costumbrismo local a la manera descriptiva del genio aragonés; pero no interpretaron la amargura agri-dulce, burlesca y mordiente de «Los caprichos», «La Tauromaquia» y «Los desastres». Rafael Bordallo pensó en Goya algunas veces. Sus notables «Proverbios» se ajustaron a la memoria de los otros famosos «Proverbios».

Quizá parezca aventurada esta reflexión a los que han visitado por encima el Museo Bordallo Pinheiro o a los que sólo conocen a Bordallo Pinheiro por sus láminas políticas de *Antonio Maria* y *A Parodia*.

Artista fogoso, fecundo, un tanto aturdido y multiforme a causa de su propia inquietud, legó un conjunto heterogéneo, desordenado y variadísimo, en el cual no es fácil precisar todas las influencias. No obstante, en sus primeros trabajos, las dos que más dominan son, en mi opinión, las ya citadas.

No quiere esto decir que Bordallo Pinheiro no creara un arte suyo, aprovechando esas tendencias que él, como genio auténtico, nacionalizó y personificó, hasta el extremo de que, si no encontró antecesores, tampoco consiguió dejar sucesores.

El otro gran caricaturista que viene después de Bordallo, Beal da Cámara, representa precisamente la desnaturalización de la caricatura portuguesa. Aquél pudo importar los materiales; éste los expatrió.

Lo que sí advierto es que el artista, en su evolución, pasó por el Barrio Latino y el Avapiés, hasta Agar al Chiado, marcando la etapa cumbre de su vida y su arte; los días accidentados de la lucha, del brazo de Ramalho Ortigao, en *Antonio Maria*, que eran también los días delirantes de la verdadera bohemia, cuando su centro estaba en los cafés y en los cenáculos artísticos; y los días mejores de su homenaje en el teatro de D. Maria, ya popular y célebre, seguido por la aristocracia, que fueron también los días de la serena polémica en *A Parodia*, a la mano del exquisito y elegante Joao Chagas.

Por eso mismo, el Museo que ahora ha pasado a ser propiedad del Municipio de Lisboa tiene un valor indiscutible, artístico e históricamente considerado: como homenaje a un gran artista, como historia de un momento de la caricatura portuguesa, sin tradición y sin sucesión.

GIL FILLOL

Lisboa, 25 de octubre de 1922.

"EL IMPARCIAL"

Madrid.

2-11-922.

O museu Bordallo Pinheiro

A SUA DOAÇÃO À CIDADE DE LISBOA

Acabamos de ter conhecimento d'um ato deveras nobilitante, bem raro na sociedade portuguesa, e que, por todos os motivos, merece o mais largo elogio.

O sr. Cruz Magalhães, poeta, apaixonado admirador do grande artista que foi Rafael Bordallo Pinheiro e que, com um carinho admirável, organizara o Museu Bordallo Pinheiro, acaba de dirigir um officio á Camara Municipal de Lisboa, no qual declara ser seu desejo doar a esta cidade não só o referido museu, como o edificio onde este está instalado, no Campo Grande.

Na sumula do contrato, o sr. Cruz Magalhães declara que a doação é feita em homenagem ao sr. dr. Antonio José de Almeida, como preito de admiração ás altas qualidades do venerando Presidente da Republica, estabelecendo diversas clausulas quanto á manutenção e conservação do museu.

Para se avaliar da importancia de tal dadia, basta saber que o edificio, magnificamente situado e construido, foi guardado com a menção honrosa do premio Valmor, tendo sido algumas vezes elogiado pela imprensa—edificio que hoje se não construiria com 250 mil escudos; quanto ao museu, tem um altissimo valor artistico pelas colleções que possui, incluindo a alguns milhares as peças bibliograficas e graficas, e contando-se por centenas as peças de ceramica.

Estes casos de altruismo não são vulgares no nosso paiz, onde a maior parte dos que enriquecem raras vezes se lembram de perpetuar o seu nome legando obras de benemerencia, alheando-se, por completo, da educação estetica, tão indispensavel á formação do espirito e do caracter do povo.

Quaesquer que sejam as clausulas da doação, elas impõem-se á consideração publica, merecem a nossa simpatia e devem ter o devido acolhimento da Camara Municipal.

As sr. Cruz Magalhães são devidas as melhores palavras de elogio pelo seu ato, que é um bello exemplo e um estimulo bem necessario.

"O SECULO"
(manha)
11-11-922.

A doação do Museu Bordallo Pinheiro

à Camara Municipal

O distinto poeta sr. Ruy de Magalhães comunicou já á Camara Municipal as clausulas do contrato a realizar para que elle effectue a importante doação á cidade, a que largamente nos referimos ha dias, do Museu Bordallo Pinheiro e do edificio do Campo Grande em que elle se encontra instalado.

Entre essas clausulas figuram, como mais interessantes, as seguintes:

A Camara construirá no terreno onde hoje é a horta uma casa com o minimo de 12 divisões para moradia do director-conservador do Museu, grafico e ceramico, no prazo de um ano, a contar da data da doação.

A Camara respeitará os estatutos do Grupo Amigos Defensores do Museu Rafael Bordallo Pinheiro, fazendo as futuras nomeações de director-conservador em conformidade com a indicação do mesmo Grupo.

Para directora-conservadora, logo após a doação, será nomeada D. Julieta Barbara Ferrão, que desde o inicio do Museu tem cooperado nos trabalhos nelle effectuados e que, pelo seu saber no assunto e comprovada dedicação ao Museu é actualmente a pessoa mais idonea para tal cargo; a sua nomeação tem o pleno apoio do Grupo Amigos Defensores do Museu Bordallo Pinheiro. Se, por qualquer motivo imprevisto, D. Julieta Barbara Ferrão deixar o cargo ou mesmo não chegar a tomar posse, será nomeado o sr. Francisco Valença, que oferece as mais irrefutaveis garantias de bem desempenhar as funções de director-conservador do Museu, pelos seus comprovados talentos de caricaturista exímio e pelo amor já provado a memoria de Rafael Bordallo Pinheiro e ao Museu.

Ainda na improvavel hipótese deste brilhante artista não poder exercer o cargo, será escolhido ou o sr. João Saavedra Macuado ou o sr. Alfredo Candido, artistas de reconhecido merecimento, ambos Amigos Defensores do Museu Rafael Bordallo Pinheiro.

A camara paga honorarios vitaticios, condignos ao director-conservador nunca inferiores aos de primeiro official-chefe de repartição, com todos os direitos e garantias officiais, que tem os empregados superiores camararios, garantindo-lhe outro sim os mesmos ou superiores vencimentos em quaesquer reformas de serviços, que venham a realizar.

A camara não comprará, sob qualquer pretexto, original ou reproduções, graficas ou ceramicas, a pertenceres com destino ao Museu Rafael Bordallo Pinheiro. Ha pessoas que esperam a morte do fundador do museu o qual nunca auferirá o mais

leve interesse com elle, reservando e até occultando, peças, para mais tarde por ellas exigirem exorbitancias. A camara só accetara gratuitamente, originaes ou reproduções, por offerta ou por testamento. Quanto a ceramica deve procurar obter a dos museus do Estado, onde as peças rafaellinas estão deslocadas, havendo um museu privativo della. Poderá a camara porém, comprar reproduções de peças rafaellinas na fabrica Bórdalo Pinheiro das Caidas da Balha.

Se por qualquer motivo imprevisto o museu deixar de existir, ou em qualquer tempo, a camara não cumprir todas as clausulas, ou qualquer, neste contracto de doação exaradas, volta toda a propriedade tal como estiver, e tudo que nela se continha á posse do doador, enquanto vivo e a posse em conjunto e solidariamente de D. Maria Ludovina Pinheiro Magalhães e de D. Julieta Barbara Ferrão tendo o doador fallecido. Esta clausula está em perfeito accordo com o testamento do doador, aprovado em 14 de agosto de 1922.

O grupo dos Amigos Defensores do Museu Raphael Bórdalo Pinheiro offereceu, muito recentemente, uma importante peça ceramica, unica, ou muito pouco reproduzida, de grande valor para o futuro mostroario de ceramica do mesmo museu.

"DIARIO DE NOTICIAS"
11-11-922.

O Museu Raphael Bórdalo Pinheiro

A sua doação á C. M. L. será feita em homenagem ao Chefe do Estado

O sr. Cruz de Magalhães enviou ontem á Camara Municipal de Lisboa um officio, declarando desejar fazer a concessão do edificio e colleções do Museu Raphael Bórdalo Pinheiro, que seria feita em homenagem ao Ilustre Chefe do Estado.

A concessão é feita mediante contracto, em cujas clausulas o doador procura evitar que se venha a perder toda a valiosa colleção já feita ou que venha a ser perdido o resultado do seu trabalho e patriótico amor pela Arte.

A absoluta falta de espaço impede que possamos publicar o contracto tal como foi enviado á Camara, a quem foi pedida uma breve resolução sobre o assunto.

"A PATRIA"
11-11-922.

BORDALLO PINHEIRO
A doação do Museu á Camara Municipal

O distincto poeta e grande admirador do genial artista que foi Raphael Bórdalo Pinheiro, dirigiu á Camara Municipal um officio no qual communica estar na resolução de offerecer á cidade de Lisboa em homenagem ao sr. dr. Antonio José de Almeida, o edificio do Campo Grande n.º 382—galardoado com a menção honrosa do Premio Valmor, louvado algumas dezenas de vezes pela imprensa, tendo alguns dos seus motivos architectonicos sido reproduzidos em revistas e n'outros edificios—e o Museu Raphael Bórdalo Pinheiro, que consta de alguns milhares de originaes e reproduções do grande artista, de centenas de peças bibliographicas, e de um forte nucleo de ceramica, nos termos e condições exaradas na proposta de doação que fôra entregue á Camara no dia 30 de Março do corrente anno.

Conclue o grande amigo de Bórdalo Pinheiro por pedir no seu officio que a Camara se digno tomar a deliberação necessaria para a acceptação ou recusa da referida doação no mais breve

lapso de tempo possível e bem assim que marque o dia para a outorga da respectiva escriptura.

O contracto da doação merece ser transcripto pois por elle se verifica quão importante é a doação e quanto interesse mostra o distincto poeta de que aquella bella homenagem ao brilhante caricaturista, um verdadeiro genio artistico seja conservada com o maximo carinho.

Eis o contracto da doação:

«EU, Arthur Ernesto de Santa Cruz Magalhães, legitimo proprietario do edificio, solidamente construido, com os melhores materiaes, galardoado com a Menção Honrosa do Premio Valmor, situado no Campo Grande, n.º 382, e do Museu Raphael Bórdalo Pinheiro, no mesmo edificio instalado, edificio e Museu que actualmente só seria possível edificar e constituir com quantia superior a 250.000\$00, sem fallar no valor do terreno; ascendendo a alguns milhares as colleções do Museu parte graphica, originaes e reproduções, entre aquelles um grande quadro a oleo, importantissimo, de Mestre Columbano, subindo tambem a alguns milhares as peças que formam a Bibliotheca do Museu, sendo já approximadamente 200 as peças de ceramica, destinada ao futuro mostroario, a realizar no rez-do-chão, pelo que tem sido larga e excepcional a consagração da Imprensa e do Publico, declaro que em homenagem ao inclito e exemplar cidadão, o Ex.º Sr. Dr. Antonio José de Almeida, Venerando Presidente da Republica, faço doação á Camara Municipal de Lisboa, como representante da cidade onde Raphael Bórdalo Pinheiro nasceu e morreu, dos citados edificio e Museu, com as clausulas adiante expressas.

A consagração da Imprensa está patente n'um grande album, existente no Museu, contendo algumas centenas de criticas e de artigos varios, referentes ao mesmo Museu; a consagração do publico revela-se no numero de visitantes, 7.948, e na importancia das entradas, 1.685\$22, em 183 domingos, sómente, até ao dia 13 de Agosto de 1922. Toda a receita foi integralmente recebida de começo pela Cruz Vermelha e Cruzada das Mulheres Portuguezas, e depois pelo Asylo de S. João.

Sendo inegavel que os Museus tanto para o Estado, como para os Municipios, representam sempre não uma fonte de receita mas um agravo nas despesas, largamente compensado pelo seu fim moralizador e educativo, sendo a cultura civica, para que os Museus fortemente concorrem, uma das mais nobres e das mais imperativas missões dos governos e das Camaras Municipaes, quasi offensivo será que para uma offerta da natureza d'esta hajam de ser houvidas commissões de finanças, por mais conspicias e venerandas, que ellas sejam, e por mais legal que seja tambem a sua consulta. A digna Edialidade de Lisboa tem seguido um bello criterio esthetico e educativo, e despendido já algumas dezenas de contos na aquisição de obras de Arte, com destino ao seu futuro Museu Municipal, a varios jardins publicos, etc., no que tem provado competencia para avaliar a presente offerta. Julga-se o doador, contudo, obrigado a fazer a doação sob as seguintes clausulas, n'tando que exára a primeira no proprio interesse da Camara, que não desejará ter um seu importante Museu isolado, sem a vigilancia mais natural e competente do seu Director Conservador:

1.º—A Camara construirá no terreno onde hoje é a horta uma casa segundo o plano junto — feitas as seguintes leves modificações. agua e o conveniente despejo no sotão e divisórias de madeira, sem necessidade de chegarem ao tecto; as duas portas que dos corredores dão para a escada serão envidraçadas, o que torna escusadas as bandeiras em todas as ou-

tras, no rez-do-chão, na casa designada por dispensa e no canto contigua á cosinha, será collocada uma retrete completa, com a necessaria divisoria, ficando a dispensa só na parte oeste — com o minimo de 12 divisões, para moradia do Director-Conservador do Museu — graphico e ceramico, no prazo de um anno a contar da data da doação.

2.º—Ser-me-ha garantido o usufructo do rez-do-chão do edificio actual e terrenos annexos, sem prejuizo da clausula anterior, até poder ser habitada a casa a construir na horta, constante da mesma clausula.

3.º—Logo que eu deixe da habitar o rez-do-chão, a Camara fará n'elle todas as transformações indispensaveis segundo o plano junto, para adaptação ao mostroario de ceramica e exposição de originaes graphicos, que, além dos já expostos, offereço. A Camara mandará construir todo o mobiliario necessario, prateleiras, vitrinas, bases, etc., para a ceramica total, e fará encaxilhar devidamente todos os originaes que offereço, no prazo de seis mezes, a contar do acabamento das obras no rez-do-chão.

4.º—As obras do rez-do-chão, que se limitam á construção d'uma escada, a abrir arcos em duas paredes, deitar abaixo outras duas, e pouco mais, serão executadas no prazo de seis mezes, a contar do dia em que fôr habitada e casa a construir na horta.

5.º—No rez-do-chão haverá um recinto reservado para as peças de ceramica por mim offerecidas, e no meu escriptorio, ampliado, será a sala de «Homenagens e Recordações», agora no primeiro andar. Haverá sempre letreiros explicativos dos doadores nas peças offerecidas.

6.º—O primeiro andar estará rigorosamente fechado durante o tempo das obras, para salvaguarda dos objectos n'elle expostos, e da ceramica por mim offerecida, que lá ficará, temporariamente, em deposito.

7.º—Será rigorosamente prohibido accender lume ou luz, e fumar em todo o edificio do Museu. A Camara não permitirá, sob pretexto algum, a sabida do Museu de qualquer dos objectos que o constituem, procederá inexoravelmente contra todo aquelle que desviar ou consentir no desvio, temporario ou definitivo, dos mesmos objectos.

8.º—A Camara respeitará os Estatutos do Grupo Amigos Defensores do Museu Raphael Bórdalo Pinheiro, fazendo as futuras nomeações de Director-conservador, em conformidade com a indicação do mesmo Grupo.

9.º—Para Directora-Conservadora, logo após a doação, será nomeada D. Julieta Barbara Ferrão, que desde o inicio do Museu tem cooperado nos trabalhos n'elle effectuados, e que, pelo seu saber no assumpto e comprovada dedicação ao Museu é actualmente a pessoa mais idonea para tal cargo; a sua nomeação tem o pleno apoio do Grupo «Amigos Defensores do Museu Bórdalo Pinheiro». Se por qualquer motivo imprevisto D. Julieta Barbara Ferrão deixar o cargo, ou mesmo não chegue a tomar posse, será nomeado o sr. Francisco Valença, que offerece as mais irrefutaveis garantias de bem desempenhar as funções de Director-Conservador do Museu, pelos seus comprovados talentos de caricaturista eximio, e pelo amor já provado á memoria de Raphael Bórdalo Pinheiro e ao Museu. Ainda na improvavel hypothese de este brilhante Artista não poder exercer o cargo, será escolhido, ou o sr. João Saavedra Machado, ou o sr. Alfredo Candido, artistas de reconhecido merecimento, ambos Amigos-Defensores do Museu Raphael Bórdalo Pinheiro.

10.º—A Camara pagará honorarios vitalicios, condignos ao Director-Conservador nunca inferiores aos do primeiro official-chefe de Repartição, com todos os direitos e garantias officiaes, que têm os empregados superiores camararios, garantindo-lhe outro sim os mesmos ou superiores vencimentos em quaesquer reformas

«O Orthopagrafo e do "Jornal do Comercio e das Colonias"»

Salvo a orthografia. O documento foi enviado pela Camara.

de serviços que venham a realizar.
11.º - Não carecendo manifestamente o Museu de sub-Director nem de sub-Conservador, a Camara jámais fará taes nomeações, e contudo indispensavel o pessoal de guarda limpeza, que é normal em todos os Museus; a Camara fornecerá pessoal idoneo, permanente nos dias de abertura do Muscu, no que respeita a guardas, e nos dias indispensaveis para a conservação e limpeza, notando-se que se trata de objectos frageis e de facil desvio.

12.º - A doação respeitante ao Museu, existente no primeiro andar, comprehendendo tudo que n'elle se contém, excepto a papelera, que está no gabinete da actual Directora-Conservadora, e os livros n'esse gabinete existentes, em nada referentes ao Museu, e que são propriedade de D. Julieta Ferrão.

13.º - A doação no que respeita ao rez-do-chão, não comprehendendo as portas e divisórias interiores, assim como tudo que não seja utilizavel para o fim a que o mesmo rez-do-chão se destina.

14.º - A Camara não comprará, sob qualquer pretexto, originaes ou reproduções, graphicas ou ceramicas, a particulares, com destino ao Museu Raphael Bordallo Pinheiro. Há pessoas que esperam a morte do fundador do Museu o qual nunca auferiu o mais leve interesse com elle, reservando occultando, peças, para mais tarde por ellas exigirem exorbitancias. A Camara só aceitará, gratuitamente, originaes ou reproduções, por offerta ou por testamento. Quanto a ceramica, deve procurar obter a dos Museus do Estado, onde as peças raphaelinas estão deslocadas, havendo um Museu privativo d'ellas. Poderá a Camara porém, comprar reproduções de peças raphaelinas na Fabrica Bordallo Pinheiro das Caldas da Rainha.

15.º - Se por qualquer motivo imprevisto o Museu deixar de existir, ou em qualquer tempo, a Camara não cumprirá todas as clausulas, ou qualquer d'ellas, n'este contracto de doação exaradas, volta toda a propriedade tal como estiver, e tudo que n'ella se contanha á posse do doador enquanto vivo e á pessoa em conjunto e solidariamente de D. Maria Ludovina Pinheiro Magalhães e de D. Julieta Barbara Ferrão tendo o doador fallecido. Esta clausula está em perfeito accordo com o testamento do doador aprovado em 14 de Agosto de 1922.

16.º - Como fundo para futura manutenção do edificio e do Museu, o doador oferece á Camara Municipal de Lisboa com acções do Banco Lisboa & Açores, das quaes gosará pleno usufructo enquanto vivo fôr.

17.º - A Camara mandará collocar, antes da reabertura do Museu a seguinte inscripção: «Esta propriedade pertence á cidade de Lisboa, representada pela Camara Municipal».

O Grupo dos Amigos Defensores do Museu Raphael Bordallo Pinheiro, offereceu muito recentemente uma importante peça ceramica, unica, ou muito pouco reproduzida, de grande valor para o futuro mostruario de ceramica do mesmo Museu.

Museu Bordallo Pinheiro

A sua doação á cidade de Lisboa

Aquella interessante casa, tão gentil, tão artistica, que é o encanto dos visitantes do Campo Grande, em Lisboa, e onde o distinto poeta sr. Cruz de Magalhães estabeleceu com esforço e superior espirito o museu de tudo o que Bordallo Pinheiro criou de gracioso, de subtil e de nobre, essa importante instituição artistica que tem dentro de si tudo o que fez uma epoca em Portugal, numa palavra, a obra de Cruz Magalhães está prestes a ser doada á Camara de Lisboa para que faça parte da riqueza publica da capital.

As clausulas da doação são, entre outras, as seguintes:

A Camara construirá no terreno onde hoje é a horta uma casa com o minimo de 12 divisões para moradia do director-conservador do Museu, grafico e ceramico, no prazo de um ano, a contar da data da doação.

A Camara respeitará os estatutos do Grupo Amigos Defensores do Museu Raphael Bordallo Pinheiro, fazendo as futuras nomeações de director-conservador em conformidade com a indicação do mesmo Grupo.

Para directora-conservadora, logo após a doação, será nomeada D. Julieta Barbara Ferrão, que desde o inicio do Museu tem cooperado nos trabalhos nele effectuados e, que pelo seu saber no assunto e comprovada dedicação ao Museu é actualmente a pessoa mais idonea para tal cargo; a sua nomeação tem o pleno apoio do Grupo Amigos Defensores do Museu Bordallo Pinheiro. Se, por qualquer motivo imprevisto, D. Julieta Barbara Ferrão deixar o cargo ou mesmo não chegar a tomar posse, será nomeado o sr. Francisco Valença, que offerece as mais irrefutaveis garantias de bem desempenhar as funções de director-conservador do Museu, pelos seus comprovados talentos de caricaturista exímio e pelo amor já provado á memoria de Rafael Bordallo Pinheiro e ao Museu.

Ainda na improvavel hipotese deste brilhante artista não poder exercer o cargo, será escollido ou o sr. João Saavedra Machado ou o sr. Alfredo Camillo, artistas de reconhecimento merecimento, ambos Amigos Defensores do Museu Raphael Bordallo Pinheiro.

"JORNAL DE NOTICIAS"

PORTO. 15-11-22.

A modificação da direcção do «Seculo»

Saudando a nova direcção do *Seculo* em termos amabilissimos, o Museu Bordallo Pinheiro. Enviaram os seus cumprimentos os nossos agentes em Sant'Ana de Cambas, Pedraças (Agneda), Monchique Nave de Haver e Oliveira do Hospital. Escreveram ao nosso director, saudando-o, os srs. dr. José Pontes, dr. Rocha Saralva, Adolfo Teixeira, e o correspondente do *Seculo*, em Oliveira do Frades.

"O SECVLO" (manhã)
16-9-22.

Museu Bordallo Pinheiro

Uma valiosa doação á cidade de Lisboa em homenagem ao Ilustre Presidente da Republica

O distinto poeta e grande admirador do genial artista que foi Rafael Bordallo Pinheiro, dirigiu á Camara Municipal de Lisboa um officio no qual comunica estar na resolução de offerecer á cidade de Lisboa em homenagem ao inclito e exemplar cidadão, o ex.º sr. dr. Antonio José de Almeida, venerando Presidente da Republica, o edificio do Campo Grande n.º 382 - galardoado com a menção honrosa do Premio Valmor, louvado algumas dezenas de vezes pela imprensa, tendo alguns dos seus motivos architectonicos sido reproduzidos em revistas e noutros edificios - e o Museu Raphael Bordallo Pinheiro, que

consta de alguns milhares de originaes e reproduções do grande artista, de centenas de peças biblicas, e de um forte nucleo de ceramica, nos termos e condições exaradas na proposta de doação que fôra entregue á Camara no dia 30 de março do corrente ano e de que o sr. Cruz Magalhães remetete uma copia em 25 de outubro findo. Conclue o grande amigo e admirador de Bordallo Pinheiro por pedir no seu officio que se digne tomar a deliberação necessaria para a aceitação ou recusa da referida doação no mais breve lapso de tempo possivel e bem assim que marcesse o dia para a entrega da respectiva escritura.

O contracto da doação merece ser transcrito pois por ele se verifica quão importante é a dadia e quanto interesse mostra o distinto poeta de que aquela bela homenagem ao brilhante caricaturista, um verdadeiro genio artistico, seja conservada com o maximo cari ho.

Es o contracto da doação:
«Eu, Artur Ernesto de Santa Cruz Magalhães, legitimo proprietario do edificio, solidamente construido com os melhores materiais, galardoado com a Mens o Honrosa do Premio Valmor, situado no Campo Grande n.º 382 e do Museu Raphael Bordallo Pinheiro no mesmo edificio instalado, edificio e Museu que actualmente só seria possivel edificar e constituir com quantia superior a 250.000\$00, sem se falar no valor de terreno, ascendendo a alguns milhares as colleções do Museu na parte grafica, originaes e reproduções, entre aquellas um grande quadro a oleo, importantissimo, do Mestre Columbano, subindo tambem a alguns milhares as peças biblicas, que firmam a Biblioteca do Museu, sendo já aproximadamente a 200 as peças de ceramica, destinadas ao futuro mostruario, a realizar no rez do chão, pelo que tem sido larga e excepcional a consagração da Imprensa e do Publico, declaro que em homenagem ao inclito e exemplar cidadão, ex.º sr. dr. Antonio José de Almeida, Venerando Presidente da Republica, faço doação á Camara Municipal de Lisboa, como representante da cidade onde Rafael Bordallo Pinheiro nasceu e morreu do citado edificio e Museu, com as clausulas seguintes expressas.

A consagração da Imprensa está patente num grande album, existente no Museu, contendo algumas centenas de criticas e de artigos varios, referentes ao mesmo Museu; a consagração do publico revela-se no numero de visitantes, 7.948, e na importancia das entradas, 1.685\$22, em 183 domingos, sómente, até ao dia 13 de Agosto de 1922. Toda a receita foi integralmente recebida de começo pela Cruz Vermelha e Cruzada das Mulheres Portuguesas, e depois pelo Asilo de S. João.

Sendo inegavel que os Museus tanto para o Estado, como para os municipios, representam sempre não uma fonte de receita mas um agravo nas despesas, largamente compensado pela seu fim moralizador e educativo, sendo a cultura civica, para que os museus fortemente concorrem, uma das mais nobres e das mais imperativas missões dos governos e das camaras municipais, quasi offensiva será que para a oferta da natureza desta hajam de ser ouvidas comissões de finanças, por mais conspicias e venerandas que ellas sejam, e por mais legal que seja tambem a sua consulta.

A digna Edilidade de Lisboa tem seguido um belo criterio estetica e educativo, e dispendido já algumas dezenas de contos na aquisição de obras de Arte, com destino ao seu illustre Museu Municipal, a varios jardins publicos, etc, no que tem provado competencia para avallar a presente oferta. Julga-se o doador contudo, obrigado a fazer a doação sob as seguintes clausulas, notando que exara a primeira no proprio interesse da Camara, que não cessará de ser um dos mais importantes Museus isolado, sem a vigilancia mais natural e competente do seu Director Conservador:

"O JORNAL DO COMERCIO E DAS COLONIAS."
11-11-22.

1923

1) - A Camara const. uirá no terreno onde hoje é a horta uma casa segundo o plano junto-feitas as seguintes leves modificações: agua e o conveniente desp. do seião e divis. rias de madeira, sem necessidade de chegarem ao teto; as duas portas que dos corredores dão para a escada serão envidraçadas, o que torna escusadas as bandeiras em todas as cytras; no rez-do-chão, na casa designada por despesa e no canto contíguo á cozinha, será colocada uma retrata completa, com a necessaria divisoria, ficando a despesa só na parte oposta com o mínimo de 12 divisões, para moradia do Director Conservador do Museu grafico e ceramico, no prazo de um ano a contar da data da doação.

2) - Ser-me-ha garantido o usufruto do rez-do-chão do edificio actual e terrenos adjacentes, sem prejuizo da clausula anterior, até poder ser habitada a casa a construir na horta, constante da mesma clausula.

3) - Logo que eu deixe de habitar o rez-do-chão, a Camara fará nele todas as transformações indispensaveis, segundo o plano junto, para a adaptação ao mostruario de ceramica e exposiçao d' originaes graficos, que, alem dos já expostos, oferece.

A Camara mandará construir todo o mobiliario necessario, prateleiras, vitrines, bases, etc., para a ceramica total, e fará encaixillar devidamente todos os originaes que ofereço no prazo de seis meses, a contar do acabamento das obras no rez-do-chão.

4) - As obras do rez-do-chão, que se limitam á construcção duma escada, a abrir arcos em duas paredes, deitar abaixo outras duas, e pouco mais, serão executadas no prazo de seis meses, a contar do dia em que for habitada a casa a construir na horta.

5) - No rez-do-chão haverá um reclin. reservado para as peças de ceramica por mim oferecidas, e no meu actual escriptorio, ampliado, será a sala de «Homenagens e Recordações», agora no primeiro andar. Haverá sempre letreros explicativos dos doadores nas peças oferecidas.

6) - O primeiro andar estará rigorosamente fechado durante o tempo das obras, para salvaguarda dos objectos nele expostos, e da ceramica por mim oferecida, que lá ficará, temporariamente, em deposito.

7) - Será rigorosamente proib. do acender lume ou luz e fumar em todo o edificio do Museu. A Camara não permitirá, sob pretexto algum, a saída de qualquer dos objectos que constituem o Museu, e procederá inexoravelmente contra todo aquelle que desviar ou consentir no desvio, temporario ou definitivo, dos mesmos objectos.

8) - A Camara respeitará os Estatutos do Grupo Amigos Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, fazendo as futuras nomeações de Director Conservador em conformidade com a indicação do mesmo Grupo.

9) - Para Directora Conservadora, logo apoz a doação, será nomeada D. Julieta Barbara Ferrão, que, desde o inicio do Museu, tem cooperado nos trabalhos nele efectuados, e que, pelo seu saber no assunto e comprovada dedicação ao Museu, é actualmente a pessoa mais idonea para tal cargo; a sua nomeação tem o pleno apoio do Grupo Amigos Defensores do Museu Bordalo Pinheiro. Se por qualquer motivo imprevisto D. Julieta Barbara Ferrão deixar o cargo, ou mesmo não chegar a tomar posse, será nomeado o sr. Francisco Valença, que oferece as mais irrefutaveis garantias de bem desempenhar as funções de Director Conservador do Museu, pelos seus comprovados talentos de caricaturista exímio e pelo amor já provado á memoria de Rafael Bordalo Pinheiro e ao Museu. Ainda na imprevisivel hipotese de este brilhante Artista não poder exercer o cargo, será escolhido ou o sr. João Saavedra Machado ou o sr. Alfredo Candido, artistas de reconhecido merecimento, ambos amigos e defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

10) - A Camara pagará honorarios vitalicios, condignos ao Director Conservador e nunca inferiores aos do primeiro Oficial-chefe de Repartiçao, com todos os direitos e garantias officiais, que tem os empregados superiores camarrarios, garantindo-lhe outrossim os mesmos ou superiores vencimentos em quaisquer reformas de serviços que venham a realizar.

11) - Não carecendo manifestamente o Museu de sub Director nem de sub Conservador, a Camara já mais fará tais nomeações, e contuio dispensavel o pessoal de guarda-limpeza, que é normal em todos os Museus; a Camara fornecerá pessoal idoneo, permanente nos dias de abertura do Museu, no que respeita a guardas, e nos dias indispensaveis para a conservaçao e limpeza, notando se que se trata de objectos frageis e de facil desvio.

12) - A doação respeitante ao Museu, existente no primeiro andar, compreende tudo que nele se contem, excepto a papelreira que está no gabinete da actual Directora Conservadora, e os livros nesse gabinete existentes, em nada referentes ao Museu e que são propriedade de D. Julieta Ferrão.

13) - A doação no que respeita ao rez-do-chão, não compreende as portas e divisorias interiores, assim como tudo que não seja utilizavel para o fim a que o mesmo rez-do-chão se destina.

14) - A Camara não comprará, sob qualquer pretexto, originaes ou reproduções, graficas ou ceramicas, a particulares com destino ao Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

Ha pessoas que esperam a morte do fundador do museu o qual nunca auferiu o mais leve interesse com ele, reservando e até ocultando peças, para mais tarde por elas exigirem exorbitancias. A Camara só aceitará, gratuitamente, originaes ou reproduções, por oferta ou por testamento, quanto á ceramica, deve procurar obter a dos Museus do Estado, onde as peças rafaelinas estão deslocadas, havendo um museu privativo delas. Poderá a Camara porém, comprar reproduções de peças rafaelinas na Fabrica Bordalo Pinheiro das Caldas da Rainha.

15) - Se por qualquer motivo imprevisto o Museu deixar de existir, ou em qualquer tempo, a Camara não cumprirá todas as clausulas, ou qualquer delas, neste contracto de doação exaradas, volta toda a propriedade tal como estiver, e tudo que nela se continha á posse do doador, enquanto vivo e á posse em conjunto e solidariamente de D. Maria Ludovina Pinheiro Magalhães e de D. Julieta Barbara Ferrão sendo o doador falecido.

Esta clausula está em perfeito accordo com o testamento do doador, aprovado em 14 de Agosto de 1922.

16) - Como fundo, para futura manutenção do edificio e do Museu, o doador oferece á Camara Municipal de Lisboa cem acções de Banco Lisboa & Açores, das quais gosará pleno usufruto enquanto vivo for.

17) - A Camara mandará colocar, antes da reabertura do Museu, em ponto bem visivel do muro do jardim da frente uma lapide com a seguinte inscriçao: - «Esta propriedade pertence á cidade de Lisboa, representada pela Camara Municipal».

O Grupo dos Amigos Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, ofereceu, muito recentemente, uma importante peça ceramica, unica, ou muito pouco reproduzida, de grande valor para o futuro mostruario de ceramica do mesmo Museu.

REPAROS

No Campo Grande

Para os lados das chamadas avenidas novas, se o bom gosto, a boa estetica, nem sempre abundam, a verdade é que bastantes edificios se têm erigido, imponentes uns, graciosos outros, enfim, com um cunho de modernismo animador. A par disto, porém, quantas anomalias, quantos abusos, quantas vergonhas?! O Campo Grande está sendo ladeado por novas edificações, algumas de verdadeiro bom gosto. Em pouco terá dois «Museus», um já existente, o de Rafael Bordalo Pinheiro, e outro, em adiantada construcção, o de Artur Pratt.

Pois lá tem duas revoltantes vergonhas, elas aí vão: no lado occidental, em frente ao n.º 63, um indecentissimo quintalorio minúsculo, vedado com redes velhas e travessas pobres, uma autentica e repugnante indecencia!...

Como consente a C. M. L. semelhante miseria, ladeando o nosso unico e, por isso mesmo, mais famoso parque cittadino?!!

Do lado oposto, proximo da esquadra, vê-se uma officina de concertar carroças, e canteiro, cujo terreno anexado vai para dois anos que está vedado por um tapume provisório, tão definitivo que até já tem nelle pregada a taboleta de boas dimensões!...

E' claro que com revoltante aprisimento da C. M. L. é que estes atalados contra a moral, contra o bom senso e contra o bom gosto se praticam...

Um Alfacinha.

"A CAPITAL"

18-1-923

Rafael Bordalo Pinheiro

Faz hoje anos que faleceu Rafael Bordalo Pinheiro, aquelle portuguez que pela caricatura, pelo desenho e pela ceramica foi um valor dentro do nosso paiz tendo deixado uma obra que ainda hoje é a admiracção dos nossos melhores artistas.

Os Amigos Defensores do Museu Bordalo Pinheiro visitam hoje em Lisboa o tumulo daquelle portuguez illustre depondo flores.

"O REBATE"

12-11-922.

"JORNAL DE NOTICIAS" PORTO

23-1-923

Bordalo Pinheiro

Faz hoje 17 anos que morreu Bordalo Pinheiro, o extraordinario caricaturista, escultor e caramista de raros meritos que passou seus dias vergastando ridiculos e fixando no barro, a que deu graça e alma, tipos e costumes verdadeiramente portugueses.

Como o tempo doba a sua meada estranha! E porque todo o Porto o conheceu, lhe abriu os braços e o chorou ao saber-o morto, recordemos saudosamente o querido artista que foi uma das nossas glorias.

Lisboa, graças aos disvelos e cuidados do seu dilecto amigo sr. Cruz de Magalhães, que se viu cercado por todos os admiradores de Rafael,—Lisboa tem o Museu Bordalo Pinheiro, onde a sua obra diz da sua arte e marca o traço fustigante do seu lapis que, sabendo gargarhar, se curvava, doloridamente, ante as grandes dôres. A' hora a que o leitor poisar seus olhos nestas linhas, todos esses amigos se quedarão, saudosos, junto do seu tumulo, recamado de flores.

17 anos! Como a vida corre, vertiginosamente, sem apagar, da memoria dos que o amaram, a figura airosa e remarcante do querido artista.

O illustre filologo e arqueologo José Leite de Vasconcelos, enviou a seguinte carta ao benemerito fundador do Museu Bordalo Pinheiro:

... Sr. Cruz Magalhães:—Felicito do intimo do meu coração a v. pelo acto nobre e generoso — e unico! entre nós! — que v. praticou, cedendo á cidade de Lisboa o Museu de B. Pinheiro, que v. com tanta inteligencia, amor, esforço e trabalho havia constituido, e ricamente organizado. — De v. etc., José Leite de Vasconcelos.

"DIARIO DE LISBOA"
27-1-923

(CONFERENCIA)

Rafael Bordalo Pinheiro

A data do seu nascimento

Rafael Bordalo Pinheiro, filho dum artista, irmão dum artista, nasceu em 21 de março de 1846. Se Rafael Bordalo, o creador do «Zé Povinho das Caldas» fôra hoje vivo, vestiria as suas melhores galas a caricatura e a ceramica portuguezas.



RAFAEL BORDALO PINHEIRO
(Desenho de Antonio Carneiro).

Trocando o pincel de seu pai, o Manuel Maria Bordalo Pinheiro, pelo lapis mordaz, causticante, do caricaturista, soube Rafael crear uma escola, fazer obra individual, propria, e dar um grande impulso ao desenho delicado daquelles que esboçam um sorriso para castigar os costumes.

A «Lanterna Magica» foi o seu primeiro e retumbante successo com Guerra Junqueiro, Guilherme de Azevedo e Lino de Andrade.

Os «cacaios» tinham as satiras do poeta, os periodos ardentes como sinapismos do prosador e o buril de Rafael Bordalo que ia retalhando a pele.

E Rafael, de triunfo em triunfo, foi um grande, e das suas mãos, do seu barro das Caldas da Rainha, saíram maravilhas, entre estas a «Jarra Beethoven», hoje no Brazil.

A simpatica instituição dos Amigos e Defensores do Museu Bordalo Pinheiro, ao Campo Grande, Lisboa, collocou flores no pedestal do monumento em honra do artista, e a Ex.^{ma} Sr.^a D. Julieta Ferrão, secretaria daquelle collectividade, fará uma conferencia.

"JORNAL DE NOTICIAS"
PORTO 21-3-923

Rafael Bordalo Pinheiro

Se a morte tão cedo o não tivesse roubado, completava hoje o seu 87.^o anniversario natalicio o genial artista Rafael Bordalo Pinheiro—o glorioso e inegalavel caricaturista, ceramista e dourador eximio. Vibra ainda interna a saudade em quantos o conheceram e puderam apreciar o seu convívio adoravel.

A passagem desta data é acompanhada hoje em Lisboa, sua terra natal, por uma conferencia publica em que a sr.^a D. Julieta Ferrão, desenvolverá o tema: Rafael Bordalo Pinheiro, impressões artisticas e notas inéditas. É promovida pelo Grupo de Amigos e Defensores do Museu Bordalo Pinheiro.

"O PRIMEIRO DE JANEIRO" PORTO
21-3-923

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Faz hoje anos que nasceu o grande artista, distintissimo ceramista e inimitavel caricaturista que foi Rafael Bordalo. Os amigos, defensores do museu, vão hoje junto do monumento erigido ao saudoso artista no Campo Grande, em Lisboa, collocar flores.

A sr.^a D Julieta Ferrão fará uma conferencia sobre a obra altamente valiosa de Rafael Bordalo.

"A TRIBUNA" PORTO
21-3-923

Uma romagem

Passa hoje o anniversario do nascimento do grande artista do lapis, que foi Raphael Bordalo Pinheiro.

Bordalo Pinheiro fez successo com as suas caricaturas sangrentas e mordazes, deixando uma obra admiravel de critica e dos ridiculos da sociedade. Mas o seu talento manifestou-se tambem em outro genero de arte— a louça das Caldas, uma das industrias nacionaes mais florescente e apreciavel, deve-se exclusivamente ao seu talento de creador.

Os «Amigos e Defensores do Museu Bordalo Pinheiro», de Lisboa, realisam hoje uma romagem ao monumento do caricaturista da «Lanterna», no qual deperão Lóres, e a sr.^a D. Julieta Soares, secretaria da mesma collectividade, fará uma conferencia sobre o artista.

"COMERCIO DO PORTO"
PORTO
21/3/923

"O PRIMEIRO DE JANEIRO" PORTO
23-1-923

Rafael Bordalo Pinheiro

Passou hontem o 18.^o anniversario da morte do glorioso caricaturista. Como nos anos anteriores, o Grupo de Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro foi, de manhã, em romagem ao jazigo do visconde de Faro e Oliveira, onde repousam os restos mortaes do glorioso artista, depôr um lindo ramo de flores naturais. Fizeram-se representar o sr. Cruz Magalhães, pela sr.^a D. Julieta Ferrão, e o sr. dr. Magalhães Lima, pelo sr. A. Neves.

"O SECULO"
24-1-923

Rafael Bordalo Pinheiro

Passou ontem o 18.^o anniversario da morte do glorioso caricaturista. Como nos anos anteriores o Grupo Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, foi, pelas onze horas, em romagem ao Cemiterio dos Prazeres, depondo flores no jazigo do Visconde de Faro e Oliveira, onde estão os restos mortais do genial artista. O sr. Cruz Magalhães fez-se representar pela sr.^a D. Juliet Ferrão e o sr. dr. Magalhães Lima pelo sr. Alvaro Neves.

"DIARIO DE NOTICIAS"
24-1-923

Bordalo Pinheiro

Na proxima quarta-feira faz 77 anos que nasceu em Lisboa o genial caricaturista e glorioso ceramista e decorador Rafael Bordalo Pinheiro. Comemorando esta data realiza-se, pelas 21 horas daquella dia, na Avenida da Liberdade, 19, 1.º, uma conferencia publica em que a sr.ª D. Julieta Ferrão, desenvolverá o tema: *Rafael Bordalo Pinheiro, impressões artisticas e notas inéditas*. Esta conferencia é promovida pelo Grupo de Amigos e Defensores do Museu Bordalo Pinheiro. *O Mundo - 19 março - Nova*

"O MUNDO"

19-3-923.

Rafael Bordalo Pinheiro, impressões artisticas e notas inéditas, pela sr.ª D. Julieta Ferrão

Passando depois de amanhã o aniversario do nascimento do glorioso caricaturista e ceramista Rafael Bordalo Pinheiro, o grupo de Amigos-Defensores do Museu onde se guarda a sua obra promove uma conferencia publica, a qual se realiza, pelas 21 horas, d'aquelle dia, na avenida da Liberdade, 19, 1.º sendo conferente a sr.ª D. Julieta Ferrão, que desenvolverá o tema: *Rafael Bordalo Pinheiro, impressões artisticas e notas inéditas*.

"O SECVLO"

19-3-923.

Rafael Bordalo Pinheiro

A sr.ª D. Julieta Ferrão realiza hoje, pelas 9 horas da noite, na Avenida da Liberdade, 19, 1.º uma conferencia, promovida pelos defensores do museu Rafael Bordalo Pinheiro, subordinada ao tema: *Rafael Bordalo Pinheiro - Impressões artisticas - Corrigendas - Notas inéditas*. Ha grande interesse em ouvir a lustrre conferencia.

"DIARIO DE 21-3-923. NOTICIAS"

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

O aniversario da sua morte — Uma conferencia sobre a sua obra

Passa hoje mais um aniversario da morte desse grande artista que se chamou Rafael Bordalo Pinheiro. Honrada a sua memoria com a organização de um museu das suas obras e a erecção de um monumen-



RAFAEL BORDALO PINHEIRO



Uma interessante conferencia sôbre a sua vida e obra

Resultou interessantissima a conferencia ontem realizada pela sr.ª D. Julieta Ferrão, conservadora do precioso museu Bordalo Pinheiro, do Campo Grande, comemorando o aniversario da morte do genial artista. A sala da Associação de Lojistas, á Avenida da Liberdade, encheu-se de um publico distinto, entre o qual se viam muitas senhoras, artistas, homens de letras, etc. A conferencia presidiu o sr. dr. Magalhães Lima, que convidou para secretarios o pintor Columbano e a senhora D. Maria Brito Aranha, ambos saudados com uma vibrante salva de palmas. Na mesa foram lidas saudações dos srs. Tomás Bordalo Pinheiro, dr. Moreira Junior e D. Maria Clara Correia Alves, que não puderam comparecer. O sr. dr. Magalhães Lima fez a apresentação da conferente em breves palavras elogiosas, fazendo a proposta a aplogia da obra de Cruz Magalhães, o benemerito fundador do museu Bordalo Pinheiro, e dizendo o auxilio prestado, com verdadeira alma de artista, pela conferente dentro daquele museu, que é uma das mais interessantes curiosidades existentes em Lisboa, digna a todos os respeito da visita dos estudiosos.

Dando a palavra a D. Julieta Ferrão, principiou a conferente por fazer a historia da fundação do Museu Bordalo Pinheiro e da organização do grupo de amigos que tomou a peito a

sua defesa. Desde a fundação desse grupo até hoje realizaram-se duas sessões de homenagem a memoria de Rafael, comemorando o aniversario da sua morte. Esta é a terceira consagração, bem merecida pela obra do Mestre, que possui o condão de interessar os eruditos, de ser compreendida pelo povo, de ser admirada por nacionais e estrangeiros. Em seguida iniciou a conferente um desenvolvido estudo critico da caricatura, que, ao contrario do que muitos julgam, não é uma forma de arte inferior subordinada a processos mediocres, insignificantes ou desprezíveis. Bordalo foi um verdadeiro mestre da caricatura: teve espirito, imaginação, fadística, um extraordinario poder de observação, o que a conferente demonstrou, citando algumas das mais brilhantes e sugestivas paginas do grande humorista. A biografia de Rafael Bordalo mereceu tambem larga analise, corrigindo inexactidões que por ali correm impressas, a obra do ceramista, as peripetias da sua estada no Brasil, a fundação da fabrica das Caldas, todos esses episodios da vida de Rafael Bordalo occuparam a atenção estudiosa da conferente numa floguagem elegantemente despretençiosa, prendendo por largo espaço a atenção da numerosa e selecta assistencia que dispensou a D. Julieta Ferrão, no final do seu bello trabalho, uma calorosa e merecida ovção.

"O MUNDO"

22-3-923.

to no Campo Grande, graças aos benemeritos esforços do sr. Cruz Magalhães, nasceu em volta dessa tarefa generosa a ideia da organização de um grupo de amigos e defensores do museu, ao mesmo tempo seus activos propagandistas. E' por iniciativa desse grupo, a que preside o sr. dr. Magalhães Lima, que esta noite, comemorando o aniversario que passa, a sr.ª D. Julieta Ferrão, conservadora do museu do Campo Grande, realiza na Avenida da Liberdade, n.º 19, 1.º, uma conferencia publica subordinada ao tema: *Rafael Bordalo Pinheiro - Impressões artisticas e notas inéditas*.

"O MUNDO"

21-3-923.

Rafael Bordalo Pinheiro

A comemoração do aniversario do seu nascimento

Conferencia de D. Julieta Ferrão, a conservadora do museu do grande artista

A sr.ª D. Julieta Ferrão, conservadora do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, ao Campo Grande, realizou hontem, pelas 22 horas, na Associação Commercial de Lojistas, na Avenida da Liberdade, 19, uma conferencia, comemorando o aniversario do nascimento do grande artista. Presidiu o sr. dr. Magalhães Lima, que convidou para o secretariado a sr.ª D. Amélia Brito Aranha e o grande artista Columbano Bordalo Pinheiro, que se achava presente. A sr.ª D. A. Brito Aranha leu cartas dos srs. dr. Moreira Junior e Pedro Bordalo Pinheiro, desculpano-se da sua não comparencia, fido o que o sr. dr. Magalhães Lima fez a apresentação da conferente, que pela primeira vez falava em publico. Diz que a conferente é uma alma de artista vibrante e luminosa que

mandou para o Rio de Janeiro; que tem a arte da decoração e que como conservadora do museu está especialmente habilitada a falar do assunto. Rafael Bordalo e, de resto, um artista conhecido de todos e os que o não conhecem são criminosos. D. Julieta Ferrão refere-se em seguida á fundação do grupo dos amigos do Museu e as conferencias que tem efectuado. A primeira pelo sr. dr. Luiz Xavier da Costa, a segunda pelo sr. dr. Manuel de Sousa Pinto e a terceira, que se está realizando. Diz que em Portugal não conhece tratados por onde se aprenda a criticar. Dizer mal é facil, elogiar mais facil e, agora criticar é difficilissimo. A caricatura não tem patria e nasceu quando o primeiro homem tentou rir do seu semelhante. Segundo o seu criterio, um desenhador humorista é pessoa muito diferente do caricaturista. Faz em seguida a especificação das diferenças e critica a obra de Rafael Bordalo, a sua influencia no meio, detendo o artista da falta de desenho que lhe attribuem—a ele que era tão probo que nas caricaturas feitas para Eduardo Schwabach as resolveu escrevendo «salvo o desenho feito a galope» Critica a caricatura contemporanea com acrimonia, ao se referindo com luvor á originalidade de F. Valencia. Historia, seguidamente, a vida de Rafael, a sua ida ao Brazil, a sua estada lá, as tentativas de suborno e as tentativas de assassinio de que foi vítima. Critica os criticos, referindo-se a Julio Dantas, Camara Reis, Sousa Pinto, Joaquim Leitão, Albino Forjaz de Sampaio e Eduardo de Noronha. Refere-se a Camilo Castelo Branco, que em 1870 adorava Rafael e em 1884 o odiava, como se isso não fosse humano, e terminou ás 23.40, sendo muito aplaudida. O sr. dr. Magalhães Lima, que presidiu, propoz á assistencia que se vitoriasse o pintor Columbano, o que se fez com geral aprazimento.

"O SECVLO"

22-3-923.

AS CONFERENCIAS DE ONTEM

Impressões e notas inéditas de Rafael Bordalo Pinheiro

Comemorando a morte do genial artista que foi Rafael Bordalo Pinheiro, a sr.^a D. Julieta Ferrão, conservadora do museu daquela invocação, realizou ontem, á noite, na Associação dos Lojistas, uma conferencia sobre «Rafael Bordalo Pinheiro, impressões artisticas e notas inéditas».

A sala encontrava-se repleta de senhoras, homens de letras e artistas, tendo presidido o sr. dr. Magalhães Lima que convidou para secretariar o illustre pintor Columbano e a sr.^a D. Maria Brito Aranha que foram recebidos com uma calorosa salva de palmas. Na mesa foram lidas saudações dos srs. Tomás Bordalo Pinheiro, dr. Moreira Junior e D. Maria Clara Correia Alves, depois do que o sr. dr. Magalhães Lima fez a apresentação da conferente, enaltecendo as suas qualidades, e se referiu á obra de Cruz Magalhães, o benemerito fundador do Museu Bordalo Pinheiro, e ao valioso auxilio que pela conferente tem sido prestado áquelle museu, onde se encontram as mais belas curiosidades dignas da visita dos estudiosos.

Em seguida, foi dada a palavra á conferente que, historizando a fundação do Museu, e a organização do grupo de amigos que tomou a peito a sua defesa, se referiu ás duas sessões de homenagem á memoria do Rafael realizadas desde a fundação desse grupo, e á consagração bem merecida pela obra do mestre, que ontem se realizava, afirmando que elle possuia o condão de interessar os eruditos, de ser comprehendido pelo povo e de ser admirado por nacionais e estrangeiros. Seguidamente, a conferente incitou um estado critico muito desenvolvido, da caricatura que, no seu dizer, ao contrario do que muitos julgam, não é uma forma de arte inferior subordinada a processos mediocres, insignificantes ou despreziveis. Bordalo foi um verdadeiro mestre da caricatura; teve espirito, diz, imaginação, fantasia e um extraordinario poder de observação, citando a proposito, algumas das mais brilhantes e suggestivas paginas do grande humorista. A biographia de Rafael Bordalo mereceu-lhe tambem uma larga analyse, corrigindo inexactidões que por ali correm impressas.

A obra do ceramista, as peripecias da sua estada no Brasil, a fundação da fabrica das Caldas da Rainha e tantos outros episodios da vida de Rafael Bordalo occuparam ainda a attenção estudiosa da conferente, sempre expressos numa linguagem elegantemente despretenhosa, prendendo por largo espaço a attenção da numerosa assistencia que lhe render, por fim, uma calorosa ovação.

"DIARIO DE NOTICIAS" 22-3-923.

Bordallo Pinheiro

A conferencia de hontem

Na sala da Associação Commercial dos Lojistas de Lisboa realisou hontem á noite a sr.^a D. Julieta Ferrão a sua annunciada conferencia sobre «Rafael Bordallo Pinheiro - Impressões artisticas - Corrigendas - Notas inéditas».

Presidiu o sr. dr. Magalhães Lima, secretariado pela sr.^a D. Maria Brito Aranha e pelo illustre artista Columbano Bordallo Pinheiro.

Depois de lidas na mesa cartas da sr.^a D. Maria Clara Correia Alves e dos srs. Thomaz Bordallo Pinheiro e dr. Moreira Junior, que, associando-se á homenagem prestada a Raphael Bordallo Pinheiro, justificavam o não terem comparecido, e, feita a apresentação da conferente pelo sr. dr. Magalhães Lima, que a exalçou como pintora, esculptora e violinista, tendo-se tambem referido ao sr. Cruz de Magalhães, fundador do Museu Bordallo Pinheiro, passou a sr.^a D. Julieta Ferrão a ler o seu brilhante estudo.

Principiou por fazer a historia da fundação do alludido museu e do grupo de amigos que tomou a cargo a sua defesa, iniciando em seguida um estudo critico da caricatura que, ao contrario do que muitos julgam, não é uma forma de arte inferior subordinada a

processos mediocres insignificantes ou despreziveis. Bordalo foi um verdadeiro caricaturista: teve espirito, imaginação, phantasia, um extraordinario poder de observação, o que a conferente demonstra citando algumas das mais suggestivas paginas do grande humorista.

A biographia de Raphael Bordalo mereceu-lhe tambem larga analyse, corrigindo inexactidões que por ali correm impunes. A obra de chronista, as peripecias da sua estada no Brazil, a fundação da Fabrica das Caldas, todos esses episodios da vida de Raphael Bordalo, occuparam a attenção estudiosa de D. Julieta Ferrão, que ao terminar a conferencia, foi muito applaudida pela numerosa e selecta assistencia, entre a qual se viam muitas senhoras.

"O JORNAL DO COMERCIO E DAS COLONIAS" 22-3-923.

Rafael Bordalo Pinheiro

Interessante conferencia sobre a sua vida

Na sala da Associação Commercial de Lojistas e com a assistencia de um publico distincto, realizou ontem á noite a sua annunciada conferencia a sr.^a D. Julieta Ferrão, conservadora do precioso Museu Bordalo Pinheiro, do Campo Grande, comemorando o anniversario da morte do genial artista.

Presidiu o sr. dr. Magalhães Lima, secretariado pelo sr.^a D. Maria de Brito Aranha e o pintor Columbano, ambos saudados com uma prolongada salva de palmas.

Na mesa foram lidas saudações do sr. Tomás Bordalo Pinheiro, dr. Moreira Junior e D. Maria Clara Correia Alves, que não puderam comparecer. O sr. dr. Magalhães Lima fez a apresentação da conferente em breves palavras ilogiosas, fazendo a proposito a apologia da obra de Cruz Magalhães, o benemerito fundador do Museu Bordalo Pinheiro, e dizendo o auxilio prestado, com verdadeira alma de artista, pela conferente dentro daquele Museu, que é uma das mais interessantes curiosidades existentes em Lisboa, digna a todos os respeitos de vista dos estudiosos. Dada a palavra á sr.^a D. Julieta Ferrão, principiou por fazer a historia da fundação do Museu Bordalo Pinheiro, e da organização do grupo de amigos que tomou a sua defesa. Desde a fundação desse grupo até hoje realizaram-se duas sessões de homenagem á memoria de Rafael, comemorando o anniversario da sua morte. Esta é a terceira consagração bem merecida pela obra do mestre que possui o condão de interessar os eruditos, de ser comprehendido pelo povo, acarinhado por nacionais e estrangeiros.

Em seguida incia a conferente um desenvolvido estudo critico da caricatura, que ao contrario do que muitos julgam, não é uma forma de arte inferior subordinada a processos mediocres, insignificantes ou despreziveis. Bordalo foi um verdadeiro mestre da caricatura: teve espirito, imaginação, fantasia, um extraordinario poder de observação, o que a conferente demonstra citando algumas das mais brilhantes e suggestivas paginas do grande humorista.

A biographia de Rafael Bordalo mereceu-lhe tambem larga analyse, corrigindo inexactidões que por ali correm impressas, a obra do ceramista, as peripecias da sua estada no Brazil, a fundação da Fabrica das Caldas, todos esses episodios da vida de Rafael Bordalo occuparam a attenção estudiosa da conferente numa linguagem elegantemente despretenhosa, prendendo por largo tempo a attenção da numerosa e selecta assistencia entre a qual se viam muitas senhoras, artistas, homens de letras, etc., que dispensou á sr.^a D. Julieta Ferrão, no final do seu bello e interessantissimo trabalho uma calorosa e merecida ovação.

"A IMPRENSA NOVA" 22-3-923,

NA ASSOCIAÇÃO DOS LOJISTAS

A conferencia da sr.^a D. Julieta Ferrão

Subordinada ao thema «Impressões Ineditas ácerca de Rafael Bordalo Pinheiro», realisou hontem, conforme estava annunciado, a sr.^a D. Julieta Ferrão a sua conferencia na Associação dos Lojistas.

A conferente que é a conservadora do museu de Raphael, começou por se referir ás conferencias que o grupo dos amigos do museu tem realisado e alludindo ás criticas que se tem feito ao artista, tem para ellas palavras de desagrado, especialmente para as do sr. dr. Julio Dantas.

Criticou largamente a obra de Raphael e a sua estada no Brazil, terminando por relatar as tentativas de suborno e de assassinio de que lá foi victima.

A illustre senhora foi muito cumprimentada ao terminar.

CORREIO DA MANHA 22-3-923.

Diligente conservadora do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, que realisou, no dia 21, na sede da Associação dos Lojistas, uma interessante conferencia sobre a vida e a obra do grande mestre da caricatura e da esculptura, comemorativa do anniversario do seu

D. Julieta Ferrão



"ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA"

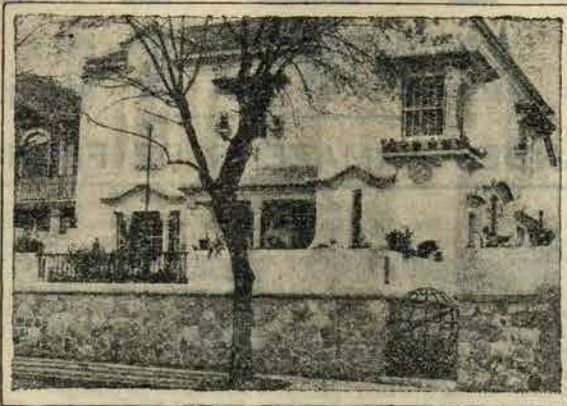
N.º 893. 2.ª serie.

31-3-923.

MUSEU BORDALO PINHEIRO

CAMPO GRANDE, 382

Da iniciativa e doação do grande benemerito Ex.^{mo} Sr. Cruz Magalhães que a este interessante Museu tem dedicado o melhor da sua grande alma de artista e poeta, o maior admirador do nosso inolvidavel Bordalo



Este Museu foi pela primeira vez aberto ao publico no dia 6 de Agosto de 1916. Em 112 domingos foi visitado por 3.687 pessoas pagantes, rendendo 564\$33 centavos, integralmente recebidos pelas benemeritas instituições: Sociedade da Cruz Vermelha Portuguesa; Cruzada das Mulheres Portuguezas e Asilo de S. João; sendo este ultimo o que actualmente recebe o produto das entradas e das vendas de livros, folhetos, postais, etc.

Tem sido muito visitado por pessoas illustres. Entre os ultimos visitantes contam-se o Ex.^{mo} Sr. Presidente da Republica, Dr. Antonio José de Almeida; Ministro dos Estrangeiros, Sr. Dr. Xavier da Silva; o da Instrução, Dr. Vasco Borges, e os Srs. Drs. Magalhães Lima, Dr. Domingos Pereira, Dr. Xavier da Costa, Dr. Sousa Pinto, Raul Brandão, Fidelino Figueiredo, Lopes de Mendonça, Columbano Bordalo Pinheiro, Constantino Fernandes, Julio Vaz Junior, Julio Teixeira Bastos, Fernão Bolo Machado, Francisco Valença, Dr. Alfredo da Cunha, Saavedra Machado, Chaby Pinheiro, Carlos Santos, etc., e os illustres estrangeiros: Carmen de Burgos, Dr.^a Paulina Luisi e D. Martins Couredo del Campo.

21

Arqueológico. — Largo do Carmo.

Nas ruínas da igreja gótica do Carmo, que foi destruída pelo terramoto de 1755. Entrada, \$10 centavos. Bilhetes de familia (1 cavalheiro acompanhado até 6 senhoras), \$20 centavos. As crianças até 8 anos grátis.

Aberto todos os dias, das 10 às 16 horas.

Artilheria. — Largo do Museu de Artilheria.

Pode ser visitado todos os dias úteis das 10 às 15 horas. Há catálogos, bem como bilhetes postais ilustrados com fotografias de todas as diferentes salas do museu.

Bordalo Pinheiro. — Lér pag. 21.

Colonial e etnografico. — Rua de Eugénio dos Santos.

No edificio da Sociedade de Geografia: entrada franca aos domingos, das 10 às 16 horas. Para os excursionistas, todos os dias às mesmas horas.

Misericórdia (Da). Tesouro da Capela de S. João Baptista. — Largo de S. Roque.

Riquíssimo museu de arte italiana, no edificio anexo à Igreja de S. Roque, onde está instalada a Santa Casa da Misericórdia. É muito rico este pequeno museu. Entrada na última quinta-feira de cada mês, preço, \$20 centavos por pessoa; no último domingo de cada mês, às 16 horas e meia, entrada franca, e franco todos os dias aos visitantes estrangeiros ou nacionaes, quando o pedirem. Preço do catálogo, \$50 centavos.

Nacional Agricola. — Tapada da Ajuda.

Nacional de Arte Antiga. — Rua das Janelas Verdes (em frente ao Largo do Chafariz) TELEF. 420.

Importante e numerosa colecção de quadros e desenhos antigos, esculturas, tecidos, mobiliário, ourivesaria, azulejos, etc.

19

DIA A DIA

COISAS NOSSAS...

Toda a gente sabe muito bem que o sr. Cruz Magalhães é um espirito culto e um grande apaixonado pela obra admiravel de Raphael Bordalo Pinheiro, de quem era amigo intimo. Morreu o artista e o sr. Cruz Magalhães, com o mais puro amor e com a mais forte saude, começou a colleccionar tudo quanto o cerebro do incomparavel mestre da caricatura se dispoz a imaginar, tendo, por consequencia um trabalho insano, uma paciencia illimitada e, sobretudo, uma força de vontade estranha, não só para corresponder á dedicação do amigo querido, como tambem, e principalmente, para que o patz não esquecesse nunca aquelle que lhe deu, para honra sua o melhor do seu talento e todo o esforço immenso da sua bella alma d'artista profundamente portuguez.

E o sr. Cruz Magalhães, inclinando com as difficuldades em que se tropeça na nossa terra, quando se trata de uma iniciativa honesta e patriótica, conseguiu, após um labutar inacreditavel, que a Raphael Bordalo Pinheiro se levantasse um monumento, e que a obra do glorioso artista entrasse n'um museu, museu que o sr. Cruz Magalhães organizou com devotado carinho e installou n'um ambiente de arte verdadeiramente consolador. O monumento e museu encontram-se aos olhos do publico, modestamente, no pittoresco Campo Grande.

Ora o sr. Cruz Magalhães entendeu dever offerecer o Museu Bordalo Pinheiro á Camara de Lisboa, mediante certas condições sensatas, que lhe cabem como fundador, e vae d'ahi officiou n'este sentido á «famosa» vereação transacta. Ella, muito preoccupada com as «excellentes» transformações que projectára para «embellezar» a cidade, nem tugiou nem mugiu. E a nova Camara vae pela mesma. Nada de resolver o assumpto.

O que tristemente acabamos de ouvir é que o sr. Cruz Magalhães, com carradas de razão está disposto a pôr em almoeira a obra grandiosa e admiravel de Bordalo, deixando-a no abandono, n'um vulgar leilão, e ao gosto dos curiosos que a vão adquirir aos retalhos, privando-se Lisboa d'uma saudosa e eterna homenagem ao artista genial que tanto a engrandeceu.

E não haverá quem deite mão a este gesto de desalento, que, afinal, tanto se justifica?

Ainda queremos crer que a «anora actual não consentirá que o esplendido museu se apague do rol das mais bellas j. las de pura Arte Nacional.

A. C.

"O JORNAL DO COMERCIO E DAS COLONIAS"

21-6-923.

"Agenda Grandella"
1921.

A' Camara Municipal

Uma vergonha a que
:: é necessario fugir ::

O nosso velho amigo e benemerito fundador do *Museu Raphael Bordalo Pinheiro*, ao qual ha dias alludimos na secção *Dia a Dia*, dirigiu-nos hontem a carta do theor seguinte, para a qual chamamos a attenção dos vereadores da actual Camara Municipal de Lisboa:

... Sr. Director d'O *Jornal do Commercio*:

Mão amiga teve a bondade de me enviar o numero de 21 do corrente, do seu conceituado *Jornal do Commercio e das Colonias*. Agradeço. Não disp'no de elementos para ler todos os jornaes. Quantas referencias ao *Museu Raphael Bordalo Pinheiro*, com desgosto, desconhecerel, como ia desconhecendo aquella?

Sobre essa captivante referencia peço licença para dizer o seguinte: longo seria e fastidioso especificar es innumeros dissabores, que me levaram ao desig'no de leiloar o *Museu Raphael Bordalo Pinheiro*, revertendo todo o producto liquido para qualquer instituição de caridade ou de instrucção, e restituídas previamente aos benevolos doadores todas as ofertas recebidas.

A primeira proposta de doação do Museu, seu edificio, e terrenos anexos, foi entregue á Camara Municipal transacta em Março de 1922. Por Setembro fui informado de que essa proposta se perdera! .. Entreguei outra em Outubro. Estes factos estão inteliramente comprovados. Nunca recebi resposta alguma!!!..

Consta-me que tambem se perdeu ali a segunda offerta de doação! Não farei terceira.

Nada tratarei, seja com quem for, senão no edificio do Museu. Isto de doar á Cidade de Lisboa, representada pelos seus edis, qualquer coisa de alto valor intrinseco e artistico, e ter de andar de chapéu na mão, como um vulgar pedinte, para que lhe acceitem a dadiva, parece de: conchavo de marca, ou idiotice suprema. Basta!

Devo explicar que nunca fui amigo intimo do glorioso artista Raphael Bordalo Pinheiro; admirador devotissimo desde remota infancia, sim; sê-lo-hei enquanto puder apreciar obras bellas, espiritos superiores, portuguezes que dignificaram a Patria.

Agradeço as penhorantes palavras com que o chronista do *Jornal do Commercio* me honrou, e mais ainda os louvores ao Museu Raphael Bordalo Pinheiro, que tão favoravelmente foi acolhido sempre pelo publico e pela Imprensa, e tão desdenhosamente tratado foi pela Camara trasacta.

De V. etc.

Cruz Magalhães.

O sr. Cruz Magalhães tem toda a razão. Não se desdenha uma offerta como a que elle fez á cidade de Lisboa. Mas... a Camara transacta era a Camara transacta...

A acinal parece ser de outra loiça e ter vontade de acertar e de ser util.

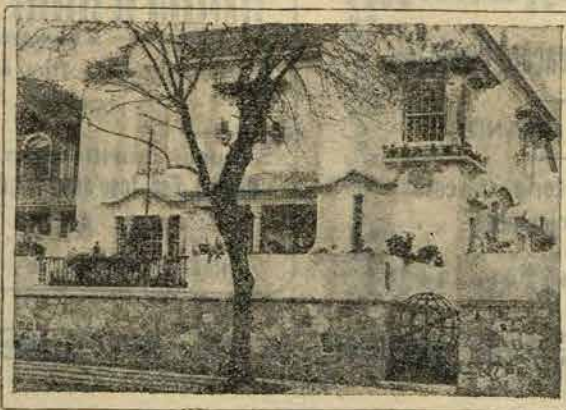
Para o assumpto, pois, chamamos a sua attenção; e fiamos que as preciosidades artisticas do Museu não serão de ser leiloadas.

Seria uma vergonha.

MUSEU BORDALO PINHEIRO

CAMPO GRANDE, 382

Da iniciativa e doação do grande benemerito Ex.^{mo} Sr. Cruz Magalhães que a este interessante Museu tem dedicado o melhor da sua grande alma de artista e poeta, o maior admirador do nosso inolvidavel Bordalo



Este Museu foi p' la primeira vez aberto ao publico no dia 6 de Agosto de 1916. Em 112 domingos foi visitado por 3.687 pessoas pagantes, rendendo 564\$33 centavos, integ'almente recebidos pelas benemeritas instituições: Sociedade da Cruz Vermelha Portuguesa; Cruzada das Mulheres Portuguezas e Azilo de S. João; sendo este ultimo o que actualmente recebe o producto das entradas e das vendas de livros, folhetos, postais, etc.

Tem sido muito visitado por pessoas illustres. Entre os ultimos visitantes contam-se o Ex.^{mo} Sr. Presidente da Republica, D. Antonio José de Almeida; Ministro dos Extrangeiros, Sr. Dr. Xavier da Silva; o da Inst'ucção, Dr. Vasco Borges, e os Srs. Dr. Magalhães Lima, Dr. Domingos Pereira, Dr. Xavier da Costa, D. Sousa Pinto, Raul Brandão, Fidalgo Figueiredo, Lopes de Mendonça, Columbaio Bordalo Pinheiro, Constantino Fernandes, Julio Vaz Junior, Julio Teixeira Bastos, Fernão Boto Machado, Francisco Valença, Dr. Alfredo da Cunha, Sald' a Machado, Chaby Pinheiro, Carlos Santos, etc., e os illust'es extrangeiros: Carmen de Burgos, Dr.^a Paulina Luisi e D. Martins C. nrao del Campo, Duquesa de Porto.

309 Sil Fiebel

tarem este curioso museu.

Arqueológico. Largo do Carmo.

Nas ruínas da igreja gótica do Carmo, que foi destruida pelo terramoto de 1755. Entrada, \$10 centavos. Bilhetes de familia (1 cavalheiro acompanhando até 6 senhoras) \$20 centavos. As crianças até 8 anos gratis. Aberto todos os dias, das 10 ás 16.

Artilharia. — Largo do Museu de Artilharia.

Póde ser visitado todos os dias uteis das 10 ás 15 horas. Ha catálogos, bem como bilhetes postais illustrados com fotografias de todas as diferentes salas do museu.

Bordalo Pinheiro. — Lêr pag. 30.

Colonial e etnografico. — Rua de Eugenio dos Santos.

No edificio da Sociedade de Geografia: entrada franca aos domingos, das 10 ás 16 horas. Para os excursionistas, todos os dias ás mesmas horas.

Misericórdia (Da). Tesouro da Capela de S. João Baptista. — Largo de S. Roque.

Riquíssimo museu de arte italiana, no edificio anexo á Igreja de S. Roque, onde está instalada a Casa da Misericórdia. E' muito rico este pequeno museu. Entrada na ultima quinta-feira de cada mês, preço, \$20 centavos por pessoa; no último domingo de cada mês, ás 16 horas e meia, entrada franca, e franco todos os dias aos visitantes estrangeiros ou nacionaes, quando o pedirem. Preço do catalogo, \$50 centavos.

Nacional Agricola. — Tapada da Aluda.

Nacional de Arte Antiga. — Rua das Janelas Verdes (em frente ao Largo d' Chafaris) TELEF. 420.

Importante e numerosa coleção de quadros e desenhos antigos, esculturas, tecidos, mobiliario, ourivesaria, azulejos, etc.

"O JORNAL DO
COMERCIO E DAS
COLONIAS"

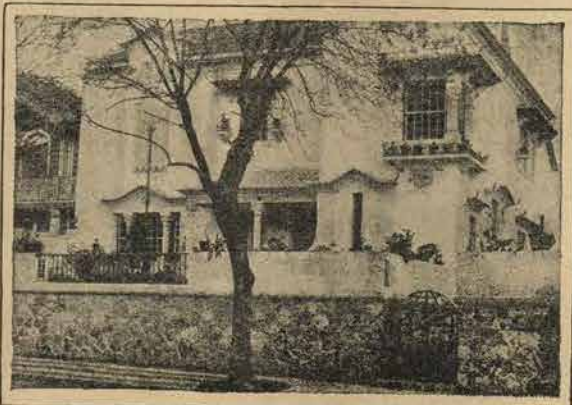
24-6-923.

"Agenda Grand'ella"
1922.

MUSEU BORDALO PINHEIRO

CAMPO GRANDE, 382

Da iniciativa e doação do grande benemerito Ex.^{mo} Sr. Cruz Magalhães que a este interessante Museu tem dedicado o melhor da sua grande alma de artista e poeta, o maior admirador do nosso inolvidavel Bordalo



Este Museu foi pela primeira vez aberto ao publico no dia 6 de Agosto de 1916. Em 177 domingos foi visitado por 7:658 pessoas pagantes, rendendo 1.586\$62 centavos, integralmente recebidos pelas benemeritas instituições: Sociedade da Cruz Vermelha Portuguesa; Cruzada das Mulheres Portuguezas e Azilo de S. João; sendo este ultimo o que actualmente recebe o producto das entradas e das vendas de livros, folhetos, postaes, etc.

Tem sido muito visitado por pessoas illustres. Entre os ultimos visitantes contam-se o Ex.^{mo} Sr. Presidente da Republica, Dr. Antonio José de Almeida e sua Ex.^{ma} esposa; Ministro dos Estrangeiros, Sr. Dr. Xavier da Silva; o da Instrução, Dr. Vasco Borges, e os Srs. Dr. Magalhães Lima, Dr. Domingos Pereira, Dr. Xavier da Costa, Dr. Sousa Pinto, Raul Brandão, Fidelino, Figueiredo, Lopes de Mendonça, Columbano Bordalo Pinheiro, Constantino Fernandes, Julio Vaz Junior, Julio Teixeira Bastos, Fernando Boto Machado, Francisco Valença, Dr. Alfredo da Cunha, Saavedra Machado, Chaby Pinheiro, Carlos Santos, etc., e os illustres estrangeiros D. Carmen de Burgos, Dr.^a Paulina Buisi e D. Martins Conrado del Campo, Gil Fillol.

30

"Agenda Grandella" 1923.

AUGUSTO ROSA

Na sessão da Camara Municipal

O sr. dr. Azevedo Neves depois de ter pronunciado um empolgante discurso propõe que á rua do Arco do Limoeiro seja dado o nome do grande actor

Ontem, em sessão ordinaria, presidida pelo sr. dr. Costa Santos, reuniu se a Camara Municipal de Lisboa.

Antes da ordem da noite, usou da palavra o sr. dr. Azevedo Neves que proferiu um empolgante discurso de homenagem ao grande actor Augusto Rosa, acabando por propôr que seja dado á Rua do Arco do Limoeiro onde viveu e morreu o eminente artista o nome de Rua Augusto Rosa. A proposta baixou á Comissão de Toponymia.

Na impossibilidade de dar na integra a oração proferida pelo sr. dr. Azevedo Neves, reproduzimos as suas principais passagens:

«Houve entre nós um grande actor, que foi no mesmo tempo um grande artista, artista completo, desenhador exímio, cultor e colleccionador apaixonado das artes de desenho, decorador e literato distinto. Ha a acrescentar a estas qualidades excepcionais um outro predicado que o assinalava onde quer que o encontrassem—o da

133
elegancia, da distincão e do primor do trato. Não necessario nomea-lo para que todos o reconheçam: Augusto Rosa. Duma familia de artistas, grande como o pai, grande como o irmão, illustrou e sublimou a arte por elles cultivada.

Augusto Rosa foi um actor completo

Augusto Rosa foi um artista completo:— nenhum pormenor da sua arte lhe escapava, antes, com estudo, todas as minucias rebuscava, fazendo-as valer para que a obra de arte— a interpretação scenica, resultasse perfeita. O gesto, a cor, a mascara, o tom da voz, o vestuario, tudo sabia compôr com o maior requinte. Artista de nascença—nasceu grande actor—não contava do seu maravilhoso talento o que ia passar no tablado, antes esse mesmo talento o guiava no estudo. E assim Augusto Rosa occupou um dos primeiros lugares, entre os maiores artistas da scena mundial.

Em seguida o orador cita cartas de Houguet, de Cuitry, de Erneste Novelli, elogiando o grande actor.

«Desse grande artista—continuou o sr. dr. Azevedo Neves—resta o esplendido quadro de Columbano, o busto maravilhoso de Teixeira Lopes, mas acima de tudo resta o precioso album onde se guardavam fotografias do actor nos seus papeis, album preciosamente conservado em sua casa, e que elle legou á Escola de Arte de Representar.

Esse album perpetua mascaras assombrosas de beleza, mascaras tão perfeitas cujas reproduções levaram o grande anatomista e grande artista Paulo Richer aos maiores elogios. Max Nordau a declarar que nenhum actor reunia um album tão precioso e que se Lemaitre, Kenn, Garrik e outros tivessem feito o mesmo poder-se-ia admirar o que fóra a arte desses grandes actores. Erneste Novelle, exclamou ao ver as reproduções: «Nunca entre nós se perpetuou assim a memoria de um actor». E' que essas fotografias dão uma ideia da interpretação genial do actor.

E' o artista que dá a vida e alma aos papeis

Primeiro entre os primeiros, desapareceu deixando a comovida admiracão no peito de todos e a homenagem da nossa veneracão ao trabalho do artista. E como elle sabia ser artista! E' o artista quem dá a vida e alma aos papeis, e não a indumentaria.

Na casa onde morreu Augusto Rosa ainda perdura a sua memoria. Junto do grande artista viveu uma senhora illustre, sua esposa, a sr.^a D. Leonor de Castro Guedes Rosa, caracter nobilissimo, espirito de uma rara cultura, intelligentissima, e tão dedicada cultora no grande artista como hoje o é á sua memoria. A sr.^a D. Leonor Rosa mantem hoje a casa, onde viveu e morreu seu marido, de tal forma que ao visita-la dir-se-ia estar-se á espera do regresso do grande actor. Tudo ali se conserva no seu lugar permitindo que se estude a vida, as tendencias artisticas, o metodo de trabalho desse illustre actor.

A casa de Augusto Rosa devia pertencer a Portugal, como a de Goethe pertence áAlemanha

Se pudesse o orador formularia o voto de que a casa de Augusto Rosa pertencesse a Lisboa, ao País, como a casa de Goethe pertence á Alemanha. Seria um precioso museu, mas Augusto Rosa determinou em seu testamento que depois do falecimento da sua viuva, se dispersassem por diversos museus as suas collecções, sem que no menos determinasse que numa unica sala se conservassem com o seu nome.

Lisboa bem merecia que no lado do Museu Bordalo Pinheiro figurasse a casa Augusto Rosa, templo de arte e elegancia. Ali se podia estudar o artista em todas as fases do seu trabalho. Era uma lição perene. Ali deveria guardar-se tudo quanto pertenceu ao grande artista.

"DIARIO DE NOTICIAS"

14-11-923.

NOTA - Este recorte de via estar pela 156.



ARQUITECTURA



Dirigida por JORGE SEGURADO

O Campo Grande

CONHEÇO-O desde o meu tempo de miúdo. Meu Avô paterno, o industrial A. Paulino da Silva, alugara ali uma casa para ares de campo a uma filha querida, e eu acompanhei a tia por algumas semanas naquele sítio, «fóra de portas»; tínhamos então uns oito anos, e como nessa idade tudo se fixa na lembrança, tenho a recordação de ser um sítio de arvoredo cerrado.

O que o Campo Grande era então!, todo êle uma magnífica mata com formidáveis árvores de enormes troncos; duas largas valas corriam-lhe aos dois lados a descoberto, e extensos baixos muros o rodeavam, com um ou outro intervalo dando passagem por pequenas pontes para as estradas.

Entre essas grandes árvores, uma delas bem me recorda; era um alto e frondoso pinheiro manso, com uma escada de madeira que se elevava em tórno do tronco quasi vertical, a qual na nasença dos ramos terminava em patamar redondo, onde eu por vezes subia com minha tia, ou com outros pequenos, a brincar com uma balança-zinha com que me brindaram.

As estradas, como agora, seguiam aos lados e vários retiros e hortas faziam as delicias do operariado alfacinha; um então, o «Colete Encarnado», tinha fama com o seu peixe frito e salada de alface, e ali juntava-se multidão em dia de espera de touros.

Ainda me lembra de nesse tempo de... menino e moço assistir a uma delas, creio mesmo que foi a única a que assisti.

Com várias pessoas fui para um dos muros do Campo Grande, sobranceiro ao chafariz do sítio, e vi por entre poeirada, que vinham, do lado do Lumiar, galopando à frente, muitos cavaleiros em bons cavalos e em «pilecas»; eram os «marialvas» e os pretendentes a sê-lo; seguia depois, sempre a nove, o maioral dos campinos à frente do gado bravo, o boi guia, os cabrestos com a inferneira do *ta-lão, ta-lão* dos chocalhos, e a seguir o curro de negros touros, na «ponta da unha», e por último a fila de vistosos campinos de pampinho, barrete preto forrado de encarnado, jaleca, calção, meia e sapato de prateleira; atrás seguiam trens e «tipóias» de todos os feitios, cheios de janotas dos dois sexos, e tudo envolvido numa

poeirada dos demónios, passando rápido, como fita de animatógrafo.

Mais tarde veio o Progresso, que chegou também ao Campo Grande; canalizou e tapou as compridas valas longitudinais; arrasou os murinhos; abateu a machado as grandes árvores, talvez já caducas; alargou o campo; dividiu-o em talhões, plantando-lhes árvores em grupos, pinheiros bravos, plátanos, eucaliptos, palmeiras, entre outras essências; por último abriu um tanque para cisnes e um formidável lago, — êste levou anos a fazer, como é velho costume lisboeta — e êle lá está, com ilhota e ponte à japonesa, ligando-a à *terra firme*, idêntico, aliás, ao do parque das Caldas da Rainha, e também como êste tem canoas para amadores de remos, faltando-lhe só o «almirante», como se vê nas Caldas.

Teve o Campo Grande um fanático na pessoa do seu Administrador, já falecido, que o pôs um brinco, tornando-se por anos o ponto de reunião da sociedade lisbonense, que em cavalos e carruagens passeava as suas extensas e agradáveis alamedas.

Um monumento, aliás pouco duradouro, ficou dessa personagem, o qual é o *Chalet das Canas*, que êle ornamentou com pinturas dos melhores artistas citadinos, pedindo como cego, a cada qual, um quadro pintado... em troncos de árvore de secção transversal!, por sinal que também lá figurei na colecção.

Há poucos anos foi o benemérito sr. Cruz Magalhães que abriu o museu Rafael Bordalo, pacientemente organizado com a quasi totalidade da obra do famoso caricaturista e ceramista português, e hoje ali um busto do artista sobre pedestal valoriza o Campo Grande, ao mesmo tempo que assim se perpetua a memória do criador do *Zé Povinho*.

Naturalmente quando agora visito o velho Campo Grande, mal o reconheço na transformação por que passou, aliás para melhor, — ao contrário do Rossio, que foi para peor, — mas uma recordação antiga nêle ainda para mim prevalece, é o alteroso pinheiro manso, próximo ao jardim, já sem a escadaria de pau em tórno do seu forte tronco, à sombra do qual, quando miúdo, brinquei no miradouro colocado à altura, em que se lhe repartem os ramos da grande e redonda copa.

RIBEIRO CHRISTINO.

"ALMA NOVA" nos 4 a 6 a 8ª serie,
 Dezembro e Março de 1923
 (1922)

DE PORTUGAL

Correspondencias postaes e telegraphicas e toda especie de informações

Rafael Bordallo Pinheiro no Brasil

Lisboa, 28 de março de 1923.

A 21 do corrente mez — março — passou o anniversario da morte do grande artista que se chamou Rafael Bordallo Pinheiro. Commemorando essa data, a Sra. D. Julieta Ferrão, conservadora do Museu Bordallo Pinheiro, realizou uma conferencia acerca do artista, qualificando-a de "Impressões artisticas e notas inéditas".

Tive a honra de ser convidado para

Estas cartas têm algumas informações curiosas sobre o povo brasileiro e informam Rafael Bordallo das vantagens, que podia vir a auferir, aceitando o convite de *O Mosquito*.

"Manoel Rodrigues Carneiro Junior, na sua carta-contrato, explica o motivo do convite fundado na certeza que tinha do seguro exito que Rafael daria a um jornal com seguros elementos de vida, — o caso do *Mosquito*. E explica a saída de Angelo Agostini, motivada no facto de ter mordido o frato prohibido dos trabalhos do governo, phrase que sublinhava,



Bordallo e o seu gate

esse verdadeiro serão de arte, cuja presidencia coube a Magalhães Lima, grande amigo de Rafael Bordallo, e Presidente do grupo "Amigos do Museu", que velou religiosamente pela manutenção e desenvolvimento de um verdadeiro templo, onde se guardam muitas das obras do incomparavel caricaturista e prodigioso ceramista, bem como os documentos respeitantes á sua personalidade.

Secretarios foram o eminente pintor Columbano, irmão de Rafael, e a senhora D. Maria Brito Aranha, filha do celebre continuador da *Diccionario Bibliographica Portuqnez*, de Innocencio.

Conceou a gentil conferente por historiar a fundação do museu e a organização do grupo de amigos que tomou a peito a sua defesa, em uma justa consagração da obra de mestre, a qual possuía o condão de interessar os eruditos, de ser comprehendida pelo povo e de ser admirada por nacionaes e estrangeiros. Depois abalançou-se, com inegavel fortuna, a um desenvolvido estudo critico da caricatura, que ella considera, não como uma forma inferior de arte, subordinada a processos mediocres, insignificantes ou despreziveis. Na caricatura, como ella justamente assignalou, Bordallo foi um verdadeiro mestre; teve espirito, imaginação, fantasia e um extraordinario poder de observação e, a proposito, citou algumas das mais suggestivas e brilhantes paginas do grande humorista.

Depois, proseguindo na sua interessante conferencia, traçou a biographia de Rafael Bordallo, corrigindo inexactidões que correm impressas, recordando a obra do ceramista, as perecias da sua estadia no Brasil, a fundação da fabrica das Cullas da Rainha, e tantos outros episodios da vida do inconfundivel artista.

Para o PAIZ, consegui obter da gentil conferente o excerpto da passagem da sua conferencia — ainda inteiramente inédita — que se refere á estadia de Rafael Bordallo no Rio de Janeiro.

Ella:

"Têm escapado até hoje aos numerosos biographos de Rafael Bordallo as condições em que partiu para o Rio de Janeiro, em 1875, o notavel artista. Sabese simplesmente que elle foi contra-

o que o inutilizara como adversario. Acompanhava esta carta um projecto de contrato, que foi aceite, após leves modificações, sendo a mais importante a do ordenado, que passou de 40 para 50 £. Foi naturalmente recebida com pleno agrado a proposta, pois em 7 de agosto lavrava-se a escriptura no cartorio do tabelião Pedro Ricardo Cosmelli. (*) Julgo não andar muito longe da verdade dizendo que *A Lanterna Magica* deixou de publicar-se pelo envio do convidativo contrato de *O Mosquito*, o qual devia ter chegado a Lisboa por 23 de julho, — o ultimo numero da *Lanterna* é de 31 do mesmo mez. Em 7 de agosto assignaram-se as escripturas, e em 19 embarca Rafael Bordallo no Potosi. Chegado ao Rio de Janeiro foi recebido com todas as honras, pela redacção do *Mosquito* e por varios amigos que o foram buscar a



Bordallo em 1880

larde com musica e varios festejos. Em 23 de setembro, já Rafael Bordallo nos dá, com toda a graça e com toda a elegancia da sua lingua, o seguinte commo-

amigos e mesmo de estranhos decidiram-no a regressar a Portugal.

Estes attentados seriam motivados pela questão do Guarany?

Por qualquer motivo politico, que possa confirmar a declaração que anteriormente transcrevi do proprio artista?

Não se julgue que Rafael Bordallo guardou qualquer mefindre contra os brasileiros; possuidor de uma bondade inata, era sempre com saudade que falava dos seus queridos amigos e companheiros da bella cidade fluminense."

Tal a passagem da conferencia que se me afigurou ser de grande e especial interesse para os innumerados admiradores que Rafael Bordallo Pinheiro conta no Brasil. Copiando-a e transmittindo-a aos leitores do PAIZ, creio prestar-lhes um grande serviço.

E. DE HESSE.

(*) Eis as clausulas do contrato:

PRIMEIRA — "Que o segundo outorgante Rafael Bordallo Pinheiro, embarcará e seguirá viagem a bordo do vapor *Potosi* ou de outro qualquer que o substitua na sua proxima viagem do porto desta cidade para o da cidade do Rio de Janeiro, onde ficará até ao fim de dezembro um periodo de carteruras de propriedade de seu constituinte ou de qualquer sociedade de que elle faça parte, e a cujo trabalho consagrará exclusivamente os dias da quarta, quinta e sexta-feira de cada semana, de forma que a pedra lithographica, esteja prompta sempre ás sextas até ás duas da tarde".

SEGUNDA — "Que pelo respectivo trabalho vencerá o mesmo segundo outorgante o ordenado mensal de cincoenta libras esterlinas, pagavel pontualmente no fim de cada mez ao cambio par, ou nove mil réis, moeda franca por libra."

TERCEIRA — "Que o sobredito vencimento, começará a contar-se para o mesmo segundo outorgante, desde o dia em que elle desembarcar na dita cidade do Rio de Janeiro."

QUARTA — "Que este durará pelo termo de dois annos contados do referido dia, em que o segundo outorgante desembarcar na sobredito cidade do Rio de Janeiro em diante, ficando contudo reservado a seu constituinte o direito de rescisão no caso de que, seis mezes depois do segundo outorgante apresentar os seus trabalhos, aquelle verifique que não pôde sustentar a referida folha pela diminuição da sua receita. Neste caso regressando o segundo outorgante logo para esta cidade, será a respectiva passagem paga á custa do dito seu constituinte, ou da sociedade de que elle fizer parte, assim como tambem ha de ser agora a do porto desta cidade para o da cidade do Rio de Janeiro."

QUINTA — "Que não se verificando a hypothese mencionada na primeira parte da condição precedente, terá o segundo outorgante direito a um interesse de dez por cento sobre os lucros liquidados da folha, verificados por balanço annual além do seu vencimento estipulado na segunda condição. Estes lucros, porém, serão-lhe entregues no fim do contrato."

SEXTA — "Que do segundo outorgante fica permitido o direito de fazer por sua conta illustrações de qualquer genero, excepto trabalhos destinados ás Repartições Publicas ou a personagens officiaes e periodicos."

SEPTIMA — "Que nenhuma das partes poderá rescindir este contrato, salvo a condição quarta. No caso de infracção por parte do segundo outorgante perderá este os interesses de que trata a condição quinta, e se for pela outra parte, pagará esta ao segundo outorgante a quantia de um conto de réis em moeda franca, como pena convencional que fica estabelecida."

OTAVIA — "Que este contrato não poderá ser cedido."

NONA — "Que dado o caso de que o segundo outorgante adoeça, por forma tal que os respectivos facultativos declarem que a sua vida periga com a estada na dita cidade do Rio de Janeiro, neste caso será logo transportado para esta cidade de Lisboa á custa do referido seu constituinte ou da sociedade de que elle fizer parte caducando *ipso facto* esse contrato."

DIZIMA — "Que por conta dos vencimentos do segundo outorgante receberá este, neste acto, a quantia de duzentos e setenta mil réis ou sessenta libras esterlinas que lhe serão descontadas, nos mesmos vencimentos durante o primeiro anno, na razão de cinco libras esterlinas cada mez."

Pelo segundo outorgante Rafael Bordallo Pinheiro foi dito: — "Que aceita esta escriptura debaixo de todas as expressas condições."

Museu Bordallo Pinheiro

Accordaria finalmente, a Camara municipal?

Na sessão de hontem, da Commissão Executiva da Camara Municipal de Lisboa, o vereador do pelouro das bibliothecas e museus, sr. Alexandre Ferreira, apresentou a seguinte proposta:

Tendo o illustre cidadão e benemerito fundador do Museu Raphael Bordallo Pinheiro, sr. Cruz Magalhães, comunicado á Camara Municipal de Lisboa o desejo de doar á cidade de Lisboa a casa onde está instalado o referido Museu, bem como tudo quanto n'elle existe; mas não tendo até hoje a Camara tomado qualquer resolução definitiva sobre o assumpto, apesar das propostas apresentadas em Março de 1922 do sr. dr. Ferreira Vidal e com parecer favoravel da Commissão de Finanças, proponho:

1.º Que esta commissão urgentemente agradeça ao illustre cidadão sr. Cruz Magalhães, a benemerita doação e o felice pela homenagem que tão carinhosamente prestou ao grande artista Raphael Bordallo Pinheiro.

2.º Que os projectos baixem á 4.ª Repartição para serem actualizados os orçamentos.

3.º Que em seguida seja presente á Camara para ser apreciado na proxima sessão ordinaria.

O sr. Alexandre Ferreira n'um longo discurso enaltece a obra de Bordallo Pinheiro, e diz que o Museu representava um importante manancial de estudo. Elogia tambem o gesto do distincto escriptor e poeta sr. Cruz Magalhães, offerecendo á cidade de Lisboa o Museu. Depois de lamentar que tivesse desaparecido (!) a proposta inicial da doação do Museu e o mesmo tivesse succedido á segunda e á terceira propostas (!!!) que o sr. Cruz Magalhães fizera a instancias de amigos, faz votos que a nova proposta, a quarta, apresentada; devido aos esforços d'elle orador do sr. Raul Caldeira e outros amigos, pois o doador se encontrava justamente melindrado com o facto de nunca se ter tomado qualquer deliberação sobre o assumpto, depois de votada siga os tramites rapidamente.

A proposta do sr. Alexandre Ferreira foi aprovada por unanimidade depois de sobre ella usarem da palavra os srs. dr. Barbosa Soeiro, dr. Alfredo Guizado que tem palavras de elogio para o sr. Cruz Magalhães e se referiu á obra genial do distincto artista Bordallo Pinheiro.

Fazemos sinceros votos porque á quarta proposta de doação do sr. Cruz Magalhães, não aconteça o mesmo que succedeu ás tres anteriores, e porque a Camara accorde finalmente do seu somno de tantos mezes sobre assumpto tão importante.

O sr. Cruz Magalhães tinha e tem toda a razão para estar melindrado, pelo inqualificavel procedimento havido para com elle.

A ver vamos se o sr. Alexandre Ferreira se resolve a fazer de policia junto d'essa quarta proposta, afim de que ella não fuja como as outras...

MUSEU BORDALO PINHEIRO

A sua doação á Camara Municipal de Lisboa

Ontem, na sessão da Camara Municipal, o sr. Alexandre Ferreira apresentou a seguinte proposta:

Tendo o illustre cidadão e benemerito fundador do Museu Raphael Bordallo Pinheiro, sr. Cruz Magalhães, comunicado á Camara Municipal de Lisboa o desejo de doar á cidade de Lisboa a casa onde está instalado o referido Museu, bem como tudo quanto nele existe;

Mas, não tendo até hoje a Camara tomado qualquer resolução definitiva sobre o assumpto, apesar das propostas apresentadas em março de 1922 pelo sr. dr. Alberto Ferreira Vidal e com parecer favoravel da Commissão de Finanças; Proponho: 1.º Que esta commissão urgentemente agradeça ao illustre cidadão sr. Cruz Magalhães, pela benemerita doação e o felice pela homenagem que ele tão carinhosamente prestou ao grande artista Raphael Bordallo Pinheiro; 2.º Que os projectos baixem á 4.ª Repartição para serem actualizados os orçamentos; 3.º Que em seguida seja presente á Camara para ser apreciado na proxima sessão ordinaria.

O sr. Alexandre Ferreira, num longo discurso, enalteceu a obra de Bordallo Pinheiro e disse que o Museu representava um importante manancial de estudo sobre a politica, durante 50 anos, no nosso pais. Elogiou tambem o gesto do sr. Cruz Magalhães, lamentando que tivesse desaparecido a proposta inicial de doação do Museu e o mesmo tivesse succedido á segunda e á terceira propostas que o referido benemerito apresentára, a instancias de amigos seus.

Como o sr. Cruz Magalhães se encontra melindrado com o facto de nunca se ter tomado qualquer deliberação sobre o assumpto, o orador faz votos porque desta vez a Camara dê o devido andamento á sua valiosa oferta.

A proposta do sr. Alexandre Ferreira foi aprovada por unanimidade, depois de sobre ella usarem da palavra os srs. drs. Barbosa Soeiro e Alfredo Guizado, que tiveram palavras de elogio para o sr. Cruz Magalhães e se referiram á obra genial do distincto artista Bordallo Pinheiro.

"DIARIO DE NOTICIAS" 11-10-923.

A sessão de hontem da commissão executiva da Camara Municipal de Lisboa presidiu o sr. dr. Marques da Costa. Foi apresentada pelo sr. Alexandre Ferreira a seguinte proposta referente ao Museu Bordallo Pinheiro:

Tendo o illustre cidadão e benemerito fundador do Museu Raphael Bordallo Pinheiro, sr. Cruz Magalhães, comunicado á Camara Municipal de Lisboa o desejo de doar á cidade de Lisboa a casa onde está instalado o referido Museu, bem como tudo quanto n'elle existe;

Proponho: 1.º que esta commissão urgentemente agradeça ao illustre cidadão sr. Cruz de Magalhães, a benemerita doação e o felice pela homenagem que elle tão carinhosamente prestou ao grande artista Raphael Bordallo Pinheiro; 2.º que os projectos baixem á 4.ª repartição para serem actualizados os orçamentos; 3.º que em seguida sejam presentes á Camara, para serem apreciados na proxima sessão ordinaria.

O sr. Alexandre Ferreira inalteceu a obra de Bordallo Pinheiro, dizendo que o Museu representava um importante manancial de estudo sobre a politica durante 50 anos no nosso pais. Elogiou o gesto do sr. Cruz de Magalhães, offerecendo á cidade o Museu e lamentando que tres propostas n'esse sentido tivessem desaparecido.

A proposta do sr. Alexandre Ferreira foi aprovada, por una imidade, depois de sobre ella usarem da palavra os srs. dr. Barbosa Soeiro e dr. Alfredo Guizado, que teve palavras de elogio para o sr. Cruz de Magalhães e se referiu á obra genial do distincto artista Bordallo Pinheiro.

O sr. Cruz Magalhães tinha e tem toda a razão para estar melindrado, pelo inqualificavel procedimento havido para com elle.

A ver vamos se o sr. Alexandre Ferreira se resolve a fazer de policia junto d'essa quarta proposta, afim de que ella não fuja como as outras...

"O SECULO"

11-10-923.

Camara Municipal

A doação do Museu Bordallo Pinheiro á cidade de Lisboa

Na reunião de ontem da commissão executiva da Camara Municipal de Lisboa, o sr. Alexandre Ferreira apresentou a seguinte proposta:

Tendo o illustre cidadão e benemerito fundador do Museu Raphael Bordallo Pinheiro, sr. Cruz de Magalhães, comunicado á Camara Municipal de Lisboa o desejo de doar á cidade de Lisboa a casa onde está instalado o referido Museu, bem como tudo quanto nele existe; mas, não tendo, até hoje, a Camara tomado qualquer resolução definitiva sobre o assumpto, apesar das propostas apresentadas em Março de 1922 pelo sr. dr. Alberto Ferreira Vidal e com parecer favoravel da commissão de finanças; proponho que esta commissão urgentemente agradeça ao illustre cidadão sr. Cruz de Magalhães pela benemerita doação e o felice pela homenagem que tão carinhosamente prestou ao grande artista Raphael Bordallo Pinheiro; que os projectos baixem á 4.ª repartição para serem actualizados os orçamentos; que em seguida seja presente á Camara para ser apreciado na proxima sessão ordinaria.

O sr. Alexandre Ferreira, num longo discurso, enalteceu a seguir a obra de Bordallo Pinheiro, dizendo que o Museu representava um importante manancial de estudo sobre a politica, durante 50 anos, do nosso pais. Depois de lamentar que tivesse desaparecido a proposta official de doação do Museu e o mesmo tivesse succedido á segunda e á terceira propostas que o sr. Cruz de Magalhães fizera a instancias de amigos, faz votos para que a nova proposta, a quarta apresentada devido aos esforços dele, orador, do sr. Raul Caldeira e outros amigos, pois o doador se encontrava melindrado com o facto de nunca se ter tomado qualquer resolução sobre o assumpto, depois de votada, siga os seus tramites rapidamente. A proposta do sr. Alexandre Ferreira foi aprovada por unanimidade, depois de sobre ella usarem da palavra os srs. drs. Barbosa Soeiro e Alfredo Guizado, que tiveram palavras de elogio para o sr. Cruz de Magalhães.

Por proposta do sr. dr. Guizado resolveu se officiar ao governador civil, no sentido dos cadáveres que tenham de sair da capital e sejam depositados, por motivo de força maior, nos cemiterios de Lisboa, venham acompanhados com o respectivo alvará, permitindo a sua saída em qualquer hora sem necessidade de um novo alvará. Esta proposta foi aprovada por unanimidade. O sr. Alexandre Ferreira propoz que a 4.ª repartição prossiga na construção do novo edificio destinado á instalação da Bibliotheca Popular do 4.º Bairro em Campo de Ourique, sendo aprovado, e deliberou-se elevar a 5.000\$00 a verba com que a Camara custeara as despesas feitas pela commissão official de festejos comemorativos do aniversario da Republica. Foi depois lido um requerimento do sr. capitão José Marcelino, instrutor geral do Corpo de Bombeiros Municipais, pedindo a demissão deste cargo, com a alegação de que a corporação dos bombeiros era militarizada em face do regulamento em vigor e ter sido nomeado 2.º comandante um official do exercito com a gradação de tenente, em effectivo serviço, quando os instrutores da corporação eram capitães tambem na effectividade de serviço. O sr. Raul Caldeira declarou deverem ser respeitados os melindres do sr. capitão Marcelino, se bem que entendia que elles não eram justificados, porque a corporação dos bombeiros era civil.

CAMARA MUNICIPAL

Museu Bordallo Pinheiro

A commissão executiva ontem reunida, deliberou agradecer ao sr. Cruz Magalhães a doação á cidade da casa onde está instalado o Museu Bordallo Pinheiro, fundado por aquele senhor, e que os respectivos projectos baixem á 4.ª repartição para se actualizarem os orçamentos a fim de serem apreciados na proxima sessão ordinaria.

"O MUNDO" 11-10-923.

"O JORNAL DO COMERCIO E DAS COLONIAS" 11-10-923.

"A BATALHA" 11-10-923.

Rafael Bordalo

e a sua obra
estão votados ao desprezo
pela Camara Municipal



Rafael Bordalo Pinheiro

Uma senhora que é, além duma medica distinta, um culto e delicado espirito de artista, contou-nos um caso que a nossa edilidade tem de resolver dentro de breves dias:

Trata-se de aceitar a doação do Museu Bordalo Pinheiro, resolução que ha três anos vem sendo protelada verginhosamente e esteve em serio risco de chegar demasiadamente tarde...

Embora pareça estranho, é, contudo, uma triste realidade:—Apesar do ruido por vezes estabelecido á volta do Museu Bordalo, e da propaganda que dele tem feito a Liga dos seus amigos, é muito pouco conhecido do publico.

E, no entanto, bem digno é de todas as atenções, além doutros, por dois motivos: o seu incalculavel valor artistico e as inegaveis provas de desinteresse e de admiração fervorosa e inteligente que dão, a dentro dele, duas creaturas que á consagração do genio que foi Rafael Bordalo, têm dedicado o seu melhor esforço: Cruz Magalhães e D. Julieta Ferrão.

Nada mais proprio para fazer conhecer um artista e a sua epoca que um museu onde se encontre desde o mais pequeno esboço até aos trabalhos maximos que consagraram o seu nome. Foi esse quasi milagre que Cruz Magalhães conseguiu, colleccionando, durante mais de vinte anos, a obra grafica de Rafael Bordalo Pinheiro, que se pode admirar, na sua quasi totalidade, reunida, na linda casa do Campo Grande, onde o poeta mora.

Ali, num scenario tipicamente nacional, venera-se um dos artistas mais retintamente portugueses, o creador—pode dizer-se—da caricatura em Portugal, o educador do bom gosto, o homem que, numa rajada de arte, transformou a velha e deselegante olaria caldense numa ceramica artistica, espirituosa, cheia de encanto.

Não nos propomos fazer aqui um estudo mesmo succinto do artista e da sua obra. A sua consagração está de ha muito feita. Mas é necessario que as gerações vindouras encontrem, não sómente a fama, mas as provas reais, indiscutíveis, de que essa consagração foi a consequencia logica, insofismavel, do mais alto valor. E essas provas, as mais preciosas estão encerradas no Museu Bordalo, primeiro e unico que possuímos no genero.

O museu Bordalo compõe-se de 8 salas, três repletas de originaes, quatro de reproduções e outra de homenagens e recordações.

—Ao atravessá-las,—escrevia ha dias um fervoroso admirador de Bordalo—sentimo-nos arrebatados e surpreendidos pela colossal obra reunida, e sem sabermos que mais admirar: se o fertilissimo labor produzido por um artista, se a reunião de tantas maravilhas, esforço extraordinario dum só homem que, não se poupando a largas despesas, levou a cabo tão arrojado empreendimento.—

Realmente, são admiraveis o culto fervoroso que o poeta Cruz Magalhães dedica ao Mestre, e a felicidade e a intelligencia com que tem homenageado a memoria e o talento de Bordalo. E isto anos e anos, tendo começado como simples recreio de homem cultissimo, para acabar em admiração tocando as raias do fanatismo.

Ao lado de Cruz Magalhães, tendo aprendido rapidamente a admirar o grande artista, empresta ao enternecedor culto da Beleza e da Arte, personificadas em Bordalo, todo o fogo do seu juvenil entusiasmo e do seu ponderado labor a senhora D. Julieta Ferrão.

Nada mais curioso do que ver o espirito dessa senhora profundamente artista—escultora, escritora, virtuose,—prender-se, arrebatando-se na contemplação dos trabalhos de Rafael, e dedicar-se a eles com entusiasmo, estudando-os, fazendo-lhes realçar todas as belezas, obrigando todos os que a ouvem ou a leem a amar o Mestre em cuja obra a sua sensibilidade feminina que a caricatura não irritou, vê a arte atingindo as culminancias do genio.

E, pois, da aceitação desta esplendida oferta que a nova Camara Municipal vae tratar por estes dias. E é de esperar que a resolução seja rapida, para não termos de acusar esta vereação do desleixo que foi a mais accentuada caracteristica da que a procedeu.

A oferta

do museu
Rafael Bordalo
á Camara Municipal
vai ser aceite?

D. Julieta Ferrão recebe-nos no seu «atelier» do Campo Grande. Por toda a parte originis e reproduções de Rafael Bordalo. Um violino, livros de arte, «maquetes» reveladoras dum grande ideal artistico e duma grande insatisfação:

—Conhecemos a sua grande admiração por Rafael e pela sua obra...

—Um caricaturista da envergadura de Bordalo é «uma artista» na aceção mais ampla e nobre da palavra. Nada lhe falta para que essa admiração se justifique. Conhecimento profundo do desenho, das proporções, qualidades especiais de inspiração, de observação, de chiste... A caricatura não é, como muitos julgam, uma habilidade mais ou menos curiosa, mas, quando perfeita, como em Rafael, uma revelação de Arte. Se me atraem todas as manifestações artisticas, que admira que eu aprecie Rafael, tendo de mais a mais sempre debaixo dos olhos grande parte da sua obra colossal?

—Como nasceu a ideia do Museu?

—Duma remota conversa entre dois grandes admiradores de Bordalo: Cruz Magalhães e Galado Nunes, poeta ilustre. Cruz Magalhães, a principio colleccionou a obra de Rafael, como distracção espirital. Depois, foi-se entusiasmando e fez da sua admiração um apostofado chio de fé, de entusiasmo, de amor... Durante muito tempo, trabalhou pertinazmente no Museu. Depois...

—Depois...

—Vieram os desgostos. Alguns possuidores de obras de Rafael, não querendo desfazer-se delas, consentiram na reprodução, por fotografia, ou por copia. E' claro que tudo entrava, na febrida do Campo Grande com o maximo cuidado, e de lá saia nas mesmas condições. Isso não obsteu a que varias peçoes espalhassem que, no Museu, se trocavam os originaes pelas copias... Que andava roubando esses originaes, para que a doação da Camara fosse mais valiosa...

—Mas a caravana passou. E' o que é preciso...

—Fômos convidados a tomar parte na Exposição do Rio Para já mandámos trabalhos. Mas só expuzemos o que muito bem quizemos. Retiraram o que era propriamente a exposição do Museu e só mostraram ao publico alguns desenhos do Mestre.

—E' muito visitado o Museu?

—Desde a sua abertura, em Agosto de 1916, teve 7.948 visitantes que deram um rendimento de 1.685\$23. Verba integralmente repartida pela Cruz Vermelha e pelo Asilo de S. João.

—A Camara Municipal vai occupar-se já da oferta do Museu...

—Não sei. Está tratando do assunto o Vereador sr. Alexandre Ferreira, trabalhador incansavel, que pelo Museu tem o maximo interesse. E', pois, possivel que tudo se resolva dentro de poucos dias...

◆◆◆◆◆

"DIARIO DE LISBOA"

19-11-923.

"DIARIO DE LISBOA"

25-10-923.

Museu Rafael Bordalo

Acêrca da entrevista que ha cias publicamos com a sr. D. Julieta Ferrão, pedemnos esta senhora que accentuamos que o Museu Rafael Bordalo esteve aberto desde Agosto de 1916, até ha anno e meio, todos os domingos (com excepção daqueles em que houve greves, perturbações, etc.), num total de 183 dias. O numero de visitantes foi de 7.948 que deram um rendimento de 1.685\$22, quantia distribuida integralmente pela Cruz Vermelha e pelo Asilo de S. oão.

"Diario de Lisboa"

22-11-923.

O contrato com a Companhia das Aguas

Na ordem da noite, foi apresentado o processo sobre o officio do Ministerio do Comercio, acêrca da transferencia para a Camara do contrato entre o Estado e a Companhia das Aguas. Por proposta do sr. dr. Marquez da Costa, foi resolvido que a Comissao Executiva agregasse os vereadores que julgasse necessarios e as entidades convenientes para, rapidamente, se estudar o assunto. Por ultimo, discutiu-se a doação, pelo sr. Cruz Magalhães, do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, ficando aprovado um voto de louvor áquele illustre homem de letras, que se aceite a doação, mas que se procure obter modificações em certas clausulas do acôrdo.

"DIARIO DE NOTICIAS"

22-11-923

Entrou, em seguida, em discussao o processo respeitante a doação que o sr. Cruz Magalhães se propuzera fazer ao Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

Falaram sobre o assunto os srs. Alexandre Pereira e Nunes Loureiro, tendo-se deliberado, por unanimidade, endereçar um voto de louvor ao sr. Cruz Magalhães, e aprovar, na generalidade, a doação, e que a comissao executiva se entendesse com aquillo senhor sobre a modificação de algumas das clausulas com que é feita, vindo, depois, os trabalhos realisesados a Camara para a votação na especialidade.

"O SECULO"

23-11-923.

Na ordem da noite foi apresentado o processo referente á transferencia para a Camara do contrato entre o Estado e a Companhia das Aguas. O sr. dr. Marquez da Costa propoz que a comissao executiva agregue a si os vereadores e entidades necessarias para que o assunto seja estudado rapidamente, o que é aprovado por unanimidade. Por fim, trata-se da doação á Camara do Museu Bordalo Pinheiro, sendo proposto um voto de honra ao sr. Cruz Magalhães e aprovada na generalidade a doação. Resolve-se que a comissao executiva se entenda de novo com o sr. Cruz Magalhães.

"O MUNDO" 23-11-923.

MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Reune-se extraordinariamente no proximo domingo o grupo de Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, para apreciar a questao da oferta daquelle interessante e valioso museu ao municipio de Lisboa, e resolver sobre outros assuntos importantes. Na mesma reunião deve ser apreciada a maneira como os dirigentes da representação de Portugal na exposicao do Rio de Janeiro ali collocaram os quadros enviados pelo Museu Bordalo, aliás enviados a convite do Commissariado.

"DIARIO DE NOTICIAS"

6-12-923.

"O inverosimil.,

Conferencia prohibida

Cruz Magalhães, distinto poeta e escriptor, e grande amigo do obra de Rafael Bordalo, acaba de editar sob o titulo de «O inverosimil.»—conferencia prohibida—uma interessante brochura de critica mordaz onde são apontados os costumes e onte a Camara de Lisboa, pela sua veracão cessante, o objecto dos mais causticantes comentarios.

Como amostra destacamos do livro em referencia os periodos seguintes:

«Aprezaram os timo-os edis (famosos de triste fama), que deixaram saldo: Mera hipotese. Mesmo que o deixassem, que favor teriam feito? Se todos houvessem cumprido do seu mandato, se todos os melhoramentos publicos estivessem concluidos, se tivessem ao menos deixado as ruas calcetadas... Assim, o saldo, se o houvesse, e por maior que fosse, representava, em ultima analise, um tremendo deficit». Saldo deixaram-no de funcionarios, principalmente admitidos num escandaloso «testamento», que devia ser anulado.»

Cruz Magalhães no livro em referencia usa o pseudonimo de Lord Pechincha de Nadavale. A edição é da tipografia Minerva, Famação.

"JORNAL DE

NOTICIAS" PORTO.

13-12-923.

MUSEU RAFAEL LORDA O PINHEIRO

Presidido pelo sr. Pedro Batista Ribeiro reuniu-se o grupo de Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro tomando conhecimento de que, tendo sido convidado o Museu a expôr na exposicao do Rio de Janeiro, para ali mandou alguns quadros com trabalhos iconograficos do notavel caricaturista Rafael, os quais deveriam rodear um outro quadro com fotografias do Museu, para assim se justificar o aparecimento, naquele certame, de trabalhos de um artista falecido. Aconteceu, porém, que o principal quadro não figurou na exposicao, apparendo trabalhos de Rafael Bordalo sem qualquer indicacão. Resolveu-se lamentar o facto, e enviar esforços para que todos os quadros sejam devolvidos ao Museu.

Depois, foi apreciada a attitude das vereações—transactas e actual—do municipio de Lisbon com respeito á doação do Museu á Camara, sendo tomadas deliberacões de caracter reservado. Para tratar dêsse assunto, o grupo volta a reunir-se no dia 6 de Janeiro.

Foi exarado na acta um voto de sentimento pela morte do consocio Jeronimo Silva que legou ao Museu uma linda jarra, exemplar unico. Tambem a sr. D. Julieta Ferrão ofereceu ao Museu um bule muito curioso, trabalho de Rafael Bordalo.

"DIARIO DE

NOTICIAS"

15-12-923.

BIBLIOGRAPHIA

O Inverosimil

Conferencia prohibida

por lord PECHINCHAS DE NADAVALE

O titulo do opusculo encobre uma acerada critica, feita com a velha graça portugueza.

Lord Pechincha de Nadavale é, evidentemente, o pseudonimo de um homem de culto e fino espirito que sabe brandir a satyra com maestria e que tem a consciencia do proprio valor.

A face de numerosos factos da vida social, o auctor encontra largo pasto para a sua critica do inverosimil, que vem a ser uma série de ridiculos e anomalias, qual d'ellas mais flagrante.

A educacão nos asylos, a accão da justica, o procedimento inqualificavel da camara municipal de Lisboa para com o benemerito fundador do Museu Bordalo Pinheiro, na capital: o malfadado monumen-

to ao marquez de Pombal, em Lisboa; diversas obras da mesma cidade; os maus tratos aos animaes, em plena rua — de tudo isso se occupa a 1.ª parte do opusculo.

N'outra parte, occupa-se do contrato entre a Camara de Lisboa e a Sociedade Financeira, Limitada.

Diversos aspectos de Lisboa são ainda encarados sob o fino proposito de pôr em evidencia o inverosimil.

Trata-se, como se vê, de uma publicacão cheia de critica mordaz, mas cheia de boa graça.

"O COMERCIO

DO PORTO" PORTO.

20-12-923.

O Museu Rafael Bordalo

Uma justa homenagem a Cruz Magalhães

A Camara Municipal de Lisboa aprovou hontem as clausulas da doação que lhe foi feita do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, tendo os maiores e mais justos elogios ao seu doador, sr. Cruz Magalhães. A proposito, foram aprovadas ainda mais duas propostas: uma do sr. Soares das Neves, para que na ata se exarasse um



Cruz Magalhães

voto de louvor aos amigos do aludido Museu; e outra, do sr. dr. Azevedo Neves, para que, no dia da posse, seja collocada no mesmo uma lapide, na qual se registre que a esplendida realisacão de arte se deve á diligencia, á boa vontade, á intelligencia, ao patriotismo e á dedicacão do sr. Cruz Magalhães.

"O SECULO"

24-12-923.

Museu Rafael Bordalo

Em seguida foram aprovadas as clausulas de doação á Camara Municipal, do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, feita pelo escriptor sr. Cruz Magalhães, ao qual foram feitos os maiores elogios. Foram tambem aprovadas uma proposta do sr. Soares das Neves para que, na acta, fosse exarado um voto de louvor aos amigos daquelle Museu, e outra do sr. dr. Azevedo Neves para que, na occasião da posse do Museu, seja collocada uma lapide, registando que ele era devido á diligencia, boa vontade, intelligencia, patriotismo e dedicacão do sr. Cruz Magalhães.

Foram depois votados o 5.º orçamento suplementar ao ordinario de Receita e Despesa da gerencia do actual ano, e a parte referente á receita do Orçamento Ordinario para 1924, com algumas pequenas alteracões.

"DIARIO DE

NOTICIAS"

24-12-923.

CAMARA MUNICIPAL

Discutiu ontem o orçamento geral respeitante a despesas

Sob a presidência do sr. dr. Daniel Rodrigues, reuniu-se ontem, em sessão extraordinária, a vereação da Camara Municipal de Lisboa.

Foi largamente discutida na especialidade a parte do orçamento geral da Camara respeitante a despesas, sendo por fim aprovada com varias modificações, entre ellas o aumento de 20 para 48 contos de subsidio para a Albergaria de Lisboa, de 18 para 24 contos do destinado ao Jardim Zoologico; a inclusão da verba de 18 contos para criação de postos anti-sifiliticos e a elevação a 30 contos da verba para aquisição de obras de arte e a 50 contos da destinada a festas e recepções. Tambem foi inscrita no orçamento a verba de 125 contos para a construção de uma habitação anexa ao edificio onde está instalado o Museu Bordalo Pinheiro, para residência do respectivo conservador e para transformação do rés-do-chão do referido edificio.

"O SECULO"

30-12-23.

1924.

Camara Municipal de Lisboa

Aprovação de verbas varias

A Camara Municipal, em reunião extraordinaria desta noite, aprovou a parte do orçamento geral respeitante a despesas com o aumento de 72 contos para subsidio, a varios institutos de caridade, de 30 para aquisição de obras de arte, 50 para festas e recepções, e a verba nova de 125 contos para a construção da residência do conservador do Museu Bordalo Pinheiro e obras do mesmo.

Foi tambem aprovado representar ao parlamento no sentido de se eliminar do orçamento as verbas re'ativas a serviços geraes a cargo da Camara, por se tratar de serviços que pertencem ao Estado.

"O PRIMEIRO DE JANEIRO"

11/1/24.

CAMARA MUNICIPAL

Resolve aceitar a doação do Museu Bordalo Pinheiro

Sob a presidência do sr. Lima Basto, reuniu-se ontem, em sessão ordinaria, a Comissão Executiva da Camara Municipal de Lisboa.

O sr. Alexandre Ferreira comunicou que o illustre escritor sr. Cruz Magalhães desejava legar á Camara 100 acções do Banco Lisboa & Açores, como homenagem áquele corpo administrativo pela forma como tratara o caso da doação do museu Bordalo Pinheiro, propondo por isso, sendo aprovado por unanimidade, que a Camara aceitasse a doação das referidas acções, nas condições que o legatario estipulava.

"DIARIO DE NOTICIAS"

10/1/24.

Museu Bordalo Pinheiro

O escritor e critico de arte sr. Cruz Magalhães, que recentemente doou á Camara Municipal de Lisboa o Museu Bordalo Pinheiro, ofereceu agora á municipalidade, como complemento da primeira doação, 100 acções do Banco Lisboa & Açores.

Por proposta do vereador sr. Alexandre Ferreira, unanimemente aprovada na reunião de hontem da Comissão Executiva da Camara, resolveu esta aceitar, com os devidos agradecimentos, a importante oferta.

"O SECULO"

Na sessão

Vida Artística.

10/1/24.

Museu Bordalo Pinheiro Nova offerta á Camara Municipal

Na sessão de hontem, da Comissão Executiva da Camara Municipal de Lisboa, o vereador sr. Alexandre Ferreira participou e submetten á apreciação da Comissão, a offerta que muito expontaneamente, e como complemento da sua Secção do Museu Bordalo Pinheiro, o illustre escriptor sr. Cruz Magalhães, pretende fazer á Camara Municipal de Lisboa, como homenagem a este corpo administrativo pela forma como tratara o caso de doação ao referido Museu, de 100 acções do Banco Lisboa & Açores, das quaes será usufructuario emquanto vivo for, com a condição unica do fiel cumprimento das condições approvadas n'uma das ultimas sessões plenarias, com respeito á alludida doação, e muito especialmente as respeitantes a prazos, os quaes não podiam ser ultrapassados sob pena de caducidade d'este novo direito a conceder á Camara. Congratulou-se o sr. Alexandre Ferreira por mais este acto de generosidade e altruismo do sr. Cruz Magalhães e propõe que a Comissão Executiva resolvesse aceitar nas mencionadas condições a doação das 100 acções e bem assim agradecer aquella importantissima offerta, que tão preciosa viria a ser para a futura conservação do Museu Bordalo Pinheiro.

Esta proposta foi approvada por unanimidade.

"O JORNAL DO COMERCIO E DAS COLONIAS"

10/1/24.

Museu Bordalo Pinheiro

Na reunião de hontem, da Comissão Executiva da Camara Municipal de Lisboa foram aprovadas as alterações a introduzir no projeto que acompanhou a doação — feita pelo illustre critico de arte sr. Cruz Magalhães — do Museu Bordalo Pinheiro, instalado n'um predio do Campo Grande. Para execução d'essas alterações foi tambem aprovada a verba de 98.250\$00.

"O SECULO"

Na sessão

Vida Artística

11/1/24.

Rafael Bordalo Pinheiro

Ha dezolto anos que faleceu o glorioso artista da arte ceramica e da caricatura. Consoante determina o seu estatuto o grupo Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro vae amanhã 23, pelas 11 horas, em romagem ao jazigo onde repousam os restos mortaes do notavel artista. O ponto de reunião é a porta do cemiterio dos Prazeres.

"O SECULO" 23/1/24

Rafael Bordalo Pinheiro

Homenagem á sua memoria

Promovida pelo Grupo Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, constituido pelos srs. dr. Magalhães Lima, D. Elena Bordalo Pinheiro, D. Julieta Ferrão, Domingos Leite Pereira, Licinio Perdigo, Fernão Boto Machada, Pedro Baptista Ribeiro, dr. Manuel de Sousa Pinto, dr. Xavier da Costa, Francisco Valença e Alvaro Neves, realisa-se hoje, pelas 11 horas, uma romagem ao jazigo onde repousam os restos mortais do genial caricaturista e ceramista Rafael Bordalo Pinheiro.

Nas salas do Museu, organizado pelo sr. Cruz Magalhães, — no Campo Grande, 382, — tambem se efectua ás 15 horas uma sessão solene comemorativa do 16.º aniversario da sua morte. Neste acto devem usar da palavra o sr. dr. Magalhães Lima e Xavier da Costa, recitando uma poesia a sr.ª D. Julieta Ferrão.

"O JORNAL" 23/1/24.

Rafael Bordalo Pinheiro

Sob a presidência do sr. dr. Magalhães Lima, realizou-se, ontem, numa das salas do Museu Bordalo Pinheiro, ao Campo Grande, uma sessão solene comemorando o 16.º aniversario do falecimento daquele artista.

O sr. dr. Magalhães Lima começa por dirigir as suas calorosas saudações ao presidente daquela colectividade, sr. Cruz Magalhães. Em seguida, descreve com palavras repassadas de saudade e carinho, o que foi a obra de Bordalo Pinheiro, como caricaturista e ceramista.

O sr. dr. Xavier Costa fez uma eloquente descrição de todas as obras de Rafael Bordalo Pinheiro, lembrando, a certa altura do seu discurso, a conveniencia de se fazerem conferencias sobre as obras do grande artista.

No final da sessão, a sr.ª D. Julieta Ferrão recitou uma interessante poesia do conde de Monsarraz.

Assistiu á sessão a familia de Bordalo Pinheiro.

A IMPRENSA NOVA 24/1/24

Rafael Bordalo Pinheiro

Reuniram os Amigos-Defensores do Museu

Presidido pelo sr. Pedro Batista Ribeiro reuniu o Grupo de Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, tomando conhecimento de que tendo sido convidado o Museu a expor na Exposição do Rio de Janeiro, para ali mandou alguns quadros com trabalhos eonograficos do notavel caricaturista Rafael, os quaes deveriam rodear um outro quadro com fotografias do Museu, para assim se justificar o aparecimento n'aquelle certamen, de trabalhos d'um artista falecido. Aconteceu, porém, que o principal quadro não figurou na exposição, aparecendo trabalhos de Rafael Bordalo sem qualquer indicação. Resolveu-se lamentar o facto e enviar esforços para que todos os quadros sejam devolvidos ao Museu.

Depois foi apreciada a attitude das vereações — transata e actual — do Município de Lisboa, com respeito á doação do Museu á Camara, sendo tomadas deliberações de caracter reservado. Para tratar d'este assunto o grupo volta a reunir no dia 6 de janeiro.

Foi exarado na ata um voto de sentimento pela morte do consocio Jeronimo Silva, que legou ao Museu uma linda jarra, exemplar unico. Tambem a sr.ª D. Julieta Ferrão ofereceu ao Museu um bule muito curioso, trabalho de Rafael Bordalo.

O MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Cuja doação á cidade, por parte do seu organisador, acaba de ser accita pela Camara Municipal de Lisboa



*Cruz Magalhães
Organizador e doador do Museu*



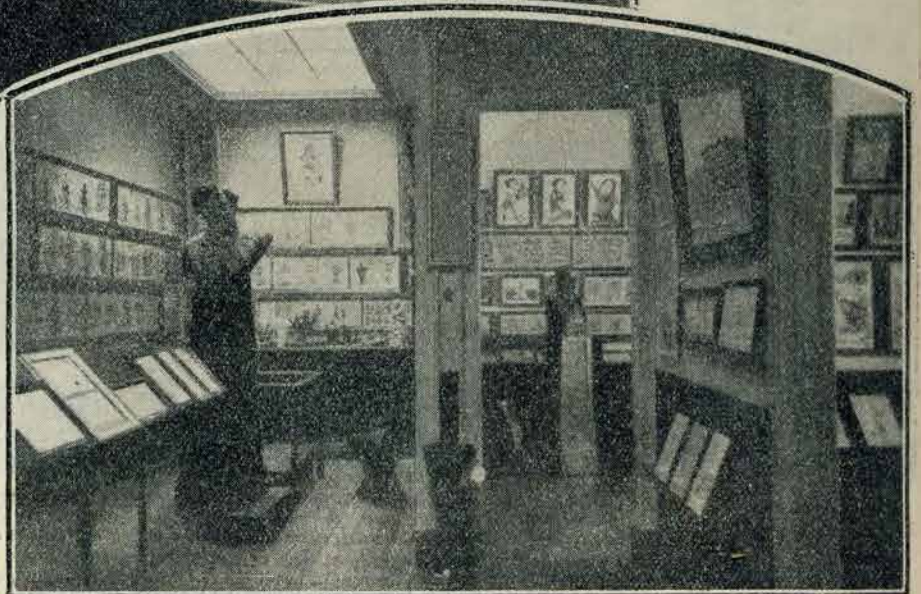
lutamente inéditos, acrescentaremos os seguintes relativos á frequencia de visitantes ao Museu: nos 183 domingos em que esteve franqueado ao publico, visitaram-no 7.948 pessoas, attingido o produto das entradas a verba de 1:685\$22, que foi integralmente distribuida pelas instituições: Cruz Vermelha, Cruzada das Mulheres Portuguesas e Asilo de S. João.

Em cima o edificio do Museu

Dois aspectos das salas

O Museu Rafael Bordalo Pinheiro, ha anos oferecido pelo seu benemerito organisador, e nosso querido amigo e colaborador sr. Cruz Magalhães, á Camara Municipal, de Lisboa, que só agora se resolveu a aceitar a doação, contem 1462 trabalhos (desenhos, aguarelas etc.) originaes do grande artista portuguez; 2823 reproduções; 207 peças de ceramica e 523 volumes e algumas centenas de recortes de jornaes de todo o mundo, nomeadamente portuguezes, brasileiros e francezes, em que se trata de Rafael Bordalo. Os trabalhos acima, originaes e reproduções, acham-se expostas em 1.240 molduras.

A estes dados, que são abso-



MANOEL DE MACEDO

Manoel de Macedo, e os senhores podem saber da sua vida consultando ou o prefácio do catalogo da sua *Exposição retrospectiva* ou o artigo que lhe corresponde no *Dicionario Portuguez*, foi um grande artista. O mais curioso do caso é que parece que só agora como tal o começam a considerar. Enquanto vivo todos o souberam um homem util. Ele desenhava, ele indicava, ele esquiçava e aguarelava. Ele scenografava e traduzia e era sem numero a legião de individuos que o assaltava para saber as mais variadas coisas. Porque Manoel de Macedo, que eu conheci na livraria Ferreira, da Rua do Ouro, colaborando nos *Serviços*, que Lopes de Mendonça prodigiosamente dirigiu, era dos homens mais prestaveis que existiam e apesar de velho em moço, bem moço, pois que todas as ideias, as mais avangadas, lhe mereciam critica e carinho. Ninguém como ele se interessava tanto pelos *Costumes Portuguezes*. Ele foi não só a alma galvanizadora desse *Album dos Costumes Portuguezes* como o criador da pequena gilaria que o *Almanach das Horas Romanicas* publicou. Ele foi um precursor. Precursor de Roque Gameiro, precursor de Alberto Sousa, dois grandes artistas mortos. A nós tem uma obra verdadeiramente nacional. Pois não é Gameiro o evocador da *Historia da Colonização do Brasil*, e não é Alberto Sousa o compilador paciente e amoroso do *Costume nos seculos XVIII e XIX*?

Nesta exposição se mostra fulgente e poderoso o genio do velho Macedo. Mas mostra-se tambem a evidencia que ele é apenas a migalha do banquete de genio precioso que foi a sua vida de trabalhador. Distúndra a opulencia de capacidade produtiva, destúndra o milagre da realização. Mas quanto de extraviado se ali viaha, mas quanto de genio lhe saiu do lapis que ninguém pode dizer onde para. Rafael Bordalo teve uma criatura que se lhe devotou e fez a *chronica viva do seu genio* Manoel de Macedo. Não é inferior a Rafael. Teve menos nomeada porque o seu feitiço artistico, menos sociavel e menos alegre, lhe não permitia exuberancias de convivencia, nem adia cultivar a fama. Mas o dia em que paralelo ao Museu Rafael se faça o Museu Macedo, um, grante pela influencia politica que teve no seu meio, arte vivo da mazorrice nacional, impulsor de ideias, o outro, devotado colecionador de trajes, de costumes, de aspectos citafinos e sociais, ver-se ha então como ele foi um artista que só espera a sua consagração. Nunca ninguém recorreu á sua sciencia que trouxesse o balle sêco. E eu nunca lhe apresentei duvida, duvida de calibre, para a sciencia de muitos genios que eu conhecia insolvivel, que não trouxesse resolução.

Num país letrado, onde o estudo fosse premiado e a competencia tivesse ambito respeitoso, o seu nome teria alcançado o mesmo da consagração e da pecunia, apenas com a illustração de *A Servidão*, feita com Roque Gameiro. Esse trabalho é o mais notavel trabalho de ilue-

tração que se tem feito em Portugal, não sendo muito o estrangeiro os trabalhos que se lhe podem pôr a par. E Roque Gameiro mostrou nesta exposição o seu caracter, mostrando a colaboração de Manoel de Macedo nela, pois que é de Macedo o desenho e de Gameiro a aguarela. Gameiro expõe o muito que Macedo fez, insosmavelmente, provavelmente isto só o pode fazer um artista como Gameiro, notavel a todos os respeito, grande em todos os campos. Quanto dos seus collegas não escondiam avaramente aquella documentação para dizer, ou, pelo menos, fazer acreditar que a si proprios devia o livro o melhor do genio e do talento que nas illustrações ostentava?

Pelo alto poder evocativo dos seculos que passaram, e pelo seu grande saber de indumentaria, mobiliario, architectura, decoração, illuminaria e costumes, Macedo pôde visionar rapidamente a vida conventual, provinciana, a vida nacional no seculo XVIII. Que minucias, que espantoso saber de pormenores atrepalhucos, dos pormenores embargadores do trabalho á mente repousada? Que maravilhas de concepção e execução, ele e Gameiro, se concertaram para nos dar! Essas quarenta illustrações são quarenta maravilhas, quarenta manifestações de competencia, quarenta obras primas. Basta dizer que apparecento camas em três ou quatro illustrações, que são deliciosos quadros de pagina, em nenhuma são iguais, e quem diz camas diz bufetes, diz almofarizos, diz canapés ou roupagens, claustros ou salas de balho.

Manoel de Macedo foi um homem de genio. Incompreendido, porque ao seu tempo o genio era muito mais frequente do que hoje, mas desconhecido, porque ainda hoje se lhe não liga a devida medida admirativa e ante o seu nome a turba se não prosterna. Mas não fallará tempo, muito tempo não virá sem que Manoel de Macedo não seja um dos grandes da scenografia, da pintura e da arte nacional. Esta exposição é o primeiro passo. O tempo fará o resto. O Futuro se encarregará de o mostrar...

Albino Forjaz de Sampaio

"O MUNDO"

10/2/94

Rafael Bordalo Pinheiro

A criação do seu Museu e a data do seu nascimento

Passa amanhã mais um aniversario do nascimento do grande caricaturista portuguez que foi Rafael Bordalo Pinheiro. Justo é que, mais uma vez, se fale no seu nome, da sua obra e da sua gloria. A memoria de Rafael Bordalo Pinheiro é uma das poucas que se pode orgulhar de não ter sido esquecida. N'um país como o nosso, em que se tomam mais a peito questões estereias de politica, do que factos gloriosos para a Nação e para a Raça, já é alguma coisa de sobrenhumano e invulgar.

Deve-se a uma pleiade de sinceros e entusiastas admiradores do grande artista, a fama que o seu nome goza ainda, e que cada vez se vai tornando mais notorio.

Conferencias, campanhas jornalisticas, livros e, enfim, o seu Museu, atestam o esforço inquebrantavel e desinteressado carinho de todos aqueles que vêem n'ele uma gloria nacional, no campo vasto e escabroso da caricatura.

Passando, pois, em breves dias, a data gloriosa do seu nascimento, justo seria que, mais uma vez, se falasse de Rafael Bordalo, enaltecendo a sua obra e accentuando o seu valor.

Mas Rafael Bordalo não tem sido esquecido. Por ele e pela conservação do seu nome, velam os incançaveis admiradores do seu talento. De mais alguém é justo, porém, que se fale, embora a sua modestia se retrahia, e a sua comprovada simplicidade se hostilizasse.

E' Cruz Magalhães, Espirito estrado e modesto, desinteressado adorador de tudo o que a sua Patria tem de mais valioso, de mais belo e de mais nobre, merece, pelo seu esforço herculeo em prol de uma das glorias artisticas portuguezas, a nossa mais fervorosa homenagem e a nossa mais justa consideração.

O Museu Rafael Bordalo Pinheiro, que fundou com o seu esforço, com o seu dinheiro e com o seu mais desvelado carinho, merece a nossa admiração e respeito. O Museu era uma consagração nacional devida ao grande artista.

Rafael Bordalo, mestre da caricatura, não o foi só em Portugal. Rafael Bordalo,



Rafael Bordalo

(Desenho de John Sargent)

lo, dentro e fóra da sua terra, foi admirado, invejado, querido.

A sua obra, que dá orgulho ao país a que pertence, foi descoberta, adquirida, coligida por alguém que a achou digna de uma consagração; já que o Estado, desprezava esse encargo obrigatorio, desprezando o que no estrangeiro talvez fosse alvo dos maiores cuidados e atenções, resolveu fazê-lo por sua conta. Quem foi?—Cruz Magalhães.

Além do dever que a criação d'esse museum representa, criava-se tambem um motivo permanente de estudo e de saber. Ha n'ele uma época social já passada, completamente descrita e arquivada. O lapis portentoso de Rafael Bordalo deixou-nos a vida do seu tempo, impressa em todas as suas attitudes e sob todos os seus pontos de vista. Rindo, brincando com os traços caricaturaes de politicos e homens celebres do seu tempo, o lapis de Rafael Bordalo, assombrosamente fecundo, compillou toda a historia de uma época; historia duas vezes valiosa, pelos conhecimentos sociais que nos dá, e pela mestria do artista.

E' para louvar que n'uma época, em que a politica e a intriga pretendem envenenar o ambiente patrio, se encontre quem, desprezando odios, intrigas vis e



Cruz Magalhães

(Desenho de F. Valença)

afrontas rancorosas, se interesse pelo que a Patria tem de belo e de grandioso.

E' admiravel que, n'uma epoca de tantas inimizades, se levante, se forme e se ofereça uma joia tao preciosa como e o Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

Porque Cruz Magalhães, abrindo o seu Museu, facultando a sua consulta a quem o deseje, ainda achou pouco. E foi assim que o ofereceu a sua terra, pois a ella e não a elle acha mais justo que pertença.

E, emquanto, perto, bem perto d'elle, se levantam questões politicas, se movem insidias e se conspira na sombra, o seu caracter leal e correto, justo e desinteressado, dá um exemplo bem grande, bem frisante, do que todos deviam ser: amantes da sua Patria, zeladores do seu prestigio, altruistas.

No dia em que o Museu Rafael Bordalo Pinheiro fór, finalmente, entregue á sua terra, Cruz Magalhães dará o melhor exemplo de desinteresse e de superioridade moral.

Que todos o secundem e imitem, com gestos altruistas, em prol das riquezas da Nação, e o que todos devemos ambicionar.

Prestando enternecido culto á memoria do grande caricaturista portuguez, imploramos a Cruz Magalhães o seu benevolente perdão.

Licínio Pinheiro Perdigão

"O SECULO"

20/3/24.

Rafael Bordalo Pinheiro

Uma conferencia por Magalhães Lima

Na ultima reunião do Grupo Amigos Defensores do Museu Bordalo Pinheiro foi resolvido que a conferencia annual de propaganda da obra do genial artista, seu patrono, se realizasse na tarde de 4 de maio. Este ano, o conferente e o apreciado tribuno sr. dr. Magalhães Lima presidente do referido grupo, e parece que a conferencia se efetuará junto ao monumento, no Campo Grande.

"O SECULO"

29-4-924.

Igual em:

"O MUNDO"

"A PATRIA"

E

"BATALHA", de 30.

ETC.

CONFERENCIAS

Rafael Bordalo Pinheiro

Junto do monumento do glorioso caricaturista Rafael Bordalo Pinheiro realiza amanhã, pelas quatro horas da tarde, uma conferencia publica o velho jornalista sr. dr. Magalhães Lima. Tendo convidado muito com o homenageado, o conferente vai analisar Rafael Bordalo como politico. E' a primeira vez que se realiza em Lisboa uma conferencia junto dum monumento. O Grupo Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, convidam a imprensa e o publico a assistir.

"DIARIO DE NOTICIAS"

3-5-924. Igual em:

"O SECULO", "O MUNDO",

ETC.

Rafael Bordalo Pinheiro

Uma conferencia de Magalhães Lima junto do seu monumento

Com um acentuado cunho de originalidade artistica realiza-se hoje, ás 16 horas, junto do monumento a Rafael Bordalo Pinheiro, no Campo Grande, uma conferencia publica acerca do genial artista. Depois de em 1921, o dr. Xavier da Costa nos ter deliado com uma pal'stra encantadora sobre o artista; d'pois de em 1922, o dr. Sousa Pinto ter analisado Rafael como caricaturista, ceramista e decorador; depois de em 923, sr. D. Julieta Ferrão ter lido em publico o seu estudo sobre Rafael e a critica, vem agora Magalhães Lima analisar Rafael como politico.

Esta conferencia e promovida pelo Grupo de Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, que proporecionou a Magalhães Lima, seu presidente, velho tribuno sempre moço, um cenario artistico, para na natureza recordar as horas felizes do seu passado em convívio com Rafael.

"O SECULO"

4-5-924.

RAFAEL BORDALO

A conferencia realizada ontem pelo sr. dr. Magalhães Lima

A instancias de um grupo de amigos do Museu de Rafael Bordalo Pinheiro, o notavel tribuno e velho jornalista republicano, dr. Magalhães Lima realizou ontem junto do busto do artista imortal, uma notavel conferencia, em que, através de uma interessante visao do seu tempo, o nosso querido amigo apreciou Bordalo Pinheiro como politico. A' volta do busto de Bordalo Pinheiro, que está em frente do edificio do Museu que tem o seu nome, as flores, colocadas ali por mãos amigas põem uma nota de vida e de ternura. Das pessoas que ainda hoje conservam viva a saudade pelo grande artista e admiração pela sua obra, uma grande parte foi ontem associar-se na homenagem que lhe foi prestada, e foi perante ella que o sr. dr. Magalhães Lima preferiu o seguinte discurso:

Vou falar-vos de Rafael Bordalo Pinheiro, politico. E' como se falasse de mim mesmo, porque mutuamente nos acompanhámos durante um longo periodo de combate, tempo de fé, de entusiasmo, e de fogo sagrado e esta fase da sua existencia não e' menos interessante do que a de Rafael ceramista, a de Rafael, grande e poderoso artista, numa palavra. Ha quem pense que um artista se não deve imiscuir na politica. Mas ha duas especies de politica—a politica de reles, egoista e m'squinha das clientelas, das oligarquias e do caciquismo, e a politica generosa, ampla, politica de principios, politica de ideal, politica humana. Creio que um caricaturista não pode deixar de ser politico, porque tem de combater erros, prejuizos, mentiras, preconceitos, apatando e flagrantando os vicios do seu

tempo e os gestos dos que se julgam superiores ao vulgo pelos seus elixires de longa vida.

Que ninguém se assuste! O riso é o verbo da formosura. O Bordalo politico é o homem que ri, e, rindo á maneira de Aristofanes e de Rabelais, castiga os maus costumes e zuzza os conselheiros enfatuados e os Messias de pacotilha. E esta flagelação reveste um grande fundo moral. Parecerá a muitos que a caricatura é uma coisa frivola e banal. Mas é um erro. Ha desenhos de Rafael, que constituem verdadeiras paginas de historia contemporanea. O seu lapis foi um admiravel cooperador da nossa obra de demolição no tempo da propaganda. Todo o homem ri. Mas só o homem de espirito sabe rir. Cada caricatura de Rafael valia mais pelo poder da suggestão, do que um artigo de fundo nosso. O povo simplista nem sempre alcança a ideia do escritor. Não deixa, porém, de compreender a gravura, a imagem que lhe fere a retina e lhe seduz o olhar. A demolição pelo desenho é decisiva. O cinematografo triunfou por isso mesmo.

Gavarni, que exerceu uma notavel influencia na sociedade franceza e que possuia o segredo dos contrastes num traço realista, fotografou a vida em duas caricaturas, a primeira com a seguinte legenda: *quando tinha dentes não tinha pão e a segunda com esta outra:—agora que tenho pão não tenho dentes.* Se elle vivesse hoje não deixaria, por certo, de estabelecer o contraste dos novos ricos. E' a historia de Pedro Sem... ao inverso. O orador refere-se depois á organização do Museu de Rafael e a sua entrega ao município pelo seu fundador, sr. Cruz Magalhães, voltando em seguida a occupar-se mais largamente do grande artista, affirmado o seguinte sobre a sua evolução politica e dos factos que a ella se prendem.

A grande obra politica de Rafael está no *Antonio Maria*, em collaboração com Guilherme de Azevedo, Ramalho Ortigão, Eduardo Schwabach e Alfredo de Moraes Pinto. Esta obra congrega com a de Ramalho e Egas das Tarpas e com a de Falho nos *Gatos*. Rafael era sem duvida um revoltado. Mas era ao mesmo tempo um homem justo. A calunia não o poupou. Rafael, que era dotado de uma sensibilidade feminina, sentiu-se isolado após a Salamancada. Para o fortalecer, os republicanos ofereceram-lhe um banquete no hotel Borges, onde então-tive occasião de dizer que não era heito devidar-se de um homem que tinha o dedo sobejas provas de altivez e de patriotismo. Foi o idealismo de Rafael que lhe permitiu realizar essa obra brilhantissima que o consagrou e que se reflecte, com um cunho de immortalidade, no *Album das Glorias*, obra a um tempo grafica e moral, no *Antonio Maria*, que se tornou simbolo, nos *Pontos nos ti*, na *Parodia*, etc. Foi o seu idealismo que o tornou um eloquente interprete da vontade nacional em todas as manifestações liberaes, patrioticas e republicanas, e foi ainda o seu idealismo que o tornou republicano.

Bem sei que os idealistas são desdenhados hoje. O torpe mercantilismo invadiu tudo e todos. Rafael Bordalo foi um protesto vivo contra essa invasão material que nos avilta. Foi uma vibrante alma de artista tomada de paixão por tudo quanto era nobre, bello e generoso e servindo os principios com entusiasmo. Recordo todos os homens que foram do seu e do meu tempo. Se elle vivesse, sentir-se-ia como eu, estranho nessa sociedade. Naquelle tempo vivia-se. O meu fim com esta conferencia e o soar, na sua arte, um nino á vida. Ha duas especies de vida: a vida incoconsciente, a vida animal, a vida que faz viver, e a outra, consequencia desta, a vida voluntaria, a vida espiritual, a vida que *cala um vive*. Digamos com o divino Hugo: *asó vivem os que lutam, aqueles cujo coração e bom e cujos dias são chãos.* O mais pesado fardo e existir sem viver. O nosso amado Rafael viveu e triunfou. Foi um duplo triunfo: o triunfo artistico e o triunfo moral. Vivamos, pois, na sua recordação de beleza eterna, beleza, e na sua recordação de amor e eterno amor. Rematarei com o grande poeta: *Amans ancora, amans toujours.* Atraves do egoismo feroz que aproxima o homem do lobo, através do odio rumo que transformou os homens em chacais, amemos ainda, amemos sempre e eternamente. Tal e o segredo da vida, como a concebeu o grande artista eternamente vivo e eternamente bom.

Finda a sua conferencia, o sr. dr. Magalhães Lima foi muito cumprimentado, especialmente pelo sr. Cruz Magalhães, o organizador do Museu. Entre as pessoas que assistiram, estavam a sr.^a D. Maria Amalia de Brito Aranha, que tomou lugar a direita do sr. dr. Magalhães Lima, dr. João de Deus Ramos, dr. Manuel de Sousa Pinto, Pedro Baptista Ribeiro, Forno Boito Machado, Gomes de Carvalho, Archer de Lima, Alfredo Cantilo, Paulo Brito Aranha, Manuel Duarte de Figueiredo, José Duarte Elias, Alvaro Neves, Cisneiros de Faria, Luis Ferreira de Lima, etc.

"O MUNDO"
5-5-924

RAFAEL BORDALO, POLITICO

Uma conferencia do sr. dr. Magalhães Lima

Evocando o passado, fez reviver figuras esquecidas da nossa historia politica



Dr. Magalhães Lima

É conhecida a historia da fundação do Museu Bordalo Pinheiro, no Campo Grande, e a da Sociedade dos Amigos do Museu, que todos os anos promove uma conferencia sobre a vida e a obra do mestre genial da caricatura. Ontem coube a vez ao sr. dr. Magalhães Lima, que falou ao ar livre, diante do monumento a Rafael Bordalo, obra do distinto esculptor Raul Xavier, tendo ao seu lado a secretária do, na improvisada tribuna, as sr.^{as} D. Jilbeta Ferrão, secretária do Grupo dos Amigos do Museu, e D. Maria Amalia de Brito Aranha. Muitas pessoas ouviram a conferencia do sr. dr. Magalhães Lima, entre ellas alguns artistas e homens de letras, versando a palestra, a todos os respeitos interessantissima, o estado da obra politica do caricaturista.

Rafaldo de Bordalo como politico—princípiou a conferencia—é como se de mim proprio falasse, porque mutuamente nos acompanhámos durante um longo periodo de combate, tempo de fé, de entusiasmo, e de fogo sagrado! E esta fase da sua existencia não é menos interessante do que a de Rafael caricaturista, a de Rafael ceramista, a de Rafael grande e poderoso artista, numa palavra. Ha quem pense que um artista se não deve embeusir em politica. Mas ha duas especies de politica—a politica real, egoista e mesquinha das clientelas, das oligarquias e do caciquismo, e a politica generosa e ampla, politica de principios, politica de ideal, politica humana. Ciro que um caricaturista não pôde deixar de ser politico, porque tem de combater erros, prejuizos, mentiras, preconceitos, apanhando em flagrante

parar-se a Jacques Bonhomme simplorio, de uma singular bonomia, simbolizando o bom senso publico e o desinteresse das materialidades terrenas. «Zé Povinho», assim como Jacques Bonhomme assemelham-se na boa fé que os caracteriza. Teofilo Braga comprava o povo ao boi possante que aceita a carga, por ignorar a força de que dispõe.

As tendencias liberais de Rafael Bordalo na «Lanterna Magica», onde teve por colaborador Luis de Andrade, manifestaram-se principalmente no «Mosquito» e no «Bezouro», folhas que illustrou no Rio de Janeiro com rara coragem e audacia.

Para amar um país, é preciso haver sofrido por ella. Durante a sua estada no Rio, Rafael foi caunhado, ameaçado, chegando mesmo a esboçarem se dois atentados contra elle.

Atribuíam-se estes manejos ao seu rival, o caricaturista italiano Angelo Agostini e aos politicos que elle combatia. A feição do «Mosquito» era absolutamente anti-clirical. Era o tempo em que Saldanha Maranhão, Quintin Bocayuva, Lopes Trovão e José do Patrocinio estavam em plena evidencia. Deegostoso Rafael regressou a Portugal.

os vicios do seu tempo e os gestos dos que se julgam superiores ao vulgo pelos seus elixires de longa vida. Que ninguém se assustel! O riso é o verbo da formosura e o Bordalo politico é o homem que ri, e, rindo á maneira de Aristofanes e de Rabelais, castiga os maus costumes e zurze os conselheiros enfiados e os Messias de pacotilha. E esta flagelação reveste um grande fundo moral. Parecerá a muitos que a caricatura é uma coisa frivola e banal. E' um erro. Ha desenhos de Rafael que constituem verdadeiras paginas de historia contemporanea. O seu lapis foi um admiravel cooperador na nossa obra de demolição no tempo da propaganda.

O riso é um dom do homem, mas só o homem de espirito sabe rir . . .

Todo o homem ri. Mas só o homem de espirito saberir. Cada caricatura de Rafael valia mais, pelo poder de suggestão, do que um artigo de fundo do mais combativo jornal. O povo simplista nem sempre alcança a ideia do escritor. Não deixa, porém, de compreender a gravura, a imagem que lhe fere a retina e lhe seluz o olhar. A demolição pelo desenho é decisiva. O cinematografo triunfou por isso mesmo. Gavarni, que exerceu uma notavel influencia na sociedade francesa e que possuia o segredo dos contrastes, num traço realista fotografou a vida em duas caricaturas: a primeira com a seguinte legenda: «quando tinha dentes não tinha pão» e a segunda com esta outra: «agora que tenho pão não tenho dentes». Se elle vivesse hoje, não deixaria, por certo, de estabelecer o contraste dos novos ricos. E' a historia de Pedro Sem... ao inverso.»

Magalhães Lima refere-se depois á doação do Museu Rafael Bordalo Pinheiro a Camara Municipal de Lisboa, feita pelo seu fundador, gesto que considera á maneira de Carnegie e de Rockefeller. E voltando a occupar-se do genial caricaturista diz:—Rafael foi um revoltado, um combatente famoso. A revolta é o apanagio das almas de eleição.

Carlyle attribui os maiores acontecimentos da historia aos grandes homens, aos quais se convencionou chamar heróis. Michelet pensa que o heroismo está na massa anonima. A Grande Guerra rectificou esta tese com a apoteose do soldado desconhecido. Parece ter sido este o criterio de Rafael, na maravilhosa criação do «Zé Povinho», verdadeira encarnação do povo português que se retratou, em 1890, por ocasião do «ultimatum», altivo, forte, decidido, de gesto viril á maneira de Viriato, e que depois da Salamancada fotografou como um bonachista, um eterno explorado, pedindo albarda. Esta figura nacional, tornada historica, pode com-

Quatro factos culminantes na evolução politica de Bordalo

143

Para se apreciar a evolução politica do glorioso artista, temos de recorrer a quatro factos culminantes: a celebração do tricentenario de Camões, o tratado de Louraço Marquês, o «ultimatum» de Salamancada.

Como todos sabem, os progressistas, então no poder, hostilizaram a comemoração camoneana. A caricatura de Rafael publicada no «Antonio Maria», é simplesmente assombrosa. Camões com vida o rei D. Luis, sentindo no trono, para assistir ao cortejo.

—Sr. Camões, responde o monarca—enquanto ao que voçem se me diz, não sei se posso ir a sua procissão. Estou a preparar-me para ir dar uma passenta com o meu amigo S. Jorge. Olhe o que resolver lá lhe mando dizer pelo José Luciano ao Largo do Loreto. Passasse muito bem, sr. epico. Então Camões, triunfante, agradece aos altos poderes do Estado não terem ido á sua procissão e terem-no feito republicano, com o que muito ganhou a ideia.

A grande obra politica de Rafael está no «Antonio Maria», em colaboração com Guilherme de Azevedo, Ramalho Ortigão, Eduardo Schwabach e Alfredo de Moraes Pinto. Esta obra conjuga com a de Ramalho e Ega nas «Farpas» e com a de Elalho de Almeida nos «Gatos». Rafael era, sem duvida, um revoltado. Mas era ao mesmo tempo um homem justo. A ciliação não o poupou. Rafael, que era dotado duma sensibilidade feminina, sentiu se isolado após a Salamancada. Para o fortalecer, os republicanos ofereceram-lhe um banquete no Hotel Borges. Aí teve occasião de dizer:

— Não pode duvidar-se de um homem a quem foi oferecido, no Rio de Janeiro, um cheque em branco, para o preencher, e que repeliu ludigadamente. Não pode duvidar-se de quem repeliu, com nobre altivez, igual oferta em Lisboa, feita por uma alta personalidade politica. Não pode duvidar-se daquele que, tendo vivido sempre pobre, não trocou nunca a sua independencia pelo ouro vil do suborno politico. A personalidade moral completava em Rafael a sua personalidade artistica. Não houve catastrophe que não comovesse o seu coração de patriota.

Rafael Bordalo era um idealista. Foi o seu idealismo que lhe permitiu realizar essa obra brilhantissima que o consagrou e que se reflete, com um cunho de immortalidade, no «Album das Glorias», obra a um tempo grafica e moral, no «Antonio Maria» que se tornou simbolo, nos «Pontos nos 11», na «Parodia», etc. Foi o seu idealismo que o tornou um eloquente interprete da vontade nacional, em todas as manifestações liberais, patrioticas e republicanas. Foi o seu idealismo que o tornou republicano. Bem sei que os idealistas são deenhados, hoje. O torpe mercantilismo invadiu tudo e todos. Rafael Bordalo foi um protesto vivo contra essa invasão material que nos avilta. Foi uma vibrante alma de artista, tomado de paixão por tudo quanto era nobre, bello e generoso e servindo os principios com entusiasmo. Recordo todos os homens que foram do seu e do meu tempo. Se elle vivesse, sentir-se-ia, como eu, estrangeiro nesta sociedade. Naquele tempo vivia-se. O meu fim, com esta conferencia, e entoar, na sua arte, um hino a vida. Ha duas especies de vida: a vida inconsciente, a vida animal, a vida que faz viver, e a outra consequencia de-a, a vida voluntaria, a vida espirital, a vida que cada um vive.

Digamos com o divino Hugo: «Só vivem os que lutam, aqueles cujo coração é bom e cujos dias são cheios. O mais pesado fardo é existir sem viver». O nosso amado Rafael viveu e triunfou. Foi um duplo triunfo: o triunfo artistico e o triunfo moral. Vivamos pois na sua recordação de beleza—a eterna beleza; e na sua recordação de amor—o eterno amor.

Remetarei com o grande poeta: «Aimons encore, aimons toujours». Através do egoismo feroz que aproxima o homem do lobo, através do odio ruim que transformou os homens em chacais, amemos ainda, amemos sempre e eternamente. Tal é o segredo da vida, como a concebeu o grande artista, eternamente bom e eternamente bom!

Assim terminou a bela conferencia, muito aplaudida, do sr. dr. Magalhães Lima, realizando-se em seguida uma visita ao museu, cujas preciosidades e reliquias foram muito admiradas.

"DIARIO DE NOTICIAS"

5-5-924

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

A sua arte como comentador politico foi hontem apreciada n'uma conferencia pelo sr. dr. Magalhães Lima



No momento em que o sr. dr. Magalhães Lima se preparava para iniciar o seu discurso

Foi uma simpática idéa essa da realisação de uma conferencia sobre Bordalo Pinheiro no proprio local onde se ergue o seu monumento, ao Campo Grande, em pleno ar livre, sob a tenaz azul do céu, e dentro d'esse ambiente, embalsamado de hudas rosas, e que as mãos amigas de Cruz Magalhães criaram, aninhando nas salas do Museu Bordalo Pinheiro, situado no mesmo local, milhares de paginas que evocam o perfil artistico do maior ceramista da península e que, para vergonha nacional, vivo quasi esquecido.

Foi uma feliz idéa, e ninguém para a realizar como o sr. dr. Magalhães Lima, figura veneranda da democracia, espirito de uma mocidade eterna, a quem os cabelos brancos da idade não arrefeceram a sua ardência de tribuno.

A conferencia que hontem realizou o sr. dr. Magalhães Lima fora primitivamente marcada para 21 de março, dia do anniversario do nascimento de Bordalo Pinheiro, mas como tambem fora condição assento que aquella se realizasse ao ar livre, e o tempo, então, não o permitiu, d'aí o só ter sido realisada hontem.

Passavam já alguns minutos das 10 horas quando o sr. dr. Magalhães Lima, sobre um estrado armado a sombra de arvores, junto ao monumento, deu início a sua conferencia, escutado por selecta e numerosa assistencia e secretariado pelas sr.^{as} D. Amália Brito Aranha e D. Julieta Barbara Ferrão.

Foi no meio do mais atento silencio que o glorioso tribuno e velho jornalista principiou:

«Falar-vos de Rafael Bordalo Pinheiro politico—começa o conferente—é como se falasse de mim mesmo, porque mutuamente nos acompanhámos durante um longo periodo de combate, tempo de fé, de entusiasmo e de fogo sagrado! E esta fase da sua existencia não é menos interessante do que a de Rafael caricaturista, a de Rafael grande e poderoso artista, n'uma palavra. Ha quem pense que um artista se não deve misturar em politica; porém, ha duas especies de politica—a politica reles, egoista e mesquinha das oligarchias, das oligarchias e do caciquismo, e a politica generosa, ampla, politica de principios, politica de ideal, politica humana. Creio—diz—que um caricaturista não pode deixar de ser politico, porque tem de combater erros, prejuizos, mentiras, preconceitos, apañhando em flagrança os vicios do seu tempo e os restos dos que se julgam superiores ao vulgo, pelos seus clixres de longa vida.

«O riso é o verbo da formosura. O Bordalo politico é o homem que ri, e rindo á maneira de Aristofanes e de Rabelais, castiga os maus costumes e zurre os conselheiros enfatuados e os messias de pacotilha; e esta flagelação reveste um grande fundo moral.

«Parecera a muitos—afirma o conferente—que a caricatura é uma coisa frivola e banal, mas é um erro. Ha desenhos de Rafael que constituem verdadeiras paginas de historia contemporanea. O seu lapis foi um admiravel cooperador da nossa obra de demolição, no tempo da propaganda. Todo o homem ri, mas só o homem de espirito sabe rir. Cada caricatura de Rafael valia mais, pelo poder da suggestão, do que um artigo de fundo nosso. O povo simplista nem sempre alcança a idéa do escriptor. Não deixa, porém, de compreender a gravura, a imagem que lhe fere a retina e lhe seduz o olhar, e, por isso, a demolição pelo desenho é decisiva. O cinematografo triunfou por isso mesmo. Gararin, que mereceu uma notavel influencia na sociedade franceza e que possuia o segredo dos contrastes, n'um traço realista fotografou a vida em duas caricaturas: a primeira com a seguinte legenda: «quando tinha dentes, não tinha pão»; e a segunda, com esta outra: «agora, que tenho pão, não tenho dentes». Se ele vivesse hoje, não deixaria, por certo, de estabelecer o contraste dos nossos rios. É a historia de Pedro Sem... ao inverso.»

O sr. dr. Magalhães Lima passa a referir-se á doação do Museu Rafael Bordalo Pinheiro á Camara Municipal de Lisboa, feita pelo seu fundador, o sr. Cruz Magalhães, gesto que considera a maneira de Carnegie e de Rockefeller. Voltando á occupação do genial caricaturista, diz: «Rafael foi um revoltado, um combatente famoso, e a revolta foi sempre o apañagio das almas de eleição.

«Carlyle—prosegue o conferente—atribue os maiores acontecimentos da Historia aos grandes homens, aos quaes se convencionou chamar heróis. Michelet pensa que o heroismo está na massa anonima. A Grande Guerra refliciu esta tese com a apotheose do Soldado Desconhecido. Parece ter sido este o criterio de Rafael, na maravilhosa criação do «Ze Povinho», verdadeira encarnação do povo portuguez, que retratou, em 1890, por ocasião do ultimatum, activo, forte, decidido, de gesto viril, á maneira de Viriato, e que depois de Salamanca fotografou como um bonachelão, um eterno explorado, pedindo albarda. Esta figura nacional, tomada historica, pode compararse a Jacques Bonhomme, simpiorio, de uma singular bonomia, simbolizando o bom senso publico e o desinteresse das materialidades terrenas. Ze Povinho, assim como Jacques Bonhomme assemelha-se na boa fé que os caracteriza. Teófilo Braga comparava o povo ao boi possante que aceita a canga, por ignorar a força de que dispõe.

As tendencias liberas de Rafael Bordalo, na «Lanterna Magica», onde teve por colaborador Luiz d'Andrade, manifestaram-se primitivamente no «Mosquito» e no «Resouro», folhas que ilustrou no Rio de

Janeiro, com rara coragem e audacia. Para amar uma causa é preciso haver sofrido por ella. Durante a sua estada no Rio, Rafael foi caluniado, ameaçado, chegando mesmo a esboçarem-se dois atentados contra elle.

Atribuíram-se estes manejas ao seu rival, o caricaturista italiano Angelo Aguzzi, e aos politicos que elle combatia. A feição do «Mosquito» era abertamente anti-clerical. Era o tempo em que Saldanha Marinho, Quintino Bocayuva, Lopes Trovão e José do Patrocínio estavam em plena evidencia. Afinal, desgostoso, Rafael regressou a Portugal e, como sempre, pôbre.

Para se apreciar a evolução politica do glorioso artista, temos de recorrer a quatro factos culminantes: a celebração do tricentenário de Camões, o tratado de Lourenço Marques, o ultimatum e a Salamancaçada.

Como todos sabem—prosegue o conferente—os progressistas, então no poder, hostilizaram a comemoração camoneana. A caricatura de Rafael, publicada no «Antonio Maria», era simplesmente assombrosa: Camões covido o rei D. Luiz, sentado no throno para assistir ao cortejo:

Sr. Camões—responde o monarca—quanto ao que vocemee me diz, não sei o que se dá a sua procição. Então a prepará-me para ir dar uma passeada com o meu cunhado S. Jorge Olhe, o que resolver lá lhe mando dizer pelo Visé Luciano ao largo do Loreto. Passado muito bem, sr. epico.

Então Camões, triunfante, agradece aos altos poderes do Estado não terem ido á sua procição e terem-no feito republicano, com o que muito ganhou a idéa.

A grande obra politica de Rafael está no «Antonio Maria», em colaboração com Guilherme d'Azévedo, Ramalho Ortigão, Eduardo Schwabach e Alfredo de Moraes Pinto, conjugada com a de Ramalho e Eva nas «Fargas» e com a de Malhão d'Almeida nos «Gatos».

Rafael era sem duvida, um revoltado, mas era, ao mesmo tempo, um homem justo; porém, a calunia não o pouçou. Rafael, que era dotado d'uma fina sensibilidade, sentiu-se isolado apos a Salamancaçada. Para o fortalecer, os republicanos ofereceram-lhe um banquete no hotel Borges, onde teve occasião do dizer:

«Não pode duvidar-se de um homem a quem foi oferecido, no Rio de Janeiro, um cheque em branco para preschero o que repelli indignadamente. Não pode duvidar-se de quem repelli, com nobre firmeza, igual oferta, em Lisboa, feita por uma alta personalidade politica. Não pode duvidar-se d'aquelle que, tendo vivido sempre pobre, não trocou nunca a sua independencia pelo ouro vil do suborno politico.

A personalidade moral completava em Rafael a sua personalidade artistica. Não houve catastrophe que não comovesse o seu

coração de patriota.
 Rafael Bordalo era um idealista; foi esse idealismo que lhe permitiu realizar essa obra brilhantíssima que o consagrará e que se reflete, como um cunho de immortalidade, no «Album das Glórias», obra a um tempo gráfica e moral, no «Antonio Maria», que se tornou símbolo, nos «Pontos nos 11», na «Paródia», etc.
 Foi o seu idealismo que o tornou um eloquente interprete da vontade nacional em todas as manifestações liberas e patrióticas e republicanas. Bem sei—diz—que os idealistas são desdenhados hoje. O tempo mercantilismo fin adiu quasi tudo e todos. Rafael Bordalo foi um protesto vivo contra essa invasão material, que nos aviltava. Foi uma vibrante alma de artista, tomado de paixão por tudo quanto era nobre, bello e generoso e servindo os princípios com entusiasmo. Se ele vivesse, sentir-se-hia, como eu, estranho nesta sociedade, porque n'aquelle tempo vivia-se.
 O meu fim, com esta conferencia, é entoar, na sua arte um himno á vida. Ha duas especies de vida: a vida inconsciente, a vida animal a vida que faz viver, e a outra, consequencia d'esta, a vida voluntaria, a vida espirital, a vida que cada um vive.

Digamos com o divino Hugo: «Só vivem os que lutam, aquelles cujo coração é bom e cujos dias são cheios. O mais pesado fardo é existir sem viver». O nosso amado Rafael viveu e triunfou. Foi um duplo triunfo: o triunfo artistico e o triunfo moral. Vivamos pois na sua recordação de beleza—a eterna beleza; e na sua recordação de amor—o eterno amor.
 Rematarei com o grande poeta:
 «Aimons encore, aimons toujours». Atravez do egoismo feroz que aproxima o homem do lobo, atravez do odio ruim que transformou os homens em chacacs, amemos ainda, amemos sempre e eternamente. Tal é o segredo da vida, como a concebeu o grande artista eternamente moço e eternamente bom!
 Ao terminar a sua magnifica conferencia o sr. Magalhães Lima foi bastante cumprimentado, tendo sido arguidos vivos ao conferente e á Republica.
 Entre a assistencia rimos muitas senhoras e os srs. Cruz Magalhães, fundador do museu, dr. João de Deus Ramos, dr. Sousa Pinto, Pedro Ramos Palma, Pedro Batista Ribeiro, Fernão Boto Machado, Gomes de Carvalho, Archer da Lima, Alfredo Cândido, Paulo Brito Aranha, Manuel Duarte de Figueiredo, José Duarte Elias, Alvaro Neves, Cisneiros de Faria, Luiz Ferreira Lima, etc., tendo toda a assistencia debandado com a mais excelente impressão.

nificativo, se collocou ao lado dos jornalistas que se recusaram a acceitar a tuleia da Moagem. A pobreza de caracter do sr. Cruz Magalhães não permitiu que fôsse quem fôsse pudesse supor que ele mudara de opinião. O seu escrupulo foi justo.

"O MUNDO"
 25-5-924.

A SESSAO DE ONTEM
 NA
CAMARA MUNICIPAL
 Sob a presidencia do sr. dr. Costa Santos, reuniu-se ontem á noite, em sessão extraordinaria, a Camara Municipal de Lisboa. Foram definitivamente aprovadas as condições de doação feitas pelo escritor Cruz Magalhães a Camara Municipal, do museu Rafael Bordalo Pinheiro.

"O MUNDO"
 31-5-924.
E, naturalmente, em varias outras jornais.

EDUARDO SCHWALBACH

Escritor notabilissimo. Espirito superior em toda a extensão da palavra, cultor, com igual mestria, da farsa, da comedia, do drama, tendo de certo preenchido alguns quilometros de prosa brilhante nas colunas dos jornaes, criou o mais bello, o mais honesto, o mais util processo de fazer revistas; não gosa da fama a que tem incontestavel direito, talvez porque não sabe, ou porque não quer fazer o elogio de si proprio, manha que sempre dá resultado, e que facilmente guida aqueles que a usam aos fastigios maximos da importancia e da notoriedade!
 Raras vezes tenho gosado o raro prazer de falar com o primacial literato. Irradia encantamento a forma desprezenciosa, simples, mas sempre amavel e graciosa, viva e atraente, como o grande homem de letras afavelmente recebe quem o procura. Raras vezes gosi o grato prazer de conversar alguns momentos com o scintillante comediografo, repito, sobretudo porque o meu feitor mazombo, arisco, de muito novo tentou desumanisar-me, e tem progredido sempre no malfadado intuito irritante e sombrio.
 Tenho oferecido ao fulgurante literato algumas das minhas bugiarias literarias, entre elas a «Carta para o outro mundo». O primoroso escritor é tambem primoroso homem de sociedade, nunca se esquece de agradecer, mesmo as mais insignificantes ninharias. Agradeceu.
 Passaram-se dias, semanas talvez, e num bello momento, encontro o portentoso dramaturgo. São sempre bellos os momentos de convivio com os homens superiores, principalmente quando tigram em ocultar a superioridade—por mais fugidios que esses momentos sejam! Sorrindo amavel, disse-me:—Então não se acredita na immortalidade da alma e escrevem-se cartas para o outro mundo! Sorri-me tambem agradecido. Dos homens de real valor até os remoqueos, por mais justos que sejam, honram e desvanecem aqueles a quem são dirigidos.
 O primoroso literato atingiu a fase da suprema bondade, que pode alcançar-se neste malevolo mundo! O melhor crisol das almas é o sofrimento, na martirios que alteiam o espirito a regiões desconhecidas do vulgo, que nem concebê-las pode! Raros ascendem aos requintes da bondade á medida que se aprofundam no sofrimento, ha creaturas em que o martirio exacerba a maldade! Seres imperfeitos, que facilmente desvaíram...

"O SECULO"
 5-5-924.

O escritor Cruz Magalhães não quer colaborar no jornal da Moagem

Do illustre homem de letras sr. Cruz Magalhães recebemos a carta seguinte:

Sr. Urbano Rodrigues—Uns 15 dias antes do conflito, que suscitou a saída do antigo corpo redactorial do *Diario de Noticias*, havia eu entregado, em mão propria, ao sr. Acacio Pereira, um artigo a respeito do insigne pintor, sr. José Maló, e um caricatura do exímio escriptorista, sr. Francisco Valença para o acompanhar. Os motivos de demora na publicação do artigo, selada, aliás, a caricatura, de forma a ver hoje, com surpresa, publicado o meu artigo, suprimida a honrosa companhia do citado prestigioso caricaturista, ignoro-os. Tendo eu manifestado sempre a minha concordancia com o proceder do antigo corpo redactorial do *Diario de Noticias* mal se poderá comprehender a publicação do artigo. Nem eu proprio a comprehendo! Acabo de enviar ao sr. redactor principal do *Diario de Noticias* a carta de que junto copia. Creto que assim fica explicada a minha reaparição no *Diario de Noticias*, do qual fui com muita honra, colaborador n'outros tempos do sr. Eduardo Coelho e do sr. dr. Alfredo da Cunha, se ó que he explicação possivel! De v. com a devida consideração, etc.—Cruz Magalhães—21 5 924.

Na carta enviada ao *Diario de Noticias* o fundador do Museu Rafael Bordalo Pinheiro pede que seja tornada publica a declaração de que o seu artigo fôra entregue ao chefe da redacção do *Diario de Noticias*, antes da saída do antigo corpo redactorial daquela folha. Feligamos registrar a nobre attitude do distinto escriptor que, desde o primeiro momento e por forma bastante sig-

Hoje, de todos os primores da conversação erudita e simples, comedadora e natural, do insigne dramaturgo, evolui-se alguma coisa transcendente, dominadora: a certeza de que se fala com um bom. Tal certeza confirma-se na espontanea sinceridade com que elle confessa receber actualmente toda a qualquer diatriba literaria, toda e qualquer injustiça, com um sorriso complacente!

Ha uns anos, accedeu confiadamente a emprestar alguns bellos originaes, que possui, para serem copiados e figurarem no museu rafaellino. Honrou com a sua visita, demoradamente, revelando sumo agrado, o «Museu Rafael Bordalo Pinheiro».

Colaborou com o glorioso caricaturista. Do prestigioso escriptor colhi uma nota inedita de desanimo de Rafael Bordalo, como ceramista. Infelizmente foram multiplas e variadas as causas de desalento para o fecundo caricaturista e benemerito resurgidor da ceramica artistica nacional!...

Uma vez em que Schwabach procurou o grande Artista para trabalharem juntos, encontrou-o acabrunhado. Perguntou-lhe a causa daquele abatimento. Era motivado por uma critica injusta de Fialho de Almeida á jarra Beethoven, notára-lhe formas irregulares, exageradas, inesteticas, ou coisa que o valha!

Rafael, num desabafo, explicou:—Quando se chegou á minha idade e se obteve certa categoria artistica, não se desconhecem as formas regulares e consagradas, se o artista foge ás normas classicas e excede as praxes vulgares, se cria qualquer coisa arrojado, iconoclasta, alguma razão o move. Na minha jarra deixei que a fantasia substituisse as regras preestabelecidas para fazer resaltar alguns grupos, uma figura, motivos ornamentaes: propositalmente o fiz, atacarem-me por tal motivo é triste e tira toda a vontade de trabalhar!

Salvo as palavras, das quaes só as sublinhadas são textuaes, creio que a ideia do grande Artista está fielmente traduzida.

Assistia-lhe a maior razão, o genio difficilmente se amolda ao circulo restrito do convencionalismo.

O proprio Schwabach, prestigioso, uberrimo escriptor, tambem soffreu, no inicio da sua triumphal carreira de dramaturgo, uma injustiça de Fialho, que ás vezes timbrava em ser azedo!

Foi numa critica á peça «Santa Umbelinas», depois transformada no «Sol de Abril».

Na peça, uma das frases maisnudas pelo autor da «Cidade do Frio» e de tantas outras maravilhas literarias, foi esta: «Crê em Deus, crê numa mulher e em ultimo recurso crê em ti proprio, mas crê!»

Nobre e bello conselho! Instigador dos fracos, consolativo para todos, proprio para alentar os mais pusillanimes!

Nem presumo que defeto poderia inventar a fecunda e larga imaginativa de Fialho num tão conceituoso e alto pensamento?

Em caracter de menos rija tempera a injustia do temido critico poderia ter aniquilado um escriptor pelo desanimo!...

Muitos anos depois, no antigo D. Amelia, tendo dias antes Schwabach prestado um serviço ao virtuoso Fialho, este acercou-se do consagrado dramaturgo e laureado escriptor, efusivo confessa:—Sabia que eras bondoso, todos o sabem, o teu proceder para comigo veio dar-me a prova decisiva, esqueceste, servindo-me, um facto que me obriga a arrependimento! Foi aquella critica á «Santa Umbelina»! Desculpama, levaram-me para um camarote de segunda ordem, acirraram-me contra a peça... olha que aquillo foi uma rapaziada!...

Schwabach sorridente abraçou Fialho mui justamente tambem consagrado escriptor, como um dos mais illustres da nossa boa terra portugueza, e ficaram bons amigos.

Não se atinge a gloria, ou a simples notoriedade, sem se pisarem no Calvario da vida os espinhos da maledicencia, que ainda são os mais suaves! Felizes aqueles a quem se depara uma espontanea e nobre retratação como a de Fialho, cujo azedume, afinal, foi originado por grandes torturas anímicas.

Vem a pélo outro caso com Fialho de Almeida.

Mannel Gustavo Bordalo Pinheiro, um notavel artista no desenho e na ceramica, em que chegou a realizar lindas peças com uma especie de embutidos, processo quasi exclusivamente seu, de alta valla, que não desenvolveu sobretudo pela mesquinhez do meio nacional, contou-me, em tempo, uma parida do notavel critico e colossal produtor, quando colaborava brilhantemente nos «Pontos nos 11», admiravel publicação cheia de arrojo e genio, que Rafael Bordalo Pinheiro assombrosamente illustrou. Quando se representou a «Es-



EDUARDO SCHWALBACH

(Desenho inédito de Bordalo Pinheiro - 1898)

tatua» do fecundo, honesto e sapiente escritor, Lopes de Mendonça, que com tão fulgido brilho honra as letras patrias, Filho estava disposto a criticar a fundo e ferinamente a peça! Naturalmente, fizeram-lhe notar a injustiça, que attingia um parente, cunhado do proprio Raphael Bordalo Pinheiro. Então o empolgante escritor escreveu para a pagina dupla do numero de 18 de Abril de 1889 algumas palavras repassadas de ironia, terminando: «Seja-nos licito pois saudar num mesmo aplauso os tres autores da «Estatua», de Lopes de Mendonça, com uma pontinha de comocão, que, se prefere o poeta, não admirará por certo aos que nos lêem. Lopes de Mendonça, além de ser um poeta dramatico de folego, que diabo! é nosso parente.»

Nos tres autores incluía Leandro Braga, que fizera uma estatua, e Manini, que executára, pelo menos, uma scena!

O mais curioso é que Raphael Bordalo Pinheiro só soube da partida... quando viu o jornal na rua!...

Afinal, estas modestas notas sobre o magnifico e glorioso escritor, que é Eduardo Schwalbach, saíram uma miscelanea!

Haverá inconfidencias, que a Justiça contrabalança.

Valha-nos isso.

CRUZ MAGALHAES.

"O PRIMEIRO DE
JANEIRO"

9 - 5 - 924

Na secção:

Remember... revive

PORTUGAL VELHO

Dr. Julio de Vilhena

Mal comprehendo como homens, que exerceram os mais altos cargos do Estado, que lidaram com Reis. e com o escól da fidalguia, que frutiram as maiores honras e distincções, podem ser d'uma afabilidade captivante, d'uma lhaneza cordeal e despretenciosa... e menos comprehendo como certos ~~adhesivos~~ adhesivos, por fazerem umas rimas insuísas e uns livrescos ôcos, se julgam grandes... de Espanha, olhando do alto da sua sobranceria balôfa e rées aquelles que elles julgam—e julgam todos—muito inferiores á sua pedantesca filauca!

E prégam a egualdade!...

Uma egualdade a seu modo, que os leva a serem subservientes com todos os empregados das repartições de que são farfalludos e prejudiciaes, ornamentos incluindo os continnos, porque a todos devem dinheiro!...

Como os tempos mudaram! Como a degradação dos costumes acompanha bem a insania munda-

dial, de que a grande guerra foi a prova suprema e a causa mais eficiente!...

O dr. Julio de Vilhena, conselheiro, antigo ministro, presidente de Ministerio e chefe de partido, é d'uma grande simpleza de maneiras e de fallas, elle, um erudito, um escriptor de bom quilate! Humorista, por vezes levemente sarcástico, reveste sempre a linguagem d'um comedimento espontaneo, e sabe, perante republicanos, ser imparcial, sem ferir susceptibilidades.

O estylo é o homem; o de Julio de Vilhena é sobrio, terso, magestoso, sem deixar de ser correntio e facil.

Conversando a respeito da marcha actual da politica, que positivamente não agrada a gregos nem a troianos, o ex-ministro da Corôa teve uma adoravel expansão, e confessou que era muito mais facil governar antigamente do que hoje.

Out'ora, a causa publica rolava, por assim dizer, sobre carris; um leve impulso e deslizava. Os encargos do poder davam ase a executal-os, sobrando plaecido tempo para S. Carlos, visitas e saraus diplomaticos e palacianos, recepções, bailes, etc. Mas agora não, a vida publica é muito mais accidentada e bulçosa, cheia de preoccupações graves e de problemas intrincados. A antiga paz transformou-se em inquieta efervescencia constante!

As palavras não foram precisamente estas, procuro simplesmente traduzir pallidamente a judiciosa critica, o confronto entre os tempos idos e os de agora.

Travimos relações por causa do «Museu Raphael Bordalo Pinheiro», que espontaneamente, o antigo ministro, visitou. Homem de gosto, reuniu em sua casa grande numero de preciosidades artisticas, entre as quaes avulta uma das mais excellentes maravilhas, que sahio do genio fecundo e bello do glorioso Raphael Bordalo

Pinheiro. É um perfumador, estylo indiano, em que a arrojada imaginativa raphaelesca se desentranhou em rasgos de phantasia, e na assignalada pericia de vencer maximas difficuldades ceramicas, ao ponto de sobreexcederem não só o que pôde admirar-se no genero, mas até o que pôde conceber-se!...

Expandi o meu enthusiasmo, ao ver a famosa peça, e usei acentuar quanto seria util, desvanecedora e honrosa para o «Museu Raphael Bordallo Pinheiro» a posse de tão surpreendente obra de arte. O illustre e feliz possuidor de tal prodigio não mostrou grande impossibilidade de que o meu arrojado anseio se realisasse. Den-me a amavel benevolencia atrevido ouso e apresentei o seguinte argumento: «esta peça tem uma dedicatoria indelevel, a V. Ex.ª; é indivisivel, são ^{quatro} os filhos de V. Ex.ª que por herança—que os bons Fados permittam seja demorada o mais possivel—a possuirão; não é vendavel porque os filhos de V. Ex.ª não consentirão que se aliene uma obra de arte, que foi executada como preito a seu illustre Pae, logo o melhor destino, que a espera, é a ~~seu~~ exposição no «Museu Raphael Bordallo Pinheiro», com as devidas declarações a respeito do offerente, e da sua nobre isenção, doando-a, ou, pelo menos, consentindo na sua exposição condicional.»

Sorriu-se, o meu complacente ouvinte, e limitou-se a dizer, pouco mais ou menos: «sim, senhor, é um argumento de peso.» O antigo e cotado homem publico visitou demoradamente o «Museu Raphael Bordallo Pinheiro», concedeu que se photographasse a prodigiosa peça, e chegou, como disse, quasi a permittir que ella figurasse no «Museu».

Quando o «Museu Raphael Bordallo Pinheiro» vier a pertencer definitivamente á cidade de Lisboa, aqui fica um apello a quem

17/12

n elle superintenda para que mova o respeitavel estadista e fino estheta a fazer tao benemerente concessão.

E' homem de palavra; se tivesse amido logo a doar o precioso perfumador, pega digna do melhor Museu do mundo, ninguem duvidasse de que ella viria a figurar na vasta collecção raphaelina do Campo Grande.

E' homem de palavra. Um singelo facto o comprova. Uma vez, fallando-se da farta copia de autographos, que o antigo politico possui, disse-me que tinha bastantes cartas de Camillo Castello Branco. Ora eu, refractario a pedir para mim, velho amigo d'um camilianista ferrenho, solicitei do atavel dr. Julio de Vilhena a graça de dar uma carta ao camilianista meu amigo. Anuiu promptamente o complacente autographo-fillo, e eu corri a participar a boa nova. Passados tempos, porém, o amavel doador confessou-me afflicto: — sabe o que me acontecen com as cartas de Camillo? Havia-as dado a um dos meus filhos!... Não calcula como fiquei desgostoso. Quando procurei as cartas, e não as encontrei, é que me lembrei da anterior offerta!

Naturalmente, soceguei o espirito desolado do benevolo offerente, dizendo que nada havia perdido, e que não se fallava mais em tal.

—Não, senhor! Prometi, hei de cumprir. Já disse a meu filho que escolhesse uma e a trouxesse, porque estava comprometida a minha palavra.

Dias após, recebi a grata noticia de estar a carta ao meu dispor!... Lá fui, com Luiz Ferreira Lima, que a recebeu penhoradissimo.

Ha coizas, na apparencia de pouca monta, que revelam um caracter, uma alma nobre!

Ah! Portugal Velho! Como Tu foste grande e admiravel para ainda revivesceres e reffloreses tão bellamente! Assim a frequencia das acções meritorias fosse tão geral, quanto o seu quilate é fulgido!...

Cruz Magalhães

"O JORNAL DO COMERCIO E DAS COLONIAS"
18-6-924.

Recordar... reviver

Dr. Antonio José d'Almeida

Alma até Almeida! Nunca este pro-
pósito popular teve mais autentica, mais
garantida e mais ampla confirmação!...

Se encaramos o homem publico, o
democrata indefectivel de sempre, quem
o sobrepuz em fé viva, em calor de
oposição, em entusiasmo patriótico?!
Se admiramos e martir do sofrimento
fisco, ou numa crueza de doença tan-
ta vez tem querido detruir, que tan-
ta vez quasi emagrou, vémolo preco-
cemente envelheado, com o cansaço or-
ganico a minde prestes a abatel-o mas
resargindo sempre para a missão
de defender garbosamente os seus prin-
cípios, e sobretudo a sua adorada aman-
te, a sua sedutora deusa, a sua deslum-
bradora Patria!...

Começou logo em Coimbra, estudan-
te, a sua empolgante accão de grande
propagandista democrata, ardente, indo-
mavel, arrebatador!

Conheço dois casos curiosos d'esse
tempo.

Preso por delicto politico—a explica-
ção era escusada—procurou-o entre cen-
tenas de pessoas, um modesto indus-
trial, ardoroso republicano, que levou
ao grande patriota a sua solidariedade
splendente, e ao mesmo tempo, uma
porção de maços de cigarros, marca
«Princesa». Lá lhe pareceria, presumo
eu, que um republicano fogoso teria
prazer em queimar princezas. Ao des-
pedir-se, para confortar o recluso, ex-
clamou: «é necessario ter *energia*, muita
energia!»

O mais curioso é o Dr. Antonio José
de Almeida defender a opinião de que
a palavra *energia* diz muito mais, é
muito mais vibrante do que a fraca
energia; *energia* é mais *energica*, ex-
prime melhor a ideia, dá-lhe mais for-
ça, ainda hoje assevera, rindo, o grande
tribuna!

Pela mesma occasião foi também visi-
tado por Elias Garcia, com os seus ares
patriarchaes de patriarca da Republica,
que não obstante, se mostrava sempre
extremamente amavel, se não lisonjeiro,
com todos, e principalmente com os da
sua grei. Ao despedir-se, exclamou afec-
tuoso:—quero dar-lhe um abraço, ohe
que del um, quando sai de Lisboa, a um
rapaz também de grande talento, ao
peço Fialho de Almeida.

O, então estudante, Antonio José de
Almeida, fudamentalmente modesto, fi-
cou interdito: não supunha que alguma
fosse capaz de o immanar no cotado es-
critor, cujo nome já era prestigioso en-
tre os luminarios das letras portugue-
sas.

A respeito desta honrosa prisão pu-
blicaram os «Pontos nos 11», de 3 de
Julho de 1890, um retrato do enclausu-
rado, esculpado por:

ANTONIO JOSE D'ALMEIDA
(Preso na cadeia de Coimbra, por crime
de imprensa)

e tendo por supedâneo:

«O governo deve estar a estas horas
arrependido de haver promulgado a lei
das rollas, porque a cada victima incur-
sa nela, eis que o país se levanta, para
fazer uma oração ao criminoso.

Antonio José de Almeida, é a última
prova do quanto um destes burlescos
processos, é salutar á obscuridade dum
nome, e lhe ganha de subito a simpatia
popular.

O autor do artigo republicano do
Ultimatum, que é um distinctissimo es-
tudante, rejubila por certo estas horas
na carcere, tendo a aligeirar-lhe os ter-
ros os borbórios das manifestações,
que todos os dias lhe vão fazer ás ja-
nelas, os seus colegas, e o povo inteiro
de Coimbra.

Nunca houve pena que menos custasse
a um enclausurado!

Coincidencia digna de nota: as pala-
vras transcritas são devidas certamen-
te á pena insumissa e forte de Fialho
de Almeida, que, no tempo, *Uff!* publicava
no saudoso jornal de caricaturas do
grande Rafael Bordalo.

Coração de ouro em alma simples.
Esposo e Pai amantissimo, um só facto,
quasi ignorado, patencia iniludivel o
raro altruismo, no que o acompanha
a virtuosa Esposa, exemplo nobre de
esnosas e de Mães.

No Gerez, em 1898, tive o prazer e a
honra de ser compaheiro de hotel do
Grande Republicano, davamo-
nos cordalmente. Caiu gravemente
doente uma senhora, antiga cliente, em
E. Tomé do abalado clinico. A doen-
ca attingiu uma fase extremamente pe-
rigoza, e instancias da enferma e de
seu marido, com prévia auenciação
assistente, o Dr. Antonio José de Al-
meida acheu a tratar a enferma, que

obteve melhoras tão rapidas quanto
animadoras. A seguir a tão prodigioso
resultado, chegaram noticias alarmantes
da Figueira da Foz onde estava a *P. V.*,
gracia do fihinho do Dr. Antonio José
de Almeida. Graçava lá com intenção
de a pneumonie! Imediatamente a se-
nhora D. Maria Joana Quelroga de Al-
meida se sobressalta num extremo e jus-
tifficadissimo terror, e resolve, em an-
siosos Pais, a partida urgente para a
Figueira, com o intuito de arcarem
a creança estremeada ao foco do apavo-
rante flagelo.

Haviam morrido já algumas pessoas,
entre ellas o malogrado maestro David
de Sousa!

Assim que informaram a doente da
resolução tomada, piouou por forma im-
prevista e melindrosa!

Tive a desvanecedora e comovente
honra de assistir, e poucas mais pessoas,
à cena que segue.

Estava a senhora D. Maria Joana,
com algumas senhoras, e uns dois ou
tres cavalheiros, no terraco do Hotel,
chegou contristado o proficiente medico,
que sempre considerou a Medicina como
um verdadeiro sacerdoceo, e disse:—
Maria Joana, não podemos ir por em-
quanto buscar a nossa filhinha!...

O olhar afflitivo da carinhosa Esposa
foi expressivo: uma interrogação espa-
vordida, anelante!...

O solfido doutor explica:—a minha
doente, ao saber da nossa resolução, piou-
rou gravemente!

A senhora D. Maria Joana Quelroga
de Almeida submeteu-se corajosamente
à provação reciproca!

A doente melhorou, poucos dias de-
pois realçou-se a saída do Gerez.

Quem não tiver alma e coração para
apreciar este heroico e nobilissimo ras-
go de Pais extremosos, também não
o apreciaria, se eu tentasse a suprema
audacia de o comentar.

Para galardãoar condignamente tão
alto sacrificio, cheio de abnegação, não
sei que haja af condecorações, ou dis-
tingções apropriadas, teriam de inventar-
se excecionalissimas.

Passaram-se mezes, o preclaro cida-
dão é eleito Presidente da Republica;
não digo venerando porque o era já
antes da alta magistratura lhe conferir
a classificação.

Na vespera da posse fui lavar o meu
carinhoso abraço de parabens e decla-
rar que me despedia por quatro anos.

Manifestou a maior surpresa, o admi-
rável e desvanecedor Amigo!

Expulquet!—Conheço o meu feitiço, a
minha esquivação, o meu quasi temor
por todos os grandes da Terra; eu não
sei, não posso manter relações com um
Presidente da Republica, com um Chefe
de Estado!

E logo o meu adoravel segundo João
de Deus, na banha e no amoravel e
despretencioso afabilidade:—fica prohibi-
do de pôr em pratica tão louca inten-
ção; será sempre bemvindo, quando eu,
pelos deveres do meu cargo, não puder
atendelo, sempre haverá quem o rece-
ba, em quanto eu não apparecer.

Era impossivel resistir a tão imperio-
sa determinação de tão adoravel Amigo.
Durante o quatrienio algumas dezenas
de vezes gosei o prazer e a honra de
conversar com o Chefe do Estado, il-
lustre prerogativa, que frui pela pri-
meira vez, e, com toda a certeza, pela
última.



ANTONIO JOSE D'ALMEIDA

Remigo esta não está profira.

lt
lt
lw

hon

do Dr. Ant. José de Almeida

Dr. Magalhães Lima

Poder-se-ia julgar, superficialmente, que neste insigne caudilho da Democracia existe uma tal ou qual versatilidade de tipos, devido a uma fadiga cerebral, nada para admirar num homem que labuta há mais de cinquenta anos pelo consurgimento de todas as ideias altruistas da perfectibilidade humana, e que, sem dúvida, apavorantes desilusões terá sofrido.

Injusto erro! Magalhães Lima é hoje, como foi sempre, um contemporizador, um benevolente, descepo de não descurar, o que só em casos de consciência não resiste a impôr-se, se julga firmar-se nas bases sólidas do Bem, da Justiça e da Verdade. Em novo foi um idealista, quasi um utopista, crente fervoroso nos altos destinos da Humanidade; hoje é o mesmo idealista, o mesmo quasi utopista, ardoroso, ferrenho, inflexível!

Poderão milhares de desenganados patentear-lhe a inutilidade dos esforços para se conseguir um mundo como o — eterno sonhador — idealista: trabalha sempre, propaga sempre, tem sempre a mesma fé numa vida futura melhor, menos egoista e mais equitativa. É um crente da Bondade, porque é um Bom. Na minha larga convivência com o grande propagandista de todos os ideais nobres e belos, nunca pude colher, de uma observação pertinente, senão o firme convencimento de que só pela harmonia dos povos trabalhos, subreptício do Povo Português que, entranhadamente, ama. O culto da Pátria possui em Magalhães Lima o mais fanático e entusiasta apóstolo.

É curiosíssimo o escritor do magalheirismo republicano! As paredes estão cheias, em toda a altura, de homenagens do grande tribuno, de revelações e de retratos de homens que o prezam, e que ele igualmente prezava. Na grande mesa em que trabalha ha sempre algumas dezenas de brochuras, de cartas, de jornais, que lhe enviam regularmente de toda a parte. Afavelmente, recebe centenas de visitantes, com uma despretensão carinhosa, uma naturalidade igualitaria, expeñendo, sem excepções, um acendrado milto de ser útil. São inumeráveis os pedidos diários que o assedião!... Se pudesse, não deixava uma solicitação insatisfeita! As decepções, as ingratidões, por mais amargas que sejam, retemperam-no, ungem-no para novas lutas! Nada tiram, nem põem, certamente, estas minhas palavras de justiça, na fama que deve aureolar a fronte honrada do dr. Magalhães Lima.

Fala por mim um facto só, creio que pouco conhecido, meho André de Corvo ministro dos estrangeiros, quando Magalhães Lima começou em Lisboa a sua audaciosa campanha em prol dos republicanos, já brilhantemente sustentada em Coimbra. Ao not vel homem publico do antigo regime não passou despercebido o alcance da campanha e a valentia combativa do lutador. No primeiro ensejo fez-lhe uma predica amavel, acbandando por lhe oferecer o consulado de Hong Kong ou de Schanghai, então vagos. Pateu-lhe com as melhores cores o tentador futuro se aceitasse, como experiencia, qualquer daquelas situações diplomaticas, com promessa formal de melhores cargos depois.

O dr. Magalhães Lima respondeu com delicadas evasivas, toimou o ministro, e o solicitado ficou de dar resposta definitiva. Foi procurar o antigo discipulo de Coimbra, dr. Trigueiros de Martel, contou-lhe o sucedido e acabou por afirmar: ou só

aceitares o oferecimento, se tu quiseres para ti uma das vagas. Após leve discussão, Trigueiros anuiu, e va de c.meçarem os dois em afazosos estudos do direito internacional, de tratados, e de tudo que pudesse servir-lhes nas futuras normas diplomaticas para bem cumprirem seus deveres. Fontes Pereira de Melo, em ocasião propicia, tentou seduzir ainda mais o indefeso democrata, chegando a maisinar o partido avançado, e a afirmar que ele era composto na sua maioria por criaturas com as qua.s Magalhães Lima não devia acamaradar, não citan lo até homens e factos, como se em todos os partidos houvesse bom e mal...

Magalhães Lima comunicou a insistencia e a maisinação do cotado ministro da monarquia ao seu amigo Trigueiros de Martel... do que resultou os dois intransigentes rapazes alirarem com toda a livralhada diplomatica e com o futuro liscajeiro... as origas!

Não teriam de que se envergonhar os dois adeptos da Democracia, se aceitassem, mediante concurso, os lugares, que lhes eram oferecidos. Quantos republicanos serviram a Nação no tempo da monarquia, quantos, incomparavelmente mais numerosos, o servem depois de implantada a Republica!... E' que os fogosos rapazos indignaram-se por saberem deprimida a reputação dos correligionarios, e não quiseram que lhes passasse nas consciencias uma sombra sequer de favor monarchico! Se todos os republicanos possuíssem estas virtudes de honra patriótica, civica, republicana... seria a Republica um verdadeiro céu aberto!...

Em 1891, no livro *Pela Patria e pela Republica*, em que Magalhães Lima expande todo o seu ardor patriótico e toda a sua fencação pela Republica; a pg. 164 encontra-se esta frase:

— O mais importante não é fazer a Republica: é tornala querida no interior e respeitada no exterior.

Clarividente sentença, tão a tempo aconselhada, e tão descruada na pratica! Na sua ja longa vida — setenta anos feitos — não aceitou nunca um lugar remunerado, a sua isenção é patente e exemplar!

Dezenas de vezes tomou ao estrangeiro, como diplomata de largos e fecundos vãos, na defesa dos interesses patrios, que o preocupam muito mais do que os proprios. La vai agora mais uma vez nessa missão benemerita. É presidente do «Grupo Amigos Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro». Ninguém o excede, nem sequer iguala, na propagação do Museu, no fanatismo entusiasta com que o defende e exalta!

Varias vezes o desanimo tem vencido o fundador do «Museu Rafael Bordalo Pinheiro», mais novo dez anos, mas muito mais velho para resistir a decepções, e sempre o dr. Magalhães Lima surge a ton po para inculir animo, para suavizar magoas, para desfazer atritos! Posso garantir que ha, pelo menos, dois anos o dr. Magalhães Lima é mais a alma do Museu do que o proprio fundador, muito menos forte e muito menos resistente do que esse gentil velho, pereno da melhor seiva patriótica. Um velho sempre rapaz! O vemente e imp. rterrito republicano trabalha actualmente nas suas «Memorias», repositório interessantissimo de mil factos historicos, aneddoticos, propagandistas de aureas aspirações, na vibração das lutas porfiadas de uma vida inteira, devotada ao serviço desinteressado de todas as ideias nobres, de todas as causas justas, de tudo, principalmente, que represente o progresso, a gloria da nossa boa Terra Portuguesa. Desta boa Terra Portuguesa, deste Portugal altivo, herço multi-secular de herois, cujo poderio se alastrou por

Tive occasião de apreciar a vasta erudição geral do primoroso orador, pujantissima no que se refere à lingua portuguesa, e formidavel no que respecta à eloquencia. Nunca esquecerei os apraziveis momentos em que lhe ouvi uma dissertação completa e criteriosa sobre oratoria, antiga e moderna, e sobre oradores.

O venerando ex-Presidente dignou-se conceder honras excepcionaes ao Museu Rafael Bordalo Pinheiro, inapudavela extremamente cativantes! Pelo menos tres vezes o visitou!

Recomendou a visita ao Museu a varias pessoas, entre ellas alguns jornalistas estrangeiros!

A pedido, offerceu uma bela fotografia, na qual espontaneamente escreveu a seguinte penhorante dedicatória:

«Ao Museu Rafael Bordalo Pinheiro, o pequeno-maravilhoso Templo da Arte, de que Cruz Magalhães foi o constructor comovido e é o celebrante entusiasta, em 6-8-921.—Antonio José d'Almeida».

Possuia, o ex-Presidente, um precioso «Zé Povinho», barro minuscuro admiravel do genial ceramista, offerta do proprio autor ao vibrante republicano; bizarramente o doou ao Museu, onde rigura em lugar especial.

No animo sensivel do Dr. Antonio José de Almeida ficou memoravel o facto de se haver estreado como orador de tomo, em Lisboa, no enterro do glorioso caricaturista e ceramista.

Desse facto inesquecivel resultou uma recordação amavel, quasi grata, que prende à memoria de Rafael Bordalo Pinheiro uma saudade carinhosa, enraizada no coração primoroso do orador, que então produziu um discurso notabilissimo, garantia dum futuro radioso na oratoria portuguesa, que o Dr. Antonio José de Almeida inteiramente alcançou. Pelo mesmo motivo, certamente, o livro de ouro dos visitantes do Museu Rafael Bordalo Pinheiro abre com as desvanecedoras assinaturas do Dr. Antonio José de Almeida e de sua digna Esposa.

Creio que fundamente o carinhoso amor do Dr. Antonio José de Almeida pelo Museu Rafael Bordalo Pinheiro, o que é injustificavel — perde-se-me a vaidosa inconfidencia — e a dedicacão do venerando ex-Presidente pelo fundador do Museu, que tanto procura a sombra amiga, e tanto foge a honrarias de qualquer natureza.

Duas vezes o benevolentissimo Amigo aborou a estranha ideia da que me fosse conferida uma notavel condecoração! Da primeira vez... afirmei muito simplesmente, a impossibilidade de a aceitar. Passados mezes tornou a falar no estupendo caso! Então invoquei a saude e a vida da senhora D. Maria Joana Queiroga de Almeida, e da interessante Tété, para que se não fallsse mais em tal. O mais curioso do caso foi o meu paciente exaltador, tão acostumado, certamente, a que lhe mostrassem sumo agrado por tais lembranças, receber a minha excusa sem pe pateutar então, nem depois, o mais leve resentimento!...

Foi o primeiro Presidente, que vingou completar o quadrienio.

Honra e gloria a Ele, que se manteve esforçada e patrioticamente ao espinhosissimo cargo, e a todos que concorreram para que se levasse a bom termo esse por vezes tumultuoso, mas sempre brilhante periodo presidencial, cuja entilhacão maxima fulgu na nossa representacão no Rio de Janeiro, por tal forma excoisa que os Brasileiros, e a nossa Colonia, não souberam que mais admirar: se o vemente e fecundo orador, se o homem de altissima envergadura moral se o diplomata na mais ampla e na mais prestigiosa accção da palavra!

O prodigioso Camilo — uma autentica e principal gloria portuguesa — affirmou seguros que Deus, ao settimo dia, não descansou, envergonhou-se de ter feito o homem!

De tão desolador pessimismo salvamos, como um protesto retumbante e consolativo, honras como o Dr. Antonio José de Almeida.

Mas, se houver quem queira dar razão ao fertil e genial romancista, supondo que foi a adulação vulgar e rasca, que impulsionou estas pobres luhãs, só recommendavos pela sinceridade espontanea e grata, obroquele-nte a certeza de que o grande Presidente e sua virtuosa Esposa, sabem quanto semelhante hipotesis é falsa e nojosa.

Grande Presidente?! Sim. A Historia o sugrará na justa classificacão.

CRUZ MAGALHÃES.

"O PRIMEIRO DE JANEIRO"
26-6-924.

tojo o mundo, e que ainda hoje se expande orgulhoso o arrojo e brilho, dignos de se imporem à admiração e ao respeito de todos os povos.

CRUZ MAGALHÃES.

"O MUNDO"

1-7-924

VULTOS PATRIOS

O pintor

Columbano Bordalo Pinheiro

é um grande artista

probo e fanatico pela sua arte

Os verdadeiros intelectuais, aqueles que se dedicam às letras, à oratoria, às belas-artistas em geral, à sciencia, cultivando, desenvolvendo, criando obras altamente belas, muitas vezes esteio da propria Humanidade, sempre reveladoras de espiritos eleitos, são os sacerdotes do templo da fantasia e do sonho, das transcendencias iriadas, dos grandes limitivos humanos, vistos atravez dos prismas iriados da Arte, ou da benemerencia publica. Não podem deixar de ser tambem complicados, imcompreendidos pelo vulgo, pelos chamados praticos, que, terra a terra, amontoam riquezas brutais para satisfação unica de baixos instintos.

Não devem ser considerados superiores os homens que, mercê duma réles vocação onzenaria e, sobretudo, pelo acaso duma sorte cega, entesouram fartos elementos para gozarem vida regalada, sem uma aspiração que não seja material e rasteira, ostentosa e fatua, artificial e inutil!

E ha destes individuos com exigencias blasonadoras, com pretenciosos requintes—polimento falaz em grosseiro pinho da terra!

Mas, quando esses argentarios pifios, se arrogam prerogativas de verdadeiros valores sociais, se pavoneiam com intrincados personalismos, como poderemos admirar-nos das transcendencias de caracter, tidas por esquisitices, que, mais ou menos, acompanham o desabrochar do talento até a sua eclosão plena, que muita vez revela o proprio genio?! Como esperar serenidade constante de animo, de vistas, de processos, nesses homens autenticamente superiores, cujos horisontes illuminados, amplísimos, não cabem nas dimensões largas do proprio planeta que habitamos?!

Raramente se nos deparará engenho superior, que não nos perturbe ao mesmo tempo pelas radiosidades duma cerebração alta e pelas excentricidades do feito animico, muitas vezes, na apparencia, incongruentes!...

Estas excentricidades imperam, em gradações varias, na obra do Artista, e scirram criticas quasi sempre malevolas e raramente justas!

Quanto mais o Artista, ou qualquer homem superior, desbalisa os horisontes vulgares, mais a maledicencia o persegue!

Mestre Columbano atingiu a culminancia dos elogios, provavel é que tenha provocado tambem a da correlativa mordacidade, quasi sempre movida pela inveja soez.

Quere-me parecer que um Artista de bom quilate, senhor consciente do seu merecimento, não perde tempo, ou não pode perdê-lo, em discutir, e muito menos em depreciar o dos outros, deve pairar muito acima dessas coisas minimas.

Afinal, por mais alto que a Fama guinde um homem, por mais brilhantes que os seus feitos se revelem, o barro comum existe, e parece que os Artistas nem sempre se mantem nas peregrinas regiões da Arte pura, sobrenadando, incolumes, ás miserias terre-

O Museu da Arte Contemporanea, cuja gloriosa riqueza em obras de Arte é manifesta, e nos dá a consoladora certeza de que temos farta copia de grandes Artistas na Pintura e na Escultura, honra e desvanecimento de todos os portugueses, deve a Mestre Columbano os mais constantes e desvelados cuidados. Se o grande Artista não tivesse jus, pela sua preciosa obra, ao acatamento geral, bastaria o carinho e proficiencia com que dirige o Museu de Arte Contemporanea para ser credor do maximo respeito e benemerencia.

A Sala da Escultura é um verdadeiro mimo, formoso escriptorio de famosas joias de Arte!

Indubitavelmente, o Museu, pela magnificencia dos trabalhos expostos, constitue um titulo de gloria para os Artistas nacionais, para a Arte portuguesa moderna, nele brilhantemente, honrosissimamente, representada.

Lá procurei um dia o grande Mestre para colher alguns episodios anecdoticos da sua vida.

Resposta, revestida do maior ar de modestia:—Não tenho nada, vivi sempre com tal singeleza, que, realmente, não posso fornecer elementos desse genero.

E assim se escusou ardeiramente ao meu pedido.

E, na verdade, modesto, quasi acanhado, mas zeloso defensor dos seus amigos, sobretudo dos notaveis cultores de Arte, que lhe mereçam deferencia especial.

Comigo se deu um caso tipico.

Falando dum arquiteto illustre, saíram-me inconscientemente, sem o mais leve intuito desprimoroso, as palavras «um tal» anteditas ao nome do abalisado Artista. Mestre Columbano deu quasi um pulo e exclamou melindrado:—«um tal!»

Por um triz me não pregou uma reprimenda azeda na defeza dum dos mais cotados mestres das Arquitetura portuguesa.

Fez bem. Devem medir se as palavras quando se fala de homens dignos de culto.

Ultimamente, contemplando o curiosissimo quadro «Um concerto de amadores», referime á figura que canta a meio da pitoresca scena, e, convicto, disse:—aquele sujeito do centro canta indubitavelmente, é flagrante!

Mestre Columbano comentou:—E canta mal.

Não ha duvida, «vê-se» que o homem canta, e até se pode «vêr» sem esforço, que canta mal!...

Uma criatura, com certo geito para coisas artisticas mostrou ao sizado Mestre algumas desenhos, louvou-lhos amavelmente, e como, após assuntos de algum folego, lhe exhibisse umas caricaturas, não se conteve, mestre Columbano, e aconselhou:—deixe esse genero, procure cultivar a Arte a serio. Isto não quere dizer, é claro, que o Mestre desdenhe em absoluto—a caricatura. Tanto assim é que se dignou visitar repetidas vezes, demoradamente, o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, e mais duma vez, muito desvanecedoramente para o

148
escrevinhador desta prosa chã, comentou:—Meu irmão foi tão feliz que até depois de morto houve quem lhe recolhesse e perpetuasse a obra!

E' consciencioso e incansavel na ansia da perfeição.

Actualmente vota-se de alma e coração a uma obra importantissima, com raro zelo, em que avultam muitas figuras historicas de Portugal. E' uma serie de quadros, feitos após aturado estudo, paciente e criterioso, a respeito das famosas personagens que neles se eternizam. Lê tudo, a respeito de cada uma, rebusca-lhes as almas afincadamente, e essas almas procura interpretar nas telas imponentes. Quando, ao assinar a escritura contractual de trabalho, com exigencia de exíguo prazo para entrega dos quadros, firmou o seu respeitavel nome, foi dizendo:—Mas, se não entregar na epoca estipulada, não me prendem por isso?

O mais curioso ainda é que o consagrado pintor ainda hoje nota que a pergunta ficou sem resposta!...

Na minha humilde opinião não pode exigir-se prazo para entrega de obras de Arte, sobretudo quando para se executarem não basta adestrado talento, e indispensavel se torna um estudo aturado, honesto e consciencioso, que, aliás, o grande Artista emprega sempre nos seus primorosos trabalhos.

No caso sujeito indispensavel se torna investigação historica e artistica, quasi extenuante!

Para cada figura dessas grandiosas telas ornamentais o Mestre fez pesquisas, que não podem deixar de ser demoradas, como demorada tem de ser a execução de trabalho de tal transcendencia.

Cada figura possui, pelo menos, um magnifico estudo a lapis, acabado, perfeito, magistral!

Fica-se perplexo, olhando esses desenhos maravilhosos, quasi na duvida da supremacia entre eles e os soberbos oleos, alguns já quasi completamente executados, por muito que se saiba serem os oleos obra de muito mais difficil execução e responsabilidade.

Mestre Columbano não é só um grande Artista: é um grande Artista probo e fanatico pela sua bela Arte. Assim alcança o maior e o mais radioso sonho que um grande Artista de raça e alto renome pode ambicionar: a Gloria.
Cruz Magalhães

"DIARIO DE LISBOA"
2-7-924

Museu Bordalo Pinheiro

Passou ontem para a posse da Camera Municipal

Realizou-se ontem á tarde, numa das salas do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, ao Campo Grande, a cerimonia oficial da entrega desta casa á Camera Municipal do Lisboa, tendo sido levantado o respectivo auto. Como se sabe, foi o illustre poeta e nosso querido amigo e colaborador sr. Cruz Magalhães quem, impellido pela sua admiração por Rafael, reuniu em casa sua uma grande parte da formidavel obra do mestre insigne, prestando-lhe, assim, uma homenagem que todos os portugueses lhe levam. O sr. Cruz Magalhães resolveu doar o Museu á Camera Municipal de Lisboa para assegurar á sua obra, erguida com tanto carinho e patriotismo, a continuidade que se impõe. Em nome da Camera, compareceram á cerimonia os srs. Alexandre de Almeida e Raul Caldeira. Tambem esteve presente o sr. dr. Magalhães Lima, que hoje parte para Inglaterra, onde vai tomar parte no Congresso Internacional de Imprensa.

O que se passou na Camara Municipal

Na sessão de ontem da comissão executiva da camara municipal de Lisboa, o sr. Alexandre Ferreira deu conhecimento da doação á cidade do Museu Rafael Bordalo Pinheiro. Terminou por apresentar a seguinte proposta:

Tendo sido assinada hoje a escritura de doação do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, cuja clausula 8.^a determina que esta Camara se obriga a nomear para directora conservadora daquele Museu, logo após a assinatura daquelle contrato de doação, a sr.^a D. Julieta Barbara Ferrão; e considerando que pela clausula 11.^a da mesma escritura, o ordenado daquelle directora conservadora não será inferior aos dos actuais chefes de secção desta Camara, e terá iguais garantias, inclusivé as relativas a subvenções pela actual carestia da vida, ás dos funcionarios municipais, ficando o seu vencimento e subvenção a cargo da mesma Camara, proponho que seja nomeada directora conservadora do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, a sr.^a D. Julieta Barbara Ferrão, solteira, empregada na Companhia Sages, moradora nesta cidade, na calçada da Gloria, 27, com vencimentos iguais aos officiaes chefes de secção dos quadros desta Camara.

Esta proposta é aprovada por unanimidade.

"O MUNDO"

3-7-924

VIDA ARTISTICA

A cedencia do Museu Rafael Bordalo ao Municipio



Como hontem dissemos, foi cedo definitivamente á Camara Municipal de Lisboa o Museu Rafael Bordalo Pinheiro.—A nossa gravura representa uma das salas do interessante Museu

"O SEculo"

4-7-924

Camara Municipal de Lisboa

A sua comissão executiva hontem reunida occupou-se de varios e importantes assuntos

O sr. Alexandre Ferreira comunicou em seguida ter sido assinada hontem a escritura de doação á cidade de Lisboa do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, prestando homenagem ao seu doador, o escritor sr. Cruz Magalhães, propondo que para director-conservador do Museu fosse nomeada a sr.^a D. Julieta Barbara Ferrão, conforme a clausula da escritura, e com vencimentos eguaes aos officiaes chefes de secção dos quadros da Camara. Foi aprovada por unanimidade.

"O SEculo"

3-7-924

CAMARA MUNICIPAL

A sessão de ontem da Comissão Executiva

O sr. Alexandre Ferreira comunicou depois ter sido hontem assinada a escritura de doação á cidade de Lisboa, do Museu Rafael Bordalo Pinheiro. O orador presta homenagem ao doador, o escritor Cruz Magalhães, declarando tratar-se de um acto benemerito e uma manifestação de amor á cidade.

"DIARIO DE NOTICIAS"

3-7-924

O Museu Rafael Bordalo Pinheiro pertence á cidade de Lisboa

Neste momento de egoismo predominando na sociedade, não é estranhável que um acontecimento da importância como a escritura da doação feita pelo sr. Cruz Magalhães, do Museu Rafael Bordalo Pinheiro á cidade de Lisboa occorresse sem reparo no jornalismo de capital.

Neste momento quando a sociedade portugueza se entrega á orgia dos clubes não pode ser compreendida a eloquente constância e abnegação do sr. Cruz Magalhães — que no dizer de Gil Filloy — com franciscana paciência, com tenaz perseverança, com esmerado zelo de coleccionista tem juntado toda a obra de Rafael Bordalo. Não, como não pode compreender a beleza e valia dessa oferta porque atua e domina o fanatismo capitalista. Demais não estamos acostumados a gestos tam magnificantes. Mas a verdade é que á cidade de Lisboa foi oferecido o edificio e museu, com as suas colleções ascendendo a milhares de peças na parte gráfica, originaes e reproduções, subindo a elevado número as peças bibliográficas e de cerâmica. Graças á diplomacia do vereador Alexandre Ferreira a oferta foi efectuada por escritura na última quarta feira. Assinaram esse documento além do sr. Cruz Magalhães e do citado vereador, o sr. vereador Raul Caldeira, o secretario da Camara sr. Joaquim Kopke e o sr. dr. Magalhães Lima como representante do grupo de Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

O museu reabre brevemente ao público.

"A BATALHA"

6-7-924

O Museu Rafael Bordalo Pinheiro

A sua doação á cidade de Lisboa

Ha anos um portuguez admirador do Rafael Bordalo Pinheiro começou reunir a obra encantadora do genial caricaturista para seu recreio espirital. Nessa preocupação de coleccionador foi aumentando o numero das aguarelas e desenhos. Intensificou-se o seu amor pela tarefa. Da modesta coleção de seus albums passou ao pequeno museu. Tornaram-se mais frequentes as aquisições. Sofreu então a tortura da conquista:— a ancia da posse. Dispensou carro e cavalos, privou-se do automovel, desprezou prazeres espirituaes, para consagrar-se unicamente a edificar o mais belo e grandioso monumento e a maior das homenagens á Rafael Bordalo Pinheiro.

Em 1916 escreveu elle: «Quem sabe se na mira de contrabalançar involuntarios erros, insensivelmente acodem idéas de bem fazer, e opera-se a suave transformação de algum egoismo renitente n'um grato desejo de ser útil, de fazer partilhar do maior numero de individuos certos bens, que para nós proprios exclusivamente reservamos? Seria por semelhante tendencia animica que resolvi tornar o



Rafael Bordalo Pinheiro

museu facilmente accessivel e por minha morte propriedade da cidade de Lisboa.

Mover-me-lá o desejo de inclinar os que melhor do que eu podem organizar museus particulares, tão abundantes nos países estrangeiros? O impulso de homenagear um glorioso artista português, morto, tenho eu a firme certeza que me instigou.

Admirável exemplo! Artur Ernesto Cruz Magalhães — o creador do Museu Rafael Bordalo — teve dois colaboradores prestimosos. Um, Luiz Calado Nunes, de quem no Museu se expõe uma boa vintena de copias impeccáveis, perfeitamente confundíveis com os originaes, que só uma extrema pericia, aliada a uma extrema paciência, poderia produzir; outro, a ex.^{ta} sr.^a D. Julieta Ferrão, a dedicada ajudante do artista homenageador de Rafael, auxiliando-o devotadamente. Seria ingratitude olvidar obreiros obscuros, se não idealisaram nem burilaram a obra, cooperaram com gosto e culto pelo mestre-caricaturista.

Quando da vereação transata, Cruz Magalhães vetu ofertar à Camara Municipal de Lisboa, como representante da cidade onde Rafael nasceu e morreu, o edificio e museu com suas collecções. Ofertava com clausulas, porque conhecia o prazer iconoclasta de pseudo-criticos vindouros e presumivelmente superintendendo n'aquelle templo d'arte. Essa doação... perdeu-se nas secretarias da Camara. Fez segundo documento e... perdeu-se tambem. Vem



Cruz Magalhães

outra vereação, o Alexandre Ferreira — compenetrado das suas funções de vereador — tomou a defeza da doação. Na ultima quarta-feira — na sala 3 do Museu — estando presentes Cruz Magalhães, os vereadores Alexandre Ferreira e Raul Caldeira, o secretario da Camara, Joaquim Kopke, e o dr. Magalhães Lima, como presidente do grupo Amigos-Defensores do Museu, foi assinada a escritura de doação. Não houve discursos encomiasticos, nem o menor alarde. Não appareceram noticias condignas do facto. Todavia, n'esta epoca de egolismo, a doação do Museu Bordalo Pinheiro a cidade de Lisboa representa um acontecimento involgar, e Cruz Magalhães merece as homenagens da cidade reconhecida.

A. N.

"O SECULO"
7-7-924.

CAMARA MUNICIPAL
Sessão de ontem, da Comissão Executiva

Por proposta do sr. Alexandre Ferreira, resolveu-se que o Museu Rafael Bordalo Pinheiro ficasse integrado no Pelouro da Instrucção.

"DIARIO DE NOTICIAS"
10-7-924.

O Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Na ultima quarta-feira foi assinada a escritura de doação, feita pelo benemerito cidadão sr. Cruz Magalhães, do Museu Rafael Bordalo Pinheiro a cidade de Lisboa representada pela Camara Municipal. De ha muito que a oferta se annunciara, mas o extravio parece que propositado de documentos fez demorar o acto agora realizado. Sabemos que a esse acto apenas assistiram as pessoas imprescindiveis; o sr. Cruz Magalhães como doador, os vereadores sr. Alexandre Ferreira e Raul Caldeira, o sr. Joaquim Kopke como secretario da Camara Municipal e o sr. dr. Magalhães Lima como presidente do grupo Amigos Defensores do Museu.

Tambem sabemos que quando regresso a Lisboa este nosso amigo, o referido grupo reunirá a fim de prestar a condigna homenagem ao sr. Cruz Magalhães.

"IMPRESA NOVA"
6-7-924

MUSEU BORDALO PINHEIRO

O Museu Bordalo Pinheiro, que passou para a posse da Camara por doação do sr. Cruz Magalhães reabre no proximo sabado, ás 15 horas. A Comissão Executiva aprovou o caderno de encargos para a empreitada e materiais de construção do edificio destinado á residencia do conservador do Museu, no Campo Grande, resolvendo que se publicassem os respectivos annuncios.

"O MUNDO"
24-7-924.

Museu Bordalo Pinheiro
O Museu Bordalo Pinheiro, que passou á posse da Camara, por doação benemerita do escritor sr. Cruz Magalhães reabre no proximo sabado, ás 3 horas da tarde. A Comissão Executiva aprovou o caderno de encargos para a empreitada de lavor e materiais de construção do edificio destinado á residencia do conservador do Museu, no Campo Grande.

"DIARIO DE NOTICIAS"
Secção "Camara Municipal."
24-7-924.

Museu Bordalo Pinheiro

A proxima reabertura ao publico

Reabre depois de amanhã, ás 15 horas, o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, que, por doação do seu organisador, sr. Cruz Magalhães, passou para a posse da Camara Municipal de Lisboa. A comissão executiva da Camara aprovou o caderno de encargos para a empreitada de lavor e materiais de construção do edificio destinado á residencia do conservador do Museu, no Campo Grande, resolvendo que se publicassem os respectivos annuncios.

"O SECULO"
24-7-924.

Camara Municipal de Lisboa

Concurso para empreitada da construção de um edificio anexo ao Museu Bordalo Pinheiro, no Campo Grande

PARA os devidos efectos se annuncia que se achou aberto concurso, durante quinze dias, para a construção acima indicada em harmonia com o projecto e caderno de encargos que se acham presentes na 4.^a repartição desta Camara, no edificio dos Paços do Concelho, todos os dias úteis das 11 ás 16 horas. As propostas com condições exigidas devem ser apresentadas até ás 15 horas do dia 8 de agosto proximo, na referida Repartição, onde serão abertas na presença dos concorrentes que a esse acto queiram assistir. Paços do Concelho, em 24 de julho de 1924. O Chefe da Secretaria, J. Rooke.

"DIARIO DE NOTICIAS"
25-7-924.

Museu Bordalo Pinheiro

Hoje, pelas 17 horas, reabre ao publico o interessante e precioso Museu Bordalo Pinheiro, situado no Campo Grande, 382, que, como se sabe, foi doado a Camara Municipal de Lisboa pelo sr. Cruz Magalhães, seu proprietario.

"O SECULO"
25-7-924.

Museu Bordalo Pinheiro

Realize-se hoje, ás 3 horas da tarde, como já annunciámos, a reabertura do importante Museu Bordalo Pinheiro, sito ao Campo Grande, 382.

"DIARIO DE NOTICIAS"
26-7-924.

Museu Bordalo

O Museu Rafael Bordalo Pinheiro, fundado pelo sr. Cruz Magalhães, que á sua custa o sustentou durante annos, é hoje propriedade da Camara Municipal de Lisboa, a quem aquele benemerito generosamente o doou. Hoje, pelas 15 horas, realízase a sua reabertura, o que terá ensejo a um cerimonia singularmente significativa, na qual não será esquecida a benemerencia de quem dotou a cidade com um museu curiosissimo, que é tambem a justa consagração de um dos mais insignes artistas da nossa terra. O Museu Rafael Bordalo Pinheiro continua instalado no Campo Grande.

"O MUNDO"
26-7-924.

Museu Bordalo Pinheiro

Reabriu hontem, com a assistencia de representantes da Municipalidade de Lisboa, á qual foi doada pelo seu benemerito fundador, sr. Cruz de Magalhães

Reabriu hontem o Museu Bordalo Pinheiro, o notavel monumento carinhosamente erguido pelo illustre amador de arte sr. Cruz de Magalhães, á memoria gloriosa do grande artista morto.

A Camara Municipal de Lisboa, a quem a munificencia do sr. Cruz de Magalhães fez doação das preciosas colleções de arte, respeitantes á vasta obra de Rafael Bordalo Pinheiro, e do edificio onde ellas estão instaladas, tomou hontem officialmente posse do valioso Museu. Já hontem flutuou no jardim do edificio o pavilhão giratório da Municipalidade e a partir de hoje o povo de Lisboa será recebido n'aquella sua casa, com a mesma acolhedora hospitalidade com que lhe franqueava as portas d'ela o benemerito organisador do Museu.

Antes das 15 horas chegou ao edificio do Museu o sr. dr. Costa Santos, presidente do Senado Municipal, acompanhado do vereador sr. Alexandre Ferreira, a cujo zelo pelas questões de arte e de instrucção se deve a pronta reabertura d'aquella estabe-

limento, o sr. dr. Costa Santos, presidente do Senado da Camara, disse do seu reconhecimento e do do povo da capital pelo generoso e patriótico oferecimento do sr. Cruz de Magalhães. Elogiou a nobilissima attitude do benemerito doador, e accentuando que a vereação camararia se lizera dignamente representar n'aquella cerimonia pelo sr. Alexandre Ferreira, salientando quanto tambem se deve a esse outro benemerito da causa da instrucção popular. Depois de tecer frases de calorosa admiracão para a obra extraordinaria do grande Rafael Bordalo Pinheiro, o sr. dr. Costa Santos terminou reiterando ao sr. Cruz de Magalhães os agradecimentos da municipalidade.

O sr. Cruz de Magalhães, em breves e comovidas palavras, agradeceu ao sr. presidente da Camara as amaveis expressões que lhe dirigira. Se a sua ação algum merito tivera, dava-se por bem recompensado com o que acabara de ouvir. Agradeceu tambem ao sr. Alexandre Ferreira a dedicacão com que servira aquella causa, tornando os seus agradecimentos extensi-



Em cima: o edificio do Museu; em baixo: após a reabertura

vos aos vereadores que não estavam presentes, de alguns dos quaes recebeu com imerecidas palavras de louvor.

Estava terminada a singela e impressionante cerimonia retirando-se os convidados, depois de mais uma vez apresentarem as suas homenagens ao illustre organisador e doador do Museu.

O sr. Alexandre Ferreira pensa em fazer instalar no rez-do-chão do edificio, onde o sr. Cruz de Magalhães tem a sua residencia a secção de ceramicas do Museu, congregando ali algumas peças de louca das Caldas, dispersas pelo andar nobre, e outras devicas á inspiracão do grande ceramista que foi Rafael Bordalo, e que venham a ser doadas ou adquiridas. N'uma das salas d'essa secção será collocada a «Jarra Manuelina», pertença do Estado, e que se encontra no antigo convento de Mafra, quasi ao abandono.

Outras valiosas peças de ceramicas pertencentes a particulares, espera-se que sejam por elle expostas temporariamente. Tambem é provavel que sejam feitas reproduções das figuras que Rafael esculpiu para os nichos do Bussaco e que irão adornar o Museu.

A fim de se poder instalar a secção de ceramicas vai ser construido nas trazeiras do edificio um pavilhão destinado á residencia do sr. Cruz de Magalhães, aproveitando-se ainda parte d'esse pavilhão para se instalar uma Biblioteca Popular.

MUSEU BORDALO PINHEIRO

Depois dum encerramento de dois anos foi ontem aberto ao publico

O Museu Bordalo Pinheiro, que ha cerca de dois anos se encontrava encerrado, reabriu ontem de tarde ao publico, depois de se ter realizado o acto da posse por parte da camara municipal, a quem foi doado.

Ao acto assistiram, entre outras pessoas, os srs. dr. Marques da Costa, presidente do Senado Municipal, vereador Alexandre Ferreira, dr. Ferreira Mendes, chefe da repartição de instrucção da camara municipal, engenheiro Sarrea Pereira, Columbano Bordalo Pinheiro, como representante da familia Bordalo Pinheiro, etc. Num breve discurso o sr. dr. Marques da Costa agradeceu a dadiva do museu elogiando o doador.

O museu Bordalo Pinheiro estará aberto ao publico ás quintas feiras e domingos.

"Diario de Noticias"
27-4-924.

UMA INICIATIVA...

A' manhã

faz 8 anos

o Museu

Rafael Bordalo Pinheiro

do poeta Cruz de Magalhães

Faz amanhã oito annos que o brillante poeta Cruz Magalhães generosamente franqueou ao publico o «Museu Rafael Bordalo Pinheiro», hoje propriedade da cidade de Lisboa.

Em redor da obra de Rafael Bordalo e da sua ação lase fazendo o esquecimento. A Gloria que sempre o acompanhou em vida, parece que após a morte nem sequer o nome lhe queria registrar... Se não fosse Cruz Magalhães, hoje, de Rafael Bordalo, restaria, como muito



CRUZ MAGALHÃES

bem notou o distinto jornalista Guedes de Oliveira, «entre a indifferença de todos á saudade de muito poucos».

Compete aos criticos e ás almas de eleição guardar a memoria daquelles que produziram algo que os fez ultrapassar a graveira comum.

Cruz Magalhães conseguiu com muito trabalho, com imensa paciencia, com notavel intelligencia, com um grande sentimento artistico—e exclusivamente a expensas suas—coleccionar a multiforme, complexa e dispersa obra de Rafael Bordalo. Percorrer o Museu é passar em revista a vida do glorioso Artista, é conhecer, por forma quasi sempre hilaritante, a sociedade portugueza no ultimo quartel do seculo XIX.

"O SECULO"
27-7-924.

Nunca será demasiado elogiar a iniciativa do poeta. Acções destas são raras, não só entre nós mas também nos outros países. Cruz Magalhães despojou-se do precioso Museu—recheio e propriedade—para o ceder, ainda em sua vida ao Município da sua terra. Num futuro mais ou menos próximo, quando a Camara Municipal—que teve no illustre vereador sr. Alexandre Ferreira o mais entusiasta interprete do senso artistico e instrutivo da cidade completar a obra iniciada por Cruz Magalhães, o Museu será não só um delcete espirital mas também uma fonte inexgotavel de estímulo e inspiração para todos aqueles que se queiram dedicar á critica plastica e á modelagem.

Felicitando Cruz Magalhães pelo triumpho da sua obra, desejamos que a sua iniciativa incite os homens de dinheiro da nossa terra a seguirem-lhe o exemplo, organisando Museus individuais ou de especialidades como por exemplo:

Museus de «Arte Decorativa Portuguesa», de Ourivesaria», de «Ceramica», de «Rendas e Bordados», de «Serralharias», etc., etc., etc., onde os artistas, estudiosos, criticos, literatos ou simples visitantes, estudem, analisem e aprendam a arqueologia e a evolução das varias Artes e Officios.

Nós que tanto á risca gostamos de copiar o estrangeiro, porque razão não organizamos, á semelhança do que em Paris se fez com Balzac, «Casas», dos nossos escritores?

"DIARIO DE LISBOA"
5-8-924.

Oito anos

Faz hoje oito anos que foi aberto ao publico o Museu Rafael Bordalo Pinheiro. Obra admiravel do presantissimo cidadão que é o nosso bom amigo Cruz Magalhães, o Museu Bordalo é hoje, mercê da generosidade do seu fundador, pertença do municipio de Lisboa. A data de hoje recorda o triunfo de uma vontade posta ao serviço da veneração carinhosa que é devida áqueles de quem se pode dizer que foram dos maiores a honrar a nossa terra.

"O MUNDO"
na secção Esas
6-8-924

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Faz hoje oito anos que foi inaugurado

Em 6 de agosto—faz hoje precisamente oito anos—abriu ao publico, no fim da alameda do Campo Grande, o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, exposição permanente da obra do glorioso artista e a prova mais eloquente de quanto pode a iniciativa particular.

Em fins do ano anterior, já o sr. dr. Magalhães Lima escrevia: «Para reunir todos aqueles documentos de uma vida genial como foi a do nosso querido e adorado Rafael, com tanto amor, com tanto metodo e tão carinhosa sollicitude, não basta ser só um letrado brilhante, e mister possuir uma alma de eleição, como realmente a possui o sr. Cruz Magalhães. Só um espirito de artista podia consagrar, por tudo tão solene e tão completo, a obra de Rafael Bordalo Pinheiro.»

N'uma recente reunião do Grupo dos Amigos-Defensores do Museu citado, foi resolvido considerar os srs. Alexandre Ferreira e Raul Caldeira como Amigos-Defensores honorarios, atendendo ao interesse que tem mostrado pela conservação e engrandecimento do referido Museu. De facto deve-se—já aqui o afirmamos—aqueles zelosos vereadores a cidade possuir hoje este precioso Museu.

Foi, pois, uma homenagem merecida e um incentivo para que vindouros edis, n'um impulso iconoclasta nem sequer tentem modificar o encantador aspecto exterior do edificio e seu jardim de comunicação, o qual deve manter o cunho artistico que lhe imprimiu o fundador, em homenagem ao glorioso Rafael Bordalo Pinheiro.

"O SECULO"
6-8-924

TRIBUNA LIVRE

Cruz Magalhães

Pelo brilhante jornal que é o *Diario de Lisboa*, vi que passou ontem o octavo anno sobre a abertura ao publico do Museu Bordalo Pinheiro. Recordo esse museu com uma comovida saudade dos tempos em que o vi instalar-se, e não menos comovidamente recordo a piedade, a ternura, a delicadeza imensa e a dedicação nunca excedida com que o seu illustre fundador dava realidade, a mais brilhante, ao seu generoso sonho.

Para aqueles que, como eu, conviviam com Rafael Bordalo, não é novidade que ao seu alto genio de artista se aliava a mais immaculada bondade, e só essa bondade explica como o grande caricaturista, que foi também um grande demolidor, passou, dentro da sua arte, uma longa existencia de febre e de luta zombando de tantos e nunca ferindo ninguém. A sociedade dos tempos de Rafael Bordalo foi sobretudo uma sociedade comica. Sem ella não teria sido possivel o Zé Povinho, como não teria sido possivel o conselheiro Acaco. E porque um tinha sido feito para rir e outro para fazer rir, Zé Povinho consoladamente ria de conselheiro—mas não o odiava. Assim, Rafael Bordalo, como a sua maravilhosa criação, ria de tudo e a nada tinha rancor; tão bela e tão pura se formara a sua alma que a simples suspeita de que os silvos das suas gaitafas não tinham rido com elle o deixava entristecido. Vi-o desenharr innumeras vezes, e á minha vista tomaram forma e relevo muitas das suas paginas inactaes. Nunca o vi procurar outro effeito que não fosse o de rirmos todos, e de facto, ao encenrar o lado verdadeiramente comico da sua figura era elle o primeiro a rir, aquelle riso tão sonoro e tão communicativo em que a bondade se traduzia. A sensibilidade da sua visão na reconstrução da vida transmitida ao papel pela ponta do seu lapiz, era no entanto igual tanto na surpresa da feição focosa das coisas como nos seus aspectos dramaticos.

Lembro-me de que uma vez, por occasião da morte do sempre chorado Cyrano, Rafael quiz dedicar-lhe o que elle chamava uma estampa que o representava exausto e vencido pelo trabalho sem freguez, e pediu-me que servisse de modelo, dadas as proporções do meu arcabouço. Atirei-me o mais prostradamente e o mais inerte que pude sobre um sofá e considerei-me quasi vivo de morte, Rafael realizou um desenho maravilhoso, mas chegou ao fim e disse-me: Não serve!

—Não serve porque, se está uma marvilha?

—Tu não vês que por debaixo das linhas deste corpo inerte lateja o sangue de um latagão que vende saúde?

E era verdade! Como venceu a difficuldade o grande artista? Recordando ao seu espantoso poder de reconstrução, de modo que, afastada a tirania materialista do modelo, triumphou o seu admiravel espirito! Pôde vê-se ainda na *Parodia* de um desses dias distantes,

Cruz Magalhães, com o carinho sem igual, com a devoção amorosa do seu culto pelo grande Artista, é como que o reflexo da sua bondade e o continuador dessa bondade na reconstrução do seu convivio, porque nada nos pode ainda fazer voltar ao convivio saudoso do santo Rafael como entrar no templo que a piedade e o desinteresse de um grande espirito ajoelhadamente lhe ergueu. Só a bondade comprehende a bondade e só a bondade conduz á admiração. E' a essa nobre linha moral do Poeta querido, que consagrou a melhor porção da sua vida e da sua fortuna ao culto de uma memoria muito amada que eu folgo em render a apagada homenagem destas linhas sem valor.

GUEDES DE OLIVEIRA.

"O PRIMEIRO DE JANEIRO" 8-8-924.

MUSEU BORDALO PINHEIRO

Tem sido muito concorrido este museu, que continua patente ao publico todas as quintas feiras e domingos, das 13 ás 18 horas. O Museu está situado no Campo Grande, ficando contiguo ao Asilo D. Pedro V.

"O MUNDO"

17-8-924.

Museu Bordalo Pinheiro

Tem sido muito concorrido este museu, excedendo cem pessoas o numero das que o visitaram no ultimo domingo. Continua patente ao publico todas as quintas-feiras e domingos, das 13 ás 18 horas. O Museu está situado no Campo Grande, contiguo ao Asilo D. Pedro V.

"O SECULO"

17-8-924.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Foi ultimamente enriquecido com varios donativos

Tem aumentado, consideravelmente, o numero de visitantes ao notavel e riquissimo Museu Rafael Bordalo Pinheiro, que se encontra patente ao publico todas as quintas-feiras e domingos, das 13 ás 18 horas.

Ha dias foram all entregues, pela sr.ª D. Maria da Conceição Borges varios trabalhos valiosos do genial artista, offerta devida a um legado do escritor sr. Gomes de Brito. Também ao sr. Cruz Magalhães foi entregue uma preciosa terra medalha, da por Bordalo Pinheiro, que pertence ao sr. Jeronimo Silva.

Pelo crescente numero de visitantes e pelas ofertas a que acima nos referimos, nota-se que o Museu, pacientemente iniciativa e organização de Cruz Magalhães, vai interessando o publico, e, especialmente, os amadores e coleccionadores das obras dos nossos artistas. Oxalá que todos os possidores do obras de Rafael Bordalo, graficas ou ceramicas, ou que ao artista digam respeito sigam o exemplo d'esses generosos offerentes, que vem aumentar a lista do honra, que está em organização, dos donadores e protectores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

"O SECULO"

24-8-924.

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

o maior caricaturista da nossa terra e um dos primeiros da Europa



"Amai devotadamente os mestres que vos precederam. Para os espiritos nobres, a admiração é como um vinho generoso. Tratai, por m, de não imitar os vossos predecessores. Respeitando a tradição, fazei por discernir o que ela encerra de eternamente fecundo: o amor da Natureza e a sinceridade"

(Palavras de Rodin, por ele ditadas ao seu amigo Paul Gsell).



"DIÁRIO DE NOTÍCIAS" 6-7-324

Acêrca do notavel caricaturista Rafael Bordalo Pinheiro, o maior que teve a nossa terra e um dos primeiros da Europa, tem-se escrito muito e tem-se acertado pouco.

Pode quasi dizer-se que não houve nem ha jornal ou revista portugueza que, alguma vez, pelo menos, dele se não tenham occupado, quer em breves linhas, quer em artigos extensos. Tem-no feito porém,—não exageramos,—da forma porque muitas coisas se fazem ainda entre nós,—sem preparação, sem estudo, sem conhecimentos necessarios do Artista e da sua Obra. Daqui resulta que, tanto a personalidade de Bordalo, como as suas criações de Arte, ora nos apparecem exageradamente incensadas em palavrado óco elouvaminheiro, ora insufficientemente apreciadas no seu inegavel e justo valor. E no entanto, o estudo da personalidade de Bordalo—pelas suas aptidões variadissimas,—e o estudo da sua obra extensa—pela exuberancia do espirito, qualidades de critica e observação, movimento e graça das suas figuras,—são dos que exigem maior somma de esclarecidos cuidados.

Nem tudo porém que sobre o notavel artista se tem escrito obedece á deficiente norma e alguns trabalhos de valor conhecemos (poucos, infelizmente), que tratam de Rafael Bordalo Pinheiro e da sua Arte. De entre elles citaremos o estudo intitulado «A arte e a vida de um caricaturista» que o dr. Teixeira de Carvalho publicou, respectivamente nos numeros 4 e 5 da revista «Arte e Vida», febreiro e março de 1905; o perfil que, de Rafael, nos dá Ribeiro Artur no seu livro «Arte e artistas contemporaneos», 2.ª série, 1898; «Rafael Bordalo Pinheiro» (o caricaturista) notavel estudo do dr. Manuel de Sousa Pinto, 1915; «Monografia do Museu Rafael Bordalo Pinheiro», por D. Julieta Ferrão; «Rafael Bordalo Pinheiro e a critica», por D. Julieta Ferrão; «Rafael Bordalo Pinheiro», por Gomes de Brito, antecedendo o Inventario da obra artistica do desenhador, por Alvaro Neves.

Acêrca de Bordalo escreveram tambem interessantes artigos Fialho de Almeida, Zacarias de Aze, Oldemiro Cesar e outros. E' deveras proveitosa a leitura destes trabalhos para quem deseje tomar conhecimento da personalidade de Rafael Bordalo e da sua obra artistica porque, mais ou menos, em todos elles se encontram subsidios e notas curiosas que lhes dizem respeito.

Estudos algo pormenorizados de cada uma das diferentes modalidades do feccundo labor do Artista, e que não existem, se exceptuarmos, é claro, o trabalho do dr. Sousa Pinto a que acima nos referimos.

A obra de Bordalo tem sido, até hoje, analisada no seu aspecto geral, pelo que é mais conhecido, e este diz respeito, principalmente, á «charge» politica. Não admira por tal razão, que muita gente, a maioria, conheça apenas o Rafael caricaturista politico, e pouca, ou rara, se possa gabar de conhecer inteiramente o Rafael desenhador, etnografo e paisagista, o anolador compassivo de tipos

Escritor, medico e artista, quantas coisas curiosas e ineditas nos não diria de Bordalo, tendo com elle convivido, tendo sido um dos seus mais dedicados e prestimosos colaboradores, conhecendo-lhe a obra, as anedotas, os gestos, os habitos de trabalho!

De Rafael Bordalo ha ainda muito que pensar, exaltar, descrever, mas é necessario que tudo isso se faça cuidadosamente, com amor, sem intuitos especulativos, estudando com muita attenção as diferentes modalidades da sua obra, extraindo delles o que possuam de melhor, e pô-lo em confronto com o que de melhor na qualidade haja lá por fóra.

A documentação pela gravura teria neste caso um papel importantissimo. Referente ao nosso caricaturista não appareceu ainda entre nós, que sabemos,

dissimas. Em todas ellas marcou os fulgores do seu talento e, como todos os grandes, foi guerreado e aplaudido. Tecnicamente podemos hoje encontrar varios defeitos numa parte das suas produções. Outras porém são repletas de qualidades elevadas e belas.

Se nos desenhos de Gavarni vamos encontrar, principalmente, a beleza modelar da forma e as attitudes serenas, como que em repouso; nos desenhos de Daumier e de Forain, um extraordinario poder de expressão e de movimento; nos de Naudin e nos de Steinen, uma observação flagrante e vivida dos miseraveis; nos de Raemaekers, as mais emocionantes expressões da Dor; nos de Bac e Guillaume a elegancia graciosa e frivola da mulher; nos de Nestor e Hokusai as mais formosas qualidades decorativas, em muitos desenhos de Bordalo, se bem os conhecermos e procurarmos podemos encontrar um pouco de tudo isso, e ainda mais: uma fantasia exuberantissima absolutamente incomparavel! A sua facilidade de compôr era surpreendente. Desenhava com facilidade prodigiosa. Ha pequenos «croquis» de Bordalo que equivalem a epopeias de movimento e que devem ser aliadas com respeito pela geração de hoje e de amanhã. Rafael Bordalo não foi apenas o gracioso documentador da sociedade portugueza do ultimo quartel do seculo XIX, nem o desenhista que estivesse absolutamente integrado nos moldes e processos plasticos do seu tempo.

Foi tambem, por vezes, um precursor do desenho moderno. A tecnica de Bordalo, que no começo da carreira do Artista se ressentia bastante dum exagerado numero de pormenores, adquire (em especial pouco antes de finalizar a carreira do glorioso mestre) uma notavel sobriedade e simplicidade na forma.

Disso mostra um exemplo bem flagrante o rosto da preceptora inglesa que publicamos. Poucos desenhadores modernos terão conseguido mais fiel e completa expressão com tão resumido numero de traços. E estes dão-nos, por meio de curvas simples e breves, um rosto comprido e secco, dogmatico e árido da gente do Norte!

* * *

Após um encerramento de dois anos reabriu agora para o publico o Museu de Rafael Bordalo Pinheiro, criado e organizado por generosa iniciativa de Cruz Magalhães, que o doou a Camara Municipal de Lisboa, e que pela mesma foi finalmente acceto, devido, por um lado, aos esforços do «Grupo dos amigos do Museu», presidido pela veneranda figura de Magalhães Lima, e por outro aos meritorios esforços dos srs. Alexandre Ferreira e Raul Caldeira.

Toda a gente que se interesse pelas coisas de Arte tem agora oportuno en-



A grande tragica Sarah Bernhardt—Desenho de Bordalo, reproduzido do jornal «O Antonio Maria» de 21 de Dezembro de 1875

nenhum trabalho desse genero e seria de utilidade que apparecesse.

Trabalhamos ha já algum tempo num estuozinho acêrca de Bordalo e aí fazemos uns pequenos e despretenciosos ensaios dessa natureza. Não basta dizer á geração nova que Rafael Bordalo Pinheiro foi um notabilissimo Artista. Essa geração não está familiarizada com a obra de Bordalo. Pouco a conhece e não a compreende nem a sente. E' preciso demonstrar-lhe que no caricaturista por vezes descuidado na forma, no chaceador do Fone e do Arrobas, no Bordalo criador do Zé Povinho (que é afinal o Bordalo que toda a gente conhece), havia tambem um grande artista de raça, que era, quando queria, um desenhador equilibrado e poderoso, como fortemente se revela nos retratos de Amelia da Silveira, de Alexandre Braga e do Irmão Inacio; um espirito altamente emotivo como no-lo demonstram os dois delicadissimos «croquis» da Visconti no limo de morte; um originalissimo interprete de tipos populares afirmado nas vividas figurinhas do mudo de Alcantra, do Antonio das Caldeiradas, do Moca e do Pulga, pequeninos vendedores de jornais, da Tia Rita do Adriaõ e da Tia Gertrudes da Perna de Pau; um cenista insigne, audacioso, como no-lo provam, entre outras, a formosissima jara manuelina que tanto admiramos!

Em resumo: Rafael Bordalo foi um grande artista cheio de aptidões varia-



Rosto de preceptora inglesa, reproduzido do jornal «Parodia» de 3 de Dezembro de 1903

sejo de admirar um curiosissimo e belo museu, o unico que no genero existe entre nós.

SAAVEDRA MACHADO.



Manuel Gustavo e Rafael Bordalo apresentando Jorge Cid—Caricatura reproduzida do jornal «O Antonio Maria» de 11 de Novembro de 1897

humildes, o interprete delicado e subtil das mulheres, o illustrador de livros, o decorador, o animalista...

Por varias vezes nos tem ocorrido quanto seria interessante um trabalho escrito acêrca de Bordalo pelo nosso amigo e illustre clinico dr. Jorge Cid.

Museu Bordalo Pinheiro

Teem sido em grande numero as ofertas feitas a este Museu

Tem-se accentuado cada vez mais o numero de visitantes a este riquissimo e notavel Museu, pela abundancia e valor dos trabalhos expostos, que todas as quintas e domingos, das 12 ás 18 horas, está patente ao publico. Ha dias foram entregues pela sr.^a D. Maria da Conceição Borges, varios objectos da autoria de Bordalo Pinheiro, e um curiosissimo original do genial artista. Esta oferta, agora efectuada, foi um legado do conhecido escritor sr. Gomes de Brito ao Museu Rafael Bordalo. Tambem ha tempos foi entregue ao sr. Cruz Magalhães pelos sobrinhos do sr. Jeronimo Silva, uma preciosa jarra, legada ao Museu por seu falecido tio, grande amigo de Rafael Bordalo. O sr. dr. Jardim de Vilhena, tendo visitado o Museu, para elle oferecer generosamente um interessantissimo original do grande Rafael Bordalo. Pelo crescente numero de visitantes e por estas ofertas, nota-se que o Museu vai interessando o publico, amadores e coleccionadores das obras dos nossos artistas. Oxalá que todos os possuidores das obras de Rafael Bordalo Pinheiro, graficas ou ceramicas, ou que ao artista digam respeito, sigam o exemplo destes generosos oferentes, que veem aumentar a lista de honra, que está em organisação, dos doadores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

"O MUNDO"
24-8-924.

Dr. Magalhães Lima

Acompanhado do sr. Armando Rodrigues, partiu hontem para Paris e Bruxelas, onde vão assistir ao Congresso Internacional Maçonico, o sr. dr. Magalhães Lima.

Apesar de ser desconhecido o dia da partida, estiveram na estação, a despedir-se do velho democrata, a sr.^a D. Julieta Ferrão, pelo Grupo dos Amigos do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, e os srs. Costa Junior, pelo Gremio Lusitano; Archer de Lima, Tavares do Melo, Alvaro Neves, João Pinheiro de Melo, Oliveira Aguias, J. Jacobetty Rosa, Duarte de Almeida, Amaral Frazão M. Santos, Homem Belino, etc.

"O SÉCULO"
20-9-924.

De Relance...

Acabo de lêr uma noticia ligeira sobre o Bordalo Pinheiro — o da «Parodia» e do «Antonio Maria» — o mesmo que, nas Caldas da Rainha, trabalhava em barro como nenhum outro.

Olha-se para a mesquinhez do tempo actual. Aparte nomes em formação, ou artistas a formar-se, grandes nomes — supponho eu, ou supõ a minha ignorancia — não existem para al.

Nem sei ha quantos anos isso foi! Lembro-me de que folheava a «Parodia», conformemente ella ia saindo. Ainda hoje me lembro dalguns nomes de vul-

tos politicos desse tempo; não foram os jornais — que eu não soletrava talvez — mas sim os «bonecos», as caricaturas do Rafael Bordalo, que m'os deram a conhecer.

Ora uma vez — sei lá quando isso foi! — numa noite, enquanto se esperava um comboio a seguir para o norte, num restaurante das Caldas — [ha quantos anos! — por não sei que facto prestava-se homenagem ao Artista. O Artista, que me aparecia todas as semanas na suas caricaturas, estava no fundo da sala, rodeado de amigos e admiradores, que lhe ofereciam uma taça... não sei de quê. Muito mais tarde, creio que por 1917, vi mais trabalhos seus: foi naquele gracioso museu, templo de Arte, que fica no Campo Grande, em Lisboa, e que o bom-gosto, a amizade e a admiração dum grande apaixonado pela obra de Rafael conseguiu levar a efeito. Cruz Magalhães reuniu ali tudo quanto ponde, naquele templo votivo a um Grande da nossa terra.

Bem o representam, a Rafael Bordalo Pinheiro, certas fotografias, que al aparecem, em jornais, em illustrações, assim como numa folha a acompanhar um numero da «Parodia», que lhe foi especialmente dedicado.

Ao ver alguma dessas gravuras lembro-me daquelle que eu vi — [ha quantos anos! — no fundo da sala dum restaurante nas Caldas, monoculo perscrutador, face de bonomia, apresentação agradável, fisionomia de snavidade.

Era bem o mesmo de quem agora o irmão — Columbano, outro illustre na Arte — disse a um jornalista: «Meu irmão era uma grande alma, generosa, aberta».

Nuno Beja.

"Gazeta de
Coimbra"
25-9-924.

Recorte oferecido
pela Senhora D. Anna
Lia de Brito Branco.

Recordar...

reviver

Dr. Manuel de Arriaga

A primeira vez que falei ao Dr. Manuel de Arriaga foi ha mais de vinte anos, no seu antigo escritorio da rua Nova do Almada, por saber que la existia um magnifico trabalho de Rafael Bordalo Pinheiro. O fim da minha visita era contemplar uma obra inédita do grande Mestre da caricatura.

O Dr. Manuel de Arriaga foi sempre um homem de primoroso trato. Falou-se bastante de Bordalo, por quem o illustre caudilho professava verdadeiro culto.

Muitos anos depois, fui solicitar, de já então venerando Presidente da Republica, que pudesse figurar no Museu Rafael Bordalo Pinheiro a linda maravilha.

Concedido. A titulo de emprestimo sómente.

Durante o periodo presidencial os muitos afazeres do espinhosissimo cargo não permitiram ao venerando Presidente visitar o Museu.

Depois, já sendo necessario que dois robustos rapazes da Cruz Vermelha o transportassem numa cadeira ao primeiro andar, lá esteve, mostrando-se encantado com o que via, e quasi succumbiu de comoção perante um exemplar unico duma litografia, referente a umas eleições na Ilha da Madeira, que muito particularmente o haviam interessado.

Visita honrosissima para o Museu Rafael Bordalo Pinheiro!

O grande republicano havia hesitado sempre em oferecer definitivamente o quadro ao Museu. Permitira que se reproduzisse pela fotografia. Estava nele homenageado. Tinha-lhe muito amor. Impressionado, porém, com o carinhoso preito, que o Museu representa ao colossal Artista, e com a forma amavel e respeitosa como o proprio quadro estava exposto, não se conteve, e, num impulso entusiasta, afabilissimo, declarou que ofereceria definitivamente a linda maravilha ao Museu, contentar-se-ia em revel-o fotografado.

Fiquei extremamente jubiloso.

O trabalho, belo rasgo da fantasia rafaelina, é colorido desde a tinta da China até ao ouro vivo, desenho complicado, minudencioso, em que os arrojões da tecnica, multiplos e intrinçados, são de tal guisa que só um Mestre poderia concebê-lo e executar-o. Fazer uma cópia perfeita, seria empreza, se não impossivel, com difficuldades quasi insuperaveis!...

Decorridos meses, o Dr. Manuel de Arriaga disse-me que por motivo da quasi ruina em que o deixara o periodo presidencial, o quadro tinha de voltar á sua posse, por querer com elle valorisar o testamento. Respeitavel questão de interesses familiares, que o veneravel ancão desejava defender.

O quando regressou imediatamente ao seu antigo posto, sendo-me reoffida a fotografia, emoldurada num espelho igual ao do original, que eu imediatamente mandára executar. Poucos dias após, no Carnaval de 1917, dois comissionados do ex-presidente procuraram-me para me dizerem que sua ex.ª desejava falar-me. Imediatamente segui para casa do amavel doutor. Qual não foi o meu espanto, quando vi, na propria sala para onde me introduziram, num cavalete, desenoldurado, o pergaminho onde estava deslumbrantemente executado o preito ao Dr. Manuel de Arriaga! Poucos minutos depois surge o doutor, e, visivelmente incomodado, sai-se a dizer: «Sabe, meu amigo, que me afirmam não ser este o original, que lhe confiei, mas uma copia!»



DR. MANUEL DE ARRIAGA

A minha indignação foi suprema; reprimi-a corajosamente: tratava com um velho respeitavel, estava na sua propria casa!... Dentro, porém, de todas as praxes, lavrei o meu mais sentido protesto, cuja garantia summa, aparte o meu caracter, estava na dificuldade quasi invencivel da propria copia, na dificuldade tambem de conseguir pergaminho igual, etc., etc.

O Dr. Manuel de Arriaga encontrou forcas ainda para dizer: «Fizéram-me notar a limpeza do pergaminho, e a sua colagem...»

«O! Senhor Doutor, pois V. Ex.ª não se recorda de que me pediu, com interesse, para eu ver se seria possível tirar as manchas de bolor que maculavam o pergaminho, e para que se tentasse planificá-lo? Foi para satisfazer esses pedidos de V. Ex.ª que se executaram, com carinho e paciencia, o melhor possível, as reparações!...»

«E' verdade, tem razão; lembro-me agora perfeitamente de que formulei esses desejos.»

Já batendo em retirada, lembrou-me então que bem poderia ter sido o fotografo quem effectuasse a falsificação, se a houvesse!...

Reagi, indignado, afirmei que a responsabilidade era minha e só minha; que ficava absolutamente pela honradez do fotografo, que o julgava tão incapaz de fraude como a mim proprio me julgava...

Deu-se então um caso, que me collocou numa situação, se possível fosse, mais deploravel ainda do que a anterior!...

O Dr. Manuel de Arriaga chamou um creado e disse-lhe para vir á nossa presença um seu genro, que, por acaso, se encontrava em casa do justiceiro ancão. Perante esse seu quasi parente, militar de alta patente, pessoa por todos os titulos respeitavel, o doutor desfez-se em desculpadas, exaltou a minha personalidade, e afirmou que só uma inconcebi-

vel má vontade, uma calunia abjecta, lhe poderia ter sugerido tão falsas quanto insanas suspeitas!

Fiquei aturrido, e já seria difficil saber qual de nós dois estava mais comovido e mais vexado.

O genro do Dr. Manuel de Arriaga veio, em grau os meus rogos em contrario, acompanhar-me até á porta da rua!...

Ignorei sempre o aseroso nome do tipo, que insuflou no generoso animo do Dr. Manuel de Arriaga tão vil quanto insidiosa calunia!

Devo explicar que a infamissima atoarda de que no Museu Rafael Bordalo Pinheiro se trocavam originaes por cópias tão bem feitas, que se confundiam com os originaes, nascera e criára vulto em almas feitas de lodo e vileza, que a propagaram!

E se fossem só estes os desgostos que o Museu Rafael Bordalo Pinheiro me causou!...

O que narrei, passado com o finado ex-Presidente da Republica, patenteia exuberantemente o seu alto espirito de rectidão e de justiça, foi uma espontanea, cabal, inexcusavel retratação, que perante testemunha idonea se dignou fazer-me!

Onde um grande quilate animico impera não ha calunia vil que se enraize.

As nossas relações de amizade não esmoreceram, talvez até se intensificassem. Bastas vezes assisti ao seu modesto chá das cinco. Estavamos algumas vezes sós os dois.

Uma vez confessou-me o maguado ex-Presidente que os mais amargurados dias da sua vida haviam sido os passados, os sofridos, como Presidente da Republica: ele a querer congraçar a familia republicana, e a dita familia cada vez mais encarnicadamente desavinda.

E continúa!...

Nota: — As cópias existentes no Museu Rafael Bordalo Pinheiro são na verdade admiraveis, confundem-se com os originaes, devem-se á proficiencia e ao carinho desinteressado de Luiz Calado Nunes, meu involuavel amigo, ao seu maior numero, e, poucas mais, a Saavedra Machado e a Mario Santos.

Justiça a quem a merece.

CRUZ MAGALHÃES.

"O PRIMEIRO DE JANEIRO"

16-10-924

LUIS CALADO NUNES

DE muito novos fomos amigos como irmãos... mais que irmãos, posso garantir: comunhão confiante de sentimentos, de ideais, de aspirações... tudo desvanecido, torturado, perdido, no decorrer da vida aspera!...

Começámos a versejar na Escola Académica e colaboreámos, desde então sempre unidos, nos jornaesinhos, que lá criámos.

Saúdosos tempos!... Nenhum de nós fazia versos que não fôsse logo consultar o outro, e surgiam discussões, compita a ver qual dos dois lembrava mais rimas, maior riqueza de vocabulário, etc., etc.

Meteu-se-nos na cabeça traduzir o *Cid*, de Cor-

neille, e vá de perdermos noites e noites... nas quais não sei que mais admirável fôsse, se a nossa paciencia, se a exuberância das fantasias loucas que sonhámos!...

Tudo que me ocorreu a respeito de Luis Calado Nunes corre impresso num folheto *Carta para o outro mundo*, em que procurei fazer justiça aos peregrinos dotes de talento e de bondade do meu saudoso Amigo, que aliava a muita sciencia da lingua, a óptimas qualidades de professor, ao vernaculismo elegante do estilo, uma graça espontânea, uma grande sedução como conversador, e como humorista emerito!...

Escapou-me uma nota curiosa: um belo dia apareceu-me Luis Calado Nunes com a poesia «Malmesquer», e, no seu modo mais sério, pede-me opinão. Li. Não percebi. Sem papas na lingua opinio indignado: — isto é uma borraqueira.

Estávamos no tempo do nefelibatismo triunfante! Luis, grave e sisudo, protestou mais indignado ainda: — és um casmurro, incapaz de acompanhares a nova corrente bellissima da poesia, etc., etc., etc.

— Dois sim, liquidei, fica-te lá com as tuas opinões, que eu fico com as minhas.

A poesia era esta:

MALMEQUER

Mal me quer... bem me quer...
A asa duma ave perpassou de leve,
O lago despertou do sonho breve...
Mal me quer... bem me quer...
Tem um donaire que não vejo aos mais,
Toca arrabil, escreve madrigais...
Mal me quer... bem me quer...
E neste lindo colre que riquezas!
Esmeraldas, saltras e turquesas...
Mal me quer... bem me quer...
Noites de S. João! Agua da fonte...
A pupila dourada no horizonte...
Mal me quer... bem me quer...
?Hei-de ver a minha alma retratada?
?E dum berço surgir a madrugada?
Mal me quer... bem me quer...
Sóror Mariana espera e desespera,
?Je meus on je m'attache? é como a hera,
Mal me quer... bem me quer...
Rogou pela agua a asa duma ave,
Quebrou seu sonho o lago sonhador...
Mal me quer... bem me quer...
As monjas vão passando a passo grave
Ao longo do comprido corredor...
Miserere... Miserere...

Como fazia a todos os versos, que o meu chorado Luis me deixava, colei o «Malmesquer» no meu album de coisas intimas.

Decorreram largos anos. Em conversa sobre tempos idos, uma vez que falávamos de nefelibatismo, fui-lhe dizendo: — sim, mas tu também cultivaste o género!

— Eu?! recalcitrou, ofendido, o Luis.

— Sim. Tu. Rapo do album, abro-o na página documentária, mostro o «Malmesquer»!

E logo, o Luis: — Deixa ver, isso não está completo, e acrescentou:

Se o leitor estes versos entendeu, lida é mais nefelibata do que eu.

As recordações são como as cerejas, umas trazem outras.

Frequentávamos muito a Biblioteca Nacional, sobretudo à noite. Nesse tempo ornamentavam as paredes do edificio vários mamarrachos, até nas escadas se ostentavam! Na da esquerda, subido o primeiro lance, também á esquerda, havia um. Todos eles representavam frades e tinham dizeres explicati-

vos na propria tela, em baixo. Este, entre várias lérias, chamava ao homem: «frade de inocentissimos costumes». Tanta vez passamos pelo inocentissimo, que uma bela noite comentei: — indecentissimos é que lá devia estar.

Saimos. De repente digo ao Luis: — ?queres tu fazer uma boa partida? — Dize lá. — Muito simples: raspas a palavra inocentissimos e pões indecentissimos. — Olha que lembrança!... ?E se nos apanham?! — Por isso fico eu. A porta de cima faz barulho quando se abre. É um alarme. Em baixo ponho-me á côca... não há receio.

Resolvido.

Na noite seguinte o complacente Luis, de raspadeira em punho, deu começo ao trabalhinho. Ficou a coisa tão bem feita que ninguém deu pela metamorfose da palavra!...

Quantos mais dias passavam mais arreliado eu andava! Não me confive e propalei o caso insólito entre a estudantada. Começa a romaria para a Biblioteca, chovem os comentários apimentados.

Constou-nos que *O Dia* pregou uma tarefa mestra nos audaciosos atrevidos, malcriados, iconoclastas, etc., etc., etc.

Poucos dias após foi reposto o *inocentissimos*.

Partida de rapazes e prova da pericia, da facilidade rápida, com que o bom Luis fazia tudo que queria fazer!...

No «Museu Rafael Bordalo Pinheiro» existem muitas cópias, executadas por Luis Calado Nunes, tão perfeitas que são absolutamente confundíveis com os originaes!

Foi talvez essa extrema perfeição de copista originária do perdido boato de que no «Museu» se trocavam os originaes por cópias!... Realmente, são por tal forma admiráveis que mestre Columbo, examinando a que representa o glorioso actor Brazão no *Futo Vidas*, sentenciou: — isto não é uma copia, é uma verdadeira falsificação!

A-pesar-do boato traduzir bem com quanta amorável pericia Luis Calado Nunes trabalhava para o «Museu», causou-me sério desgosto!

Hoje limito-me a deplorar que houvesse almas tão vis que falsificassem inventassem!...

Glória ao meu chorado Luis, desprezo e nojoso tédio para os abjectos caluniadores.

Mais uma recordação inédita para finalizar:

Fui sempre um inútil cheio de occupaões!...

Um dia o gracioso Luis definiu-me assim: — um homem que não tem nada que fazer e a quem nunca chega o tempo para coisa alguma.

Deu no vinte!...

"ALMA NOVA"
mimosa do álbum
M. 10 a 12.
D. 1925.

Aditição com o título: Recriação...
da...
fui...
da...
da...

1925

Fernão Boto Machado

A noticia da sua morte causou verdadeiro pesar nos meios republicanos

Causou a maior consternação nos meios republicanos, dos mais conservadores aos mais avançados, a noticia da morte do dedicado democrata e grande homem de bem que se chamou Fernão Boto Machado. As suas qualidades, tantas e tão valiosas, por todos reconhecidas na hora do passamento, nem todos as consideraram

Grupo 19 de Junho, Grémio Civil do Monte, Juntas de Freguezia do Monte Pedral e Escola Germana, etc.
Os restos mortaes do Fernão Boto Machado ficaram depositados no jazigo do sr. Henrique da Silva.
O funeral do Boto Machado realizou-se hoje, pelas 13 horas, para o cemiterio



A camara ardente

decididamente empenhado foi vivo o que era ministro do seu paiz em Tokio. O reconhecimento, embora um pouco tardio, do merecimento é o começo d'aquella justiça dorida ao crente e ao apóstolo, ao que soubo acreditar e ao que soubo pregar doutrinas novas de bondade, de fraternidade e de simpatia.
Por isso a casa do extinto acorreram durante o dia de hontem inumeras pessoas a apresentar as suas condolencias a viuva do illustre cidadão, manifestando-lhe o pesar que punge n'esta hora a grande familia republicana pela perda irreparavel que acaba do soffrer.

A trasladação para o Centro Boto Machado—O funeral

Pelas 11 horas e meia effectou-se hontem a trasladação dos restos do Boto Machado para o Centro de que o falecido era Patriota, na rua do Paraizo.

O caixão foi conduzido na carreira da Sociedade Voz do Operario, de onde o extinto era socio benemerito, tendo-se organizado tres turmas, da Benefica a S. Sebastião da Pedreira, d'aqui ao Intendente e do Intendente a rua do Paraizo.

No cortejo fúnebre incorporaram-se bastantes pessoas, entre ellas os srs. dr. Magalhães Lima, que tambem representava o sr. dr. Antonio José d'Almeida; Cruz Magalhães, Silva Fernandes, Antonio da Conceição Pedreira, Raul Cardoso Marinho, Marques do Alreu, etc., achando-se representados a Associação do Registo Civil, Livre Pensamento, Centro Fernão Boto Machado, com os respectivos estandartes; comissão instaladora do Centro de que o extinto é patrono e director actual, Partido Republicano Radical, Loja Ordem e Progresso, Grémio Altiuez, Grupo Combatentes pela Republica, etc.

O caixão, cuberto na bandeira do Centro, ficou assente sobre uma eca erguida no centro da fila, vendendo-se ao lado um quadro com o retrato do extinto e os estandartes de varias colectividades republicanas. Durante a noite grande numero de ramos de flores naturais, tendo apresentado as suas condolencias, sobre outras instituições, a Junta Geral do Distrito, pessoas all foi deixar cartões de pazes ao Provedor da Assistencia Publica, Museu Rafael Bordalo Pinheiro, etc.

Das 21 horas de hontem até á saída do funeral organizaram-se varios turnos para velar o feretro, constituindo-se representantes da Sociedade Voz do Operario, Associação do Registo Civil, Livre Pensamento, Liga Proclamar, Grémio Altiuez, Grémio dos Combatentes pela Republica,

oriental, devendo constituir uma imponente e sentida manifestação de pesar. Não se farão representações multas colectividades republicanas, algumas das quaes convidam para isso os seus associados. Entre outras, o Centro Boto Machado, o Grémio Jovens Lusitanos, o Partido Republicano Radical, o Grupo 19 de Junho, o Grémio dos Combatentes pela Republica farão não representas numericamente no funeral.

O cadaver sera transportado para o cemiterio em carroça da Voz do Operario, tendo-se esta benemerita instituição encarregado de todo o serviço fúnebre.

Diversas manifestações de pesar

No Senado foi exarado na ata um voto de sentimento pela morte de Fernão Boto Machado, depois do sr. Procopio de Freitas exaltar as suas altas qualidades e serviços prestados ao paiz. Associaram-se a este voto os representantes de todos os lados da Camara. Igual procedimento se adotou na Camara dos Deputados, tendo aqui o voto de sentimento sido proposto pelo respectivo presidente e associando-se a ele parlamentares de todas as facções.

Tambem na reunião de hontem, da commissão executiva da Camara Municipal, foi aprovado um voto de profundo sentimento pela morte de Boto Machado, tendo-se a elle associado a maioria democratica e a minoria municipal.

A Sociedade de Instrução e Beneficencia A Voz do Operario muito deveu durante a vida de Boto Machado a esta grande cidade. A' hora da sua morte legou-lhe ainda a valiosa biblioteca que possuia, pedindo-lhe em troca que se encarregasse da sua guarda.

Hoje de manhã, nas aulas dependentes d'esta benemerita instituição, os professores falaram aos seus alunos, mostrando-lhes como é de imitar o exemplo da vida do questionado republicano e como n'esse exemplo muito tem a aprender as gerações de Portugal.

Os alunos da Voz do Operario postar-se-ão á porta do edificio da colectividade, aguardando a passagem do funeral e prestando, n'essa altura, as homenagens devidas a Boto Machado.

GOUVELA, 4.—Causou aqui o mais profundo pesar o falecimento do sr. Fernão Boto Machado, illustre filho de Gouveia, irmão do saudoso benemerito sr. Pedro Boto Machado e do actual delegado do Governo n'este concelho sr. João Boto Machado.

Vão daqui algumas personalidades assistir ao funeral.

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Passando hoje o aniversario da morte do notavel artista, o grupo Amigos Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro vai, pelas 10 horas, depôr flores sobre o ataudô do glorioso caricaturista e eminente ceramista.
A reunião ordinaria deste grupo effectua-se no domingo, ás 4 horas da tarde.

"DIARIO DE NOTICIAS"
23 de Janeiro

PASSA hoje o aniversario da morte do grande Rafael Bordalo. Recordar o seu nome é um dever de todos os que admiramos a sua obra—tão portuguesa e tão notavel que, á maneira que os anos passaro, ella fica cada vez mais proxima de nós

"DIARIO DE LISBOA"
24-1-925

Amigos do Museu Bordalo Pinheiro

Estava para se realizar outom a reunião annual dos amigos do Museu Bordalo Pinheiro, reunião que é costume effectuar-se no dia do aniversario da morte do grande artista.

Em virtude, porém, das festas do centenário de Vasco da Gama, a reunião não pôde effectuar-se, ficando transferida para 21 de Marco, dia do aniversario natalicio de Bordalo Pinheiro, devendo então realizar uma conferencia o sr. dr. Coelho de Carvalho, que se occupará de «Bordalo Pinheiro e a politica».

"DIARIO DE NOTICIAS"
26-1-925

Camilo na obra de Rafael

E' amanhã que na Universidade Livre, pelas 9 horas da noite, que o conhecido bibliofilo sr. Alvaro Neves realiza uma conferencia subordinada ao titulo «Camilo Castelo Branco na obra de Rafael Bordalo Pinheiro».

Esta conferencia que está despertando grande curiosidade é promovida pelo Grupo Amigos Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro que assim comemora o aniversario do nascimento do glorioso artista que foi Rafael Bordalo Pinheiro.

"DIARIO DE NOTICIAS"
20-3-925

Cruz Magalhães

Podemos hoje dar a boa nova, aos nossos assinantes e leitores, que contamos no numero dos nossos mais distintos colaboradores, o sr. Cruz Magalhães, illustre prosador e não menos poeta.

Cruz Magalhães no nosso meio artista, é um benemerito, pois bastará recordar, que é o fundador do museu Rafael Bordalo Pinheiro, situado no Campo Grande, admirado por nacionais e estrangeiros.

Cruz Magalhães vei-nos honrar as colunas do nosso modesto semanário, é um facto do qual estamos infinitamente gratos.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para os seus versos: «Andorinhas».

"O SECVLO" 5-11-924.

A SEMANA DE SINTRA

12-4-925

UM BENEMERITO

A doação

DO MUSEU

Rafael Bordalo Pinheiro

do poeta Cruz Magalhães

à Camara Municipal

Um destes dias de sol ridente e céu azul purissimo, com que o clima do nosso lindo Portugal nos favorece em pleno Dezembro, levou o jornalista ao Campo Grande. Prazer pacato, esparsente das lides constantes. Quasi ao fim da rua oriental, pejada com material construção, proximo do «Museu Rafael Bordalo Pinheiro», creseu-nos o desejo de entrevistar o seu fundador, colher alguma coisa inédita.

Abordámos o sr. Cruz Magalhães que se esquivou de começo, dizendo:

—Nada tenho já com o Museu, isso é com as suas entidades dirigentes e com a Camara Municipal de Lisboa, lá em cima, lá em cima...

«Sinto-me recompensado, e bem, pelo acolhimento do publico e tambem pelos favores repetidissimos da imprensa, não só de Lisboa, mas do Paiz, e até estrangeira. Olhe, quero ver — e mostrounos um grande album com 155 paginas já preenchidas só de referencias ao Museu. Tambem estou satisfeito com o procedimento da actual Camara Municipal de Lisboa, sobretudo com a intervenção amavel e sollicita do sr. Alexandre Ferreira, verdadeiro benemerito da instrução e da assistencia infantil, para só falar daquele dos vereadores, cuja accção mais directa, constante e proficuamente tem influenciado para a definitiva instalação do Museu.

—E quanto ao pessoal do Museu? Tem razões de queixa?

—Absolutamente nenhuma, até agora. A directora-conservadora cumpre os seus deveres, tem mesmo reparado perfeitamente varias peças ceramicas, que, já depois de doado o Museu, tenho adquirido. Trabalho de méra devoção, visto que o Museu, doado á Camara em 2 de Julho, ainda não tem regulamento, que, allás, elaborei, a pedido, breves dias após a doação. Devo dizer que o sr. Ferreira Mendes, antigo e distinto funcionario da Camara, tem sido duma intelligente e leal devoção para o Museu e que até os guardas merecem o meu elogio.

—Falou na definitiva instalação do Museu... Quando se realizará a inauguração total?

—Creio que, dentro de poucos meses. O contracto de doação fixa o prazo para meados do futuro ano.

—O Museu amplia-se?

—Sim, senhor, occupará todo o edificio. Aqui em baixo será exhibida principalmente a ceramica do grande Artista.

—O Museu já possui muita ceramica?

—Umás cento e tantas peças. Algumas já de subido apreço. Conto que a Camara Municipal procurará enriquecê-lo com a

jarra Manuelina, uma das mais notaveis belezas ceramicas de Rafael Bordalo Pinheiro, e com um precioso perfumador indiano, pertencente ao sr. dr. Julio de Vilhena, bela homenagem do grande Artista, etc. Eu, neste particular, já fiz o que podia, mais talvez, do que podia.

—O numero de visitantes segundo o que me deixou perceber, tem sido então importante?

—Muitissimo. Enquanto o Museu me pertenceu, visitaram-no 7.948 pessoas, em 183 domingos sómente, e rendeu 1.685 escudos, distribuidos integralmente pela Cruz Vermelha, Cruzada das Mulheres Portuguesas e Asilo de S. João.

—E depois da doação?

—Depois da doação o Museu esteve aberto 41 dias com 1.104 visitantes. Um total, portanto, de 9.052 visitantes, em 224 dias.

—Realmente, é animadora essa concorrencia, tambem comprovativa do desenvolvimento do gosto publico pelas Belas Artes. Qual é o preço actual das entradas?

—Nenhum. Contra a minha modesta opinião, a Camara não quer colher proveito algum! Muitos visitantes são os primeiros a admirarem-se da entrada livre.

—E este material, que vejo na rua?

—E' para o edificio em construção que se destina á moradia futura dos directores-conservadores do Museu, e meu usufruto enquanto vivo fór. Não me ficavam recursos para pagar casa.

Após esta rapida palestra seguiu-se a visita ao Museu, e á casa em construção, muito adiantada.

O Museu está descrito, todos o canhecem, oito salas repletas. Afirmamos o fundador do Museu que tem materiais desde já para preencher talvez totalmente o edificio inteiro.

—Mais uma pergunta. Não fica com interferencia alguma, de ninguem, no Museu, que fundou?

—Nem no presente, nem no futuro. Sou inspector honorario, gratuito, unicamente para auxiliar a colocação dos objectos a expôr, se me não contrariarem muito. A sua amavel pergunta despertou-me mais uma revelação inédita: por louvavel inspiração do sr. Alexandre Ferreira o rez do chão da casa, que se está construindo, destinase á Biblioteca Camararia. Já me ofereci para exercer gratuitamente, e sem direitos alguns camararios, o cargo de bibliotecario.

—V. Ex.^a tem pertinacia na gratuitidade! A Camara aceitou com jubilo, não é verdade?

—A Camara não me respondeu...

Tive entrega deste livro ao senhor Rafael Bordalo Pinheiro em 3 de julho de 1925. Cruz Magalhães

"DIÁRIO DE LISBOA"

23-1-925.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Faz agora um ano que foi reaberto ao publico o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, a generosa e de.a iniciativa de Cruz Magalhães, conseguiu immortalizar a obra de Rafael Bordalo, em redor da qual se ia fazendo o esquecimento.

Hoje, a memoria deste grande artista não só é credora do culto devotadissimo de Cruz Magalhães, mas tambem do bom senso da Camara Municipal de Lisboa que, graças ao vereador sr. Alexandre Ferreira, soube honrar-se, accetando a oferta do referido Museu que, neste primeiro ano camarario, isto é, desde julho de 1924, em que foi aceita a doação, até ao dia 30 de junho findo, tem sido visitado por 2.862 pessoas e recebeu dois legados e varias ofertas das srs. D. Helena Bordalo Pinheiro e D. Maria Amalia de Brito Aranha, e dos srs. Cruz Magalhães, dr. Antonio José de Almeida, Columbano, dr. Magalhães Lima, Archer de Lima, Alvaro Neves, etc., etc.

"O Seculo"
5 julho 1925

MUSEU RAFAEL BORDALO

Passa hoje o 9.º aniversario da abertura do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, pertencente á Camara Municipal de Lisboa e que é uma nobre e patriótica homenagem ao insigne caricaturista. Este Museu, que na Exposição do Rio de Janeiro alcançou o grande Premio, continua a ser concorridissimo, tendo recebido ultimamente novas ofertas, que muito tem enriquecido a sua preciosa coleção de desenhos.

DIARIO DE NOTICIAS
6 Agosto 1925

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Passa hoje o 9.º aniversario da abertura do Museu Rafael Bordalo Pinheiro ao publico.

O Museu, que na exposição internacional do Rio de Janeiro alcançou o grande premio tem sido concorridissimo e tem recebido varias ofertas de originaes, peças de cerâmica, livros, folhetos, jornais, etc., etc., que tem vindo enriquecer a notabilissima coleção.

BATALHA
6 Agosto 1925

Exposição Internacional do Rio de Janeiro

Relação dos artistas portugueses premiados

Os artistas portugueses que concorreram á Exposição Internacional do Rio de Janeiro e que foram premiados pelo júri especial de Belas Artes, segundo uma lista official enviada pelo embaixador de Portugal no Brasil ao Ministerio do Comercio são os seguintes:

Pintura, grande premio, Carlos Reis, Columbano Bordalo Pinheiro, Alfredo Roque Gameiro e José Veloso Salgado, de Lisboa, e José Julio Sousa Pinto, França; medalhas de ouro, Alfredo Morais, Artur Alves Cardoso, Domingos Costa, Helena Roque Gameiro, João Vaz, José Nunes Ribeiro, José Marques Barros, Luciano Freire e Marinho da Fonseca, de Lisboa, Antonio Carneiro, João Augusto Ribeiro, José Bastos e Julio Ramos, do Porto, Carlos Benvenuto, Cascais, Ernesto Ferreira, Condeixa, Dordio Gomes, Paris; medalhas de prata, Adelaide Lima Cruz, Baul Campinha, Eduardo Gil Romero, Emilia Santos Braga, João Marques, João Reis, Joaquim Costa, José Campas, José Leite Silva, Jaime Martins Barata, Emilio Paula Campos, Pedro Guedes, João Ribeiro Cristiano e Luis Varela Aldemira, de Lisboa, José Almeida e Silva, de Viseu, Antonio Costa, Artur Loureiro, Aurelia de Sousa, Eduardo de Moura e Julio Costa, do Porto, Antonio Saude, de Santarem, Domingos Rebelo, de Ponta Delgada, Joaquim Lopes, de Vila Nova de Gaia.

Medalhas de bronze: Alice Grilo, do Porto, Paulino Montez, de Lisboa; Menção honrosa: José Albino Armando, Fernando dos Santos, Maria Felicidade Monfim Gonçalves, Narciso Morais e Julio Teixeira Bastos de Lisboa, Antonio Piedade, da Figueira da Foz, Augusto Gama, de Gueifões-Maia, Inacio Pinho, do Porto, José Samora Barros, de Silves, Bernardino Trindade Chagas, de Vila Real.

Escultura, grande premio: Antonio Teixeira Lopes, de Gaia; medalhas de ouro: Anjos Teixeira, de Sintra, João da Silva Paris, Julio Vaz Junior, de Lisboa, Rodolfo Pinto do Couto, Rio de Janeiro; Medalhas de prata: Antonio Costa, Paris, Antonio Augusto da Costa Mota Sobrinho, José Neto e Tomaz Costa, de Lisboa, Eramento do Couto, França, Francisco France Paris; medalha de bronze: José de Sousa Caldas, de Vila Nova de Gaia.

Arquitectura, grande premio: Arnaldo Adães Bermudes, de Lisboa; medalhas de ouro: Guilherme e Carlos Rebelo de Andrade e Alfredo Assunção Santos, de Lisboa, Francisco Santos, Rio de Janeiro; medalha de Bronze: Norberto Correia, de Lisboa; Menção honrosa, Deolindo Leite Vieira, de Lisboa.

Desenho, medalha de prata: João Saavedra Machado, de Lisboa.

Caricatura, grande premio: Museu Rafael Bordalo Pinheiro, de Lisboa; medalha de ouro, Francisco Valença, de Lisboa.

"DIARIO DE NOTICIAS"

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Passa hoje o 9.º aniversario da abertura do Museu Rafael Bordalo Pinheiro ao publico. Obra admiravel do prestantissimo cidadão que é o sr. Cruz Magalhães, o Museu Rafael Bordalo é hoje pertença do Municipio de Lisboa. O Museu, que na Exposição Internacional do Rio de Janeiro alcançou o grande Premio, tem sido concorridissimo e tem recebido varias ofertas de originaes, peças de cerâmica, livros, folhetos, jornais, etc., etc., que tem vindo enriquecer a sua notabilissima coleção.

"O MUNDO"
6 Agosto 1925

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Passa hoje o 9.º aniversario da sua fundação

Passa hoje o 9.º aniversario da sua inauguração do Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

Organizado pela acção intelligente e desvelada do Benemerito que é Cruz Magalhães, o Museu pertence hoje ao Municipio de Lisboa.

As suas coleções, sobretudo as de peças de cerâmica, e as do livro, folhetos e jornais tem sido enriquecidas, nestes ultimos mezes com muitas e valiosas ofertas.

"O SECULO"
6 Agosto 1925.

Lopes Trovão

Faleceu o velho e illustre republicano brasileiro

Telegramas do Rio de Janeiro, ontem recebidos em Lisboa, anunciaram-nos a morte do velho e illustre republicano brasileiro Lopes Trovão.

É um acontecimento que enluta a nação irmã e amiga e que por todo o Brasil ha de provocar, apesar deste triste desenlace ser esperado já de ha dias, um sentimento profundissimo, a que comovidamente nos associamos.

José Lopes da Silva Trovão, filho de José Maria dos Reis Trovão, consul português em Angra dos Reis, nasceu nessa cidade em 23 de Maio de 1848.

Desde os seus tempos de estudante da faculdade de medicina do Rio de Janeiro, pela qual se doutorou, dedicou-se a propaganda da Republica, tendo sacrificado a clinica a defesa dos seus ideais.

O governo monarchico tais difficuldades lhe criou á sua vida no Rio de Janeiro que Lopes Trovão teve de emigrar para a Europa, onde viveu por muito tempo, dando lições de portuguez. Além do brilhante jornalista era um orador vibrante, que arrastava o auditorio, contando-se que, de uma vez, conseguiu, após um veemente discurso, fazer marchar o povo em direcção ao palacio imperial, tendo a força armada, a custo, detido a massa popular já nas imediações da Quinta da Boa Vista.

Depois da proclamação do regim republicano Lopes Trovão foi eleito deputado e, mais tarde, senador, tendo apresentado em ambas as casas do Parlamento projectos de grande importancia.

Publicou os seguintes trabalhos: «Dizenerias», «Mudanças de estado», «Aparelhos da visão», «Da circulação», «O novo ministerio, por Spartacus», «Cartas dirigidas a D. Pedro II», «Combate dos brasielros republicanos», «Compatibilidade e incompatibilidade dos republicanos com os cargos publicos», conferencia republicana, «Apontamentos para a historia dos Estados Unidos do Brasil».

Lopes Trovão, que ha muito se remetera a um voluntario isolamento, vivia actualmente numa discreta pobreza, numa casa dos arredores do Rio de Janeiro. Quiz o Parlamento brasileiro consagrar-lhe os meritos e a grandeza do seu caracter nobre, que muitos actos de generosidade e abnegação fundamente haviam vincado para o reconhecimento de todos os seus compatriotas, votando-lhe uma pensão na mesma occasião em que o fizera para Rui Barbosa.

Lopes Trovão teve conhecimento do facio e apressou-se a dirigir-se em officio á camara votante, recusando o auxilio.

O lapso de Bordalo Pinheiro consagrou-o numa bela caricatura no «Album das Glorias» e Coelho Neto, referindo-se-lhe, disse uma vez que da sua morte ficaria um traço inapagavel, semelhante ao que na alma de Israel deixara o de Moisés.

O funeral de Lopes Trovão, conforme communicação da Agencia Americana em Lisboa, será considerado nacional, nele devendo incorporar-se grandes representações de todos os Estados da Republica Brasileira.

"O SECVLO"
17 Agosto 1925.

Os artistas portugueses

premiados na Exposição do Rio de Janeiro

Os artistas portugueses premiados na Exposição Internacional do Rio de Janeiro foram os seguintes:

Pintura—Grande premio—Carlos Reis, Columbano Bordalo Pinheiro, Alfredo Roque Gameiro, José Julio de Sousa Pinto e José Veloso Saigado.

Medalhas de ouro—Alfredo Morais, Artur Alves Cardoso, Antonio Carneiro, Carlos Bonvalot, Ernesto Ferreira, Domingos Costa, Dordio Gomes, Helena Roque Gameiro, João Augusto Ribeiro, João Vaz, José de Brito, José Nunes Ribeiro Junior, Julio Ramos, José Marques de Barros, Luciano Freire e Martinho da Fonseca.

Medalha de prata—Adelaide de Lima Cruz, José de Almeida e Silva, Antonio Costa, Antonio Saude, Artur Loureiro, Aurelia de Sousa, Raul Carapinha, Domingos Rebelo, Eduardo Gil Romero, Eduardo de Moura, Emilia dos Santos Braga, João Marques, João Reis, Joaquim Costa, Joaquim Lopes, José Campas, José Leite da Silva, Julio Costa, Jaime Martins Barata, Emilio de Paula Campos, Pedro Guedes, João Ribeiro Cristino e Luis Varela Aldemira.

Medalha de bronze—Alice Grilo e Paulino Montês.

Menção honrosa—José Albino Armando, Antonio Piedade, Augusto Gama, Fernando dos Santos, Inácio do Pinho, Maria Felicidade Mouhin Gonçalves, Narciso de Moraes, José Samora Barros, Julio Teixeira Bastos e Bernardino Trindade Chagas.

Escultura—Grande premio—Antonio Teixeira Lopes.

Medalha de ouro—Anjos Teixeira, João da Silva, Julio Vaz Junior e Rodolfo Pinto Couto.

Medalha de prata—Antonio da Costa, Antonio Augusto da Costa Mota (sobrinho), Ermento de Canto, Francisco France, José Neto e Tomás Costa.

Medalha de bronze—José de Sousa Caldas.

Arquitectura—Grande premio—Arnaldo Aarão Bermudes.

Medalha de ouro—Rebello de Andrade (Guilherme e Carlos), Alfredo Assunção Santos e Francisco dos Santos.

Medalha de bronze—Nerberto Correia.

Menção honrosa—Deolindo Leite Vieira.

Desenho—Medalha de prata—João Saavedra Machado.

Caricatura—Grande premio—Museu de E. fael Bordalo Pinheiro.

Medalha de ouro—Francisco Valença.

DIARIO DE NOTICIAS

24-Agosto 1925.

DITOS MAL... DITOS

O candieiro 7685, colocado quasi em frente do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, que deve illuminar tambem a area onde está o monumento do máximo caricaturista português, tudo pertencente à Camara Municipal, conserva-se apagado vai para dois meses! Há perto de sessenta noites que o pobre guarda do monumento, creio que tambem incumbido de zelar o Museu, se dá a perros para cumprir os seus deveres... às escuras. Numa vereda recentemente aberta, em frente do Museu, colocaram uma lampada eléctrica num poste com reflector: virado para o lado oposto ao monumento! Essa lampada devia estar suspensa, como muitas outras, no meio da cruz formada pelos quatro caminhos que tem de esclarecer. Cruzes canhoto! Então não sabemos todos que a asneira tem de prevalecer! Há perto de sessenta noites que o tal 7685 não dá luz! Desde o preclaro administrador do Campo Grande até ao mais obscuro guarda ainda não houve um par de olhos que desse por aquela ausência de luz!... Ainda não houve um par de olhos que protestasse contra o tal reflector absurdo, que intercepta a luz para onde ela mais necessária se torna!

Dês que morreu o Miranda tudo assim anda! .. A incúria, o desleixo, o deixa andar cõrra o marfim, são o crêdo, a norma, o evangelho de todo o fiel... funcionário, salvo honrosas excepções, que entende que o dinheiro recebido no fim do mês é um direito supremo para nada fazer!... E a Junta de Fragnesia? Tambem está cõguinha de todo! Mas então a Companhia do Gás e Electricidade não tem fiscais, a Câmara tambem não os tem? E' que alguns fiscais da Câmara lerão pela cartilha de todo o fiel... funcionário. Dum sei eu que numa empreitada, que a Câmara deu de certo prédio, chegava a estar 30 dias seguidos, e mais, sem pôr os pés na obra! E ninguem ignora que na maioria dos casos uma empreitada é um conto do vigário legalizado!

Isto não é, afinal, um dito... maldito, é um dito bemdito e louvado seja São não te rales, que eu não me consumo, patrono sumo de toda a pãrvia, de toda a mandria, de todo o deixa vai relaxado, de todo o desafêro indígena.

CRUZ MAGALHÃES.

"DIARIO DA TARDE"

26 - novembro 1925.

RAFAEL BORDALO PINHEIRO de Magalhães Lima e Cruz Magalhães

Num lindo volume impresso na Imprensa da Universidade de Coimbra, os srs. dr. Magalhães Lima e Cruz Magalhães, dois grandes e devotados amigos de Rafael Bordalo Pinheiro e que se mantêm fiéis á admiração que em vida dedicaram ao genial artista, inseriram dois estudos muito interessantes sobre essa poderosa individualidade, que como ceramista e caricaturista se nivelou com os mais notáveis de todo o mundo, na sua época.

O trabalho de Magalhães Lima aprecia Rafael Bordalo Pinheiro pela sua acção como moralizador politico e social, acção exercida principalmente na celebração do tricentenario de Camões, e se discutir-se o tratado de Lourenço Marques, o «Ultimatum» a Salamancã e a questão dos tabacos.

O sr. Cruz Magalhães faz convenientemente a historia de todos os seus esforços para formar o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, obra que nobilita, ao mesmo tempo, o caracter e o gosto artistico de quem a empreendeu e realizou, o desenvolvimento que elle tem tomado, a sua cessão á Camara Municipal e todo o que se relaciona com a existencia desse empreendimento em que o sr. Cruz Magalhães pôs toda a sua alma. E' um livro que os admiradores de Bordalo Pinheiro, que ainda hoje são uma legião, não deixarão de querer adquirir, sem uma unica excepção.

ELCAY.

"DIARIO DE NOTÍCIAS"

5 - Janeiro 1926

Rafael Bordalo Pinheiro

Uma homenagem á sua notavel obra e á sua memoria insigne

A figura de Rafael Bordalo Pinheiro, caricaturista, ceramista, imaginario, não é das que esquecem. Mais do que para as «élites» intellectuaes, esse artista trabalhou para o povo. Tornou-se conhecido e amado por elle.

A sua gloria tem fundas raizes no humor popular e das turbas subiu até elle o aplauso que consolida os triunfos e os torna eternos.

O povo sentia em Rafael Bordalo Pinheiro, na sua irreverencia de plebeu, na audacia da sua ironia caustica, um seu par, alguém da sua igualha, que o genio tocára da virtude de criar beleza. Admirava-o por isso; e ter a admiração das turbas é a primeira condição para se ser consagrado grande. Por outro lado, os proceres temiam-no, receavam os traços do seu lapis como se pode recear uma lancetada; e fazer tremor os senhores do mando e da fortuna, e para quem dispõe de talento, a condição segunda da consagração definitiva.

Por tudo isso, Rafael Bordalo Pinheiro não ficou esquecido. Se a sua obra, todavia, fôsse daquelas que não transcendem uma época e ficam circunscritas a um reduzido grupo de amigos, a devoção de alguns delles bastaria para a divulgar e tornar querida.

A memoria desse artista, insigne em todas as artes a que se applicou, é na verdade objecto de um culto tão extraordinario, que surpreende, nestes tempos materialistas e utilitarios que correm.

Como para os semi-deuses dos tempos heracicos, os devotos da sua arte erigiram-lhe um templo e na praça publica os tribunos proferem palavras de ouro, em seu louvor.

A memoria gloriosa do artista eminentemente bem merece todas essas homenagens. Benemeritos são tambem aqueles que se apuram em prestar-lhas, sentidas e dignas.

Ainda ha pouco, Magalhães Lima, o verbo sempre pronto a exaltar tudo quanto é meritorio, pronunciou, junto do monumento do artista, no Campo Grande, um discurso evocando Rafael Bordalo Pinheiro, como critico e moralizador dos costumes politicos e sociais do seu tempo. Esse notavel discurso, quarto duma serie que os devotos de Rafael Bordalo promoveram sendo o primeiro proferido pelo sr. dr. Xavier da Costa, o segundo pelo escritor Manuel de Sousa Pinto e o terceiro pela sra. D. Julieta Ferrão—foi agora publicado em volume, precedendo uma monografia do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, elaborado pelo fundador desse Museu e benemerito Cruz Magalhães.

Cruz Magalhães é uma destas raras pessoas de boa vontade, que se dedicam a idéas de beleza com paixão e ansia de ser uteis. A sua fundação bastaria para lhe honrar o nome, se já o não tivesse prestigiado prospectos nobilitantes. Lisboa, que já lhe devia muito, ficou-lhe devendo mais a fundação e a doação deste Museu notavel, onde se encerra grande parte da obra extraordinaria de Rafael Bordalo Pinheiro.

Na monografia, agora publicada, Cruz Magalhães conta como surgiu a idéa do Museu de Bordalo, por suggestão do grande admirador do artista, Luis Calado Nunes. Explica depois como se arreigou no seu espirito o culto por Bordalo, com quem só uma vez falou e as dificuldades que teve de vencer para constituir esse Museu admiravel, que o honra como organizador.

As colleções rafaquinas de pintura, ceramica, caricatura, iconografia do artista, etc., que Cruz Magalhães conseguiu reunir na sua casa do Campo Grande, são um verdadeiro prodigio de persistencia e desapego ao dinheiro. Para completar a sua obra magnifica, Cruz Magalhães doou a cidade de Lisboa essas preciosas colleções e o edificio onde se encontram expostas.

A doação feita em homenagem á cidade e aos dois illustres cidadãos dr. Antonio Jose de Almeida e dr. Magalhães Lima, contém a clausula da municipalidade fazer construir num terreno da propriedade que lhe foi doada uma pequena casa para moradia do doador.

Na sua monografia, Cruz Magalhães conta o que de extraordinario lhe succedeu com a representação do Museu na Exposição do Rio de Janeiro.

A esse respeito diz: «Gastei alguns contos de réis, fornecendo quadros originaes e reproduções de Rafael Bordalo Pinheiro, impressos varios e uma «Monografia». Pois o que representava propriamente o Museu, um quadro com sete belas fotografias das salas e do edificio não foi exposto! Ninguem teve o mais leve cuidado na distribuição dos impressos gratuitos, nem na venda da «Monografia». Patentearam sómente ao publico fuminense os trabalhos rafaquinos, sem ninguem poder perceber e por faltar o quadro das salas e edificio do Museu, o motivo pelo qual eles appareciam mais de vinte anos após a morte do nosso glorioso Bordalo, que tanto enalteceu Portugal com a sua arte no Brasil. E' obvio que o Museu não alcançou a minima referencia, comquanto do Commissariado houvesse vindo a noticia de que os quadros de Rafael Bordalo Pinheiro seriam considerados «Hors Concours», portanto, «Grand Prix», por se tratar duma verdadeira gloria do arte.

Diario de Lisboa 22 Janeiro 1926

PASSANDO amanhã mais um aniversario da morte do glorioso caricaturista Rafael Bordalo, o Grupo dos Amigos do Museu irá, ás 11 horas da manhã, em romagem ao cemitério dos Prazeres.

Rafael Bordalo

Numa cuidada edição — como afinal tudo o que sai da Imprensa da Universidade de Coimbra — acaba de aparecer um volume dos srs. dr. Magalhães Lima e Cruz Magalhães sobre o grande artista Rafael Bordalo Pinheiro. O primeiro traça a figura do artista e aprecia-o, depois como moralizador político e social, declarando que Bordalo fez com o lápis o que Rochefort fez com a pena na «Lanterna», e daí o muito que os republicanos lhe devem. A segunda parte do livro, da autoria do nosso distinto colaborador sr. Cruz Magalhães, um dos grandes admiradores de Bordalo Pinheiro, refere-se ao museu do Campo Grande, cuja iniciativa se lhe deve, aludindo a seguir ao que se deveria fazer para que o grande mestre fôsse devidamente consagrado. Este volume é uma justa homenagem àquêle que tão admirado é no estrangeiro e bem andaram os srs. dr. Magalhães Lima e Cruz Magalhães em reviver a lembrança de tão grande artista, para que ainda possa receber a glorificação merecida.

"DIÁRIO DA TARDE"
22 Janeiro 1926

MANIFESTAÇÃO FUNEBRE

Rafael Bordalo Pinheiro

Comemorando o aniversário da morte do glorioso caricaturista Rafael Bordalo Pinheiro, o Grupo dos Amigos do Museu irá, às 11 horas de hoje, em romagem ao cemitério dos Prazeres.

"DIÁRIO DE NOTÍCIAS"
23 Janeiro 1926

Rafael Bordalo Pinheiro

Realizou-se ontem uma romagem ao seu túmulo

Como nos anos anteriores, realizou-se ontem a romagem, promovida pelo grupo dos Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, ao jazigo do sr. visconde de Faro e Oliveira, onde repousam os restos mortais do glorioso artista, que foi o mestre da caricatura em Portugal.

Na homenagem tomaram parte, entre muitas outras pessoas, as srs. D. Julieta Ferrão, D. Maria Amália de Brito Aranha e D. Judite Ortis Leão da Fonseca e os srs. Pedro Baptista Ribeiro, que representava o presidente do grupo sr. dr. Magalhães Lima; Alfredo Candido, Alvaro Neves e Pedro Bordalo Pinheiro, representando a família do ilustre extinto. Associou-se à romagem uma deputação de 30 alunas do 1.º semi-internato da Provedoria da Assistência de Lisboa, acompanhadas da sua professora sr.ª D. Palmira Olga Sanches, tendo junto do jazigo o sr. Pedro Baptista Ribeiro dirigido às crianças algumas palavras sobre o motivo da romagem.

"O Século"
24 Janeiro 1926

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Passou ontem mais um aniversario da sua morte. Uma piedosa romagem ao seu jazigo

Ao nome de Rafael Bordalo Pinheiro, nome que pouca gente em Portugal ignora e que tão a miúdo, todos nós que trabalhamos nos jornais, recordamos com veneração e carinho, foi ontem feita uma singela e simpática homenagem de saudade.

Passava mais um aniversario da sua morte. Um grupo de amigos do mestre excelso da caricatura portuguesa, do ceramista prodigioso, do artista inconfundível, figura maxima do seu tempo, foi ontem de manhã em piedosa romagem ao seu túmulo, ao cemitério dos Prazeres. Foram também crianças com flores, com muitas flores. Eram trinta pequenitas, alunas do 2.º semi-internato da Provedoria da Assistência, em companhia da sua professora, a sr.ª D. Palmira Olga Sanches. Mais estavam também as sr.ªs D. Maria Amália Brito Aranha, D. Judith Leão da Fonseca e D. Julieta Ferrão, e os srs. dr. Pedro Baptista Ribeiro, Alvaro Neves, Alfredo Candido Ribeiro de Figueiredo. A família estava representada pelo nosso colega Pedro Bordalo Pinheiro, director da Agencia Havas e administrador do «Diário de Lisboa».

O sr. Pedro Baptista Ribeiro, em representação do Grupo dr. Magalhães Lima e direcção do Museu do Campo Grande, fez às crianças e aos presentes uma pequena e muito interessante alocução, dizendo o motivo da homenagem e aproveitando o momento para exaltar a memória do mestre, falando da sua obra e famosa personalidade artistica.

Por fim, as crianças deposeram gentilmente os seus braços de flores. Houve uns labios de mulher que disseram uma suavissima Ave-Maria.

E deu-se fim á simples e comovente cerimonia

"DIÁRIO DE NOTÍCIAS"
24 Janeiro 1926

♦ Continua a ter um notável êxito de venda a brochura de 71 páginas «Rafael Bordalo Pinheiro moralizador político e social» — «O Museu Rafael Bordalo Pinheiro» — pelos sr. dr. Magalhães Lima e Cruz Magalhães. Edição esmerada da Imprensa da Universidade de Coimbra, ilustrada com sete belas gravuras das salas do Museu e do aspecto exterior do edificio em que está instalado, um retrato de Rafael Bordalo Pinheiro e uma caricatura magistral de Francisco Valença, representando o dr. Magalhães Lima. O livrinho encerra subsídios curiosos para a história política e social portuguesa e sobre a caricatura em geral. Recomendá-lo é um dever, tanto mais que a modicidade do preço, cinco escudos, o torna acessível a todas as bolsas.

"DIÁRIO DA TARDE"
23 Janeiro 1926

Rafael Bordalo

Hoje, aniversário da sua morte, alguns dos admiradores e amigos do Artista visitaram a sua campa

Passa hoje mais um aniversário da morte de Rafael Bordalo Pinheiro. A morte dos que nos fiseram rir entristece mais que a dos outros, a dos tristes. Rafael Bordalo Pinheiro foi grande, talvez grande de mais para o nosso meio tão restrito. Lá fora teria sido um gigante. Pintor, ceramista, aquarelista e mestre da caricatura portuguesa, a todos os seus trabalhos emprestava cunho pessoal e inconfundível. As caricaturas de Rafael Bordalo não são apenas a reprodução grotesca de rostos; vão muito mais longe; são documentos psicológicos. Algumas chegam a constituir um castigo, uma grilheta chumbada à alma defeituosa dos caricaturados. Em determinados desenhos humorísticos, Rafael Bordalo atingiu por vezes uma altura rara entre os mestres, destacando-se sempre a faceta sublime do ridículo, na qual poucos o igualar-ão. E toda a sua obra tem a marca-la um cunho bem português, que define claramente o nosso temperamento nacional.

Um grupo de amigos do mestre foi esta manhã em peregrina romagem ao túmulo de Rafael Bordalo Pinheiro no cemitério dos Prazeres. A cerimónia foi simples, mas significativa. Trinta crianças do 1.º semi-internato da Assistência, acompanhadas da professora D. Palmira Olga de Sanches, depuseram flores junto ao jazigo, onde se encontram os restos do grande artista. Depois o sr. dr. Pedro Baptista Ribeiro, um dos directores do Museu do Campo Grande e que também representava o sr. dr. Magalhães Lima, explicou em poucas palavras quem foi Rafael Bordalo Pinheiro. Terminada a alocução, deu-se por finda a cerimónia.

Na romagem incorporaram-se, entre outras pessoas, as sr.ªs D. Maria Amália Brito Aranha, D. Judith Ortiz Leão da Fonseca e D. Julieta Ferrão, e os srs. Pedro Bordalo Pinheiro, Alvaro Neves, Alfredo Candido, Ribeiro Figueiredo, pelo *Diário da Tarde*, etc.

"DIÁRIO DA TARDE"
23 Janeiro 1926.

DITOS MAL... DITOS

Roma ostenta, com justificado orgulho, dois magníficos parques; Paris tem dois, um deles famoso; não há capital, digna deste nome, que os não possua excelentes; Lisboa, por junto, abriga o misero Campo Grande! As entradas, lado sul, desenvolvem-se em belas e largas curvas no centro das quais há... tapumes, ocultando um malogrado monumento! Segundo as minhas longínquas reminiscências o projecto primitivo da Memória foi alterado na parte superior inesteticamente (parece uma cadeira de uso particular antigo) sem, decerto, prévia annúncia da comissão que julgou em concurso os respectivos projectos. Chegou a estar durante largos meses no Campo Grande um grupo admiravel de bronze, representando gente rústica. Era apropriadissimo para o desprotegido Parque. Não sei porque bulas, foi retirado e está na Estrela! O Campo Grande contém um monumento, o de Rafael Bordalo Pinheiro, em frente ao Museu do glorioso Artista. E' pouco. As saídas, lado norte, são acanhadissimas, não podem dar vazão ao movimento sempre crescente dos veículos, e em dias de passadas automobilistas os chauffeurs dão-se

a pèrros para retroceder. Sem falar quando ha grande concorrência ao *Foot-ball* e às corridas hípicas, em que centenas de carros não tem onde esperar os passageiros! Há muitos meses que se modifica o pavimento das avenidas do Campo e só uma... ainda não tem metade do piso reparado!

Urge que onze vassouras de pernas para o ar, vulgarmente chamadas palmeiras, e um plátano, existentes na placa transversal em que termina o Campo desapareçam, bem como a dita placa, e que se desafogue amplamente o recinto. E' claro que uma casita réles, que peja o local, assim como a réles casa das bombas de incêndio, tem de desaparecer também. Não bate certo que o Campo apresente boas entradas e péssimas saídas. Seria para desejar que urgentemente se abrisse uma avenida, que por Telheiras desse fácil e larga comunicação com Bemfica, Luz, Carnide, etc. Todo o Campo Grande carece de mais solícito cuidado, dum numerooso trêço constante de trabalhadores, que o mantenha à altura de um parque de Lisboa, do único parque cidadão. O lago é minúsculo, há muito que devia estar ampliado. A Avenida do Parque também há muito que devia estar prolongada, facultando a mais bela saída de Lisboa até Sacavem. A última vereação prestou assinalados serviços à cidade, a actual segue-lhe na pegada, cheia de brio e de boa vontade; para tornar Lisboa digna de ser a entrada marítima da Europa, a Câmara ouso lembrar que o Campo Grande lhe deve merecer especiais desvelos.

CRUZ MAGALHÃES

"DIÁRIO DA TARDE"
5- Fevereiro 1926

Museu Bordalo Pinheiro

Reuniram-se ontem, no edificio do Museu Bordalo Pinheiro, instalado no Campo Grande, os srs. Cruz Magalhães, benemerito doador do Museu à cidade; dr. Joaquim Kopke, chefe da Secretaria da Camara Municipal; architecto Ascenção Machado, representando o chefe da Repartição de Architectura, e o 2.º official Artur Gomes Ferreira, os quais verificaram terem-se cumprido as clausulas da doação, na parte referente à adaptação do edificio aos fins a que se destina, lavrando-se, nesses termos, o respectivo auto, por todos assinado. O vereador sr. Alexandre Ferreira está interessado em conseguir para o Museu a jarra estilo manuelino, verdadeira joia artistica de ceramica nacional que se encontra em Mafra.

"O Seculo"
13 Fevereiro 1926

para ser approvado.
→ E' hoje assinado o auto de conclusão das obras do Museu Rafael Bordalo Pinheiro.
→ O sr. ministro do Comercio vai, ao

"O Seculo"
12 Fevereiro 1926

O sr. Alexandre Ferreira propoz uma verba de 500 escudos para a criação dum balneario na escola n.º 13. Referindo-se ao Museu Bordalo Pinheiro, diz que a Camara estava em risco de o perder se não fôsse a gentileza do sr. Cruz de Magalhães que prorrogou o prazo para a entrega do Museu. Lembrou a conveniencia de se pedir ao ministro da Instrução para transferir uma jarra manuelina do Convento de Mafra para o Museu Bordalo Pinheiro. Depois, tratou dos monumentos que estão ainda por concluir.

"DIÁRIO DE LISBOA"
18 Fevereiro 1926

RECORDAR, REVIVER

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Já o disse. Falei a Rafael Bordalo Pinheiro uma única vez em toda a minha longa vida, na sua fábrica das Caldas, para lhe encomendar uma jarrinha. O meu culto pelo glorioso Artista é remoto, nasceu na minha infância... a tir com as suas hilariantes páginas caricaturais. A gestação e execução do Museu Rafael Bordalo Pinheiro está também dita e redita. O caso é que ameje o Artista e a sua memória. Compreende-se pois a primeira parte deste artigo, suavizada pela segunda, que é enternecedora, pelo menos, na minha opinião.



Sabido e há muito, que da calúnia al guma coisa fica, por mais que se tente destruí-la! Há um episódio,

sucedido entre o ponderado Alexandre Herculano e Rafael Bordalo Pinheiro, que foi, em tempos, deturpado, e de quando em vez é reproduzido... na sua deturpação falsa! O mais curioso, por tal forma contado, é ser contrário tanto ao carácter de Herculano como ao de Rafael! Assim mesmo, evidente ao mais leve senso crítico a impossibilidade de haver sucedido como o transformaram, a fantasia nasceu, criou vulto, e, tantos anos volvidos, ainda se propaga! Herculano era um homem correcto, Rafael foi sempre pundonoroso. A scena, tal como corre malsinada, é imprópria, impossível até, entre um homem cortês e outro digno. Gomes de Brito, espirito íntegro, meticoloso em em seus dizeres, conta o que se passou explicita e claramente no seu livro *No primeiro centenário de Alexandre Herculano*, pág. 42, assim:

Após palavras breves, surdiu da pasta dos desenhos de Rafael a audaciosa caricatura, e não me esquecerá nunca a vermelhidão que retingiu o rosto de Herculano, ao lançar-lhe os olhos... Mas, também, o que ele viu com a lembrança do endiabrado rapaz! A graça que ele achou aos desenhos! As vezes que disse: «Sim, senhor! Sim, senhor!» passando o lenço pelo nariz, obrigado da inclinação da cabeça sobre o balcão, onde pousavam as estampas. Prometeu logo a pedida autorização, declarando-a, porém, escusada, e tendo-lhe o simpático moço enviado para Vale de Lobos uma prova da água-forte, recebeu de Herculano a seguinte carta... (A carta com a autorização solicitada).

Considero absurdo que Herculano, depois da amavel scena exposta, depois do seu tático aplauso, firmado no riso e boas palavras, havendo prometido a carta, seguisse Rafael e lhe dissesse quixotesicamente: «Não, que se você me ofendesse eu quebrava-lhe a cara». Ou qualquer coisa parecida. Há vários escritores que teem em mira escrever muito. Bom é. Escrever conscienciosamente talvez seja melhor, sobretudo em assuntos que brigam com o prestígio de pessoas mortas.

Outro assunto. Mais ameno. Rafael Bordalo Pinheiro, sem exagêros, é certo, não deixou de ter as suas superstiçõesinhas, como toda a gente. Uma vez entrou um gato pela casa do Artista. Puzeram-no fóra. Dias depois tornou a penetrar em casa, e outra vez o expulsaram, mas contaram o facto a Bordalo. Ele disse logo, pouco mais ou menos: «Se voltar, fica. Nada, às três é de vez, não devo deixar sem abrigo um animal tão teimoso em querer viver conosco». E voltou, e ficou. Um belo dia desapareceu para não mais ser visto. Rafael levava em gosto possuir um gato maltês. A família opunha certa resistência por causa dos prováveis estragos que poderia causar um gato numa habitação sem portas, por exigência do seu locatário. Rafael expôs

ocasionalmente o seu desejo a uma senhora, visita íntima, que obteve um maltês e lho levou. O artista pôs-lhe o nome «Pires». Foi para cesa de Bordalo muito novo ainda e naturalmente fazia... o que todos os gatos, antes de ensinados fazem, até uma vez na própria cauda do vestido da esposa do Artista! Era no tempo dos vestidos com caudas longuíssimas. Na primeira ida habitual para as Caldas foi resolvido que o gato ficasse na fábrica... por não haver meio de se corrigir. Lá esteve um dia, por tal forma tristonho que contrangia o coração mais duro. À tarde a esposa e a filha do Artista foram, como era seu costume, buscar Rafael para jantar; tais afagos o gatinho fez às donas, tanto d'ê se apiedaram, e Bordalo foi dos primeiros, que regressou a casa o amovável gatinho. Aquê dia de exílio foi um remédio santo! «Pires» tornou-se impecavelmente asseado.

De tal maneira depois o gato se afeioou ao dono que o chamava para as refeições, à mesa comia a seu lado, acompanhava-o quasi sempre quando trabalhava, etc. Era um dedicado amigo e provou-o até a morte do genial caricaturista! Quando, em Janeiro de 1905, Bordalo regressou do Porto e caiu à cama, o «Pires» não mais deixou de estar sobre o leito do enfêrmo. Morto o Artista, não abandonou o cadáver; encerrado no caixão desapareceu e só deram com êle quando retiraram as cortas que cobriam a urna: estava sob elas oculto! Desceram o fêretro e o pobre «Pires» seguiu-o até a porta da rua! Mão carinhosa, a de Nuno Queriol, afagou o desolado «Pires» e levou-o para cima. Durante o sahimento fúnebre, e durante algumas horas ainda, foi ao côlo da que é hoje ilustre viuva da inesquecível actôr Augusto Rosa, que esteve retido o dedicadíssimo e triste gato!

No Brasil tinha Rafael à janela, na rua do Ouvidor, a principal então da cidade fluminense, uma preguiça e o «Basílio», inquieto macaco. Por cada movimento lento da preguiça fazia «Basílio» milhares d'êles. Papel que lobrigasse era imediatamente roubado e com êle ia para a janela fingir que lia. Rafael apreciava-lhe muito as partidas e não poucas multas pagou por causa do «Basílio» atirar da janela coisas essencialmente sujas, principalmente às senhoras. Arreliava-se Rafael quando «Basílio» lhe bifava o monóculo e se ostentava à janela com êle assestado, mais ainda quando lhe bebia cálices de cognac, que ingeria radiante e guloso! Rafael, é claro, zangava-se e simulava desprezá-lo. «Basílio» amuava e quedava-se de d'êdo na bôca, merencório, em quanto o compassivo Artista não fazia as pazes! «Basílio» então irradiava contentamento exuberante e não havia partida alegre que lhe escapasse! Morreu. Rafael arranjou outro macaco, o «Basílio II».

No regresso a Portugal, quando o foram esperar, Rafael apareceu na tolda todo de branco, com um amplo chapéu de palha, tendo um papagaio num ombro, uma catarua noutro, o macaco no braço, e exclamou, imitando a fala cariôca: «estou brasileiro di todo!» «Basílio II» foi também amicíssimo do Artista. Na Fábrica das Caldas pressentia-o, de longe, e começava logo a desferir uns sons especiais, que só findavam quando Rafael d'ê se acercava e o afagava, correspondendo o macaco efusivamente carinhoso. Ora, ninguem consegue tais manifestações de amizade por parte dos animais, não sendo, por sua vez, muito extremoso por êles. Aqui fica uma feição inédita de Rafael Bordalo Pinheiro: zoófilo pelo coração, êle que foi tão magistralmente animalista pelo lápis.

CRUZ MAGALHÃES.

UMA ANEDOTA CAMILIANA

EM PALESTRA COM O SR. DR. JULIO DE VILHENA

Como não perderei jámas a balda de patrocinar interesses alheios, principalmente os que se relacionem com o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, fui há dias bater a uma porta célebre da rua de S. Bento, à qual milhares de individualidades cotadíssimas já teem batido. Essa porta de modesta aparência dá ingresso à casa onde se abriga um octogenário respeitavel, verdadeira reliquia da monarchia, prestigioso ao máximo em tempos idos, e ainda hoje, não só pela recordação dum passado brilhante como pelo autêntico valor intelectual que representa. Aludo ao dr. Julio de Vilhena, cuja moradia de aspecto simples e antigo não acolta somente os primores dum grande e erudito espirito de patriota, mas também farta cópia de bellos objectos de arte, entre os quais se destaca o famoso perfumador indiano, peça artística de sumo aprêço, devida ao génio inventivo e rara pericia de Rafael Bordalo Pinheiro.

O intuito que me levou mais uma vez, à presença da antigo e conspicuo politico era instigar definitivamente o dr. Julio de Vilhena a consentir que o perfumador ingressasse no museu rafaellino, de maneira a poder-se expôr ao público na próxima reabertura. Está claro que o meu empenho se expandiu agora por uma forma mais explícita, mais franca, mais incisiva, visto que não me manietavam as naturais peias de quem pede para si próprio, como podia presumir-se no tempo em que o Museu ainda me pertencia. O meu desafôgo actualmente é amplo — por evidentemente ser outros.

Infelizmente, o antigo conselheiro da corôa, sem perder a linha afável, lhana e natural, mostrou o desejo de que só por sua morte a vortentosa peça pudesse figurar no Museu. O sapiente académico não esqueceu e lealmente se referiu ao egoismo estético dos coleccionadores de coisas de arte. E' claro que reeditei argumentos convincentes do meu designio, como o perigo de incêndio, incomparavelmente menor no Museu, cujas paredes são de teijolo, e que no rés-do-chão, destinado à cerâmica, nem pavimentos de madeira possui, o que torna o edificio quasi incombustivel; ser o Museu o local mais apropriado para se perpetuar e propagar a homenagem prestada por Bordalo Pinheiro ao seu possuidor, etc., etc. O mais curioso, porém, numa troca de argumentos, foi o próprio dr. Julio de Vilhena, sempre arguto, fornecer um dos meliores para a magistral peça ingressar desde já no Museu: é que assim se evitariam possíveis desaguizados entre os herdeiros. A peça ostenta uma dedicatória indelevel ao seu proprietário, que a torna inalienavel; os herdeiros forçados são quatro.

O dr. Julio de Vilhena possui também, entre preciosos autógrafos, algumas cartas de Rafael Bordalo Pinheiro. Alvitrei que no arquivo do Museu fizarian melhor do que em parte alguma. Não fui mais feliz: que revelavam coisas inconvenientes de saber-se senão passados muitos anos. Claro é que neste melindroso assunto ninguem melhor do que o dr. Julio de Vilhena poderá ser juiz. Em todo o caso não perdi o meu tempo. Nunca se perde tempo quando se gozam as scintilações dos espiritos eleitos. Não decorrer da conversa lembrou-me perguntar se não haveria do antigo convivio do conselheiro com Camilo Castelo Branco, de quem recebeu também curiosas cartas, alguma peripécia inédita, e logo sollicitamente surgiu um caso, que não fujo à tentação de divulgar.

Uma vez, indo o dr. Julio de Vilhena, Tomás Ribeiro e António Cândido acompanhar Camilo da sala da Câmara dos Deputados à sala da Câmara dos Pares, no seguimento da amêna cavaqueira, que não podia deixar de ser fulgurante entre homens de tão alta envergadura mental, Camilo saiu-se com uma das dêle e das mais imprevistas:

— Olhem que nisto de nomes há coincidências espantosas na nossa literatura; a maioria dos homens notáveis são Ribeiros. Só aqui, agora, estão dois: Tomás Ribeiro e António Cândido Ribeiro da Costa...

E acrescentou com chocarreira mágua:

— Falta-nos o Jaime José Ribeiro de Carvalho!

Desataram todos a rir estrepitosamente, sobretudo o dr. Julio de Vilhena, que não era Ribeiro.

Por mais inverosimil que esta anedota pareça, possui a garantia de ser contada, salvo, é claro, a precisão dos termos, por uma testemunha presencial. Devo elucidar o público moderno: Jaime José foi um tipo grotesco e o mais destrambelhado e ridículo escritor que imaginar se possa.

CRUZ MAGALHÃES.

"Rafael Bordalo Pinheiro desenhador"

Por iniciativa do grupo dos Amigos Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, realiza-se depois de amanhã, ás 9 horas da noite, na sede da Universidade Livre, uma conferência, pelo sr. Saavedra Machado, subordinada ao tema "Rafael Bordalo Pinheiro, desenhador".

"DIARIO DE NOTICIAS"
19 Março 1926

Rafael Bordalo

Subordinado ao tema *Rafael Bordalo Pinheiro, desenhador*, o conhecido artista Saavedra Machado realiza depois de amanhã, ás 21 horas, na Universidade Livre, uma conferência pública, na qual apreciará o desenho de Rafael, a técnica e o modo de trabalhar do artista, os insatisfeitos da forma, retratos e trabalhos notáveis de Bordalo, os tipos humildes, o artista descrito por alguns escritores, o cómico e o trágico na obra do caricaturista e a evolução da arte do Mestre. Por êste sumário avaliará o leitor como deve ser interessante a conferência dêste ano promovida pelos *Amigos Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro*. Agradecemos os convites que nos foram gentilmente endereçados.

"DIARIO DA TARDE"
19 Março 1926.

Rafael Bordalo Pinheiro



A evolução da Arte do Mestre é hoje apreciada pelo conhecido artista Saavedra Machado, em conferência pública, na Universidade Livre

"DIARIO DA TARDE"
9 Março 1926

"DIARIO DA TARDE"
20 Março 1926

DITOS... MAL DITOS

Um caso de que não posso deixar de fazer... dito

Num livrinho recentemente publicado, que teve um êxito de venda muito superior ao que os autores esperavam «Rafael Bordalo Pinheiro, moralizador político e social — O Museu Rafael Bordalo Pinheiro» compilei algumas grossas semsaborias que o Museu indirectamente me causou. Muitas omitti por caridade com os piños autores delas — autores e autoras. Mal supunha que breves semanas volvidas mais peripécias desagradáveis surgiriam e entre elas uma reveladora da mais inultrapassável má vontade contra a Câmara Municipal, contra o Museu e contra os seus futuros visitantes! E' caso para ser inserto em segunda edição do aludido livrinho com outros que por piedade ou esquecimento, não viram a luz.

Se houvesse hoje em dia um trocista, que a tal se abalançasse, bem poderia o facto produzir outro poema heroi-cómico como o «Hissope», tão insubsistentes e ridiculos são os argumentos que o Conselho-director do Asilo de D. Pedro V apresentou para recusar uma solicitação da Câmara, actual proprietária do Museu. Solicitação que eu propositalmente nunca fiz emquanto fui dono do Museu, por motivos obvios. O muro que separa as duas propriedades contiguas, Museu e Asilo, tem logo de começo 2,60 de altura, saltando abruptamente para 4,60! O Museu consta do rés-do-chão e primeiro andar. Das janelas da casa edificada recentemente na parte posterior do Museu, mais alta do que elle, devassa-se o Asilo e grande parte da cêrca. As janelas do edificio moderno abrem-se e fecham-se á vontade liberrima dos moradores do Museu, todas com vidros fôscos, tem de conservar-se fechadas, sobretudo nas horas de abertura ao público, e só se abrem, muito excepcionalmente, em dias de limpeza. Nunca, insisto, em dias e horas em que o Museu esteja franco. Toda a gente compreende que as janelas do rés-do-chão, tendo a pouca distancia um muro de 4,60, perdem a maior parte da luz que deviam receber. Como tambem se compreende que quem quisesse devassar a cêrca dispozia livremente das janelas do primeiro andar. E' que podem fazer as crianças asiladas que seja inconveniente vêr do rés-do-chão, quando através das grades, que deitam para a rua tudo se observa, e sendo verdade que elas nos seus brinquedos ostentam saudavel alegria e apropriadas e limpas vestimentas, o que só revela zêlo e carinho da parte do conselho-director do Asilo?

Trata-se dum Museu que preiteia um Artista notável e benemerito em Portugal e respeitado nos países estrangeiros, o que não quer dizer que os membros do conselho-director do Asilo de D. Pedro V não tenham uma auréola de celebridade a circundar-lhes as fronteiras mais excelsa do que a de Rafael Bordalo Pinheiro. Emfim, trata-se dum Museu que antes da doação á Câmara teve, em 183 domingos, 7948 visitantes, e após a doação 3191, ou seja um total de 11.139. O que não quer dizer, apresso-me a declarar tambem, que nalgum futuro Museu constituído pelos mem-

bros do conselho-director do Asilo os visitantes não venham a ser em muito maior numero. Ora, como o tal muro que lembra Mafra — uma brutalidade de pedra — em nada favorece o Asilo, visto que as grades circundantes da cêrca são facilmente transponíveis e do lado sul deitam para a solidadesca do Hospital Veterinario Militar, nem interceptar de vistas indiscretas pois, como disse, das janelas do primeiro andar do Museu e das do edificio novo goza-se o Asilo e a cêrca, lembrou-se a Câmara de solicitar do conselho-director do Asilo licença para tirar 1,50 na altura da bisarma, só em frente das janelas do rés-do-chão do Museu, conservando a demarcada altura junto ao edificio novo.

O conselho-director do Asilo, após locubrações varias, saiu-se com esta hissopeida, perdão com esta luminosa argumentação:

Respondendo ao officio de v. ex.ª n.º 14 de 1 do corrente, cumpre-me comunicar a v. ex.ª que o conselho-director deste Asilo, tendo tomado conhecimento do assumpto do referido officio, em sua sessão de 28 do mês findo, e examinando o muro que se pretende abater de 1,50, na extensão de 13 metros, entendeu que de tal trabalho resultaria ficar devassada, naquela parte, o recinto da cêrca do mesmo Asilo que actualmente alberga 90 crianças do sexo feminino, lamentando não poder, por esse facto, aceder ao pedido feito.

Tem a data de 4 do corrente, mas vê-se do preclaro documento que antes do officio camarário de 1 já o conselho-director, em 28 de Fevereiro, inspecionara aquela parte do muro cuja diminuição de metro e meio ainda o deixava superior á altura que tem na entrada do corredor do Museu em meio metro!

Ressurgiram as condecorações e a República está sendo pródiga na distribuição das mesmas; ouso lembrar aos venerandos dadores de graças a gracinha de condecorar os membros do conselho-director do Asilo com alguma venera que por acaso lhes falte. Perdão: retiro o alvitro. Agora me lembro de que parte do conselho-director, senão toda, é talassíssima, nada aceita dos republicanos. Talvez até a coincidência do Museu honrar um republicano, ter o busto da República á entrada e bandeiras republicanas, haja sido um óbice de vulto para o deferimento do pedido feito. Nada aceita dos republicanos, acrescento, salvo plantas e tudo que a Câmara possa fornecer para as festas do Asilo!

Lamento que nem a Câmara republicana nem os governos da República possam galardoar condignamente este gesto, como para ahi se diz galipardamente, do conselho-director do Asilo, salvo, como eu, com o gesto cerimonioso, reverente e respeitador de lhe tirar o chapéu a despedir-me dela e dêste assumpto piramidal.

CRUZ MAGALHÃES.

CONFERENCIAS

«Rafael Bordalo Pinheiro, desenhador», pelo sr. Saavedra Machado

Francovia pelo grupo dos amigos e defensores do Museu Bordalo Pinheiro, realizou ontem, pelas 21 horas, na sede da União, cidade Livre, a sua annunciada conferencia, o sr. Saavedra Machado, distincto publicista que de ha muito se vem occupando da obra do grande Mestre da caricatura portuguesa. Presidiu o dr. Magalhães Lima e na sala repleta encontrava-se a familia do saudoso artista representada por seu irmão mestre Colmeirão, sua filha D. Maria Cristina e seu sobrinho Pedro Bordalo Pinheiro.

Em voz pausada e de boa articulação, o conferente fez o seu trabalho acerca da obra de Rafael, encerrado debaixo do ponto de vista dos seus merecimentos de desenhador, e, com grande copia de argumentação, rebatou a opinião da critica que não admira sob esse aspecto o insignificante caricaturista.

Depois de autorizar os processos do seu trabalho, rapido, leve, fulgurante, harmonico com a sua alegria de viver, e contrastando com a insatisfação geral morbida em certos temperamentos de artistas e analisando a vasta galeria de retratos, deia destacar, para um estudo mais detalhado alguns que marcaram «etapas» na carreira de Rafael, tais como os de Magalhães Lima, José Patrocinio, Alexandre Braga, pai, Góçualdo, Antonio Pedro, João Rosa e muitos outros que figuraram no «Album das Glorias».

Ao estudo das suas grandes qualidades de retratista, que justificam no dizer do conferente as suas faculdades de desenhador, seguiu-se no sumario da interessante palestra, o desfilio da sua vastissima obra criadora dos tipos humildes, dos aspectos pittorescos e regionais da vida portuguesa, comentada demoradamente numa minuciosa citação das suas paginas imortais. O tragico na obra do caricaturista e a evolução progressiva na arte ao Mestre foram os motivos que prenderam o auditorio no final da bela conferencia, pela qual foi muito justamente aplaudido o sr. Saavedra Machado.

"O SEculo"

22 março 1926

"DIARIO DA TARDE"

19 Março 1926

"Os desventurados e os criminosos na obra de Rafael Bordalo"

Uma conferencia de Saavedra Machado



Jesuina da Conceição

autora do crime da travessa do Poço (desenho de Rafael Bordalo, publicado nos «Pontos nos 11», de 1886)

Saavedra Machado illustre artista e nosso muito distinto colaborador, allá, ao intencional amor que vota a sua profissão, um desvelado interesse pelas coisas de arte da sua terra. Na obra de Rafael Bordalo, que tem estudado com muito carinho, interessam-nos, principalmente, os aspectos e os tipos menos observados e conhecidos. Passando ontem o aniversário do nascimento de Rafael Bordalo Pinheiro, publicamos um extrato da conferencia que, sobre o finado artista, Saavedra Machado realizou na Universidade Livre, promovida pelo Grupo dos Amigos e Defensores do Museu Rafael Bordalo. Presidiu o devotado amigo de Bordalo, sr. Cruz Magalhães, secretariado pela sr.ª D. Maria Amália de Brito Araújo e pelo eminente democrata sr. dr. Magalhães Lima.

A's vezes encontram-se nos trabalhos dos artistas, — os que merecem directamente a atenção e o apreço dos homens de sciencia, archeologos, medicos, etc., — casos especiais que não merecem somente o apreço dos estudiosos e admiradores da Arte. Do pintor russo A. Borissow conhecemos duas reproduções de quadros que ele intitulou «In periode des glaciers», e vimos na «Revue de l'Ecole d'Anthropologie», XIII—1903, entre pag. 324 e 325, reproduções de quatro quadros de Paul Jamin intitulados respectivamente: «Le Mammoth» (Salon de 1835), «Un drame à l'âge de la pierre» (Salon de 1867), «Un rapt à l'âge de la pierre» (Salon de 1868), no Museu de Reims, «Un peintre décorateur à l'âge de la pierre», «Le portrait de l'auroche» (Salon de 1903).

Tambem o catalogo illustrado da exposição decenal de Belas Artes de Paris, de 1889 a 1900, reproduz dois quadros do pintor italiano Silvio Julio Rotta, intitulados «Almas errantes» e «Hospital de loucos». No primeiro vêem-se dois vultos um pouco vagos, com forma humana, que vão correndo na direcção de um buraco escuro, aberto em forma de porta, numa parede deteriorada. As figuras misteriosas dos fugitivos, acoutadas pelo vento, sugerem-nos qualquer coisa sobrenatural. No segundo, observam-se varios grupos de alienados na sêcca de um hospicio. Alguns loucos passeiam, outros estão sentados, e um deles, que mais nos prendeu a atenção, está deitado sobre um banco, numa attitude de quem repousa, parecendo ao mesmo tempo meditar profundamente. O braço esquerdo, flectido, ampara-lhe a cabeça, servindo-lhe de almofada.

Enrico Ferri, no terceiro capitulo do seu livro «Os criminosos na arte e na literatura» descreve sumariamente o ultimo quadro de que falamos e outro do mesmo artista: «Forçados», referindo-se tambem a diferentes trabalhos de Boilly, Vernet, Gericault, Ari Scheffer, dedicados a assuntos criminaes.

Quando a fatalidade atinge os amigos de Rafael Bordalo, ou ainda as mais humildes e desditosas criaturas, o lapiz do Artista, habitualmente comico, transforma-se então em instrumento de analise melancolica e profunda, que reproduz fielmente a Dôr.

Os desenhos tristes de Bordalo, apesar de pouco numerosos com relação aos restantes de que se compõe o seu vasto tesouro de caricaturista, figuram no entanto, entre alguns dos mais belos que lhe conhecemos, e mereciam em vez das leves referencias que lhes fazemos adiante, estudo especial e desenvolvimento Um medico poderia, sem duvida, tratá-lo convenientemente.

A pagina 305 dos «Pontos nos 11», de 28 de Janeiro de 1886 ano II, consagrada ao grande actor Santos, insere três esplendidos retratos que representam o infortunado artista. Desenhados á pena e reproduzidos num jornal de mau papel, o ultimo é de execução verdadeiramente superior. A face da prestigiosa figura, que foi das mais gloriosas da scena portuguesa, é representada no seu leito de dôr, horrorosamente magra e minada pela doenca. Das cabeças, de expressão acuatadamente dolorosa, que Bordalo desenhou esta é das mais suggestivas e comovedoras pela espantosa verdade e sofrimento que dela transparecem Quem, cerrando um pouco os olhos observe este singular desenho, tem a nitida impressão de que vê uma ovejira adornada de compridos calvos. Mais contribuem para suscitar semelhante ima-

gem os olhos escuros que usava o malogrado actor Santos, os quais fazem lembrar as cavidades orbitarias. Os ossos frontal, o parietal, do lado direito, e os maxilares, são perfeitamente visiveis. E' trabalho notavel que só um artista superior como foi Bordalo, podia ter sentido e criado.

Não menos digno de observação é um desenho consagrado á morte de um filho de Ciriaco de Cardoso, publicado nos «Pontos nos 11» de 5 de Abril de 1886, pagina 513, ano IV. Este desenho, que se salienta entre outros da referida pagina, é um croquis onde se vê Ciriaco debruçado sobre uma pequena urna, beijando ansiosamente o filhinho morto, que ali repousa coberto de flores.

Sugestionante, tambem, é a figura de Guilherme de Azevedo no seu leito de morte, publicada na pagina central do «Antonio Maria» de 16 de Abril de 1882, ano IV. A cabeça do poeta está reclinada num grande almofadão; as palpebras estão descaidas, porém não cerradas de todo; a face, muito rechupada e oesuda, de maxilares salientes, impressiona pela expressão simultaneamente risonha e triste que nela se observa: a boca, entreaberta, e deixando ver os dentes, parece despedir um derradeiro sorriso de amargura.

Nos «Pontos nos 11» de 18 de Setembro de 1890, ano VI, nota-se ainda a reprodução de um trabalho que Bordalo desenhou de noite, na Misericórdia de Lisboa. Representa o cadaver de um popular deitado de costas, sobre uma prancha. A um dos lados desta vê-se um tocheiro aceso. O corpo está vestido, tal qual, provavelmente, o levaram para ali. A cabeça conserva ainda o chapéu, um desses chapéus moles de abas largas e levantadas usados pelo nosso povo. A camisa, rasgada, ou aberta para os lados, deixa a descoberto o peito, que se vê perfurado approximadamente ao nivel da extremidade inferior do esterno. Os antebraços estão um pouco flectidos e a mão esquerda pousa na direita em posição muito habitual ás pessoas que decaesam. As pernas, estiradas e abertas, estão vestidas com calças de boca de sino, ornadas de compridas riscas. A fisionomia do morto reflecte uma expressão de serenidade que estamos acostumados a ver nas pessoas tranquilas e honestas que foram inesperadamente surpreendidas pela morte, quando labutavam. É uma fisionomia sossegada, onde não ha sequer a sombra de uma apreensão ou de um remorso.

Os curiosos tipos de criminosos e de infelizes, como sejam os da bruxa da rua da Oliveira, e a sua vitima, no «Antonio Maria» de 4 de Setembro de 1879, pagina 104, ano I; Manuel Gonçalves, o innocente condenado, no «Antonio Maria» de 27 de Abril de 1882, pagina 129, ano IV; o «Faca de matos», companheiro de João Brandão, no «Antonio Maria» de 21 de Junho de 1883, pagina 200, ano V; Constancia das Dores, a autora do crime da rua da Quintinha, no «Antonio Maria» de 29 de Setembro de 1883, pagina 305, ano V; Jesuina da Conceição, a autora do crime da travessa do Poço, nos «Pontos nos 11» de 23 de Janeiro de 1886, pagina 311, ano II; Maria da Conceição, a protagonista do crime do Aterro, nos «Pontos nos 11» de 26 de Abril de 1887, pagina 136, ano II; o «Alferes Marinho da Cruz, na pagina central dos «Pontos nos 11» de 7 de Julho de 1887, ano III; os magnificos croquis de «Gazos», o autor do crime da rua do Ouro, nos «Pontos nos 11» de 16 de Novembro de 1886, pagina 769, ano IV, e outros desenhos que se encontram em quasi todas as publicações do nosso caricaturista, consagrados aos miseraveis, aos infortunados e aos tristes, são ainda a demonstração mais frisante de quanto o lapiz de Bordalo deves entavala. Estes desenhos comprovam sobriamente que, no seu labor vastissimo, a tristeza, a fatalidade e a dôr têm tambem marcado o seu lugar, e lugar dos mais dignos de analise, porque, habituados, como geralmente estamos, a ver apenas em Bordalo o comico que incomparavelmente foi, quasi nos tem passado despercebido o artista melancolico e sensitivo que por vezes tão profundamente se mostrou...

ACTUALIDADES

MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO

A pesar de pelo contrato de doação à Câmara Municipal de Lisboa do Museu Rafael Bordalo Pinheiro e propriedade total em que está instalado não só as obras completas, mas também a instalação do mesmo Museu, deverem ter estado concluídas no dia 12 de Fevereiro pretérito, ainda as ditas obras não estão inteiramente terminadas, o que impediu e impede por completo a instalação. Não há meio de obter a entrega de alguma ou algumas salas, o que permitiria começar a colocação de muitos objectos. Contudo já se começou a remover dum péssimo depósito provisório para o edificio transformado alguns especímenes gráficos e cerâmicos. Este estado de coisas não pode nem deve protelar-se de semana a semana, como tem sucedido até aqui.

O Museu fica com três salas numa só, dividida por arcos, e mais três outras isoladas no rés-do-chão, e sete no primeiro andar. O seu aspecto futuro, pela ampliação agora conseguida, não pôde deixar de ser melhor do que era por mais fácil se tornar a disposição, quanto possível cronológica, de alguns milhares de variedades gráficas—que ficam no primeiro andar—e cerâmicas—que ocuparão o andar inferior. O mobiliário novo é de fino gosto, todo de *pitch-pine*; destina-se ao rés-do-chão; quasi todo o antigo ficará no primeiro andar, onde haverá uma sala exclusivamente destinada a aquarelas, e uma outra só com os trabalhos executados no Rio de Janeiro—*Sala Brasil*—pelo glorioso artista, quando ali permaneceu. No rés-do-chão haverá uma sala, que conterá a farta biblioteca rafaeline e os diplomas da Exposição Fluminense, que ainda não foi possível obter. Nessa sala ficará também o quadro de honra com os nomes dos doadores ao Museu.

Se as salas forem desobstruídas breve-

mente, como devem ser, é provável que dentro dum mês, ou pouco mais, se possa realizar a abertura definitiva do Museu. Raro é o dia em que não aparecem pessoas que manifestam o desejo de entrar, na suposição, aliás fundada, de que o Museu já está facultado ao público, facto que ainda se não pôde efectuar, sem culpa alguma das entidades dirigentes do mesmo. Não admira nada que haja inúmeras pessoas com o intuito de ver o Museu transformado pois quando este público teve, em relativamente curto prazo, 11:139 visitantes. Da parte da directora e do inspector privativo, cargo gratuito, há a máxima boa vontade de iniciar definitivamente os trabalhos de instalação.

Já agora não fujo ao ensejo de lamentar um facto insólito: a Câmara Municipal, que deve por todas as formas obter exemplares cerâmicos, para enriquecer o Museu, que nunca foi desta especialidade e agora é também, possui no Jardim da Estrela algumas peças, por sinal bastante deterioradas já, que não manda transferir para o Museu! Pergunto: que autoridade ha para alcançar de particulares peças cerâmicas, quando a Câmara procede por tal modo?! O Jardim da Estrela é o dilecto da Câmara; nêle se acumulam inúmeras peças de Arte, com prejuizo de todos os outros. Até um grupo de bronze representando belamente uma família rústica, depois de ter estado largos meses em depósito no Campo Grande, para onde se destinava, foi transferido para o largo da Estrela!

Comentários faça-os quem quiser...

CRUZ MAGALHÃES.

"DIÁRIO DA TARDE"

9 Abril 1926

Rafael Bordalo

Prezado Director:—Peço a seguinte reificação ao meu artigo de ontem a respeito do Museu Rafael Bordalo Pinheiro: o que urge não se protelar de semana a semana, como tem sucedido até agora, é a entrega total e definitiva do edificio. Não basta, por motivos obvios, a entrega de uma ou mais salas, o que já se conseguiu no primeiro andar, sem vedação alguma. Aproveito o ensejo para declarar peremptoriamente que não fui ouvido nem achado na construção do mobiliário, como devia ter sido na minha qualidade de inspector—gratuito—do Museu.—De v. etc., Cruz Magalhães.
10-4-26

"DIÁRIO DA TARDE"

10 Abril 1926

O Museu Rafael Bordalo

O sr. Alexandre Ferreira, occupando-se na sessão de ontem da comissão executiva da camara municipal do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, informou que ao effectuado no edificio daquele musen uma reunião a que assistiram ele, orador, o sr. dr. Joaquim Kopke e o sr. Cruz Magalhães, a fim de constatarem o cumprimento dado por parte da camara, da escritura de doação do referido Museu feita por aquelle benemerito. Tendo-se verificado que a escritura não fora integralmente cumprida, pelo que o sr. Cruz Magalhães ficava desobrigado da entrega de 100 ações do Banco Lisboa e Açores que offerecera com o fim da instalação do Museu ficar concluída em prazo determinado, constataram que o sr. Cruz Magalhães não só assinara a escritura, mas nela deixara exaradas palavras de elogio aos vereadores.

O sr. Alexandre Ferreira pediu ao presidente que intervisse junto do sr. ministro das Finanças no sentido de ceder a magnifica terra manuelina da autoria de Rafael Bordalo, a fim de figurar no Museu, embora continuasse pertencendo do Estado. Mostrou tambem conveniencia de se fotografarem os modelos das obras do artista existentes nas officinas das Caldas da Rainha. A proposta foi aprovada.

"DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

19 Abril 1926

Museu Bordalo Pinheiro

Apesar de não estarem ainda concluídas as obras deste Museu, a instalação dos objectos a expôr ao público já começou com o maior incremento possível. Estão collocados definitivamente uns mil exemplares de originaes e reproduções de trabalhos do glorioso caricaturista em seis salas das dōze que o Museu possui actualmente. As obras de Rafael Bordalo Pinheiro estão sendo distribuídas cronologicamente e com a simetria compatível com a variedade e disparidade de dimensões dos quadros. Calcula-se que dentro de um mês se poderá abrir ao público este interessante Museu, onde figurará também alguma cerâmica do glorioso artista, o que o tornará um dos mais curiosos do país.

"DIÁRIO DA TARDE"

2 Junho 1926.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Trabalha-se activamente neste musen para instalar com a possível brevidade todos os objectos que devem ser expostos, mas grado não estarem ainda completamente concluídas as obras do edificio.

As oito salas, que constituem o primeiro andar, têm actualmente quasi todos os quadros collocados definitivamente, o mesmo succede quanto á Sala de Homenagens e Recordações, no piso inferior. Muitos dos plenos inclinados, que cercam todas as salas do segundo pavimento, já ostentam algumas centenas de originaes e reproduções. Pode calcular-se que estão nos seus definitivos lugares mais de mil especímenes rafaelines.

A disposição dos trabalhos é quanto possível cronologica.

Ultimamente o fundador do musen recebeu de amáveis cavalheiros a entusiasta oferta de alguns preciosos exemplares, que já estão na posse da Camara Municipal. Os solictos offerentes foram: sr. dr. Alfredo da Cunha, antigo e dedicado patrocinador do musen, dois quadros com originaes á pena; Museu João de Deus, por solicta indicação do sr. dr. João de Deus Ramos, dois quadros com dois preciosos originaes; sr. Francisco Valença, um rarissimo cinzeiro e um prato pequeno com mariscos; Fabrica Bordalo Pinheiro, Limitada, das Caldas da Rainha, vinte e quatro azulejos, formando quatro modelos.

Bom era que todos os proprietarios de objectos rafaelines se lembrassem de favorecer o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, que constituirá uma das mais curiosas atracções artisticas da capital, e quem não queira offerer definitivamente o que possua poderá expôr sem perda de propriedade, como em muitos museus succede.

"DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

12 Junho 1926

Livros novos

"Maximas... Minimas, Ditos... Mal Ditos e Riso Amargo", de Cruz Magalhães.

Com este suggestivo titulo publicou o sr. Cruz Magalhães um interessante volume de ditos e maximas, que se lê com o maior agrado, tanta observação e verdade ha em cada um desses pensamentos que resumem, em sinteses admiraveis, ideias muito complexas. O autor das "Maximas... Minimas" não é um desconhecido nas letras. Durante largos anos tem colaborado em varios orgãos da imprensa, revelando sempre um espirito muito agudo e uma coerencia de principios e nobreza de sentimentos, que já não são muito vulgares nos tempos que vão correndo. Nos actos da sua vida nunca desmentiu essas bellas qualidades. Amando tudo quanto é bello, sabendo prestar ruidido culto a tudo quanto é digno da admiração, consagrou-se, durante anos e anos, a manter vivo o preito devido ao artista genial, que se chamou Rafael Bordalo Pinheiro, conseguindo organizar um musen precioso que não deixará mais esquecer o nome glorioso do Mestre e levando a sua abnegação e desinteresse ao ponto de se desfazer dessa riqueza tão laboriosamente accumulada, offerecendo-a á cidade de Lisboa. Bastaria este facto para dar a medida dos raros quilates do seu caracter. O seu livro constitui um utilissimo ensinamento. Ha nas suas maximas... e ditos muita amargura, um intimo desgosto, e ha sobretudo uma profunda filosofia, uma maneira muito pessoal e caracteristica de julgar a vida, os homens e

os sentimentos. «A Desgraça é como a sombra, nunca abandona a vítima», «A dúvida é um calvario cuja cruz mais certa é o desenganho.» «O presente é desengano, o futuro ilusão, só o passado é firme na tristeza da saudade.» São frases dele e que cada uma delas encerra um pensamento digno de ser meditado.

A edição é da «Renascença Portuguesa», com uma linda capa ilustrada por Francisco Valença.

"DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

20 Junho 1926

Tribuna Livre

Cruz Magalhães e as suas
"Maximas..."

Recebo da «Renascença Portuguesa» uma brochura dum homem que tem merecido as pinhas maiores simpatias, por muitas razões—e mais esta de haver levado a cabo essa tarefa tão bela, tão delicada e tão desinteressada do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, que é no lindo edifício do Campo Grande a morada espiritual e o cinema póstumo da actividade artística do supremo caricaturista. É Cruz Magalhães, meu velho amigo e ilustre escritor, esse homem tão áparte num tempo e numa geração de invejosos, de medíocres e de egoístas, e as suas «Maximas... mímicas, Ditos... mal ditos e Risos amargos» revelam-no sob um aspecto que eu não lhe conhecia, pois sempre o tive como um epicurista, encarando a vida sem azedume e defendendo-se dos seus mans travos com aquela dóse de ironia amável que é sempre o parapeito dos fortes. O Museu Bordalo Pinheiro, consagrado à memória eternamente querida de Rafael, é um monumento de ternura, de devoção, de paciência, de paixão, de competência e de renúncia, que só podem conceber-se num alheado do mundo, pois só uma absorção quasi alucinada do seu propósito parece capaz de realizar um milagre de piedade e admiração tão grande como aquela a que Cruz Magalhães se consagrou. Mas Cruz Magalhães, vejo-o agora, realizado o seu milagre deixou de ser o alheado que eu conheci e aparece-me nesta especie de cartela dum desiludido que a «Renascença Portuguesa» lhe editou com a fronta dos bons tempos, é certo, mas não escondendo a nota profundamente pessimista, que predomina mesmo nas observações apresentadas sob um aspecto de galhofa.

São os solavancos da vida arrastando a todos os derramamentos da bilis? Talvez, senão quasi certo. «Anch'io sono épatico» e posso por isso falar de cadeia pela serie infinita de ilções, irmãs das suas, que me levaram ao doutoramento no desdem profundo de viver. E é porque a vida não é bela? Não. A vida não pode ser mais deslumbradora nem mais cariciosa... Assim fossem todos aqueles que nela tornam fastidiosa e amarga.

Ele diz: «A saudade é a pena do que se perde. Tendo-se pena da vida —o passado, vê-se com maus olhos a morte. Tem-se pena duma casa que se habitou algum tempo e não se ha de ter do corpo, onde se habitou desde o nascimento, que é, afinal, o começo da morte!» Mas apanha diz tambem:

«No banquete da vida fui sempre... o creado de meza—com uma agravante: ao creado paga-se e eu... paguei sempre para que os outros comêsem...»

Quem pode ter saudades duma vida que se passou a ser creado de meza dos outros, com a agravante de lhes ter pago os «menus»?

Lá está tambem: «Quanto mais se aprecia o homem, mais se deve fugir dele.»

Para onde, Magalhães amigo, a não ser para a cova?

Mas agora reparo: isto lá a dar em La Rochefoucauld de Alves Pacheco como todos os diabos! Ponto na conversa!

GUEDES DE OLIVEIRA.

"O PRIMEIRO DE JANEIRO"

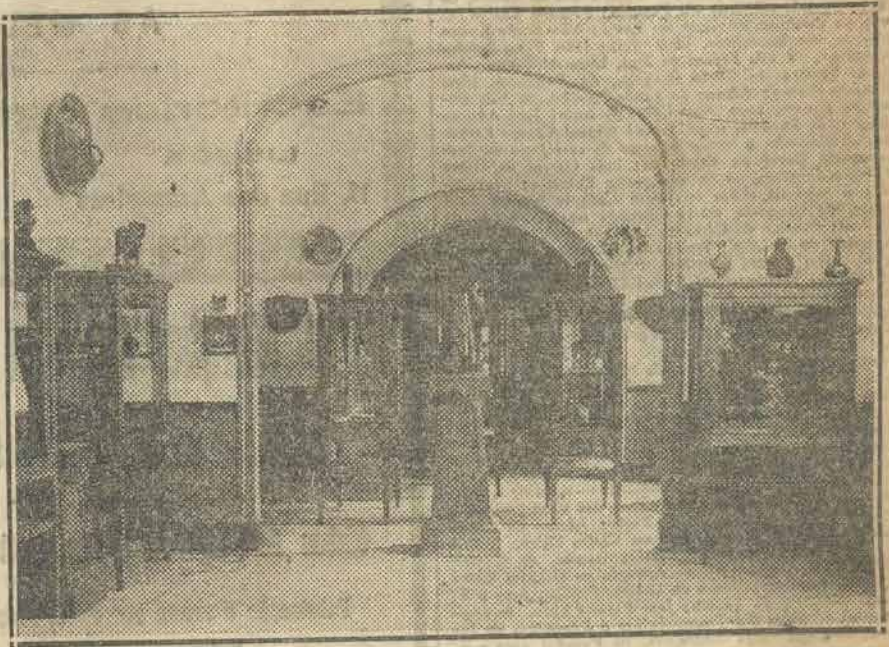
2 Julho 1926

MUSEU BORDALO PINHEIRO

O Museu Bordalo Pinheiro, criação do grande admirador do artista Cruz de Magalhães, inaugurou ultimamente salas novas, que sendo recentes, nem por isso são das menos interessantes. Este museu que poderia servir de tipo a outros museus especializados e parciais de iniciativa particular é deveras curioso e serve de documentação literaria e artistica de uma época historica que não é das menos valiosas. Raros museus poderão falar de um homem como o Museu Rafael Bordalo Pinheiro fala do seu motivo, da sua razão de ser.

É toda uma grande vida de trabalho, toda um exemplo que ali se encerra, se patenteia, se oferece á nossa contemplação.

Bem haja a assiduidade amorosa que todos os dias carrega uma peça para a grande exposição. Bem haja o esforço que tornou imortal, praticamente, a gloria de um dos grandes imortais da nossa terra.



As novas salas do Museu Bordalo Pinheiro

"A Informação"

20 Julho 1926

Museu Bordalo Pinheiro

Ao contrario do que por lapso noticiámos, não se inauguraram ainda as novas salas do Museu Bordalo Pinheiro, o qual continua encerrado, situação em que se encontra desde 30 de Agosto de 1925.

"A Informação"

22 Julho 1926

CRUZ MAGALHÃES

"MAXIMAS... MINIMAS — DITOS .. MAL DITOS E RISO AMARGO"

CRUZ MAGALHÃES, benemérito da Arte, poeta e jornalista de nome firmado, acaba de publicar num artístico volumezinho de 74 páginas, as suas locubrações críticas e filosóficas, ultimamente saídas nos jornais.

Embora reconhecamos que muitas das suas afirmativas presentes não condizem, em parte, com a obra altruísta, generosa e constructiva que tem empreendido, achamos que o autor de *Os grilos*, *Sem Norte* e outros belos trabalhos, fez bem em reuni-los, porque ao menos nos revela uma fase nova do seu espírito — cansado de ingratições, injustiças e... experiência dos homens.

No nosso crêdo de pura evangelização, não deixamos de estar com o autor das *«Máximas... mínimas»*, quando nos afirma que *«A moeda*

mais vulgar da gratidão é o coice. Salvo o devido respeito... aos leitores».

O organizador e doador do *Museu de Rafael Bordalo Pinheiro*, uma das obras mais belas e generosas da nossa terra, tem, decerto, razões poderosas para assim pensar... e dizer.

*

Outras afirmações curiosas e muito actuais: do autor das *«Máximas»*.

«Dantes cada um sabia de si e Deus sabia de todos; hoje ninguém sabe de si e Deus não quer saber de ninguém?»

*

E ainda:

«É mais fácil pintar rãs de preto e vendê-las por grilos, do que fazer entrar no bom caminho um mau político».



O escritor, poeta e jornalista sr. CRUZ MAGALHÃES caricaturado por Francisco Valença.

"ALMA NOVA"

1 agosto 1926 - pp 9 - IV Serie.

O presidente da comissão administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, sr. coronel José Vicente de Freitas, visitou hoje o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, ao Campo Grande, e o qual deve reabrir por toda a semana próxima, saindo dali optimamente impressionado.

Museu Bordalo Pinheiro

Realiza-se no próximo domingo a inauguração definitiva do Museu de Rafael Bordalo Pinheiro, estabelecido no Campo Grande graças a benemerente iniciativa do grande admirador do mestre eminente o nosso querido amigo Cruz Magalhães. Na vespéra isto é, no sábado, effectuar-se-ha uma visita do mundo official, imprensa, etc.

"DIARIO DA TARDE"

9-8-1926.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Consta-nos que o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, completamente remodelado, agora com 13 salas, fóra o átrio e escada, tudo aproveitado para a exhibição de algumas centenas de peças ceramicas e de milhares de especimes graficos, originaes e reproduções, do primoroso, ferti e original caricaturista e ceramista, reabre as suas portas ao publico no proximo domingo 15. Mais nos consta que o dia de sabado 14 será destinado á visita dos representantes da imprensa e dos dondores e amigos do Museu. As entradas serão pagas.

O sr. presidente da comissão administrativa da Camara Municipal de Lisboa dignou-se escrever no «Livro de Ouro» do Museu as seguintes palavras:

«Fiquei encantado com o que acabei de ver no Museu Bordalo Pinheiro. Excedeu o que eu imaginava encontrar e recomendo aos individuos de bom gosto e amadores de arte uma visita a este Museu.

José Vicente de Freitas, coronel e presidente da comissão administrativa da Camara Municipal de Lisboa.

O vereador das finanças, sr. Luís Antunes Ferreira Lopes, fez suas as palavras anteriores, e honrou tambem o livro com a sua assinatura.

Posteriormente foi o Museu visitado pelo sr. vereador da Assistencia e Instrução, cujas palavras de aplauso foram as seguintes:

«A obra do sr. Cruz Magalhães é realmente muito para admirar e digna de todo o louvor. O Museu Rafael Bordalo Pinheiro é hoje um pequeno templo da Arte, nele o publico, recordando o passado, encontra a obra viva dum grande artista.

Antonio Bivar de Sousa, vereador do Pelouro de Assistencia e Instrução.

Estes senhores, que visitaram demoradamente o Museu, tiveram palavras do maior aplauso para o fundador e doador do mesmo, cuja obra da compilação paciente e criteriosa honra inegavelmente a cidade de Lisboa e exalta e perpetua a obra colossal dum artista por todos os titulos gloriosa.

"O Seculo"

11 Agosto 1926.

O sr. coronel Bivar de Sousa participou terem terminado as obras de ampliação do Museu de Bordalo Pinheiro, que hoje serão inauguradas.

"O Seculo"

13 Agosto 1926

Bordalo Pinheiro

A inauguração realizada hoje das novas salas do Museu de Bordalo Pinheiro, e que noutro lugar noticiamos, vem pôr, de novo, em relevo o esforço, a pertinácia e a devota amizade à memória do glorioso artista por parte do seu organizador, o nosso amigo Santa Cruz Magalhães. Esse museu, que tem sido uma cruzada da sua vida de trabalhador, pertence hoje à cidade, que recebeu a ideia e a realização na bandeja de prata das ofertas. Cruz Magalhães tem hoje um dia festivo e merece-o, mas todas as homenagens que se lhe prestam oferece-as êle, como ofereceu o seu trabalho de tantos anos, à memória de Rafael Bordalo.

"DIARIO DA TARDE"

13 Agosto 1926

"DIARIO DE NOTÍCIAS - 11-8-1926"

MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO

*Foram ontem inaugura-
das as novas salas em
que se guardam muitos
trabalhos do genial ar-
tista*

Conforme se annunciara, realizou-se on-
tem de tarde a inauguração das novas
salas do Museu Rafael Bordalo Pinheiro,
ao Campo Grande. Apesar da sua criação
ser relativamente recente, é já hoje um
repositório magnífico da obra grandiosa
de Rafael Bordalo, o inimitável artista
cujo lapis privilegiado tocou, ironicamen-
te, todos os acontecimentos da sua época.

A inauguração de ontem assistiram
poucas pessoas. Além do sr. Cruz Maga-
lhães, o benemerito fundador do Museu
e seu inspector, aguardava os visitantes
a directora daquele estabelecimento, sr.
D. Julieta Ferrão. Entre a assistência



EM CIMA: Uma das novas salas. **EM
BAIXO:** Um grupo de convidados á
inauguração de ontem, entre os quais
Columbano Bordalo Pinheiro, Maga-
lhães Lima, Cruz Magalhães e D. Ju-
lieta Ferrão



vincar a sua nota artistica, alguns bus-
tos de admiravel expressão, entre os
quais se destacam os de Eça de Queiroz,
Sousa Martins, Guilherme de Azevedo,
etc.

Nas restantes salas, encontram-se cari-
caturas, aquelas caricaturas flagrantes,
que saíam umas após outras do lapis fe-
tundo do genial artista e que são comen-
tarios irónicos aos acontecimentos e ás
pessoas da sua época, constituindo, hoje,
um raro e valioso «dossier» iconográfico
dos costumes sociais e políticos das úl-
timas décadas do século passado. Ainda
no rez-do-chão se encontra, em via de or-
ganização, mas já bastante recheada, uma
biblioteca onde se coleccionam não só to-
dos os livros, revistas e jornais colabora-
dos por Bordalo Pinheiro, como todos os
livros e documentos onde o nome do
grande artista é recordado.

viam-se os srs. coronel José Vicente de
Freitas, presidente da comissão adminis-
trativa da Camara Municipal de Lisboa;
coronel Bivar de Sousa, vereador do pe-
leiro da Instrução; dr. Magalhães Lima,
Columbano Bordalo Pinheiro, dr. Manuel
de Sousa Pinto, Alfredo Candido, dra D.
Branca Rumina, D. Maria Amalia Bri-
to Aranha, etc.

Não houve discursos. As novas salas,
que são seis e estão todas situadas no
rez-do-chão do edificio, foram abertas
sem cerimonia alguma especial, podendo
os visitantes admitir, sem detongas, os
geniais trabalhos de Rafael, que all se en-
contram coleccionados, devido á genero-
sidade de muitas pessoas que os possuíam
e que os cederam ao Museu.

Foi por iniciativa da Camara Muni-
cipal que se alargou agora o Museu. Após
a sua entrega á administração camara-
ria, o vereador da Instrução, que era o
sr. Alexandre Ferreira, mandou remode-

lar e ampliar o edificio, preparando as
salas que ontem foram inauguradas.

Na sala de entrada, á esquerda, encon-
tram-se muitas fotografias e caricaturas
de Rafael Bordalo, além de inúmeros re-
tratos de artistas ceieles, com dedica-
torias. Nesta sala, que é de «Homenagens
e Recordações», também se destaca o re-
trato de Rafael, feito por seu irmão, o
grande Columbano. Ao centro, numa vi-
trina, sobrepuzada pela coroa de flores
oferecida pela familia Teixeira Lopes e
que figura no Inbural do grande artis-
ta, vêem-se alguns objectos pertencentes
a Rafael Bordalo, entre elles a sua caixa
de tintas, os pinceis, o pano com que os
limpava a boquilha e o medoculo.

Á direita do edificio, constituída por
duas salas extensas, é toda occupada por
muitos e valiosos trabalhos de cerâmica,
também oferecidos por particulares. All
se vêem, á par dos objectos de uso co-
mum em que Rafael nunca deixava de

Após a inauguração das novas salas,
que foi rapida, reuniram na sala da
d direcção os «Amigos Defensores do Mu-
seu Rafael Bordalo Pinheiro», sob a pre-
sidencia do sr. dr. Magalhães Lima, sen-
do resolvido iram a Camara Municipal
agradecer, ao seu presidente, o interesse
tomado pelos melhoramentos e desenvol-
vimento do Museu. Também se resolveu,
em principio, efectuar uma sessão solem-
ne de homenagem á memoria de Rafael
Bordalo Pinheiro, onde se faça uma «ome-
moração grandiosa de toda a sua obra».

O Museu estará aberto ao publico to-
dos os dias uteis, custando 50 centavos a
entrada dos visitantes.
A's quintas-feiras, o preço de entrada
será de 1 escudo, destinando-se estas im-
portancias, exclusivamente, á conserva-
ção do Museu.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

É hoje, pelas 3 da tarde, que se effectua a re-
abertura oficial do Museu Rafael Bordalo Pi-
nheiro, expondo-se em tres salas a obra do
notavel ceramista e caricaturista.
O grupo dos amigos Defensores do Museu
convidou todos os fillados a assistirem a essa
cerimonia, devendo usar da palayra o seu pre-
sidente, sr. dr. Magalhães Lima.

"DIARIO DE NOTICIAS"

13 Agosto 1926

Rafael Bordalo Pinheiro

A inauguração ontem realizada, das novas salas do museu deste grande caricaturista



A assistência à cerimonia

Com a assistência do presidente da Comissão Administrativa do Município, coronel sr. Vicente de Freitas e do vereador do pelouro da Instrução, coronel sr. Bivar de Sousa, foram ontem solenemente inauguradas algumas novas salas do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, que doravante pode ser considerada o um dos melhores do País e só comparavel à celebre «Casa de Goethe» em Berlim.

São 13 salas, todas destinadas á exposição de obras do genial caricaturista da «Parodia». A «Sala das Homenagens e Re-

cordações», é adornada com objectos intimamente ligados à vida e à carreira triumphal do artista, como sejam um grande retrato pintado por seu irmão Columbano, um monoculo, uma caixa de tintas, retratos, etc., etc.

Na sala de ceramica, ha uma colleção notavel de trabalhos, dos quaes é justo destacar os bustos de Sousa Martins, Eça de Queiroz e Guilherme de Azevedo.

A entrada, no atrio do Museu, depara-se com um seu numero de fotografias de vultos de fama, ofertas pessoais dedicadas a

Rafael Bordalo Pinheiro. Lá vimos Alfredo Keil, Junqueira, Eduardo Brazão, Ricardo Severo, Vale e outros.

Ao nosso colega Cruz Magalhães se deve todo o esforço realizado para a montagem de tão precioso museu, cuja inspecção vem de abandonar, o que é lamentavel.

A cerimonia decorreu sem interesse e a ella assistiram ainda os srs. Fidelino de Figueiredo, Alfredo Candido, Magalhães Lima, Alvaro Neto, Manuel Pinto de Azevedo, Columbano, Cruz Magalhães, e outros vultos representativos.

"J. A Informação"
14 agosto 1926

12/12/1926. Bordalo Pinheiro

A inauguração realizada hoje das novas salas do Museu de Bordalo Pinheiro, e que noutra logar noticiamos, vem pôr, de novo, em relevo o esforço, a pertinácia e a devota amizade à memória do glorioso artista por parte do seu organizador, o nosso amigo Santa Cruz Magalhães. Esse museu, que tem sido uma cruzada da sua vida de trabalhador, pertence hoje à cidade, que recebeu a ideia e a realização na bandeja de prata das ofertas. Cruz Magalhães tem hoje um dia festivo e merece-o, mas todas as homenagens que se lhe prestam oferece-as elle, como ofereceu o seu trabalho de tantos anos, à memória de Rafael Bordalo.

"DIÁRIO DA TARDE"

13 Agosto 1926

O MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO

inaugurou ontem, solenemente, as suas novas salas



Foto-Noticias

Grupo de assistentes na inauguração oficial do Museu Bordalo Pinheiro, a frente dos quais se veem os srs. Columbano Bordalo Pinheiro, dr. Magalhães Lima e Vicente de Freitas

Rafael Bordalo, o admirável caricaturista que focou nas suas páginas formidáveis os ridiculos de toda uma época, revolvendo com o bisturi da ironia os pontos fracos dos seus contemporâneos e que, mais tarde, feito ceramista insigne, deixou o seu nome ligado a tanta jóia expressiva e delicada, tem hoje um templo erguido ao seu genio de artista—templo de arte, encantador e preciosissimo, que o carinho, a intelligencia e a pertinacia de Cruz Magalhães ergueram, pouco a pouco, e que lá está no Campo Grande, a atestar e a perpetuar a actividade benévola e notavel do grande caricaturista e do grande ceramista do seculo passado.

Uma visita ao Museu encanta e assombra. Encanta pelo suave prazer espirital que a beleza dos trabalhos proporciona; assombra pela variedade e pela quantidade de materia religiosamente colecionada. Ali ha arte e ha bom gosto decorativo; ha interesse e ha criterio de selecção. Numa sala consagra-se o Bordalo intimo, através das fotografias, duma tela soberba de mestre Columbano, e das pequenas recordações da sua vida; noutra o Bordalo ceramista, que o mundo civilizado conheceu e

placou, e para com-boa, o interesse que têm tido pelo Museu e promoveu uma sessão de arte em homenagem a Rafael Bordalo Pinheiro.

Pelo sr. Alfredo Candido foi ontem oferecido um quadro com os nomes de todos os doadores do Museu. É um bellissimo trabalho de calligrafo, que muito honra o distinto artista.

O nosso presado colega «Diario da Tarde» destaca de entre as muitas fotografias que estão á entrada, no atrio, todas com dedicatorias, uma em que se lê: «Ao grande artista Rafael Bordalo Pinheiro, o seu «alfinete» Jeronimo Silva», como illas mais curiosas.

Ora nós vamos explicitá-lo, Jeronimo Silva era um intelligentissimo decorador que tambem sabia coriar fato na perfeição. Rafael Bordalo, quando fez o guarda-roupa—o mais notavel que tem apparecido em Portugal—para a revista «O Reino da Bôlha», de Eduardo Schwabach, insitou com José Liborio dos Santos, que tomara o encargo de o organizar, para que fosse Jeronimo Silva quem lizesse todos os fatos. Jeronimo Silva acedeu, e de aí por diante Rafael Bordalo passou a chamar-lhe «o seu alfinete». E aqui está a explicação da dedicatória.

A comissão deliberou que a mesa fosse agradecer ao presidente da Comissão Administrativa e a todos os membros da Câmara Municipal de Lisboa, e mais vogais da Câmara Municipal de Lisboa.

“DIÁRIO DE NOTÍCIAS”
14 Agosto 1926

Museu Bordalo Pinheiro Inauguraram-se hontem mais seis salas

Com a assistencia do presidente da Camara Municipal e mais veadores, familia de Raphael Bordalo, artistas, jornalistas, etc., realizou-se hontem á tarde a inauguração das novas salas do Museu Raphael Bordalo Pinheiro, devido ao esforço de Cruz Magalhães, que com tanto carinho se dedicou ao estudo da obra do formidável caricaturista e ceramista.

São seis essas salas vendo-se n'algumas recordações do celebre artista, a sua caixa de tintas, pinceis, pano com que os limpava, a sua boquilha, o inseparavel monoculo, retratos de Raphael Bordalo e de seus admiradores com interessantes dedicatorias, bustos admiraveis em ceramica, trabalhos do genial artista, reproduzindo amigos seus como Guilherme de Azevedo, Sousa Martins, Eça de Queiroz e ainda de typos populares como o preto «Pae Paulino» das touradas do Campo de Sant'Anna.

Tudo representa a obra admiravel do artista e o respeito, a intelligencia e o bom gosto de Cruz Magalhães, que foi a alma do Museu, hoje propriedade do Municipio de Lisboa.

" JORNAL DO COMERCIO
E DAS COLONIAS "
14 agosto 1926

NO MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Foram ontem inauguradas as
novas dedependencias

No Museu Rafael Bordalo Pinheiro, do Campo Grande, cujo desenvolvimento e carinhosa manutenção se deve á dedicada actividade do sr. Cruz Magalhães, grande amigo, que foi do grande artista e inolvidavel caricaturista, realizou-se ontem á cerimonia da inauguração das novas dependencias do edificio.

Nas novas dependencias, decoradas com bastante gosto e muito á portugaluguesa, e onde a luz entra a jorros, imprimindo-lhes um aspecto ridente e acolhedor, foram colocados muitos trabalhos firmados pelo grande mestre, obedecendo a sua disposição um tanto as caracteristicas dos trabalhos.

Numa das salas, chamada a *das re- c. rduções*, onde se destaca um enorme retrato de Rafael Bordalo Pinheiro, obra de Columbano, foram carinhosamente dispostas, numa vitrine, alguns dos objectos usados pelo artista, entre os quais a sua caixa de tintas, o seu monoculo, a boquilha que nunca largava e ainda alguns dos seus esboços, pe- quenas recordações fixadas no seu album.

A inauguração assistiram numerosas pessoas.

UMA RESOLUÇÃO ACERTADA

A JARRA MANUELINA

QUE ESTÁ NO PALÁCIO DE MAFRA

vai dar entrada no Museu Bordalo Pinheiro

O ministro das finanças, sr. general Sinel de Cordes, velho amigo e con-discipulo do nosso prezado colaborador Santa Cruz Magalhães, desejando contribuir para o enriquecimento do Museu Bordalo Pinheiro, ontem inaugurado, esperou esta oportunidade para despachar hoje um requerimento, que lhe fôra presente pela presidência da anterior comissão executiva da Câmara, autorizando a transferência do depósito da obra de arte que é a célebre jarra manuelina, feita por Rafael Bordalo Pinheiro, existente no Museu de Mafra, que, como se sabe, está a cargo do Ministério das Finanças, para o novo Museu iniciado e organizado por Cruz Magalhães, e agora pertença da Câmara Municipal de Lisboa. Esta transferência vai realizar-se imediatamente, ficando todas as despesas de transporte e os cuidados de tal remoção a cargo do município. O Estado não perderá, porém, o direito a essa obra prima de cerâmica nacional, criada pelas mãos artistas de Bordalo Pinheiro. E' de todo o ponto digna de aplauso a resolução favorável dada nesta altura pelo sr. Sinel de Cordes á antiga pretensão do organizador do novo Museu da Cidade, a quem felicitamos cordialmente.

Uma carta do nosso colaborador Cruz Magalhães

Meus prezados amigos—Os benévolo redactores do *Diário da Tarde* são psicólogos de arromba! Outro dia definiram-me, numa síntese tão justa quanto, para mim, grata e admiravel—o passado com uma cruz ás costas—e nem presumem que pesada cruz ela é! Agora surpreendem-me afirmando, com absoluta verdade, que eu ofereço todo o meu trabalho de tantos anos á memória de *Rafael Bordalo Pinheiro*. Pois é assim mesmo e muito vos devo pela espontânea declaração, que sempre esteve, está e estará no meu animo. A noticia da vossa «Festa do dia» carece de umas aclaraciones, que solicite. Da familia do egrégio caricaturista, ousado, corajoso e patriótico demolidor-constructivo, grande ornamentador e benemérito reformador da cerâmica das Caldas, em rasgos de verdadeiro génio, só esteve na reabertura do Museu mestre Columbano. Quanto á minha infima pessoa, é verdade que, pelo contrato da doação, eu tinha de abandonar o cargo de inspector gratuito e passar á situação de pagar a entrada no Museu ou de aceitar por favor essa entrada. Nem a um nem a outro vexame me sujeitava e não poria mais os pés no Museu. Deu-se, porém, o caso de s. ex.º o sr. presidente da comissão administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, que possui um alto espirito de esteta desempoeirado e justo, haver proposto ante-ontem na sessão camararia, o que eu ignorava quando tive a honra de falar com o nosso simpático e talentoso Artur Inês, a minha continuação no cargo, muito honroso para mim. Não deixarei pois de servir gratuitamente o Museu com o maior prazer, e poderei entrar nêle sempre desafrontadamente. Assim fica restabelecida a verdade dos factos. Pela publicação desta carta me confesso gratamente muito dedicado, etc.—*Cruz Magalhães*.

" DIARIO DA TARDE "
14 agosto 1926

Das entidades officiaes estavam alguns dos membros da comissão administrativa da Camara Municipal, entre os quais o seu presidente, coronel sr. José Vicente de Freitas.

Da extinta vereação camararia estavam, tambem, varios representantes, e alem destes, muitos artistas e alguns jornalistas.

Durante a cerimonia foram feitos varios discursos, entre os quais o do presidente da comissão administrativa do Municipio, que recordou a par da significação artistica do museu, a grande dedicação e carinho dispensados na sua manutenção pelo sr. Cruz Magalhães.

De futuro, o museu será franqueado ao publico mediante a quantia \$50 todos os dias, excepto ás quintas-feiras, que sera de \$100 revertendo o rendimento a favor da conservação do museu.

" A ÉPOCA "
14 agosto 1926

Vida artistica

O sr. ministro das Finanças autorizou que a celebre jarra manuelina, feita por Rafael Bordalo Pinheiro e existente no Museu de Mafra, seja transferida para o Museu Bordalo Pinheiro, continuando, porém, a ser pertença do Estado.

" O SECVLO "
15 agosto 1926

UMA COLEÇÃO PRECIOSA

O museu

de Rafael Bordallo
é um templo de Arte
que os portugueses
têm obrigação de visitar

O Museu Rafael Bordallo Pinheiro, ao Campo Grande, conta desde ontem mais seis salas, onde a admirável tenacidade do sr. Cruz Magalhães reuniu alguns elementos preciosos para o estudo da obra rafaélina.

A inauguração que ontem se realizou teve um carácter de grande simplicidade. Estava representado o elemento oficial e encontravam-se presentes alguns admiradores de Rafael Bordallo.

Não houve discursos. A memória gloriosa de Rafael Bordallo dispensa os costumeiros logares comuns da eloquência nacional.

Houve apenas uma visita, feita com grande recolhimento, às novas instalações do Museu.

A primeira sala, a das "Homenagens e Recordações", além de valiosos documentos que se referem à vida artística do Mestre, contém objectos que foram da intimidade de Rafael Bordallo: a sua caixa de tintas, a boquilha, o tinteiro, o monoculo... O monoculo de Rafael Bordallo! O monoculo scintilante, através do qual ele viu toda a sociedade portuguesa do seu tempo; o monoculo familiar, que é, como em Eça de Queiroz, um traço tão característico da sua fisionomia; o monoculo elegante, que focou a aristocracia snob de S. Carlos, a burguezia sentimental do Passeio Publico e a alegria popular das hortas; o monoculo irreverente, que sintelizou a politica num animal suino e riu largamente dos ministros, dos velhos amorosos e dos conselheiros de Estado.

O monoculo de Rafael Bordallo deve levar um pouco ao coração dos que o conheceram a saudade da sua convivência.

Ha tambem uma caneta—a caneta com que poz os pontos nos i i.

As duas salas de ceramica que ontem se inauguraram most am-nos um outro aspecto, não menos curioso, do genio de Rafael Bordallo. A antiga louça das Caldas, deselegante, banal, primitiva, transforma-se pela sua intervenção milagrosa em obra de arte, rica de motivos portugueses e cheia daquella originalidade audaciosa que lhe emprestou o genio de Rafael.

Em fotografias expostas nas paredes, vemos o Mestre, de boina bilbaina, entre os seus discipulos, entre os operarios humildes que foram os seus melhores colaboradores e dos quais nos resta hoje, continuando um pouco a sua obra, a velhice gloriosa de mestre Elias.

A olaria das Caldas, representada no Museu do Campo Grande por algumas peças valiosas, é porventura a parte mais interessante das salas rafaélinas que ontem foram inauguradas. O busto de Eça de Queiroz é flagrante. As figurinhas de barro que enchem uma das vitrines são preciosas.

A biblioteca, em organização, já conta numerosos exemplares.

O museu do Campo Grande fica sendo desde ontem uma casa onde todos os portugueses devem ir. E a verdade, a triste verdade, é que até hoje têm ido lá tão poucos! Consultando uma estatística, vemos que em 1916 visitaram o museu 518 pessoas. Não chega a uma media de duas pessoas por dia!

Só em 1921 é que nos aparecem 2.579 visitantes, com uma receita de 654\$24, receita que reverte a favor dos pobres do Asilo de S. João.

O domingo é que dá maior numero de visitantes. Durante a semana, os guardas do museu olham tristemente para as paredes, onde se alinham retalhos da obra genial de Rafael Bordallo, e bocejam.

A hora a que lá estivemos hoje, as salas estavam desertas.

No dia seguinte áquele em que se inaugurou uma nova sala no Châtelet, em Paris, a multidão dos visitantes era tal, que mal se podia circular por entre os salões doirados que reconstituíam a residencia de madame de Staël.

"DIARIO DE LISBOA"

14 Agosto 1926

Museu Rafael Bordallo Pinheiro

A comissão administrativa do Municipio resolveu manter os guardas José Alves e José de Figueiredo na vigilância no Museu Rafael Bordallo Pinheiro, e chamar José Francisco de Almeida e Francisco Antas, outros dois guardas, para auxiliarem o mesmo serviço.

"A Revista"

É hoje posto á venda o numero 6 de «A Revista», o brilhante «Magazine» mensal, da direcção do distinto escritor sr. Ildio Perfeito.

Primorosamente impresso, com uma colaboração de todo o ponto notavel, além de um elevado numero de artigos assinados por escriptores consagrados, insera uma infinidade de illustrações primorosas, da maior actualidade, destacando-se a reportagem grafica da reabertura do Museu Bordallo Pinheiro.

Este numero de «A Revista» contém 60 paginas e ostenta um capu um magnifico retrato da celebre «tonadillera» La Goya, a interessante artista, tão querida do nosso publico.

"DIARIO DE NOTICIAS"
16 Agosto 1926

IMPRENSA

"Revista,"

O n.º 6 da «Revista», de que é director o sr. Ildio Perfeito, apresenta-se com 60 paginas, excellentemente colaboradas por alguns dos mais conhecidos artistas da pena e do lapis.

Entre os diversos artigos que publica, merece referencia o que trata da reabertura do Museu Bordallo Pinheiro, illustrado com três interessantes aspectos das salas ultimamente inauguradas.

"DIARIO DE LISBOA"

17 Agosto 1926

Museu Bordallo Pinheiro

Terminaram as obras de ampliação do Museu Bordallo Pinheiro, instalado no Campo Grande e doado pelo sr. Cruz Magalhães. Hoje, às 15 horas, proceder-se há a reabertura do referido museu que, de 1 de Outubro a 30 de Março estará patente ao público, das 11 às 17 horas e de 1 de Abril a 30 de Setembro das 12 às 18 horas, conservando-se fechado às segundas-feiras, dia de folga para o respectivo pessoal. O preço de entrada às quintas-feiras será de um escudo e nos restantes dias \$50, estando isentas de pagamento as crianças até à idade de 10 anos, e os estudantes ou excursão escolar acompanhados dos professores.

Pelo presidente da comissão executiva da Câmara Municipal foram feitos convites a várias entidades para assistirem à solenidade da reabertura do Museu.

"A BATALHA"

13 Agosto 1926

NO Campo Grande, mesmo defronte do Museu Rafael Bordallo, essa carinhosa obra de Cruz Magalhães, enternecedora e simpática, ha um busto do caricaturista. Não sei quem foi o artista, que o trabalhou, mas o que julgo é que não foi feliz. É certo que as obras do Campo Grande estão demoradas. Quando, a serio, nelas se pensar ficará sendo um lindo jardim, ou uma linda avenida, para se recrearem os passeantes.

Comemorando outros nossos vultos notaveis, bom é que seja lembrado aqueles arruamentos para quaiquer pequenas homenagens.

Além de homenagens, serão um meio de ensinar aos novos e ás crianças os nomes de figuras marcantes da nossa vida.

E bem preciso é que isso se faça!

"Gazeta de Coimbra"

10 Agosto 1926

Pela eterna lei dos contrastes ao ler esta brochurinha do sr. Cruz Magalhães — tão cheia de amargos e desconsoladores pessimismos, tão perniciosos para moços como nós que precisamos não de quem se ponha a denegrir a existência mas sim de quem ajude, com as suas boas palavras, a levar ao calvário a cruz caída em sorte a cada um, — acodem-me à lembrança aqueles versos de D. Miguel de los Santos Alvarez, no seu poemeto *Maria*

*Bueno es el mundo, ¡bueno! ¡bueno! ¡bueno!
Como de Dios al fin obra maestra,
Por todas partes de delicias lleno,
De que Dios ama al hombre hermosa muestra.
Salga la voz alegre de mi seno
A celebrar esta vivienda nuestra;
¡Paç á los hombres! ¡gloria en las alturas!
¡Cantad en vuestra jaula, criaturas!*

O sr. Cruz Magalhães, a quem a fortuna pessoal e as suas tendências artísticas levaram a praticar uma obra de benemerência nacional como seja essa do *Museu Rafael Bordalo*, saiu-se no seu livrinho de estirado título, *Máximas... mínimas, ditos... mal ditos & riso amargo* um pessimista enraivecido, capaz de desencorajar a risonha personagem de Mr. D'Arouet. As mulheres, os homens, os políticos, Deus e as religiões, governantes e governados, a moral, a acção, novos e velhos etc., etc., tudo lhe merece ódio extremo, sarcasmos, ironias, azedumes. O suicídio merece-lhe muito especiais deferências: por pouco o sr. Cruz Magalhães enveredava pelas ideias daquele sinistro teutão Hartmann que, na sua *Philosophie des Unbewussten*, chegou a prègar o suicidio em massa da Humanidade!... Mas o que sobremaneira espanta é o pessoalismo do sr. Cruz Magalhães o qual vai até ao ódio — impotente é claro! — contra esse velho enlêvo das criaturas humanas e que se chama Deus!... O autor em questão parece especialmente empenhado em derrubar lá do sólio fulgurante, aquele Amor

che muove il sole e l'altre stelle

no dizer do grande florentino... Impossível concordarmos porque, ainda que fôsse uma enorme mentira êsse Deus no qual a Humanidade persiste em crer, bendita mentira que nos ajudava a descobrir o sentido da vida e nos dava coragem para suportar uma cruz por vezes bem pesada!... Recordar-se a gente dos versos de Junqueiro, no seu período demolidor e vê que até mesmo o autor da *Velhice do Padre Eterno* declarava um crime roubar as crenças a cada um porque isso o mesmo seria que roubar a uma trôpega mendiga as três achas que leva para se aquecer!... E pondo de parte a estranha fobia do sr. Cruz Magalhães, digamos em abono da verdade que a nossa geração, do que precisa é de palavras de incitamento, de apologias da acção e da vida, de quem dê vontade de trabalhar e jámais de quem nos venha amargar o pão quotidiano e tentar roubar as ilusões, se ilusões fôsssem. Pode ser que o sr. Cruz Magalhães seja uma excepção mas, a regra geral é os pessimistas serem uns fanáticos devotos da existência. Exemplo: aquele pândego que se chamou Schopenhauer e que na sua *Königsberg*, depois de ter dito coisas abomináveis das mulheres, da vida, do vinho, dos homens, dos deuses, dos ideais, da história, do dinheiro, de tudo enfim, comia como um frade bernardo, bebia como uma esponja, teve uma catrozada de filhos de várias mulheres, tornou-se avarento como Harpagão e Shylock reunidos, escreveu as estopinhas para ganhar farta pecúnia e, depois de viver regaladamente, acabou passante os oitenta — e muito contra sua vontade, afirma um biógrafo malicioso mas bastante psicólogo!...

As gerações de hoje, sedentas de acção, de vida e de sacrificio por uma bela causa, poderão reconhecer predicados de escritor e de ironista no sr. Cruz Magalhães; mas daquilo que elas se não abstêm, por certo, é de repelir as suas ideias. Para a frente é que é o caminho, embora à custa de todos os sacrificios e mesmo por sobre os cadáveres!...

"Ilustração"

Iº ano - Nº 16

16 Agosto 1926

MULHERES E CRENÇAS

Um templo de Arte

Inaugurou, nos meados d'este mez, as suas novas salas, o Museu Bordallo Pinheiro, esse soberbo templo de arte acentuadamente portugueza e que tanto eleva, aos olhos dos estranhos e aos nossos proprios olhos, a alma nacional.

Deve-se a Cruz Magalhães a generosa iniciativa da organização de um museu dos trabalhos de Rafael Bordallo Pinheiro, o caricaturista insigne, o artista genial e preslantissimo, que tão brilhantemente impulsionou a evolução da ceramica na nossa terra.

Foi Cruz Magalhães que, com uma tenacidade verdadeiramente modelar, sincera devoção, profundo carinho e o mais sentido enthusiasmo pela memoria de tão famoso genio, começou a reunir no pequeno «chalet» do Campo Grande — onde ás tardes a claridade do sol poente, entrando pelas janellas, ia beijar com reverencia os objectos expostos — tantas preciosidades até ahí dispersas, quer pelas mãos de particulares, quer pelas dos colleccionadores. Assim se conseguiu organizar o nucleo das obras de arte, que vieram a servir de base ao actual Museu, hoje propriedade da Camara Municipal de Lisboa e do qual esta acaba de inaugurar, solemnemente, com a satisfação alliva e o orgulho logico e desvanecido de uma cidade moderna, novas salas.

D'este modo foi levada a cabo a patriótica ideia de se fazer perpetuar a actividade fecunda d'esse artista excepcional, que marcou um estadio na historia da arte portugueza de todos os tempos: Rafael Bordallo Pinheiro.

Espirito gentilissimo, alma aberta a todas as manifestações do progresso humano, amando muito a terra onde nascera, o seu amor patrio levou-o a rejeitar varios convites para viver no estrangeiro como artista condignamente remunerado.

Em toda a sua obra se patenteia bem claramente o seu enorme anecio de regenerar os costumes e fazer progredir a raça.

Um biografo illustre, fallando de Bordallo Pinheiro, disse: «Tambem o amor aos humildes e aos desprotegidos da sorte nitidamente se espalha nos inicios da sua carreira artistica e sempre por toda essa vastissima obra genial, que nos legou. A sua predilecção maxima, desde os primeiros estudos, concentra-se nos costumes e typos populares, logo em 1867, data dos primeiros trabalhos d'aquelle que viria a ser um dos mais gloriosos artistas portuguezes; e em todo o periodo, por assim dizer, de incubação artistica, são as dezenas as varinas, os camponezes, os rapazes dos phosphoros, dos jornaes, dos palitos e rocas; scenas populares como as do homem do capilé, as da Feira da Ladra, as da Praça da Figueira, as das Hortas, etc., que constituem uma galeria pittoresca, documental e historica.»

Como caricaturista, o seu trabalho de critica foi formidavel, contando-se aos milhares os desenhos com que, sob o véu do riso e da phantasia, poz em fóco os ridiculos de uma época.

Toda a sua obra é maravilhosa e magistral.

Uma simples visita ao Museu do Campo Grande basta para o demonstrar.

É, realmente, no ar um ambiente historico em que as sociedades se agitam em convulsões epilepticas de ferocidade e egoismo, consola, faz bem abrir um parentesis de espiritualidade e contemplar a consagração da Arte no nome de um portuguez, que foi, indiscutivelmente, uma das mais legitimas glorias da nossa terra.

E porque a Arte interessa a todos que a amam ou a professam, sem excepção de sexos nem de classes, por isso não hesitamos em trazer, hoje, a esta secção um assumpto de tão requintada elegancia intellectual.

Maria Clara Correia Alves

"O Comercio do Poeta"

25 Agosto 1926

Cruz Magalhães

A sr.^a D. Maria Clara Correia Alves, que no *Comércio do Porto* subscreve uma interessante secção, occupou-se na sua última crónica da inauguração das novas salas do Museu Bordallo Pinheiro, tendo para Cruz Magalhães, nosso amigo e apreciável colaborador, palavras de muita justiça, que registamos com a devida vénia noutra lugar do *Diário da Tarde*.

"DIÁRIO DA TARDE"

28 Agosto 1926

(Transcrevem o artigo da pag. anterior.)

A "Jarra Manuelina"

Já se encontra exposta no Museu Bordallo Pinheiro

Por ordem do ministro das finanças já foi transferida de Mafra para o Museu Bordallo Pinheiro, onde se encontra exposta ao público, a *Jarra Manuelina*, uma das maiores maravilhas da cerâmica portuguesa. Sobre essa alegoria famosa aos tempos áureos dos descobrimentos e conquistas portuguesas de além-mar publicaremos amanhã um interessante artigo devido à pena do nosso prezado colaborador sr. Cruz Magalhães.

"DIÁRIO DA TARDE"

11 Outubro 1926

Museu Bordallo Pinheiro

Na exposição dos trabalhos do mestre, figura já a celebre jarra manuelina

Já se encontra exposta ao publico, no Museu Bordallo Pinheiro, a celebre Jarra Manuelina, notabilissimo trabalho da cerâmica portuguesa, a que o grande mestre da caricatura ligou o seu nome, e que de Mafra para all foi transferida por determinação, a que já alludimos, do sr. ministro das Finanças. Recordando, na belleza das suas linhas e desenhos os tempos aureos da conquista e das descobertas, não faltarão a vir admira-la todos quantos sabem apreciar as nossas obras de arte, evocativas de um passado que nunca é demais relembrar, pelo seu exemplo nobre e abnegado.

"O Seculo"

12 Outubro 1926.

IMPRESSÕES DUMA VISITA

O Esperanto

NO MUSEU

de Rafael Bordallo Pinheiro

Uma boa lição a do sr. Cruz Magalhães, dada nas catorze salas do Museu, numa fluência de bom gosto, a resumir carinhoso pelo idolo, a pasmar-nos de admiração pela vasta, pela complexa obra, tão moralizadora, tão revolucionaria e patriótica do mestre.

Lição de hora e meia em que o conferente fez desfilar variadissimos aspectos de um genial poder de observação, fazendo-nos viver essa época em que os valores tremiam sob o traço vigoroso daquele lapis morigerador e bem intencionado.

Dentro do Museu Bordallo Pinheiro, sentimo-nos dentro do Portugal, numa atmosfera patriótica que vibra e inspira e nos faz melhores e pretende uma Patria melhor.

Naquela profusão de aponta-erros, a caricatura não atin e somente um alvo, é uma critica perene a quantos, num paralelo íntimo e honesto, compreendem a censura e aceitam a lição.

E a todos, Rafael Bordallo dá conselhos, porque a sua verve de crítico mexe no teatro, na literatura, na politica; uma educação integral em que os aspectos intelectual, moral e artistico são trabalhados em ~~confusão~~ admiráveis de traço.

Em toda a sua vida, Bordallo Pinheiro foi lutador e arbitro, juiz e jurí, vencendo sempre, mercê da autoridade, moral não sobrepujada pela artistica.

Quem queira depurar-se, vá ao Museu, ás lições da sua critica.

E se os politicos, os influentes, por cobardes, o receiam, que o povo, o bom povo que ole tanto amou, vá em romaria beijar-lhe a memoria; e ali, na sua grande obra, e em todos aqueles bonecos, como peyoraria Forjaz de Sampaio, verá quanta vida o artista deu aos seus moldes, quanta preferéncia ele deu ao seu pernilho, numa preocupação, talvez, de ~~dos~~ factos o obrigarem a pôr-lhe uma albarda, quando seu espirito de justiceiro de sejaria oferecer-lhe um ceptro.

* * *

Fôram meus companheiros nesta visita os policias que frequentam o curso de Esperanto.

A lição clara do sr. Cruz Magalhães impressionou-os bem.

Uns aproveitaram mais do que outros, sem divida, mas todos aproveitaram; e estou certo de que o português Bordallo Pinheiro, não sorriria como talvez o leitor, ao ver a policia, aproveitando o são

critério do seu comandante Ferreira do Amáral e a boa vontade do seu professor de Esperanto, fazer por educar-se, num esforço louvavel que honra a corporação, interessa a Patria e aqueles dos visitantes estrangeiros a quem esses policias mais tarde servirão de guia.

A lição pela caricatura é uma lição popular, uma lição ao alcance de todos.

A gente fixa a caricatura quasi contra vontade, ela grava-se no cerebro, que-remos esquecê-la e os traços desenham-se na memoria cada vez mais nítidos.

Cronologicamente distribuidos por aquelas salas desde a primeira, os trabalhos de Bordallo, se nos dizem muito no que respeita á arte, são formidaveis no espirito, que em centelhas de luz brilhante aclararam os mil e um ridiculos da sociedade de então.

E o sr. Cruz Magalhães, homem vivo, conhecedor do seu publico, foi sublinhando o que mais proveitosamente o policia impressionar, apontando traços, critica, nomes, num á vontade que a dez leguas o indicava ser o pai do Museu e nos fez, a par da nossa admiração pela fecundidade unica de Bordallo, invejar a sua excelente, a sua jovem memoria.

A bagagem patriótica dos meus policias esperantistas ficou aumentada em beneficio do Museu, que adquiriu mais uma ouzia de amigos.

Por mim falo, tenho pena de não ter recordações do grande artista. Por valiosa: que fôsem, a minha admiração por Bordallo seria maior do que a minha avareza pelos objectos possuidos.

E ao entrar na *Casa em ordem*, que é o Museu Bordallo Pinheiro, ao ver o amor de Cruz Magalhães pelo seu santuario, ao olhar os olhos inteligentes da sua directora, a sr.^a D. Julieta Ferrão, eu faria ás recordações, o mesmo que se faz logo ao dinheiro de uma sorte grande: o Museu seria neste caso o Monte-pio e eu ficaria socegado, satisfeito, porque estava certo que em minha vida e por minha morte, as relíquias seriam respeitadas e mais admiradas.

Não têm as minhas palavras pretensão a carta aberta, mas podem o sr. Cruz Magalhães e a illustre directora do Museu estar certos de que me hei-de fazer eco de tanta veneração, servindo-me do Esperanto para falar a toda a terra do seu inesquecivel amigo.

SALDANHA CARREIRA

"DIÁRIO DE LISBOA"

9 Setembro 1926

NO MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO

A «Jarra Manuelina», alegoria famosa dos tempos áureos dos descobrimentos e conquistas portuguesas de além-mar

A «Jarra Manuelina», já exposta ao público no Museu Rafael Bordalo Pinheiro, é um verdadeiro poema, que dignifica e exalta a velha Pátria Portuguesa. O génio inventivo, fecundo e fantasista do glorioso Bordalo expandiu-se em ramos de beleza e de patriotismo ao conceber e executar uma das maiores maravilhas da cerâmica mundial. Todos os estetas, todos que amam acrisoladamente a nossa boa terra portuguesa, tem de reverenciar no autêntico prodígio o talento peregrino, fertilíssimo, do imortal artista, que favoreceu Portugal com uma peça cerâmica maravilhosa, que bem podia chamar-se «Jarra da Antiga Pátria Portuguesa», porque a simboliza e comemora. Nela estão consagrados o iniciador dos nossos descobrimentos e o seu imortal cantor, assim como nela figuram o estilo da gloriosa época das conquistas, e muitos acessórios genuinamente portugueses.

Não serão nunca demais os louvores devidos ao ilustre ministro das finanças, sr. general Sinel de Cordes, por ter assinado o decreto que transferiu de Mafra para o Museu Rafael Bordalo Pinheiro a magnificente jarra, bem como a todas as pessoas que cooperaram na mudança, pois em Lisboa mais fácil é admirar a bela peça histórica, maravilhosa sob todos os aspectos. A «Jarra Beethoven» é realmente alguma coisa colossal na cerâmica de todos os tempos e de todos os países, mas não deixa de ser verdade também que a «Jarra Manuelina» não lhe é inferior. Cada uma no seu género, as duas jarras constituem irrefragáveis provas de génio prodigioso do seu autor e do alto grau de perfeição que a cerâmica nacional obteve, graças ao seu benéfico influxo.

A «Jarra Manuelina» assenta sobre quatro leões, como significado, certamente, da segura força que mantinha o nosso grandioso Portugal de outras eras. A harmonia de linhas, de formas, de dimensões, é perfeita e completa, dando ao observador consentente a noção infalível duma obra equilibrada e assombrosamente bela. O artista comprazia-se em sonhar, criar, e executar dificuldades, o que se revela na profusa decoração das jarras Beethoven e Manuelina, distinguindo-se esta pela majestade, simetria e elegância clássica dos seus formosos contornos. A base, sólida e forte para tam soberba peça de arte, ostenta em cada uma das quatro faces as armas reais manuelinas, e nela surgem os símbolos marítimos: cordas, nós, boias de pesca, etc. Em cada um dos cantos superiores da base destaca-se o escudo de Portugal encimado por graciosos ramos de algas.

No conjunto de tão alta maravilha a profusão ornamental é tanta, por tal forma curiosa e original, que só uma inspecção atenta e demorada pôde apercê-la e admirá-la devidamente, assim como só uma longa descrição poderia enumerá-la; reúne verdadeiros assombros de execução e o mais nobre e levantado simbolismo do saudoso Portugal de antanho! Num dos lados principais da monumental jarra vê-se o Infante D. Henrique, no outro Luis de Camões, e ainda, sob as asas elegantíssimas da formidável peça, constituídas por cordas e boias, por baixo de dois escudos nacionais, vogam airozas caravelas. Numa larga faixa, um pouco inferior ao maior diâmetro da jarra, é que estão os baixos relevos do propulsor e do cantor das gloriosas proezas marítimas dos portugueses; é ela composta ainda por finas rédes de pesca contendo peixes, pórticos manuelinos, escudos, azulejos, corações, trêvos, etc. A «Jarra Manuelina» encerra tudo que uma ubérrima e genial imaginativa pôde criar!

Na parte superior do bôjo da primorosa peça cerâmica existe uma fita circundante em que se lê dum lado «por minha Pátria» e, do outro, «Portugal». Eis a síntese flagrante e nobre da idéia originária da patriótica e notabilíssima «Jarra Manuelina». A anilha onde assenta a encantadora parte superior da jarra contém: uma caravela e, do lado oposto, o símbolo caldense—pelicano e réde—, a designação «Fábrica de Faianças», o monograma do artista, Galdas da Rainha e 1892. Em deliciosos nichos manuelinos, supra-jacentes, aparecem nove figuras das chamadas «Capelas do Buçaco». Tudo a coberto dum lindo telhado hexagonal de que pendem seis figuras angélicas, num vôo gracioso, de mãos postas, como que ansiando pela eterna glória da Pátria Portuguesa.

A esplendorosa jarra sofreu várias mutilações, algumas propositais e vandálicas, como a quebra de três cruces, que encimavam esferas armilares, outras produzidas por acidentes impossíveis talvez de evitar. Algumas reparações não serão difíceis. De esperar é que as pessoas que superintendem no Museu Rafael Bordalo Pinheiro congreguem todos os esforços para reconstituir no estado primitivo a melhor e mais preciosa peça cerâmica existente em Portugal do caricaturista, ceramista e ornamentador inxcedível que se chamou Rafael Bordalo Pinheiro.

O Museu Rafael Bordalo Pinheiro, cuja concorrência tem sido sempre extraordinária, possui agora, com a exposição da «Jarra Manuelina», o mais decisivo e fundamentado atractivo para visitantes nacionais e estrangeiros.

CRUZ MAGALHÃES.

Rafael Bordalo Pinheiro



A preciosa jarra manuelina, obra do grande Rafael, já figura no Museu do Campo Grande.

"O SÉCULO"

13 Outubro 1926

"DIÁRIO DA TARDE" 12 Outubro 1926

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Tem tido uma concorrência muito numerosa o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, situado no Campo Grande, enriquecido ultimamente, graças à devoção cívica e estética de generosos doadores, com varias peças cerâmicas e originais gráficos, e com muitos exemplares de valor, oferecidos pelo seu fundador, já depois da doação à Câmara Municipal de Lisboa.

A sr.^a D. Helena Bordalo Pinheiro ofereceu um curioso busto do Pai Paulino e um precioso «tête-à-tête», ensaio feito em Paris por Bordalo Pinheiro com a colaboração de sua irmã a notabilíssima artista-rendeira sr.^a D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro. Os sobrinhos do glorioso patrono do Museu, por amável interferência de mestre Columbano, doaram o busto do patriarca da família Bordalo, o venerando artista, que se chamou Manuel Maria Bordalo Pinheiro. O sr. José Ramos da Costa, proprietário do «Leão de Ouro», ofereceu um grande e belo prato ornamental. Francisco Valença favoreceu o Museu com um curioso cinzeiro, e, por sua intervenção, seu cunhado, o sr. Manuel Ribeiro, concedeu a exposição de dois «cachepots» notabilíssimos. José Malhóa doou um precioso prato, com um charroco, cujo fundo de reflexos metálicos torna a peça verdadeiramente preciosa.

A «Fabrica Bordalo Pinheiro, Limitada», das Caldas da Rainha, concedeu seis quadros de azulejos.

O «Museu João de Deus», devido à gentil intervenção do sr. João de Deus Ramos, ofereceu dois belos originais à pena. Finalmente, o sr. general Sinel de Cordes, com uma devoção artística muito carinhosa, despachou favoravelmente a transferência, de Mafra para o Museu, da primorosa «Jarra Manuelina», peça excelsa de patriotismo e maravilhosa execução, uma das mais artísticas peças cerâmicas do portentoso caricaturista, ceramista e ornamentador, que foi Rafael Bordalo Pinheiro.

É ansiosamente esperado no Museu um painel de azulejos, raro e precioso espécime de cerâmica, que o sr. Pedro Bordalo Pinheiro está na intenção benemerita de oferecer.

O Museu Rafael Bordalo Pinheiro, com as suas catorze salas repletas de originais gráficos e reproduções, constitui um raro exemplo de consagração artística. É um Museu digno de ser frequentado por visitantes nacionais e estrangeiros.

"DIARIO DE NOTICIAS"

15 Outubro 1926

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Tem sido o ponto de reunião dos estudiosos e dos que amam a verdadeira arte o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, no Campo Grande, 382, junto ao Asilo D. Pedro V.

Vão-se multiplicando as ofertas ao museu, feitas por pessoas altruistas de elevada intellectualidade que, compreendendo o alcance desta obra, querem prestar culto à memória gloriosa de Rafael Bordalo.

"DIARIO DE NOTICIAS"

23 Outubro 1926.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Tem afluído grande concorrência ao Museu Rafael Bordalo Pinheiro, situado no Campo Grande, 382, junto ao Asilo D. Pedro V., ultimamente enriquecido com ofertas de grande valor artístico e documental. Este interessante Museu deixa sempre a mais agradável impressão em quem o visita dada a qualidade e quantidade de trabalhos de pintura, aguarela, desenho, gravura e cerâmica que ali se encontram expostos, despertando, sobretudo, grande admiração, aliás justíssima, a célebre Jarra Manuelina.

"O SÉCULO"

23 Outubro 1926.

A quasi inutilidade dos museus portugueses para a educação popular



Não se diga que a Capital não possue museus, ou que qualquer deles reveste somenos importância. Temos um Museu de Arte Antiga, às Janelas Verdes, um de Arte Contemporânea, nas Belas Artes; temos um museu de Coches, outro de etnologia, existe um museu arqueológico e na Igreja de São Nicolau, nos seus anexos ostenta-se uma rica colecção de objectos do culto religioso, que bem pode chamar-se também museu.

O Museu de Artilheria é na sua especialidade militar um arquivo de documentos preciosos de caracter histórico, artístico e técnico. No Campo Grande o Museu Rafael Bordalo Pinheiro levanta alto o nome desse devotado que se chama Cruz Magalhães.

São estes os principais museus de Lisboa. O público não os abandona, é vulgar deparar com as suas salas bastante concorridas, o que vem provar que ainda há quem se interesse por coisas dignas de serem apreciadas. Não se pode portanto dizer que os museus não têm público. Seria uma injustiça a praticar aos cidadãos que os visitam amudadamente e com manifesta curiosidade e prazer. Simplesmente o que eu quero afirmar é que esses repositórios valiosos não oferecem ao visitante aquela atracção que lhe devia ser dada, para que a observação fôsse mais facil e sobretudo mais proveitosa.

Amontoam-se os objectos, enxameiam as colecções, os olhos do público deleitam-se, mas quando chega a altura de tirar ensinamentos, de colher cultura, de resolver dúvidas, tudo se complica, fica-se na mesma e da visita a esses museus só fica afinal o deleite da vista. Aos nossos museus falta tudo o que possa utilisar-se como sentido de orientação, como sistematização de análise, como esclarecimento *do que se vê!* Os catálogos, ou não existem ou são deficientíssimos. Para pessoas ilustradas ou não ilustradas a visita a um dos nossos museus resulta quasi inútil, porque difficilmente se pode apurar o que representa artística e estimativamente todo esse património que o passado nos legou. Em Portugal não se pensa a sério naquilo a que poderíamos chamar organização sistemática e descritiva de objectos de arte. Quando o acaso determina a aparição dum catálogo, não é raro sermos induzidos a erros que a tradição trouxe até nós, com a etiqueta que não condiz com a proveniência e a classificação de muitos desses specimens.

Relações incompletas, listas incompletas exibem-se como catálogos definitivos, iniludíveis nas suas classificações, certos no seu critério.

Autoridades falíveis, muito falíveis mesmo, deram-se em estabelecer doutrinas, em apontar como inamovíveis opiniões em que a suposição mascara a ignorância e o que intangivelmente registaram nos seus «canhenhos» ficou para vindouros, seguramente, patriarcalmente, *magister dixit*. E o público ingénuo que visita os museus vem para o mundo acenar com erros palmares, expor interpretações ilógicas, se é que não sai dos museus ignorante do que viu, defrontado só com a sua sensibilidade e a intuição do seu espírito crítico, porque não encontrou sequer um rudimentar roteiro, que ao menos fizesse na sua intelligência um sinal da orientação que o encaminhasse na sua visita, assim quasi inútil. A missão educativa do nosso museu falha por completo, será quando muito engodo da vista, mas nunca poderá ser alimento da intelligência. O que a Biblioteca Nacional fez, com a publicação do *Guia de Portugal*, levado a cabo principalmente pela espartânica decisão e intelligência clara de Raul

Proença, devia já ter sido seguido na especialização encarando com carinho e verdade os nossos museus e não os deixando entregues a uma indiferença criminosa que chega a dar-nos a impressão de que só existem para que neles se acomodem competências é certo mas cuja acção tão pouco eficiente é. E' claro que ainda há honrosas excepções. Eu bem sei que os orçamentos não possuem verbas aptas a serviços desta tèmpera, mas do que ninguém pode duvidar é de que com as que existem, mesmo exíguas, alguma coisa mais se poderia fazer do que o que se tem feito.

NOGUEIRA DE BRITO

Suplemento Literario de "A BATALHA"
n.º 153 - ano III - 1 Nov. 1926.

Malhõa vai expor

oito quadros trabalhados durante a sua ausência da capital

O grande pintor José Malhõa, um dos raros pintores portugueses de escola firme, sempre nova e brilhante, regressou de Figueiró dos Vinhos a Lisboa, onde vai expor brevemente oito telas, que pintou naquela vila do Douro, que é o seu refúgio de artista. Malhõa começou hoje mesmo a trabalhar num grande retrato a óleo do nosso illustre colaborador sr. Cruz Magalhães, retrato que será oferecido ao Museu Bordalo Pinheiro, de que Cruz Magalhães tem sido a alma incansável e generosa, e que marca como um dos mais interessantes e valiosos escriptos documentais da arte portuguesa.

DIÁRIO DA TARDE

6 Dezembro 1926

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Tem sido notavel a affluencia de visitantes a este Museu, situado no Campo Grande, n.º 387. Desde a doação, feita pelo nosso amigo Cruz Magalhães, em 62 dias entraram 710 pessoas. Desde a abertura do Museu, afóra os dias festivos de entrada gratuita, o numero de visitantes passa de 11:300.

Ultimamente recebeu o Museu Rafael Bordalo Pinheiro varias ofertas valiosas: do sr. Pedro Bordalo Pinheiro um artistico e vistoso painel de azulejos e medalhão; do sr. José Gambõa duas cartas autografadas do grande caricaturista por ele hilarantemente illustradas; dos sobrinhos do glorioso patrono do Museu o busto do patriarca da familia Bordalo, famoso artista que se chamou Manuel Maria Bordalo Pinheiro, e ainda outras curiosidades dos srs. Francisco Valença, Alvaro Neves, Archer de Lima, etc.

Não ha duvida que o publico aprecia o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, talvez sem rival no seu genero, com o que muito nos congratulamos.

ARTES PLASTICAS

Uma exposição de Malhoa

O grande pintor Malhõa, um dos mais notaveis mestres da pintura portuguesa contemporanea, vai realizar brevemente uma exposição dos seus ultimos quadros, entre os quais se contam verdadeiras obras primas. Essa exposição será, sem duvida, um acontecimento artistico sensacional. Mestre Malhõa começou tambem a trabalhar um retrato a oleo do escriptor sr. Cruz Magalhães, destinado ao Museu Bordalo Pinheiro, de que foi o fundador.

"DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

7 Dezembro 1926

"O SÉCULO"

20 Novembro 1926.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

O interessantissimo Museu Rafael Bordalo Pinheiro, que deixa sempre uma agradável impressão em quem o visita, pela enorme quantidade e qualidade de trabalhos expostos, tem recebido nestas ultimas semanas ofertas de valor. Entre as valiosas dadivas destacam-se as dos srs. dr. Correia da Silva, Pedro Bordalo Pinheiro, Alvaro Neves, Fernando Bordalo Pinheiro, José de Gambõa, José Malhõa, Dinis Bordalo Pinheiro, Archer de Lima, Francisco Valença, Artur Prostes da Fonseca, Almeida Moreira, etc.

E' de esperar que hoje, dada a grande concorrência de publico ao Campo Grande, o Museu tenha a affluencia que tem tido nos ultimos domingos.

"O Século"

5 - Dezembro 1926.

MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Tem tido uma grande concorrência o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, que é uma das paginas mais belas da vida intelectual e politica portuguesa, não só pelo que representa do trabalho de um grande artista que viveu uma epoca historica com o traço do seu lapis caricatural, como pelo que demonstra de generosidade, intelligencia e patriotismo da parte do seu fundador e doador. Cruz Magalhães conseguiu reunir quasi toda a obra grafica do glorioso artista e uma grande quantidade de peças de ceramica, constituindo o Museu um glorioso tesouro da Patria.

E' de esperar que hoje o Museu seja muito visitado dada a grande affluencia de publico ao Campo Grande. Modernamente tem a famosa coleção de trabalhos graficos e ceramicos sido enriquecida com ofertas, algumas notaveis. Assim, além da celeberrima «Jarra Mancellina», que o Estado depositou no Museu, destacam-se as dadivas dos srs.: Artur Prostes da Fonseca, dr. Correia da Silva, Pedro Bordalo Pinheiro, José Malhõa, Fernando Bordalo Pinheiro, Archer de Lima, Dinis B. Pinheiro, José Gambõa, Francisco Valença, Almeida Moreira, José Ramos Costa, etc., etc.

"DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

5 - Dezembro 1926

1924

Cruz Magalhães — O seu retrato, magnifico carvão de José Malhóa — O Museu Rafael Bordalo

José Malhóa, cujo nome dispensa adjectivos—tanto ele se impõe ao assinar «Os bebados», «O barbeiro da aldeia», «O Fado» e tantas outras obras magistrais, o senhor do desenho e do colorido, quis inaugurar o seu novo «atelier» fazendo, a carvão, o retrato de Cruz Magalhães, para o oferecer ao Museu Rafael Bordalo Pinheiro:—homenagem justa e de alto valor, que bem a merece aquelle a quem foi feita.

Ha quarenta anos que Cruz Magalhães trabalha gratuitamente na imprensa e com bastante assiduidade. Tendo começado no «Comercio de Portugal», dirigido pelo dr. João Crisostomo Mello, passou, depois, a colaborar no «Diario Illustrado», no «Correio da Manhã», na «Epoca», de Zeferino Candido, na «Vanguarda», do dr. Magalhães Lima, no «Seculo» e no nosso jornal, sendo agora colaborador efectivo do «Diario da Tarde». A sua prosa impõe-se pela forma correcta e pela elevação da ideia: nunca um agravo saiu da sua pena e, pelo contrario, sempre tem procurado exaltar aquelles que, pelo caracter ou por seus meritos, lhe conquistam a admiração, que, ás vezes, vai além do aliojo merecido. Assim, a ele se deve a publicação de toda a obra de Luis Calado Nunes, excepto o «Auto», e dos «Versos» de Costa Alegre.

Apaihionado pelo talento de Rafael Bordalo Pinheiro, a quem muito queria e venerava, coleccionou durante vinte anos a obra do grande artista, e depois construiu propositadamente a sua casa no Campo Grande, para nela instituir o Museu Rafaelino. Enquanto essa casa foi pertença sua, as entradas no Museu foram sempre pagas, e esse rendimento entregue integralmente á Cruz Vermelha, á Cruzada das Mulheres Portuguezas e ao Asilo de S. João. Hoje, já não é dele: deu-a, como é sabido, com o respectivo Museu, á Camara Municipal de Lisboa, bem como os terrenos anexos.

A avaliação dessa doação é muitas vezes superior aos escassos rendimentos com que ficou para viver modestamente, mas por a ter feito nem por isso deixou de trabalhar para o engrandecimento successivo daquele templo de arte. Assim, já depois de realizada, adquiriu para lá cerca de 50 peças ceramicas e outras, com o mesmo fim, obteve de amigos pessoais. Aos seus esforços, como publicamente o declarou o sr. general Sinel de Cordes, se deve ter entrado a celebre «Jarra Manuelinha» para o Museu, que, destinado a principio unicamente ao lapis de



Retrato de Cruz Magalhães, por José Malhóa

Rafael Bordalo, hoje já possui uma grande sala—toda a ala sul—com centenas de peças de ceramica, algumas de grande valor, como o são todos os milhares de originaes gráficos e muitas das reproduções.

Como se sabe, o Museu, inteiramente transformado, reabriu para o publico em 14 de agosto do ultimo ano; tendo desde então, até final de dezembro, sido visitado por 981 pessoas e produzido o rendimento de 552 escudos, que foram entregues á Camara Municipal. E bom seria que este e os futuros rendimentos se destinassem exclusivamente a melhoramentos do Museu.

Foi por isso, repetimo-lo, bem justa a homenagem que José Malhóa, com o seu trabalho e com o seu grande nome, prestou a Cruz Magalhães. Escritor distinto, o que está confirmado pelos seus artigos em varios jornais, e por alguns livros da sua assinatura, justa pelo valor intelectual uma constante luta pelos interesses cidadinos, tendo sempre posto a sua pena honrada ao serviço do bem publico e dos ideais da justiça, da verdade, da moral e do dever.

A consagração que fez á obra de Rafael Bordalo honra-o e torna-o querido: o seu caracter impoluto torna-o digno de toda a consideração e respeito.

DIARIO DE NOTICIAS
21 Janeiro 1924

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Realiza-se, amanhã, uma sessão estatual do Grupo dos Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, na qual, segundo nos consta, será, pelo respectivo secretario, sr. Alvaro Neves apresentada uma proposta no sentido de o nosso grande pintor José Malhóa ficar na qualidade de membro honorario, fazendo parte do mesmo grupo.

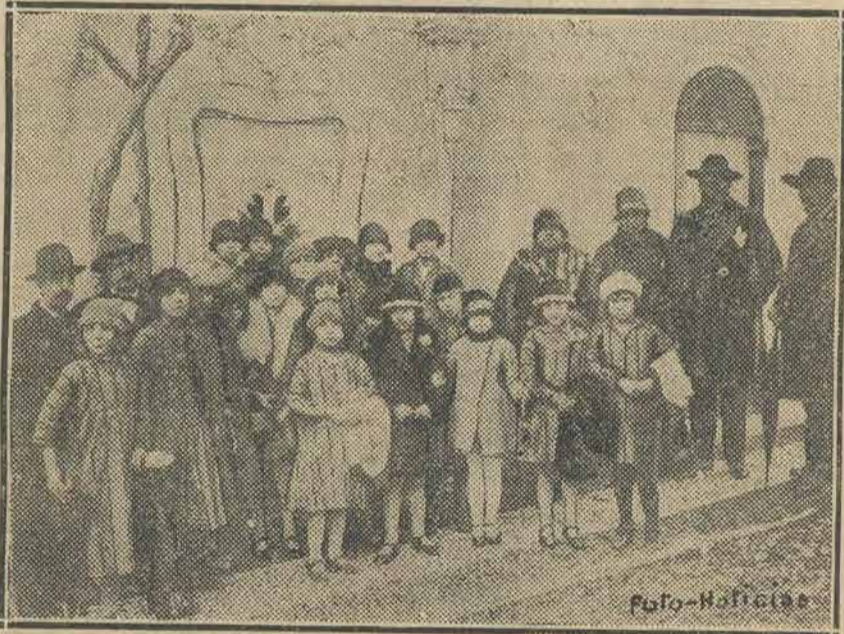
Fundamenta-se a referida proposta no facto daquelle artista ter oferecido ao Museu um magnifico *crayon* do seu fundador, o nosso presado amigo Cruz Magalhães, verdadeiro benemerito da cidade e cidadão de todo o ponto merecedor da distincção de que acaba de ser alvo, já pelo que intellectualmente vale, já pelo que moralmente se impõe ao geral conceito.

Vem a proposito registrar que o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, até 31 de mês de Dezembro findo, tinha sido visitado por 11.788 pessoas.

"O SECULO"
22 - Janeiro 1924

RAFAEL BORDALO

UMA PIEDOSA ROMAGEM AO SEU TUMULO no campo santo do cemiterio dos Prazeres



A romagem ao tumulo de Rafael Bordalo Pinheiro

Mais um ano. Mais uma romagem ao monumento de Rafael Bordalo Pinheiro, amigo e companheiro dos maiores poetas e dos maiores escritores portuguezes do seculo passado, um dos primeiros «humoristas da nossa terra, desenhador, oleiro inspirado, artista como os que o são.

Os mortos esquecem depressa. Ontem choveu. Lisboa fechou seus guarda-chuvas, á porta dos leatros e dos clubes, e encafuou-se nas plateias ouvindo musica, rindo ás momices dos clowns, vendo fitas de cine desenrolando-se vertiginosamente no relatio luminoso dos écrans. E mais uma vez se esqueceu dum grande morto, perdido sob uma pedra branca no cemiterio dos Prazeres.

A romagem ao tumulo de Rafael Bordalo foram contado certos devotos, seus admiradores fidelissimos, que sempre trazem no coração a memoria do seu nome e da sua vida, erguida no mesmo geito amoroso com que se levanta na ponta de finos dedos uma lampada votiva.

Foram alguns dos seus amigos, que ainda vivem. Foram seus parientes, herdeiros do seu nome glorioso — D. Maria Amelia Bordalo Pinheirs, o Fernando, o Pedro Bordalo. Foram os que ampararam o seu museu do Campo Grande, a sr.ª D. Julia Ferrão, e os srs. João Saraiya Machado, Alvaro Neves, Francisco Valencã... E foram crianças do Semi-Internato da Madalena, levando flores.

Afinal, desde que perto dum tumulo, um parente e um amigo se descobrem, uns olhos de mulher se humedecam de lagrimas, e com ternura uns pobres dedos de criança poeem uma branca e simplissima rosa, os mortos não esquecem.

Rafael Bordalo Pinheiro não foi esquecido, na tarde chuvosa de ontem.

Uma reunião do Grupo dos Amigos do Museu Bordalo Pinheiro

Reuniu-se ontem o Grupo dos Amigos do Museu Bordalo Pinheiro na sede desta instituição no Campo Grande, sob a presidencia do sr. dr. Magalhães Lima. Depois de umas breves palavras do sr. presidente foi inaugurado, na sala da Biblioteca do Museu, um retrato de Cruz Magalhães, seu fundador e doador do edificio á Camara Municipal. Este retrato foi oferecido e pintado pelo grande artista José Malhóa, que o «Grupo de Amigos» nomeou, por esse motivo, socio honorario.

O mesmo Grupo resolveu tambem modificar

o seu estatuto na parte que se refere a socios effectivos e agregados, sendo eliminada esta ultima categoria.

O sr. Alvaro Neves apresentou e ofereceu no Museu uma comedia em verso intitulada «José Maria» que ha tempos encontrou e comprou num alfarrabista. Por fim foi aprovado um voto de saudação aos srs. general Sinel de Cordes, ministro das Finanças, coronel José Vicente de Freitas, presidente da comissão administrativa da Camara Municipal de Lisboa e Custodio José Vieira por terem conseguido a transferencia de Mafra para Lisboa da celebre jarra manuelina, da autoria de Bordalo Pinheiro.

Antes da reunião, o escritor espanhol sr. Fabrice Ribas, visitou o museu do Campo Grande, e viu muitos dos objectos expostos.

"DIARIO DE NOTICIAS"
24 Janeiro 1924

Rafael Bordalo Pinheiro

A comemoração do 22.º aniversário do seu falecimento

Comemorando o 22.º aniversário do falecimento do grande artista Rafael Bordalo Pinheiro, realizou-se ontem, de manhã, uma romagem ao cemitério dos Prazeres, sendo colocados, no jazigo do visconde Faro e Oliveira, onde está a urna com os restos mortais do artista, muitos ramos de flores, oferecidos por numerosos amigos e pessoas da família, entre os quais os srs. Pedro e Fernando Bordalo Pinheiro, Francisco Valença, D. Maria Amália Brito Araújo, D. Julieta Ferrão, Alvaro Neves, Saavedra Machado e alunos do primeiro Semi-Internato de Lisboa.

Pelas 15 horas, o Grupo dos Amigos Defensores do Museu Bordalo Pinheiro reuniu-se na sua sede, no Campo Grande, sob a presidência do sr. dr. Magalhães Lima, secretariado pelo sr. Alvaro Neves, sendo inaugurado, na sala da biblioteca, o retrato a carvão do sr. Cruz Magalhães, magnífico trabalho do illustre pintor sr. José Malhóia, que também assistiu à sessão, tendo sido nomeado socio-honorario do Grupo.

Após esta cerimonia foi feita uma modificação nos estatutos, sendo eliminados os socios agregados, ficando apenas subsistindo a classificação de socios efectivos. O sr. Alvaro Neves apresentou e ofereceu ao Museu uma interessante e antiga scena comica denominada «Antonio Maria», que adquiriu num alfarrabista.

Tambem foi aprovado um voto de louvor ao sr. general Sinel de Cordes, por ter ordenado a transferencia da Jarra Manuelina de Mafra para o Museu Bordalo Pinheiro, e votos de agradecimento ao sr. coronel José Vicente de Freitas e Custodio José Vieira, pelos esforços que empregaram para essa transferencia.

Durante a sessão, visitou o Museu o jornalista espanhol sr. Fabra Ribas, que foi acompanhado nessa visita pela directora, sr. D. Julieta Ferrão.

"O SECULO"

24 Janeiro 1924

Cruz Magalhães

O seu retrato no Museu Bordalo Pinheiro

A proposito da passagem de mais um anniversario da morte do insigne caricaturista da *Parodia* e do *Antonio Maria*, realizou-se ante-hontem, na sede do Museu Bordalo Pinheiro, ao Campo Grande, uma reunião do Grupo dos Amigos do Museu alludido, sob a presidencia do sr. dr. Magalhães de Lima, reunião especialmente convocada para se commemorar aquelle anniversario, aproveitando-se o ensejo para inaugurar o retrato de Cruz Magalhães, fundador e dedicadissimo organizador do Museu Bordalo Pinheiro, e seu doador á Camara Municipal.

O presidente da sessão, depois de se referir, com palavras de enternecida saudade á memoria do genial artista que foi o grande Raphael Bordalo, alludiu á personalidade illustre e benemerita de Cruz Magalhães, cujo retrato ir ser inaugurado, salientando que á sua dedicacão, ao seu desinteresse bem comprovado, e ao seu amor pela arte, devia a cidade de Lisboa a fundacão do Museu Bordalo Pinheiro, que tendo sido visitado por milhares de pessoas, tanto nacionaes como estrangeiras, de todas tem merecido a mais justa admiracão e os mais fervorosos elogios, e ao qual elle dedicára largos annos de esforços vehementes, dispendendo avultadas quantias, sem outro intuito que não fosse o de prestar a merecida homenagem á memoria gloriosa de um artista que deu honra ao seu paiz, contribuindo assim, patriótica e eficazmente, para que a cidade de Lisboa pagasse a essa querida memoria a divida da sua gratidão ao inconfundivel mestre da caricatura.

O retrato de Cruz Magalhães, pintado a oleo e oferecido pelo illustre professor José Malhóia, foi seguidamente inaugurado e fica, na sala da Bibliotheca do Museu, perpetuando a lembrança do fundador d'esse Museu, que é uma interessante manifestacão da Arte em varias das suas modalidades — aquellas que Raphael Bordalo tão distinctamente cultivou.

Achamos de todo o ponto justa a homenagem d'este modo prestada a Cruz Magalhães pelo Grupo dos Amigos do Museu. Conheçemo-lo de ha muitos annos como um verdadeiro homem de bem, de uma integridade de caracter devéras modelar, prestimoso e benemerito, de uma dedicacão rara por todas as manifestacões de civismo, homem de acção e homem de sociedade, capaz dos maiores sacrificios para servir um amigo ou uma causa justa, de uma educacão primorosa e de uma cultura esmerada, escriptor e poeta de meritos bem provados, cidadão, enfim, verdadeiramente exemplar, desprovido de enfatuamentos ou vaidades, modesto até em demazia, o que não é a menos respeitavel das suas qualidades por todos reconhecidas.

Incapaz de uma perfidia ou de uma deslealdade, coração grande e alma limpida, bem digno era da homenagem que lhe prestaram os Amigos do Museu — a sua obra imperecedoura, a sua obra capital, a que consagrou grande parte da sua vida e dos seus cabedaes. Não nos tendo sido possível, por doença, assistir á sessão em que essa homenagem lhe foi tributada, a ella nos associamos de coração e assim folgamos de publicamente o patentearmos nas linhas despretenciosas mas muito sinceras que ahí ficam.

Raphael Bordalo Pinheiro

A comemoração do 22.º aniversário do seu falecimento

Comemorando o 22.º aniversário do falecimento do grande artista Raphael Bordalo Pinheiro, realizou-se no domingo passado, de manhã, uma romagem ao cemitério dos Prazeres, sendo colocados, no jazigo do visconde Faro e Oliveira, onde está a urna com o restos mortais do artista, muitos ramos de flores, oferecidos por numerosos amigos e pessoas da familia.

De tarde, o Grupo dos Amigos Defensores do Museu Bordalo Pinheiro reuniu-se na sua sede, no Campo Grande, sob a presidência do sr. dr. Magalhães Lima, secretariado pelo sr. Alvaro Neves, sendo inaugurado na sala da bibliotheca, o retrato a carvão do sr. Cruz Magalhães, magnífico trabalho do illustre pintor sr. José Malhóia, que também assistiu á sessão, tendo sido nomeado socio honorario do Grupo.

Após esta cerimonia foi feita uma modificação nos estatutos, sendo eliminados os socios agregados, ficando apenas subsistindo a classificação de socios efectivos.

O sr. Alvaro Neves apresentou e ofereceu ao Museu uma interessante e antiga scena comica denominada «Antonio Maria», que adquiriu num alfarrabista.

Tambem foi aprovado um voto de louvor ao sr. general Sinel de Cordes, por ter ordenado a transferencia da Jarra Manuelina de Mafra para o Museu Bordalo Pinheiro, e votos de agradecimento ao sr. coronel José Vicente de Freitas e Custodio José Vieira, pelos esforços que empregaram para essa transferencia.

"O Comercio do Porto"

27 Janeiro 1924

"Jornal do Comercio e das Colónias"

25 Janeiro 1924

Do jornal Folha de Norte importante para diário da Parai, em 15 de Novembro de 1926

Do Folha de Norte importante jornal da Parai, de 10 de Novembro de 1926

LISBOA, 29 de setembro de 1926

Novas salas do Museu Bordallo Pinheiro—A Jarra Manuelina, admirável trabalho do grande ceramista.

É das cousas mais interessantes para ver em Lisboa o Museu Raphael Bordallo Pinheiro, onde o seu grande admirador sr. Cruz Magalhães reuniu milhares de trabalhos do extraordinário artista, o maior do seu genero que tivemos em Portugal, e de recordações do genial caricaturista e ceramista.

Verdadeiras maravilhas de arte produzidas pela mão do insigne artista, cuja obra, como caricaturista, representa um verdadeiro album das figuras e costumes do seu tempo, já allí se encontravam ha annos, mas agora com a inauguração de mais seis salas, esse Museu ficou completissimo.

Num chalet lindo ao Campo Grande, em frente do monumento de Raphael Bordallo estão reunidos trabalhos seus, ou reproduções fidelissimas dos originaes que não poderam ser adquiridos e que Luiz Calado Nunes, artista já fallecido, trabalhou com um grande respeito e amor.

Foi por iniciativa da Camara Municipal de Lisboa, a quem hoje pertence o Museu Bordallo Pinheiro, por doação de Cruz Magalhães, que se alargou com mais seis salas aquelle precioso guarda-jolas artistico.

Numa das novas salas, a da entrada, vêem-se muitas photographias e caricaturas de Raphael Bordallo, feitas por grande numero de artistas e retratos de artistas, escriptores e musicos celebres, offerecidos ao caricaturista com gentilissimas, mas bem merecidas dedicatórias.

Nessa mesma sala tambem se salienta o soberbo retrato de Raphael Bordallo, pintado por seu irmão, o grande pintor Columbano Bordallo Pinheiro, que commoivamente assistiu á inauguração das novas salas do Museu. Ainda na mesma sala, chamada de «Homenagens e Recordações», se vê uma vitrine com a lindissima coroa de flores offerecida pela familia Teixeira Lopes, e que figurou no funeral do grande artista, e objectos pertencentes a Raphael, entre os quaes: a sua caixa de tintas, os pinceis, os panno, com que os limpava, a sua boquilha e o seu monoculo.

Outra sala é toda occupada por trabalhos de ceramica feitos pelo grande artista e que pertenciam a particulares, que os offereceram, gentilmente, para allí figurarem. Entre esses trabalhos preciosos, os bustos de Eça de Queiroz, dr. Sousa Martins e Guilherme de Azevedo são verdadeiras maravilhas.

As restantes salas vêem-se caricaturas admiráveis, como só as sabia desenhar o Bordallo, que constituem um «dossier» esplendido de monographia. As notas alegres, espirituosas, politicas e sentimentaes, estão bem mareas das nessas figuras e quadros, que são a historia duma época das mais interessantes no nosso paiz.

Noutra sala, em via de organização, ha já uma verdadeira bibliotheca de livros e jornaes collaborados por Raphael Bordallo, com o seu lapis admiravel, e revistas e livros, onde se fala do grande artista.

Como vêem, o Museu Bordallo Pinheiro é qualquer cousa de muito notavel no nosso meio e vai ser enriquecido com a soberba «Jarra Manuelina», um dos mais extraordinarios trabalhos em ceramica do genial artista.

Essa jarra está ha annos no Museu de Mafra, mas o actual ministro das Finanças, o sr. general Sinal de Cordes, vai realizar a sua transferencia para o Museu Raphael Bordallo Pinheiro.

O Museu de Mafra está a cargo do Ministerio das Finanças e dahi a interferencia do respectivo ministro no assumpto.

LISBOA, 16 de outubro de 1926

A «Jarra Manuelina», de Bordallo Pinheiro—Exposição de Lisboa—Bios—esculturas—~~monumentos~~—dos ~~sculptores~~

Pela influencia do actual ministro das Fi-

nanças, sr. general Sinal de Cordes, foi transferida de Mafra para o Museu Raphael Bordallo Pinheiro, em Lisboa, a celebre «Jarra Manuelina», admiravel trabalho do genial artista, caricaturista e ceramista Raphael Bordallo.

Está já no logar que lhe competia, nesse museu, a dois passos do parque do Campo Grande, onde nacionaes e estrangeiros mais facilmente poderão apreciar essa verdadeira obra de arte.

A «Jarra Manuelina», junto da qual deveria estar a «Jarra Beethoven», do mesmo autor, é uma maravilha de concepção e execução. É a mais artistica das allegorias aos tempos aureos das descobertas e conquistas dos portuguezes em além-mar.

Assenta a jarra sobre quatro leões, significando a força do Portugal de outras eras. A base ostenta em cada uma das suas quatro faces as armas reaes manuelinas e nella surgem apetrechos maritimos, cordas, ancoras, boias, rédes de pesca, etc. Em cada um dos cantos superiores da base, ainda se destaca o escudo da Portugal encimado por preciosos ramos de algas.

Toda a ornamentação da jarra é tão profusa, variada e interessante, que é necessaria a mais demorada attenção para não escapar um unico detalhe dessa obra preciosa do grande e unico artista que no seu genero possuímos. Por toda ella ha allegorias, symbolos e figuras de antanho. Dum dos lados da jarra desenha-se a figura do infante d. Henrique, do outro a figura de Luiz de Camões, o cantor das nossas glorias maritimas. Sob as assas elegantissimas da jarra, que são formadas por bolas e correamo, por baixo de dois escudos nacionaes, vogam arosas caravellas de minusculeo modelo, das que conduziram os nossos heróicos navegadores por sobre as ondas do tenebroso mar.

É numa larga faixa inferior ao maior diametro da jarra que estão os baixos relevos do propulsor e do cantor das gloriosas proezas maritimas dos portuguezes; e essa faixa ainda contém finas rédes de pesca com peixes, porticos manuelinos, escudos, azulejos, corações, trevos, etc.

Toda a fertil, a uberrima imaginação de Raphael Bordallo Pinheiro se manifesta naquelle formosissimo trabalho, como em tantos outros que executou.

Na parte superior do bôjo da primorosa peça ceramica ha uma fita circundante em que se lê dum lado «Por minha Patria» e do outro «Portugal».

A anilha onde assenta a encantadora parte superior da jarra contém: uma caravela e do lado opposto, o symbolo caldense—pelicano e réde—, a designação «Fabrica de Falanças», o monogramma do artista, «Caldas da Rainha» e 1892.

Em deliciozos nichos manuelinos, apparecem-nos tambem, na extraordinaria jarra, nova ~~escultura~~ ~~reprodução~~ ~~admiração~~ das que Bordallo trabalhou para as capellas do Bugaco, e que ainda hoje se conservam nas Caldas da Rainha, nos pavilhões do projectado novo hospital, e que são o encanto de quantos as vêem.

Ainda na «Jarra Manuelina» figuram seis anjos num gracioso vôo, como que espalhando pelos espaços celestes a eterna gloria da Patria Portugueza.

Esta correspondente foi publicada em publicação de 29 de Setembro por motivo de aperto em tempo e de Setembro ter minor espaço.

Da Crônica de Rafael Ferreira, correspondente em Lisboa d'igual jornal

Da Crônica de Rafael Ferreira, correspondente em Lisboa d'igual jornal.

ARTES PLASTICAS

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Na sessão ordinaria de ontem da Comissão Administrativa da Camara Municipal de Lisboa, foi aprovada por unanimidade a seguinte proposta apresentada pelo vogal sr. Bivar de Sousa:

«Tendo sido oferecidos ao Museu Rafael Bordalo Pinheiro, durante o ano de 1926, varios objectos que muito vem valorizar a preciosa coleção já existente naquele estabelecimento de arte; proponho que na acta da sessão de hoje fique consignado um voto de louvor e agradecimento aos generosos ofertantes abaixo indicados, e que desta resolução se de conhecimento aos mesmos: Dr.ª Branca Rumina, caudo com sardão, 1894, ceramica; José Malhoa, prato com charroco, ceramica; retrato a carvão de Cruz Magalhães, feito pelo doador; José Ramos da Costa, prato grande com três lagostas sobre folhas de couve, ceramica; Pedro Bordalo Pinheiro, friso decorativo, estilo Renascença, 1904, ceramica; «Um Abelhão», ceramica; Fernando Bordalo Pinheiro, Pedro Bordalo Pinheiro, Denis Bordalo Pinheiro, busto de Manuel Maria Bordalo Pinheiro, barro cozido; Francisco Valente, suspensão, ceramica, cinzeiro, folha de couve, ovo partido e pata de peru, ceramica, seis fotografias da construção dos fornos da «Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha»; dr. José Correia da Silva, um desenho original, auto-caricatura de Rafael Bordalo; José Gambôa, duas cartas autografadas com auto-caricaturas de Rafael Bordalo, Fabrica Faianças Bordalo Pinheiro Limitada, Caldas da Rainha, seis «panneaux», cada um composto por quatro azulejos, ceramica; Museu João de Deus, «Leão moribundo», 2 desenhos originaes de Bordalo.»

MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO

A valiosissima oferta do Perfumador Indiano

O Museu Rafael Bordalo Pinheiro acaba de alcançar um dos mais assinalados triunfos, devido a magnanimidade do caracter culto e patriótico do sr. Julio de Vilhena, triunfo representado pela generosa oferta duma preciosissima peça ceramica.

Entre as mais incontestaveis maravilhas do genio criador de Rafael Bordalo Pinheiro divergem as opiniões na escolha de qual mereça a primazia, se a «Jarra Beethoven», se a «Manuelina». Infelizmente o Museu do Campo Grande nunca poderá obter a primeira, que pertence ao Brasil, oferecida pelo autor num belo rasgo de isenção. Rifa-ra e o numero premiado saiu a um bilhete que não fora vendido, e, portanto, na posse do glorioso artista. Preferiu este oferecê-la a terra acolhedora, de tão gratas recordações, do que ficar com a jarra por um favor da sorte!...

Ha da monumental, caprichosa e preciosissima jarra uma reprodução em Portugal na posse do sr. José Relvas.

A Jarra Manuelina já figura no Museu rafaelino, graças a interferencia decisiva e carinhosa do sr. Sinel de Cordes. Honra lhe seja.

Talvez possa considerar-se a terceira das maravilhas realizadas pelo grande ceramista, em valor artistico, fantasia e dificuldades de execução, esta, vulgarmente conhecida por «perfumador indiano», com que a nobre devoção civica do sr. Julio de Vilhena acaba de favorecer o Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

A carta de doação dirigida ao nosso amigo Cruz Magalhães, velho literato, organizador e doador à Camara Municipal de Lisboa do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, e escrita com mão firme pelo proprio punho do autor, que conta mais de oitenta annos, mas que mantém o mesmo activo, nobre e inquebrantavel patriotismo que sempre o inspirou.

O «Diario de Noticias», propugnador tradicional de todas as acções meritorias, arquivava nas suas colunas a carta do sr. Julio de Vilhena com sumo prazer e devido louvor, como incentivo a outros rasgos de dedicacão patriótica e de amor à memoria do nosso indilivavel caricaturista e ceramista.

A carta é a seguinte: «Sr. e meu prezado amigo.—Satisfazendo os desejos, repetidas vezes manifestados por V., resolvi ceder, desde hoje, ao seu Museu, a peça com que Bordalo Pinheiro me presenteou e que é uma das obras primas do grande artista.

Pego-lhe o favor de vir combinar comigo o modo de a transportar. Deve ficar registado que, se o Museu se desfizer e ela ainda existir, deverá passar, não para a posse de qualquer particular, mas para a de qualquer Museu Nacional.—Sempre de V., m.º v.º e am.º—Lisboa, 23-2-27.—Julio M. de Vilhena.»

O benemerito oferente não se contentou em doar a magnifica peça, ofereceu tambem a grande maquina envidraçada que a resguarda.

O perfumador entrou no Museu no dia seguinte áquela em que foi oferecido. Está instalado provisoriamente na salinha da biblioteca, enquanto não se construir o model no qual deve assentar definitivamente na sala propria.

Fazemos votos para que a situação «provisoria» não seja indefinida como qua todas as situações «provisorias» nacionaes e para que em breve a rendilhada peça, que as dificuldades tecnicas se multiplicam e na qual se ostentam, belamente reproduzidas, duas das chamadas «Capelas do Baccos», fique definitivamente e belamente instalada, como merece.

Um retrato do grande caricaturista

Hoje, pelas 4 horas da tarde, será colada no tecto duma das salas do Museu um sinuante retrato do glorioso caricaturista, executado pela notavel discipula de mestra Malhoa, D. Maria de Lourdes, jovem pintora que desabrocha em verdadeiras galas artisticas sob a direcção carinhosa do ser prestigioso professor.

O retrato a sanguinea representa Rafael Bordalo de monoculo em punho, sorrindo benevol e acolhedor para todos que entrem na «Sala de Homenagens e Recordações». E bem o glorioso artista cheio de vida e de observação, revelando-se toda a bonomia do seu caracter afavel na expressão simpatica que tão vincadamente o caracterizava.

D. Maria de Lourdes não é só uma esperança radiosa na pintura portuguesa, e positivamente já uma artista, muito segura no traço, com uma tecnica muito para apreciar nos seus verdes annos e no inicio da carreira que tanto a fascina e seduz.

Firmou já varias telas de valor, executadas com invulgar vocação e com caracteristicas firmes de talento, boa escolha dos assuntos, pareça de tons e desenho seguro.

O Museu Rafael Bordalo Pinheiro contará, desde hoje, mais um atractivo, que será devidamente apreciado pelo publico, como vivo atestado de que surge nos horizontes da pintura nacional, scintilantemente, uma artista, que, pelo estudo aturado e pela pratica tenaz, poderá vir a ser, como o seu illustre mestre, uma preciosa pintora no famoso ceu das belas artes portuguezas.

Do sr. Cruz Magalhães, illustre fundador do Museu Bordalo Pinheiro, recebemos a seguinte carta:

«Sr. redactor.—Nunca neguei justica a quem a merece e por isso mesmo sou cioso do que me é devido. Na lista de offerentes ao Museu Rafael Bordalo Pinheiro, relativa a 1926, não figura a minha humilde pessoa. Esta omissão não pode ser attribuida ao «Diario de Noticias». Ora, a verdade é que eu ofereci varios jornais e muitos recortes de jornais com referencias a Rafael Bordalo, ou ao Museu, assim como cartas de individualidades com referencias ao Museu, ou ao seu patrono. Ofereci tambem deca livros e duas molduras com desenhos originaes do insigne caricaturista, que me foram enviadas, com oitavante carta, pelo sr. dr. Alfredo da Cunha. Mais: uma jarra com lagarto; uma linda caneca da cor natural do barro, com admiravel ornamentação, exemplar encantador e pouco vulgar; um prato de fundo castanho com frutas; onze pratos de loiça industrial para mesa; uma va ornamental. Isto, fora a interferencia directa e decisiva que tive em ofertas importantes. Creio que, pelo facto de haver sido doador do proprio Museu, e de ser seu inspector «gratuito», não sou menos merecedor das referencias devidas a outro qualquer oferente.

Sou de V., muito srato, etc.—13-9-27.—Cruz Magalhães»

«DIARIO DE NOTICIAS»
6 Março 1927

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

E' hoje colocado no tecto da Sala de Homenagens e Recordações, do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, um belo retrato, a sanguinea, do seu glorioso patrono, devido ao pincel, já hoje notavel, de uma discipula do mestre José Malhoa, a sr.ª D. Maria de Lourdes, cujas produções revelam um talento deveras prometteador.

Pede-nos o nosso confrade sr. Cruz Magalhães, fundador do Museu e seu doador à Camara Municipal de Lisboa, que façamos um aditamento à lista publicada ultimamente, relativa aos generosos e benemeritos doadores ao mesmo Museu.

Den-se uma lacuna a respeito do sr. dr. Alfredo da Cunha, acerca de uma valiosa oferta, feita no dia 21 de Março de 1926 —duas molduras com desenhos originaes—acompanhadas por uma cativante carta, dirigida áquelle nosso amigo, explicativa da oferta no dia do anniversario do nascimento do prestigioso caricaturista.

Sabemos que Cruz Magalhães, já depois da doação do Museu à cidade de Lisboa, tem entregado varios e importantes doativos seus e de pessoas suas amigas ao Museu, e moveu alguns doadores, quasi todos os de 1926, a fazerem as suas valiosas ofertas, algumas a ele proprio dirigidas.

Entre os objectos adquiridos e oferecidos pelo fundador do Museu, no ano de 1926, figura uma caneca de ornamentação fina e delicada, uvas e parras, na propria cor natural do barro, exemplar de alto valor e nada vulgar.

«O SECVLO»
6 Março 1927

Museu Bordalo Pinheiro

A cerimonia da inauguração do retrato de Rafael Bordalo Pinheiro, numa das salas do Museu que tem o seu nome, e que se devia realizar ontem á tarde, ficou adlada para a proxima quinta-feira, em virtude da moldura do retrato não estar ainda concluida.

«DIARIO DE NOTICIAS»
7 Março 1927

Museu de Rafael Bordalo Pinheiro

Não se poudo realizar ontem a colocação do retrato do seu patrono, como estava annunciado, a qual se realiza na proxima quinta-feira, pelas 16 horas.

Numerosas pessoas all estiveram visitando as salas, entre ellas o sr. Quirino da Fonseca, vogal da comissão administrativa da Camara Municipal de Lisboa, que muito appreciou os trabalhos ultimamente expostos e, principalmente, o perfumador indiano.

«O SECVLO»
7 Março 1927

«DIARIO DE NOTICIAS»
4 Março 1927

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Uma oferta preciosa

Pelo sr. dr. Julio de Vilhena foi enviada, ao benemerito fundador do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, o nosso velho amigo e camarada na Imprensa sr. Cruz Magalhães, a seguinte carta da qual a um tempo ressaltam a intenção patriótica do respectivo signatario e o desvelado carinho com que o destinatario continua persistentemente procurando enriquecer o museu em questão:

EX.º sr. e meu prezado amigo.—Satisfazendo os desejos, repetidas vezes manifestados por v. ex.ª, resolvi ceder, desde hoje, ao seu Museu, a peça com que Bordalo Pinheiro me presenteou e que é uma das obras primas do grande artista.

Pego-lhe o favor de vir combinar comigo o modo de a transportar. Deve ficar registado que, se o Museu se desfizer e ela ainda existir, deverá passar, não para a posse de qualquer particular, mas para a de qualquer Museu Nacional.—Sempre de v. ex.ª, muito ven.º e amigo, —Lisboa, 23-2-27.—Julio M. de Vilhena.

Desta carta vê-se que, se as instancias do fundador e doador à Camara Municipal do Museu Rafael Bordalo Pinheiro foram repetidas, a espontaneidade actual do sr. dr. Julio de Vilhena foi mais resultante de generoso impulso proprio do que actuada pelos antigos pedidos, o que mais realça o benemerito oferecimento.

Trata-se duma peça de autentico valor artistico, que poderia figurar honrosamente em qualquer Museu do mundo, rival das jarras Beethoven e Manuelina. Esta já figura, como se sabe, no Museu do Campo Grande e da Jarra Beethoven, que pertence ao Brasil, existe uma bela reprodução na posse do sr. José Relvas.

O «perfumador indiano», nome da peça agora oferecida ao Museu rafaelino, figura, desde o dia seguinte ao da oferta, provisoriamente, na salinha da biblioteca, onde se conservará até se construir o model onde tem de assentar definitivamente. O doador ofereceu tambem o grande resguardo envidraçado da espendida peça ceramica, que passará para a grande sala, que lhe é propria, logo que a sua instalação all seja possivel.

O perfumador cheio de embrençados, em que as dificuldades tecnicas são levadas ao exagero e a fantasia de Rafael Bordalo Pinheiro se expandiu uberrima, ostenta duas reproduções das chamadas «Capelas do Bussaco».

Exemplos como o do sr. dr. Julio de Vilhena marcam pela isenção e pelo patriotismo, devendo-se-lhes registro laudatorio, por ser justissimo, e para que outros benemeritos sigam tão nobres exemplos.

«O SECVLO»
5 Março 1927

HOMENS DO PASSADO

BORDALO

O escritor Cruz Magalhães fala-nos da sua vida e do seu museu

Na casa do Campo Grande—ninho sagrado de reliquias de arte, onde vive, voluntariamente alheado do mundo, fóra do nervosismo estonteador da era que passa, Cruz Magalhães, figura de português legítimo de outros tempos, escritor da nossa terra, acolhe nos com uma simabilidade cautelante, que nos sensibiliza.

—Vinhámos procurá-lo para que nos dissesse do retrato de Rafael Bordalo Pinheiro...

—E' hoje, sim, a sua inauguração; executado por D. Maria de Lourdes de Melo e Castro, discipula ilustre do grande mestre de pintura José Malhóa, ele será colocado na sala de



honra do museu. E' um sanguineo que demonstra bem as qualidades de artista que o produziu, que mostra de uma maneira clara o merito do professor que leccionou essa artista. Será uma recordação mais a juntar a tantas que já existem, um preito de homenagem, bem merecido, ao glorioso Rafael Bordalo Pinheiro.

Cruz Magalhães fala-nos em seguida do museu, a sua doação á cidade de Lisboa por intermedio da Camara Municipal, e, a uma pergunta nossa, responde com convicção:

—Os museus não se fazem para criar receita—os seus fins são princi-

palmente instrutivos. Este, encerra a vida social, politica, literaria e artistica portuguesa durante mais de 50 anos.

Rafael foi o mais vivo e desinteressado defensor das belas artes, dos artistas; dos bons costumes e do renome da sua gloriosa Patria.

A indumentaria do Museu é importantissima; compõe-se de todos os tipos populares do tempo de Rafael Bordalo Pinheiro, principalmente nos primeiros anos da sua vida artistica; oleos, aguarelas, desenhos á pena e a carvão estão representados com rigor e beleza. Ha ainda a reprodução de velhas usanças: a antiga feira da ladra, a Praça da Figueira, vendedores e vendedoras das ruas, etc., etc.

—Dizem que a biblioteca se encontra por completar...

—A biblioteca do museu, ao contrario do que se tem dito, está completa, ou quanto possível completa: todos os jornais—coleções inteiras que o Artista illustre—no Brasil e em Portugal, em Espanha, França e Inglaterra, etc., etc. Todos os livros para que ele desenhou, e todos que a ele se referem: o aumento da biblioteca, de hoje para o futuro, será de um dos livros por ano.

E' exagerado o numero de estantes que ocupam paredes indispensaveis para se collocarem os retratos dos amigos, e oferentes de peças ao museu. Não influí, nem mesmo fui ouvido, como devia ser—pois consta do contrato—nem na factura nem na qualidade do mobiliario. Na sala de cerâmica, parte central, parede norte, devia haver um unico armario corrido de arco a arco. A cerâmica é que tende a desenvolver-se na sua exposição e não os livros—refiro-me, é claro, ao mobiliario mandado fazer pela Camara—. Seria conveniente construir um anexo, comunicando pelo arco, com a sala de cerâmica; obra simples, facil e de diminuto custo. Os armarios para exposição cerâmica possuem umas prateleiras, distantes 22 centímetros do fundo deles, desilegantes e inteiramente inúteis.

(Ver continuação na 4.ª pagina)

BORDALO

(Continuação da 1.ª pagina)

—Possue então o Museu todas as obras de Rafael...

—Não; ha cerâmica dispersa no Palácio da Pena, em Queluz, na Ajuda e no Jardim da Estrada, quando o seu lugar é no Museu. A lentidão das praxes burocraticas tudo demora e entristece, havendo ausencia de boa vontade, muita vez, em quem mais devia secundar os meus esforços para engrandecer o Museu. Ofereci—já depois da doação—muitas peças ceramicas, livros e jornais.

—Quanto ás obras dispersas...

—Quimo seria que todos os seus possuidores seguissem o nobre exemplo do sr. dr. Julio de Vilhena e de outros benemeritos cavalheiros, e enviassem para o Museu as peças que avaramente guardam. Podiam até fazê-lo sem perda da propriedade delas, como expositores. Entre outras pessoas, o sr. dr. Paulo de Moraes possui o grupo das Rãs sbrigidadas por um chapéu de chuva, e o sr. José Relvas tem a redução da Jarra Beethoven, etc., etc. Bem se sabe que estes perfeitos cavalheiros não precisam de incentivos para as suas benemerencias. Isto é simples lembrança. Ha ainda uma outra obra—um cão pregado com pregos, offerta feita por Rafael Bordalo Pinheiro ao falecido medico dr. Carlos Tavares. O facto foi este: Rafael foi tratado por este notavel medico a quando duma enfermidade qualquer. Pediu a conta e o medico não lhe levou dinheiro, por mais instancias que o artista fizesse. Então executou um cão, pregou-lhe os pés com 4 pregos e enviou-o ao dr. Carlos Tavares com um bilhete que dizia: *Traguei-lhe o cão!*

Não devo esquecer um grande auxiliar que tive, na preparação do museu de Rafael:—o professor Luis Calado Nunes que executou mais de 30 copias muito perfectas das obras de Rafael Bordalo Pinheiro. Um dia, Manuel Gustavo, vendo uma copia da capa do almanaque Camões de 1880, disse:

—Quando arranjou você este belo original de meu pai?

O grande mestre Columbano, vendo a copia dum desenho que representava o actor Brasão no «Fura Viduas» exclamou:

—Mas isto não é uma copia: é uma perfecta falsificação!

Estes factos que provam a perfeição inexcelsível com que Luis Calado executava as copias, produziram o boato de que o Museu Rafael Bordalo Pinheiro se apossava dos originais, fornecendo as copias ás pessoas que os concordiam.

E' claro que este boato me produziu um profundo desgosto sem falar de muitos outros, inumeraveis.

Cruz Magalhães, levanta-se: a sua figura fidalga, num requinte de amabilidade, acompanha-nos até ao portão do jardim. Despedimo-nos do escritor que, voluntariamente alheado do mundo, fóra do nervosismo estonteador da era que passa, se torda ainda com paixão os tempos do glorioso humorista...

" PORTUGAL "
Edição da tarde
10 março 1927

NO MUSEU RAFAEL BORDALO

Foi ontem inaugurado um primoroso retrato
do grande caricaturista



Da esquerda para a direita: O grande pintor Maltho, D. Maria de Lourdes Melo e Castro, D. Julieta Ferrão e Cruz Magalhães

Ha muito que não ia, quem estas linhas escreve, ao interessante Museu Rafael Bordalo, o templo de Arte do Campo Grande, onde continua a pontificar, apesar da doação que dele fez a Camara Municipal, como representante da cidade de Lisboa, o seu carinhoso fundador Cruz Magalhães.

A agradável visita de ontem foi uma surpresa e uma nova revelação. O culto de um artista, por outro grande artista mantém ali permanente o fogo sagrado de um entusiasmo e de uma admiração sem limites, que é verdadeiramente comovedor nestes tempos de terrível prosaísmo que vamos atravessando. A fogueira perpetua dia a dia vão atraindo a sua acha os admiradores da obra genial do Mestre da caricatura, de modo que tudo aquilo é hoje novo, mais espaçoso, mais claro, mais cheio de luz, de beleza e de harmonia.

Percorremos maravilhados as treze salas do Museu, onde se dispõem, com gosto e alto senso estético, pela mão entorecida de Cruz Magalhães e da directora do Museu, D. Julieta Ferrão, mais de mil trabalhos originaes de Rafael Bordalo, mais de mil reproduções e duzentas admiráveis peças de joia decorativa e escultura, revelando outra scintillante faceta do genio do Mestre—a do ceramista—não menos digna de admiração que as mais conhecidas do desenhador e do caricaturista.

Pois realizou-se ontem na linda casa portuguesa do Campo Grande, injustamente liberta da taboeta do Premio Valmor, uma pequena reunião de amigos do Museu, entre os quais (sa tout seigneur...) resplandecia a eterna mocidade do grande pintor Maltho, para assistirem á colocação, no tecto da sala de homenagens e recordações, de um primoroso retrato a óleo de Rafael Bordalo, obra de D. Maria de Lourdes Melo e Castro, jovem pintora cujo talento é mais o que uma promessa ou uma revelação, porque é já uma grande e absoluta certeza. O retrato, efectivamente, copia do ultimo que Rafael Bordalo tirou, é uma pequenina

obra-prima denotando na artista, moça ainda e animada daquela fé que removeu contra montanhas e é sempre o segredo do triunfo de todos os que tem verdadeiro talento, uma segurança admiravel de tecnica e um profundo e respeitador sentimento da responsabilidade da obra de que em boa hora se incumbiu.

A festa intima—que de festa é sempre o dia em que o Museu se enriquece com qualquer presente ou simples deposito—não meteu discursos nem convites officiais.

Tudo se passou com uma encantadora simplicidade.

O retrato lá ficou, na sua redonda moldura dourada, colocado sob as vistas de mestre Maltho, a saudar amigavelmente o visitante.

E o Bordalo da velhice, de sorriso de ironica bondade nos labios e monoculo a caminho do olho troista que soube fixar a rir os homens e os factos de um tempo que já lá vai para nunca mais voltar.

Assim pudessem, pouco a pouco, ser armados os tectos das outras salas, facil contribuição que os nossos pintores e caricaturistas sem custo podem fazer.

Realizou-se, após a colocação do belo retrato, uma visita ás dependencias do Museu, sendo muito admirados, entre tantas preciosidades, a monumental Jarra Manuelina e o Perfumador Indiano, recentemente oferecido pelo sr. Julio de Vilhena, maravilha sem par que por si só merece o passeio ao Campo Grande e a entrada no Museu.

E o proposito desta doação generosissima e inteligente (onde mais digno e seguro lugar para guardar esta peça unica e primorosa?) cumpre-nos noticiar com prazer que na sessão de ontem da Camara Municipal de Lisboa, por proposta do sr. Bivar de Sousa, aprovada por aclamação, ficou exarado na acta um voto de laavor e agradecimento ao espirito culto e eminente do sr. Julio de Vilhena, voto a que todos os portugueses que admiram o preciosissimo perfumador se hão de associar de todo o coração.

" DIARIO DE NOTICIAS "

11 Março 1927.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Inaugurou-se ontem, na sua sala de homenagens, um retrato do grande artista



O perfumador indiano, obra admirável de Bordalo Pinheiro, que o sr. conselheiro Julio de Vilhena ofereceu ao museu que tem o nome do glorioso artista

Procedeu-se ontem, na sala de homenagens do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, ao Campo Grande, á inauguração do retrato do grande caricaturista, pintura a óleo da sr.^a D. Maria de Lourdes de Melo e Casico, discípula do consagrado artista José Malhoa. O retrato reproduz a última fotografia conhecida de Rafael Bordalo. A cerimonia, que se revestiu de uma grande simplicidade, assistiram as famílias da sr.^a D. Maria de Lourdes e do sr. Cruz Magalhães; o pintor sr. José Malhoa e varios admiradores da obra de Rafael Bordalo.

A comissão administrativa da Camara Municipal de Lisboa resolveu, na sua sessão de ontem, exarar na acta um voto de louvor ao sr. dr. Julio de Vilhena, pela generosa cedência que fez ao Museu Rafael Bordalo Pinheiro de um magnifico perfumador arabe, da autoria do saudoso artista.

"O SECULO"

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Faz hoje 11 anos que o distinto escritor sr. Cruz Magalhães generosamente franqueou ao publico o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, actualmente propriedade da cidade de Lisboa, representada pelo seu municipio.

Em redor da obra do grande artista ia-se fazendo o esquecimento e se não é a realização do Museu Rafael Bordalo, já talvez se encontrasse restrita á saudade e admiração de alguns.

A data de hoje recorda o triunfo consolador de uma vontade posta ao serviço da veneração carinhosa que é devida áqueles de quem se pode dizer que foram dos maiores a honrar a nossa terra.

E nos grato citar o aumento consideravel de visitantes que de mês para mês se regista, e as valiosas ofertas que o Museu tem recebido. Assim, entre as varias dadiyas que este ano já foram feitas, destacam-se pela sua importancia as dos srs. dr. Julio de Vilhena, Cruz Magalhães, Delfim Guimarães, D. Helena Bordalo Pinheiro, Eduardo Fernandes, José Castello Branco, Julio Palmeirim, Antonio Pedro Mendes, Francisco Valença, dr. João Baptista Frazão, Henrique Perdigão, etc., etc.

11 março 1927.

"DIÁRIO DE NOTÍCIAS" 6 Agosto 1927

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Reinfram-se os Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, tomando conhecimento da importante oferta feita ao Museu pelo sr. dr. Julio de Vilhena, que um gesto de generosidade exemplar se despossou de uma das mais valiosas e artisticas peças de ceramica do glorioso artista. Foi exarado na acta um voto de louvor áquele doador, assim como ao sr. José Castello Branco, que numa visita recente ao Museu fez entrega de uma linda jarra, feita por Bordalo em homenagem a Taborda. Resolveram tambem felicitar o socio Saavedra Machado pelo seu estado acerca de «Os fadistas de Portugal», e tambem foi proposto um voto de agradecimento ao dr. Arnelim Junior por um serviço gentilmente prestado aos Amigos-Defensores.

Em seguida foi resolvido criar uma quota suplementar, annualmente fixada, com destino á compra de objectos rafaclinos para o Museu.

Foi eleito 1.º secretario perpetuo o caricaturista sr. Alfredo Candido e tesoureiro o sr. Pedro Baptista Ribeiro.

Depois de tratados assuntos de caracter administrativo do grupo, foi encerrada a sessão.

"DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

6 Abril 1927

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Tem continuado a ser muito visitado este museu, que é hoje, sem contestação, uma das curiosidades mais notaveis de Lisboa. Glorifica-se um grande artista português, notavel por ser o mais brilhante caricaturista do seu tempo e por ter ressurgido com elegancia e originalidade a velha ceramica das Caldas.

O Museu Rafael Bordalo tem sido ultimamente enriquecido por ofertas de valor, entre as quais se destacam as realizadas pelos srs. dr. Julio Vilhena, Cruz Magalhães, Delfim Guimarães, D. Helena Bordalo Pinheiro, Eduardo Fernandes, José Castello Branco, Julio Palmeirim, Antonio Pedro Mendes, Francisco Valença, dr. João Baptista Frazão e Henrique Perdigão.

"O SECULO"

10 Junho 1927

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Passa hoje o 11.º anniversario da inauguração do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, fundado por iniciativa particular e propriedade, actualmente, da Camara Municipal de Lisboa.

Cruz Magalhães, seu fundador, organizador e doador, conseguiu com inigualavel dedicacão e grande dispêndio de energia e dinheiro reunir all grande parte da obra dispersa do grande mestre da caricatura.

Pelo crescente numero de visitantes e pelas ofertas que lhe têm sido feitas, nota-se que o Museu, paciente iniciativa e organização daquele bom amigo, vai cada vez mais interessando o publico e especialmente os amadores e coleccionadores das obras dos nossos artistas.

Oxalá todos os possuidores de obras de Rafael Bordalo, graficas ou ceramicas, ou que ao artista digam respeito sigam o exemplo daqueles generosos ofertantes que brilham no Quadro de Honra dos doadores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

Entre os doadores deste não destinam-se os nomes dos srs. Cruz Magalhães, dr. Julio Vilhena, José Castello Branco, Julio Palmeirim, D. Helena Bordalo Pinheiro, Delfim Guimarães, Antonio Pedro Mendes, Francisco Valença, Henrique Perdigão, dr. João Baptista Frazão, etc., etc.

"O SECULO"

6 Agosto 1927

El geni portuguès

L'OBRA DE BORDALO PINHEIRO

L'actualitat literària ha fet estendre per la Península l'obra poètica d'un lusità d'excepció, Anthero de Quental, quan la senyora Emília Bernal, l'exquisida poetessa cubana ens ha donat la traducció completa dels seus sonets. Diguem, de passada, que la senyora Bernal s'aplica ara a traduir poemes catalans, amb la mateixa fervor que suava traduint poemes portuguesos, entre els quals cal esmentar Nobre i Dantas.

El nom de Dantas, l'il·lustre autor de «A Ceia dos cardeais», ens suggereix un altre nom famós entre els intel·lectuals portuguesos vuitcentistes: el del caricaturista Bordalo Pinheiro, car Juli Dantas li ha dedicat un dels seus estudis crítics més remarcables.

Rafael Bordalo Pinheiro fou un dels homes més significats i més significatius de la intel·lectualitat portuguesa del segle XIX, aquesta «élite» que compta amb noms com Camil Castelo Branco, Eça de Queiroz i Anthero de Quental, noms que han passat les fronteres. Bordalo Pinheiro les passà també, amb les seves formidables caricatures, que tan influïren en la formació espiritual dels seus compatriotes.

Com escriu una distingida escriptora, que ha dedicat a Bordalo Pinheiro un volum i diversos estudis crítics, la senyora Julieta Ferrao, el gran artista lusità «conseguiu dar às suas figuras movimento, o segredo da vida, extraordinaria graça nos contornos, intençaõ cômica nas atitudes, indicando com segurança e largueza as sombras e a luz, fazendo-as realçar com notável veracidade e relevo». Més endavant, Julieta Ferrao afegeix: «Foi um extraordinário e matamorfoseador da máscara humana, a ponto de apresentar a mesma criatura debaixo dos mais variados aspectos, reconhecendo-se em todos eles a personagem alvejada».

Naturalment, l'obra de Bordalo Pinheiro és un document preciós per a la història política i intel·lectual portuguesa de la segona meitat del segle passat, car l'eminent artista va viure de 1846 a 1905, i feu les seves primeres armes artístiques envès el 1868, no deixant de treballar en tota la vida. De molt jove assolí la celebritat, amb els seus àlbums de caricatures, tals com el «Calcanhar de Aquiles», que data de 1870 i els seus «Proverbios e Anexins», sense oblidar la seva col·laboració en la premsa satírica de Portugal i del Brasil: periòdics com «O Binoculo», «A Berlina» i «A lanterna mágica», o com «O Mosquito» i «O Bascuro», popularitzaren la seva signatura en els dos continents.

Però Rafael Bordalo Pinheiro no fou solament un geni de la caricatura. Portugal li deu l'actual escola de ceràmica, car fou ell qui reformà els procediments i l'art de la llosa de Caldas de Rainha, avui en plena prosperitat. I fins Portugal s'honora tenint un «Museu Rafael Bordalo», on es conserven les seves obres escultòriques i nombroses caricatures seves, i que és indispensable de visitar per a seguir l'evolució de la ceràmica moderna en terres lusitanes. Dirigeix aquest Museu la senyora Ferrao, per a la qual la vida i l'obra

del gran artista no tenen secrets. Bona mostra en dona amb el seu darrer volum «Rafael Bordalo Pinheiro e a critica», publicat no fa gaire a Coimbra.

Cal, doncs, consultar el seu llibre, així com els estudis de Dantas, ja esmentat, i els de Juli César Machado i de Gomes de Brito, per conèixer a fons l'obra d'una de les intel·ligències més despertes del Portugal vuitcentista, aquest Portugal inquiet i ple de sentiments i d'idees generosos, que dissortadament és desconegut de la resta de la Península. Per fortuna, el nombre de lusòfils augmenta cada dia a casa nostra, i és d'esperar que a no trigar gaire, per obra d'uns i altres, les intel·lectualitats peninsulars viuran menys divorciades, cosa que afavorirà llur comprensió i llur respecte mutu.

J. B.

"La Ven de Catalunya"
7 Setembro 1927
art. do Pinto
Joaquim Bisca

Museu Rafael Bordalo

Um justo preito dos artistas portugueses ao seu organizador

Na ultima reunião da assembleia geral da Sociedade Nacional de Belas Artes foi resolvido louvar o sr. Cruz Magalhães, organizador e doador, a Camara Municipal de Lisboa, do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, resolução esta que acaba de ser comunicada aqúelle honroso prezado amigo, no seguinte officio, tão honroso quanto sob todos os pontos de vista justificado:

Ex. mo sr.:—Tenho a honra de informar a v. ex.ª de que, em reunião da assembleia geral desta Sociedade foi resolvido, por unanimidade, exarar na acta um voto de louvor pela obra importantissima realizada por v. ex.ª no Museu Rafael Bordalo Pinheiro e, bem assim, pela generosa cedença, do mesmo Museu, a Camara Municipal de Lisboa.

O gesto de v. ex.ª e o carinho com que tem orientado o Museu Rafael Bordalo Pinheiro cataram profundamente no animo dos artistas desta colectividade, que se apressam a manifestar a v. ex.ª a sua profunda admiração.

Com os protestos da mais elevada consideração, sou de v. ex.ª, etc.—o presidente da assembleia geral—7 Outubro 1927—Jorge Colaço.

Vem a proposito noticiar que o Museu Rafael Bordalo não só continua a ser muito visitado como tem recebido varias ofertas, que, a seu tempo, serão tornadas publicas.

"O Século"
14 Outubro 1927

Cruz Magalhães

A Sociedade Nacional de Belas Artes, na sua ultima assembleia geral, resolveu, por unanimidade, exarar na acta um voto de louvor pela obra importantissima realizada pelo sr. Cruz Magalhães no Museu Rafael Bordalo Pinheiro, e bem assim pela generosa cedença do mesmo Museu a Camara Municipal de Lisboa.

Esta resolução, que envolve uma merecida homenagem, foi comunicada ao sr. Cruz Magalhães em amabilissimo officio firmado pelo sr. Jorge Colaço, presidente da assembleia geral de S. N. B. A.

"DIARIO DE NOTICIAS"

14 Outubro 1927

Museu Bordalo Pinheiro

Para propaganda do Museu Bordalo Pinheiro, na qual tanto se tem empenhado o apreciado escultor sr. Cruz Magalhães, que é um grande admirador do saudoso artista, foram illudadas as instalações daquele estabelecimento. Na illa, que correu ante-ontem, no salão Central, perante a imprensa e convidados, reproduziram-se todos os aspectos das salas com as suas colleções de trabalhos de Bordalo Pinheiro, como caricaturista e ceramista.

E' cada vez maior o interesse que está despertando o Museu, cuja fundação se deve ao sr. Cruz Magalhães. 25-11-27

O Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Vai ser exhibida uma fita cinematografica com alguns dos mais curiosos aspectos das suas salas

O Museu Rafael Bordalo Pinheiro, fundado e doado a Camara Municipal de Lisboa pelo sr. Cruz Magalhães, continua a ser o objecto da devoção desse admirador do grande artista. Por sua intermediação e graças a solicitude do sr. Raul Lopes Freire, amigo do doador, foram illudadas as salas, o exterior do edificio do Museu e o monumento do artista, que brevemente serão exhibidas nos cinemas de Lisboa e Porto e do Brazil.

Essa admiravel obra de propaganda, que conviria fosse feita para todos os nossos museus, levaria, possivelmente, a Exposição de Sevilha a noticia do esforço que representa a reunião das colleções do grande caricaturista e ceramista português.

Na Exposição do Rio de Janeiro obtve o Museu o diploma de honras e a Medalha de honras, enriquecido com subditos novos, deve marcar tambem em sevilha um lugar saliente.

O sr. Cruz Magalhães, com quem conversamos acerca da sua bela iniciativa de fazer illuar o Museu, mostrou-se muito satisfeito com esse novo elemento de propaganda da obra a que consagra todo o seu carinho, accentuando que a aduencia do publico, que já e enorme aumentara com a exhibição do filme. Lamentou, contudo, que ainda continuem noutros museus e nos Palacios Nacionaes algumas peças da autoria de Rafael, que deviam figurar no seu Museu.

Tambem nos disse, com mágoa, que o magnifico «Perfumador Lusitano», oferecido ha um ano pelo sr. dr. Julio de Vilhena, a celebre «Barra Manuelina», ainda nao estão collocados nos lugares onde o devem ser, nem em evluencia e devidamente resguardados.

E' que acerca do Museu Rafael Bordalo Pinheiro subsiste o criterio de que deve dar receitas, que nao sao applicadas em beneficio das suas instalações. Assim, ha tempos, foi proposta a Camara Municipal a adquisição de 14 desenhos originaes, antigos, de Rafael Bordalo Pinheiro, por orçenta escudos, proposta que nao foi aceita. Felizmente, continuam a ser recebidas no Museu varias doações, entre as quais avultam, recente mente, as do mestre Columbano, irmão do glorioso artista.

"O SECULO"
14 Novembro 1927.

MUSEU BORDALO PINHEIRO

Um «film» das instalações do interessante estabelecimento

Não se extingue o ambiente de carinho que ha muito vem sendo cercado o Museu Bordalo Pinheiro, cujo fundação se deve ao apreciado escritor sr. Cruz Magalhães, grande admirador daquele saudosissimo artista.

Assim, continua sendo feito o devido enlhecimento daquela casa em que tantas recordações do talento do mestre consagrado atestam a maneira brilhante como ele só fez notar entre os valores de arte e do humorismo do seu tempo.

Para completar a propaganda com que é necessario acurhar esse estabelecimento tão honroso para a capital, effectuou-se um «film», cuja projecção inaugural, para convidados e para a imprensa, se deu ontem de tarde no Salão Central.

Com o pretexto de uma visita ao Museu e encontrando-se á frente dos visitantes os srs. dr. Magalhães Lima, Cruz Magalhães e Alvaro Neves, reproduziram-se em fita todos os aspectos do magnifico edificio, as suas instalações interiores, as suas colleções de trabalhos do distinto desenhador, caricaturista e ceramista, nem tendo faltado estampar o recanto onde ali estão agrupadas algumas das aguarelas que, de seu punho, ele nos deixou.

A passagem do «film» foi saudada com muitas provas de agrado da parte de todos os assistentes.

25-11-27.

"DIARIO DE NOTICIAS"

25 Novembro 1927.

"O SECULO"
26 Novembro 1927.

Museu Bordalo Pinheiro

Foi de espontanea iniciativa do sr. Baul Lopes Freire, o conhecido empresario cinematografico, a louvavel ideia da realizacao de um "film" com aspectos do Museu Bordalo Pinheiro, a que ja ontem nos referimos. O habil operador sr. Mary fez verdadeiros prodigios de tecnica na execucao desse "film", que muito breve veremos no "ecran" em propaganda da mais bela obra de consagração de um grande artista do que temos conhecimento.

"DIARIO DE NOTICIAS"
24 Novembro 1927

Museu Bordalo Pinheiro

Acompanhado por um dos seus secretarios, o sr. ministro do Interior visitou ontem o Museu Bordalo Pinheiro, pelo qual, como presidente da Camara, sempre revelou o maior interesse.
28-11-1927.

DIARIO DE NOTICIAS
28 Novembro 1927

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

O sr. ministro do Interior, voltou a visitar o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, manifestando regosio por ver quanto tem prosperado aquele verdadeiro tempozinho de arte, em que se presta culto a um dos maiores caricaturistas e ceramistas da nossa terra, que deixou uma obra vastissima da qual o Museu possui alguns milhares de especimes curiosos. 28-11-1927.

O SÉCULO
28 Novembro 1927

Olympia

«A montanha sagrada», «As preciosidades artisticas do museu Bordalo Pinheiro». Orchestra-jazz.

"Comercio do Porto"
28 Dezembro 1927

HOJE NO OLYMPIA

Programa U. F. A.

Grandioso successo ea surpreendente producao alemã

A MONTANHA SAGRADA

A pequenez, a insuiciencia do homem ante a grandiosidade do universo. O primeiro papel n'este film de verdadeira arte pertence á Natureza tratado por um prisma psicologico absolutamente imprevisto. Sumptuosas visões da Montanha Nevada, do Ceu e do Mar perpassam n'esta producao cinematografica compondo o mais vibrante hino de gloria á Paisagem. Interpretacao da formosissima artista LENI RIEFENSTAL no papel da BAILARINA BIONDA

Film para os intelectuaes

O interessante film natural

As Preciosidades Artisticas do Museu Bordalo Pinheiro

Deliciosa musica pela Fabre's Melody Band

MURGEN "SUMMER" DER DEUTSCHEN KOLONIE BEWIDMET

As bilheteiras abrem a 1 hora da tarde

"O Primeiro de Janeiro" (Pato)

29 Dezembro 1927

Museu Rafael Bordalo

Ante-ontem, domingo, foi o Museu Rafael Bordalo Pinheiro visitado por "a massa", o que significa aumentar constantemente o interesse do publico pelo referido Museu. Esse aumento manifestou-se, porém, ainda nas avultadas e importantes ofertas que lhe têm sido feitas, tais como: pelo sr. Antonio Manuel Paulo, 2 lindas peças ceramicas, pelo sr. Cruz Magalhães, 30, idem; pela sr.ª D. Helena Bordalo Pinheiro, 5, e um album de postais illustrados com autografos do glorioso caricaturista; pelo sr. Mendes Pereira, 2 peças de ceramica antiga; reveladas do que era a louça caldense; antes da influencia benéfica de Bordalo; pela sr.ª D. Libânia Pacheco Paulo, um precioso "John Bull", talvez peça unica, o sr. Silva Fernandes tambem ofereceu varios numeros da "Parodia", e o sr. Cruz Magalhães, benemerito fundador e organizador do Museu, muitos documentos para o respectivo arquivo.

"O SECULO"

3 Abril 1928

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Reviviu-se, com o bom tempo, a affluencia a este museu, situado no Campo Grande. No ultimo domingo registaram-se 111 entradas. Firmon-se tambem, no ultimo trimestre, o interesse pelo importante museu rafaelino, manifestado nas varias e importantes ofertas recebidas: o sr. Antonio Manuel Paulo ofereceu duas graciosas peças de ceramica; o sr. Cruz Magalhães, trinta, entre as quais uma antiga, caracteristica do que foi a ceramica das Caldas antes do renascimento nella operado pelo grande ceramista, patrono do museu; a sr.ª D. Helena Bordalo Pinheiro, seis, e um album constituído por postais illustrados, todos autografados por seu glorioso pai; o sr. Mendes Pereira, três curiosissimas peças tipicas, reveladoras dos pavoros artisticos que se produziam nas Caldas antes da benéfica influencia de Bordalo Pinheiro; a sr.ª D. Libânia Capucho Paulo, uma peça, talvez unica, representativa de John Bull, verdadeiramente preciosa pela raridade e perfeita execucao; os sr.ªs Silva Fernandes e Cruz Magalhães ofereceram ainda: o primeiro varios numeros da "Parodia" e o segundo muitos e variados documentos para o arquivo do museu.

Foizamos com o interesse que o rico museu do Campo Grande está despertando no publico em geral e nas pessoas que podem enriquece-lo mais ainda.

"DIARIO DE NOTICIAS"

3 Abril 1928.

"Vultos de ontem - Vultos de hoje"

por CRUZ MAGALHÃES

É este o titulo do ultimo livro do distinto escritor sr. Cruz Magalhães, benemerito fundador do Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

Consta a obra de traços biografico-anecdóticos de personalidades em destaque e mais ou menos conhecidas, falecidas umas e outras ainda vivas, todas das relações e amizade do autor.

Dividiu o sr. Cruz Magalhães a sua obra em duas partes, a primeira — *Vultos de ontem* — dedicada aos mortos, a quem presta sentida e saudosa homenagem. A segunda parte — *Vultos de hoje* — é dedicada aos vivos, e, como a primeira, dá-nos a conhecer particularidades curiosas da vida e caracter dos biografados.

É, enfim, um livro interessante, escrito com hombridade e isenção, numa linguagem simples e despretençiosa que agrada.

A edição, da Livraria Universal, de Lisboa, é cuidada.

A capa, de autoria do insigne caricaturista sr. Francisco Valença, é sugestiva.

Contém o livro um desenho inédito de Saavedra Machado, representando a casa onde nasceu o venerando ex-presidente da Republica, dr. Antonio José d'Almeida.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Continua sendo visitadissimo o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, instalado, como se sabe, no Campo Grande, e que, graças aos incansaveis esforços do seu organizador e benemerito doador a Camara Municipal, o nosso amigo sr. Cruz Magalhães, já, só neste mes, foi enriquecido por 45 novas peças de lalança do grande ceramista Rafael Bordalo.

No referido Museu começa, hoje, a ser observado o horario de verão, estando, assim, patente, das 12 ás 18 horas.

"O SECULO"

6 Maio 1928

MUSEU BORDALO PINHEIRO

Por muito acertada resolução camararia, e tendo em vista a hora de verão, foi alterado o horario de abertura deste interessante museu para a 1 hora da tarde e a do encerramento para as 7.

Ainda no domingo foi o museu muito visitado, tendo ali estado, em demorado e minucioso exame aos trabalhos expostos, o thenre ministro do Comercio.

DIARIO DE NOTICIAS

8 Maio 1928.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Visitou, ante-ontem, o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, tendo-se manifestado magnificamente impressionado com a visita, que foi demorada e em que o acompanhou o organizador do referido Museu, o nosso amigo sr. Cruz Magalhães, o sr. ministro do Comercio.

"O SECULO"

8 Maio 1928.

MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO

...Sr. redactor do "Seculo", prasado amigo—Peço um continho do seu importante jornal para varrer a minha testada a respeito de um assunto aparentemente restrito, mas de verdadeiro interesse para todos os generosos e benemeritos doadores que oferecem objectos aos nossos museus; e sempre é bom repetir que os museus são estabelecimentos de educação geral, além de favorecerem varias classes com elementos precisos para o aperfeiçoamento de muitos ramos do labor mental e social dos povos.

Bom é tambem fluminar o espirito de certos estetas esteticos, que não vêem utilidade nos museus, e convencê-los de que nunca museu algum se criou para dar receita; como elementos pedagogicos, compemam as inevitaveis despesas com os largos beneficios de prazer espirital e de ensinamento pratico que facultam aos visitantes.

Escrevo esta carta porque muitas pessoas me julgam responsável por factos de que responsabilidade alguma tenho.

Entro no assunto principal.

A "Jarra Manuelina", peça notabilissima de ceramica, que honraria qualquer museu do mundo, está exposta ao publico no Museu Rafael Bordalo Pinheiro, ha quasi dois anos; sobre o ladrilho do chão, sem que a Camara Municipal tivesse querido até agora dispôr da mísera quantia bastante para que se lhe faça uma base e os competentes resguardos!!!

O "Perfumador Indiano", extraordinario prodigio da ceramica, devido ao genio fecundo e fantasista de Rafael Bordalo Pinheiro, espera, ha ano e meio, que se lhe prepare a base condigna; está em sala impropria, num movel mais improprio ainda!!!

A "Jarra Manuelina" ingressou no Museu, graças a influencia amavel do sr. general Sinel de Cordes, quando ministro; o "Perfumador Indiano" foi altruisticamente oferecido pelo sr. conselheiro Julio de Villena, num rasgo consciante de esteta verdadeiro e benemerito. Estes cavalheiros a mim se dirigiram, quando se dignaram favorecer o Museu.

Ora, o designio, que eu espero dever ao "Seculo" com a publicação destas desataviadas linhas, é certificar áqueles cativantes oferentes e ao publico que tenho procurado por todas as formas e feitos, insistentemente, remediar este portuguesissimo desleixo, que em nada honra os nossos foros de País civilizado.

O interesse por estas "minharias" é tal, que os individuos mais directamente implicados no dever de zelar o bom nome do Museu, cujos guardas não têm fardamento decente, que não obtem um decente capacho para a entrada, etc., etc., nem sequer lá põem seus preciosos pés!!!

Estas e varias outras pertipectas serão escalpelizadas num folheto que intitularei "Pontos nos 11".

É quasi certo que o "Perfumador" e a "Jarra", peças do mais alto valor intrinseco e artistico, permanecerão ainda largo tempo como estão, miseravelmente expostas. Fica, porém, assente que responsabilidade alguma me cabe no deploravel facto.

Muito grato pela publicação desta carta se confessa o antigo colaborador do "Seculo" e sempre leitor dedicado, etc.

Campo Grande, Junho de 1928.

Cruz Magalhães

"O SECULO"

6 Junho 1928.

"O Primeiro de Janeiro" 5 Abril 1928.

PALAVRAS AO VENTO

POR

SILVERIO BOTELHO DE SEQUEIRA

XLIV

A deturpação da Estética — A parvulez do Snobismo — O atoleiro da petulância — A grotesca arte-nova dos pinta-monos — Os velhos Mestres do traço gracioso — Bordalo Pinheiro e a sua escola — Os incompreendidos — Os futuristas — Os grandes genios da Arte — Os verminosos pigmeus de monturo — Cruz Magalhães consagrando as Belas-Artes condena o Futurismo — A glorificação da recua dos Burros.

O espirito loaz do modernismo, quando obessão de uma originalidade mesquinha e desconexa, tem como resultado fatal a defeccção e a deturpação da Estética.

E essa deturpação, que é a característica da parvulez do snobismo dominante, tem operado em todas as modalidades da Arte, sem direitos de feição nem de residencia nem de tolerancia, no espirito dos que a da sabem render as homenagens a sua admiração ás Belas-Artes e ao Bom-Gosto.

Para quem saiba observar do lugar alto e seguro do bom critério a onda de desvario que inundou a campina fértil do bom-senso, verá facilmente que ela ficou esterilizada pelo atoleiro procaz da petulancia e da imbecilidade.

Não foi só o gentil meneio da arte coreografica, subvertido pelas anomalias teratologicas do aleijado *Fox-Trot* e do *Charlstone* cambaio, nem foi apenas o campo da Harmonia, aniquilado pela torpeza do obnoxio *Jazz-Band*, que fizeram as delicias destas cronicas destinadas ao vento.

Outra modalidade grotesca da Arte moderna tem que ser escarpelada, sobre esta meza anatomica, pelo bisturi esvornante da minha Conklin.

Essa arte grotesca é a arte dos pinta-monos falidos, que se arvoram no alto da sua petulancia oca, extasiados em sua personalidade, tão apagada, quanto fulgurante se lhes afigura á sua inopia, pelo facho radioso de um Genio de fancaria.

Triste condição da vacuidade mental, da banalidade pacovia e do engenho balofol!

Contavamos, entre os nossos esenhistas populares, creadores e genio e de talento, respeitadores das formulas da graça, que num traço gracioso sabiam equilibrar o grotesco com o verosimil e se impunham do alto da sua cathedra de artistas á admiração do seu publico.

Eram os discipulos disciplinados do grande Mestre Rafael Bordalo, como o admiravel Francisco Valença, o muito apreciado Alonso, o mui discreto Barradas e outros nomes consagrados, que, num trabalho valioso e persistente, cooperavam sorridentes em publicações periodicas e em cartazes esplendidos, para a consolidação da boa graça portugueza.

Arribaram, porém, infelizmente, ao porto da nossa paciencia, uns piratas arrivistas, naufragados no pelago da ininidade e da estulticia, uns desconchavados

sem nome e sem talento, escoicinhados pela adversidade dos nulos, e que, não conseguindo ser entendidos por pessoas normais, desataram a denominar-se a si proprios — os Incompreendidos e os futuristas.

Como se o futuro da Arte consistisse no seu aniquilamento e como se a compreensão de um artista exigisse o apreço das suas torpezas!

Certos periodicos começaram então a acolher desenhos inconcebiveis, de traços mauditos e inverosimeis, para illustração de ditos picarescos e com pretensões a fazer escola, assentando arraijais na indisciplina e na desfaçatez da ignorancia!

Cartazes neo-artisticos brotaram por aí em parvoçadas com pretensões a caricaturas de reclos a certas individualidades notaveis como, recordo ainda, á eminente recitalista e declamadora Marta Singerman, vilipendiada pelas esquinas e pelos graneis, ao sabor das enormidades irreverentes de lapis de fancaria!

Um querido amigo, escritor e poeta, Cruz Magalhães, delicado espirito de artista, talento de eleição, consagrado ás mais puros ideais da Estética, devotado cultor da obra e da memoria de Bordalo Pinheiro, um o organizador de um Museu dedicado ao Mestre, que é uma das mais fulgurantes scentelhas do facho radioso das Belas Artes em Portugal, recomendou-me em tempo, á minha benevolencia e á minha protecção de assinante, uma revista artistica, onde havia de pontificar um grupo de moços esperançosos e de assegurado talento, a qual se propunha, nada menos, do que a promover o ressurgimento nacional!

Cedi immediatamente ao amigavel apêlo e, ao receber o seu primeiro numero, verifiquei com friesa, mas com discreção, que a esperançosa revista concentrava em si a mais consumada e chã banalidade.

Mas o segundo numero deste ressurgimento é que foi o rastilho igneo, lançado á explosão iminente do meu protesto!

Duas paginas de homenagem ás moças gentis do campo ofereciam a minha vista indignada o producto excretoric e insolente da mais abjecta concepção artistica!

Nada daquilo era arte, porque era tudo excesso de infamia e mingua de escrupulos!

Nada daquilo era desenho, porque era um escarneio e um insulto, arrmessado ao espirito delicado e gentil dos que, só em homenagem á Arte, tinham ani-

mado com o seu auxilio e com o seu pecúlio a proclamada revista!

Aqueles grotescos desenhos em que moços e moças eram representadas pelos monstros mais hediondos e pelos arabescos mais inverosimeis e tortuosos, sem figura, sem feição, sem anatomia esem respeito pelo genero humano, eram o aborto de qualquer fantasia mesquinha e torpe!

Aquele modernismo e aquele Futurismo, que o meu espirito do passado e o meu espirito do presente não podiam num escarador ou num monturo!

Por baixo desse mostrengo escrevi eu immediatamente a justa concepção inspirada na sua analyse, que eu não posso aqui reproduzir, mas que conservo para gaudio de curiosidades amigas, tendo enviado a Cruz Magalhães a minha circunstanciada apreciação, com o meu pedido de licença para devolver á redacção a revista, negando-me a receber os restantes numeros da minha assinatura já paga.

Como epílogo, muito grato ao meu espirito, recebi do illustre escritor a mais absoluta concordancia com o meu sentimento artistico e o maior aplauso á minha indignação.

Mas tenho de confessar que eu não esperava o contrario daquele raro espirito de eleição, que tem consumido grande parte da sua vida e dos seus interesses pessoais na consagração da obra admiravel de Rafael Bordalo Pinheiro.

E ainda bem que tão iluminados espiritos dardejaram do alto do seu engenho os seus raios fulminantes contra os heréticos demolidores da Arte, porque, na frase de Juvenal, «*não ha indulgência mais tola que perdoar com o silencio á infinita recua de Burros que de toda a parte embicam e esbarram no homem sensato*» e cada um deles, na frase lapidar de José Agostinho de Macedo,

«*Conserva a estupidez de alma no centro,*

«*E se é burro por fóra é mais por dentro.*»

Feliteira, 21 de Junho de 1928.

Nota. — Tarde me chega, depois desta escrita, o gentil reparo do Sr. Maia Alves ás minhas «*Palavras*» sobre a dança.

Não sendo correcto responder em simples nota ao illustre paladino tungéfilo, fica desde já S. Ex.^a meu vis-á-vis para a proxima ontradança. E por agora... *chacun à sa place.*

sempre, mas reformo minha

DE LUTO

Morreu

ONTEM
o publicista
Cruz Magalhães

Faleceu ontem, vitimado por uma congestão, o ilustre publicista Cruz Magalhães, cujo nome gosava duma grande reputação nos nossos meios literário e artístico.

Cruz Magalhães tinha-se dedicado, nos últimos anos, á organização do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, a que mais de uma vez nos referimos com a merecida justiça. A ele se deve, em grande parte, o terem sido salvos do esquecimento algumas obras-primas de Mestre Rafael, que hoje se podem admirar no precioso museu do Campo Grande.

Cruz Magalhães tinha oferecido a propriedade do museu á Camara Municipal, com a simples condição de lhe ser fornecida luz electrica para a sua residencia. Era uma condição minima, que aumentava uma verba insignificante ao orçamento camarario: trinta ou quarenta escudos por mês, em troca dum museu cujo rendimento se elevava a muito mais.

Pois bem: ha dias cortaram-lhe a electricidade sem motivo justificado. Cruz Magalhães reclamou. Não o atenderam. O ilustre publicista foi para a sepultura com essa magua. Anos seguidos de trabalho e de dedicacão por uma ideia que devia ser acarinhada por toda a gente, uma ideia nacional, valeram-lhe no fim da vida um gesto de ingraticão, que o devia ter desiludido da bondade dos homens—e até do simples cumprimento dos seus deveres.

Cruz Magalhães, que foi colaborador incansavel de alguns jornais, legou-nos uma obra dispersa, que nem por isso deixa de ser menos valiosa.

A familia enlutada apresenta o *Diario de Lisboa* a expressão sincera do seu pesar.

"DIARIO DE LISBOA"
9 Agosto 1928

Cruz Magalhães

Faleceu o distinto publicista e fundador do Museu Bordalo Pinheiro

Uma triste e brutal noticia nos surpreendeu ontem ao começar da faina de cada noite: morreu Cruz Magalhães.

Artur Ernesto de Santa Cruz Magalhães é um nome que todos os portugueses, e sobretudo todos os lisboetas, devem reter carinhosamente na memoria. Assim lho impõe a obra admiravel do falecido, esse museu do Campo Grande entregue á cidade, onde pacientemente se reuniu o melhor da obra artistica de Rafael Bordalo Pinheiro, no desenho, na pintura, na caricatura e na ceramica.

Doente, neurastenia incuravel, o que o não eximia a ser no trato animo por vezes um agradável conversador, Cruz Magalhães ainda na ultima segunda-feira nos visitou como velho amigo e colaborador deste jornal. Visitou depois na rua do Mundo o seu grande amigo Magalhães Lima, cujas «Memorias» recentemente coligiu, e o sr. dr. Antonio Jose de Almeida, em casa de quem sentiu os primeiros sintomas do ataque de congestão cerebral que mais tarde o vitimou em sua casa.

Intimo amigo de artistas, literatos e jornalistas, deixa o ilustre extinto o seu nome ligado a alguns livros de prosa e verso que publicou e que bem mereceram justos louvores da critica, e outros que editou, como por exemplo os versos de Costa Alegre e Luis Calado Nunes, que em boa hora salvou do olvido.

Os seus ultimos trabalhos publicados foram os volumes «Vultos de ontem e de hoje», de recordações e memorias, e «Campanhas Camilianas», de colaboração com o nosso camarada Oldemiro Cesar.

Jornalista distinto, colaborou assiduamente no «Mundo», no «Diario de Lisboa» e «Diario de Noticias».

Mas a sua obra capital, a paixão de toda a sua vida foi a soberba colectanea dos trabalhos de Rafael Bordalo, que reuniu no Museu do Campo Grande, sem que ao menos merecesse do municipio a concessão da medalha da cidade, que a sua modestia decerto recusaria, mas a que mais do que ninguem tinha direito como verdadeiro benemerito que foi.

Foram longas e torturantes as suas ultimas horas, a que não faltaram o carinho de sua esposa, D. Maria Ludovina de Magalhães, de sua afilhada e sobrinha D. Julieta Fer-



Cruz Magalhães

rao, conservadora do museu e também distinta escritora, e do grande caricaturista Francisco Valença, seu dedicado amigo e testamenteiro.

O funeral realiza-se hoje, ás 9 horas da manhã, por determinação do falecido, revestido da maior simplicidade, para o cemiterio do Lumiar.

Por motivo do triste acontecimento, as agremiações e asilos do Campo Grande, de que o extinto era um desvelado protector, tiveram ontem a bandeira nacional a meia haste, e a Camara Municipal aprovou em sessão, por unanimidade, a seguinte proposta do seu presidente:

«Tendo falecido o benemerito fundador do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, com sede no Campo Grande, hoje pertencente ao municipio de Lisboa, museu que constitui uma preciosa collecção da obra notabilissima do grande artista ceramista Rafael Bordalo Pinheiro;

Tendo em vista que Cruz Magalhães doou ao municipio todas as suas collecções do Mestre—collecções que formam hoje o museu—peças de ceramica artistica e originalissimas caricaturas que são, no genero, verdadeiras obras primas;

Proponho que, em sinal de profundo pesar, seja lançado na acta um voto de sentimento pelo falecimento de Cruz Magalhães, em homenagem ao qual, logo que a noticia foi por mim conhecida, mandei encerrar as portas do museu como demonstração de luto, até que o funeral se tenha realizado.»

O «Diario de Noticias» apresenta á familia enlutada a expressão do seu mais sentido pesar.

"DIARIO DE NOTICIAS"
10 Agosto 1928

ANTE-ONTEM, FALECEU O SR. CRUZ MAGALHÃES, FUNDADOR DO MUSEU RAFAEL BORDALO

Vitimado por uma congestão, faleceu, ante-ontem, na sua residencia, ao Campo Grande, o nosso prezado amigo, escritor e biblioblo sr. Artur Ernesto Cruz Magalhães. Por determinação sua, o triste acontecimento passaria despercebido de quantos com ele conviviam e lhe apreciavam as primorosas qualidades de caracter e intelligencia, ultima demonstração essa da modestia que sempre oriental todos os seus actos; mas não era facil occultá-lo por muito tempo e, logo de manhã, ontem, ele se nos tornou conhecido.

Cruz Magalhães, que por varios jornais e revistas, tais como o «Seculo» e a «Illustração Portuguesa», espalhou artigos interessantissimos e cheios de bom senso e oportunidade, era um grande amador de arte e, como tal e como amigo estremoso de Rafael Bordalo Pinheiro, se lhe deve o terem sido salvos do esquecimento varias obras primas do mestre, que hoje podem admirar-se no precioso museu que, com o nome do fundador do «Antonio Maria», instalou num anexo da sua residencia. Essa obra, em que empenhou o melhor do seu esforço realçou a Cruz Magalhães sem qualquer auxilio monetario estranho, numa dedicacão pelo genial caricaturista e pelo pais que lhe foi berço, digna dos encomios que a imprensa nunca lhe regateou.

Satisfeitos os seus intuitos, com sacrificios que não foram pequenos, ainda a sua generosidade e notavel compreensão do valor das collecções realizadas, o levaram a fazer oferta, em 1924, á Camara Municipal de Lisboa, do museu e do edificio em que o estabeleceu. Tanta dedicacão e civismo num Pais pouco dado a estas virtudes, acarretaram desgostos a Cruz Magalhães, que nem sempre encontrou o carinho e o aplauso que poderiam servir de estímulo a outros benemeritos. Esses desgostos, a morte de sua esposa e as enfermidades de que padecia, um pouco de neurastenia até, abreviaram-lhe a vida ilustre. Magalhães Lima contava-o entre os seus amigos mais queridos e tanto que, ultimamente, era Cruz Magalhães quem desempenhava, com exemplar cuidado, as funções de seu secretario.

Da sua obra literaria, que é vasta, como dissemos, e esparsa, ainda ultimamente tivemos occasião de referir-nos ao seu ultimo livro, «Vultos de ontem, vultos de hoje», volume escrito com sinceridade e desprezões, evocação de figuras conhecidas, já extintas e de outras que, por estima profunda ou sentida veneração, lhe mereciam varias paginas. Publicou, ainda, entre outros, um livro de versos «Sem Norte», um acto, também em verso, «Luta de Amores», que obteve menção honrosa nos jogos florais de Lisboa; e o catalogo do Museu Bordalo Pinheiro.

Cruz Magalhães era um caracter lidimo, verdadeiro amigo do seu amigo, prestavel e trabalhador. Bastaria o movimento que ele determinou em redor da figura de Rafael Bordalo, criando, além do museu, o «Grupo de Amigos» e sendo a alma da construcção do monumento ao formidavel caricaturista, que no Campo Grande se ergue, para que a sua memoria seja venerada por toda a cidade que, neste momento, devia estar de luto.

Cruz Magalhães deixou cartas para a Camara Municipal e a declaração de que desejava que os seus restos fossem incluídos, ou, na impossibilidade de satisfazer-se esta sua vontade, o sepultassem no cemiterio mais próximo, realizando-se o funeral civilmente, transportado o corpo numa simples carreta do Registo Civil.

Cumprindo essas disposições, o funeral realiza-se hoje, pelas 9 horas, para o cemiterio do Lumiar.

Em sinal de sentimento pelo falecimento de Cruz Magalhães, tiveram ontem as



Cruz de Magalhães (Carvão por José Malhoa)

suas bandeiras a meia haste o edificio do Museu Bordalo Pinheiro e todas as colectividades republicanas do Campo Grande de que o finado era um dedicado cooperador.

A familia enlutada envia o «Seculo» a expressão do seu pesar sentidissimo.

A homenagem da Camara Municipal

Na sessão de ontem da comissão administrativa da Camara Municipal foi aprovada a seguinte proposta do seu presidente, sr. coronel Mardel Ferreira:

«Tendo falecido o benemerito fundador do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, com sede no Campo Grande e hoje pertencente ao Municipio de Lisboa, sr. Artur Ernesto de Santa Cruz Magalhães, museu que constitui uma preciosa collecção da obra notabilissima do grande artista ceramista Rafael Bordalo Pinheiro;

Tendo em vista que Cruz Magalhães doou ao municipio todas as suas collecções do Mestre—collecções que formam hoje o Museu—peças de ceramica artistica e originalissimas caricaturas que são, no genero, verdadeiras obras primas;

Proponho que em sinal de profundo pesar seja lançado na acta um voto de sentimento pelo falecimento de Cruz Magalhães, em homenagem do qual, logo que a noticia foi por mim conhecida, mandei encerrar as portas do Museu, como demonstração de luto, até que o funeral se tenha realizado.»

Não pode SER incinerado

o publicista Cruz Magalhães

Foi hoje a enterrar, com a modestia que norteou sempre todos os actos da sua vida, o ilustre publicista Artur Ernesto Santa Cruz Magalhães, cuja morte ontem nos surpreendeu dolorosamente.

Respeitaram-se todas as suas disposições testamentárias. Houve uma apenas que não pôde ser cumprida; a incineração, por não funcionar o forno crematório do Alto de S. João.

Apesar da hora matutina a que se realizou o funeral, incorporaram-se no prestígio funebre algumas dezenas de amigos e admiradores do ilustre extinto, entre os quais se viam as sr.^{as} D. Maria Luiza Azevedo Barreto, D. Maria Amélia Brito Aranha, D. E. melinda dos Anjos; capitão Henrique de Almeida, representado o sr. dr. Antonio José de Almeida; Eduardo Schwalbach, Pedro Bordallo Pinheiro, por si, pelo *Diário de Lisboa* e pelo sr. dr. Magalhães Lima; Alfredo Candido, secretario do Grupo dos Amigos do Museu Rafael Bordallo Pinheiro; Francisco Valença, Paulo Brito Aranha, Raul Nascimento, Carlos Branco e esposa, Alvaro Neves, Jaime Valente, dr. Antonio Pedro de Alcantara e Costa, dr. Eduardo Alves de Sá, Sousa Junior, Luis Ferreira Lima, dr. Custodio José Vieira, Henrique Perdigão, etc.

O testamento

A título de curiosidade — e por ser um documento interessante para a sua biografia — reproduzimos algumas passagens do testamento que ontem foi aberto:

«Também deixo em separado instruções para o meu enterro, absolutamente civil, com a declaração formal de que desejo ser incinerado, caso morra em Lisboa ou terra em que haja forno crematório. Além do valioso favor que prestam á minha memoria na geral superintendencia deste testamento, rogo aos meus testamentarios que se constituam em comissão permanente de vigilancia pelo cumprimento do contrato de doação condicional por mim feita á Camara Municipal de Lisboa do Museu R. B. P. e da propriedade total em que o mesmo está instalado. Se a Camara não cumprir as clausulas do citado contrato, passam todos os meus direitos, por tal motivo no mesmo contrato exarados, e em plena posse á dita Sociedade Protectora dos Animais, assim como a parte dos meus bens que ao Museu haja cabido, para o que a direcção da mesma Sociedade se entenderá com os meus testamentarios, se preciso fór».

Uma clausula interessante:

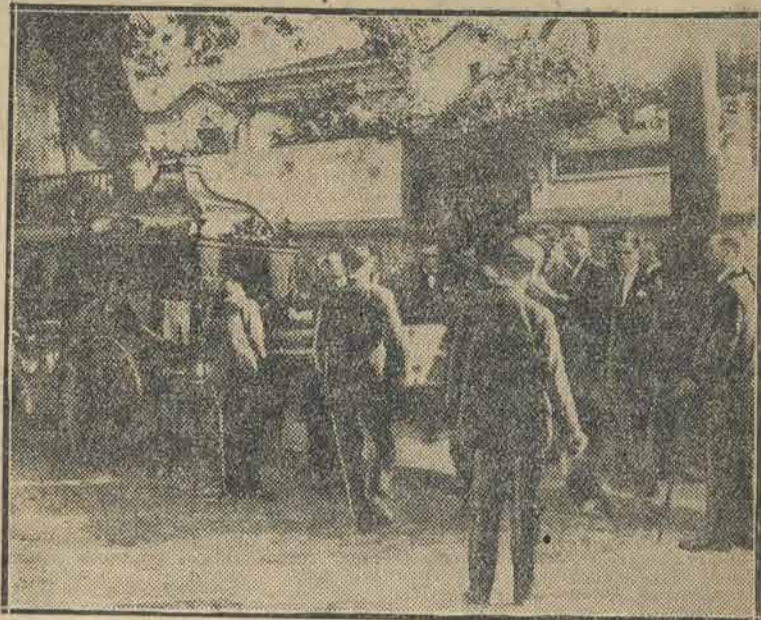
«Se a actual directora-conservadora do Museu R. B. P. não exercer zelosamente, como lhe cumpre, os seus deveres para com o dito Museu, á Camara Municipal confiro, por este testamento, o direito de anulação da clausula ou clausulas contratuais a ela respeitantes, passando a exercer os mesmos cargos o sr. Francisco Valença, que é dos cavalheiros por mim mencionados no contrato de doação para exercer as ditas funções».

Um legado literario:

«A propriedade de todas as minhas insignificancias literarias fica pertencendo aos filhos do meu amigo Henrique Perdigão, residente no Porto. Peço instantemente á minha viuva que não use os exageros de luto habituais, como véu e crépes. Quando muito, deite luto como por um pai, que foi afinal a categoria que eu mais exerci sempre para com ella».

O escritor Cruz Magalhães

cujo funeral, ontem, se realizou, pretendeu assegurar, no seu testamento, a vida do Museu Bordallo Pinheiro, que fundou



O saimento do funeral de Cruz Magalhães

Realizou-se, ontem, como se havia anunciado, para o cemiterio do Lumiar, o funeral do nosso prezado amigo e escritor sr. Cruz Magalhães.

O cadaver que, conforme disposições do finado, ficou durante a noite no seu quarto, sem qualquer especie de aparato funebre, foi velado pela sua viuva e sobrinha e por varias pessoas de sua amizade, entre as quais as sr.^{as} D. Maria Luiza Azevedo Boralho, D. Ermelinda Anjos, D. Maria Amalia Brito Aranha e D. Maria Boto Machado.

No acompanhamento, que foi numeroso, incorporaram-se, entre outras pessoas, os ars.:

Capitão José Henriques de Almeida, por si e pelo sr. dr. Antonio José de Almeida; Pedro Baptista Ribeiro, por si e pelo sr. dr. Magalhães Lima; Jaime Valente, pelo «Geculus» e pelo nosso sub-director sr. Tito Martins, Luis Ferreira Lima, por si, pelo sr. dr. Custodio José Vieira e pela comissao do monumento a Camillo Castello Branco; João Azevedo Machado, dr. Antonio Pedro de Alcantara e Costa, dr. Eduardo Alves de Sá, Norberto Alcantara, Francisco Simão Antas Junior, Eduardo Bonswalden, Pedro Bordallo Pinheiro, Sousa Junior, Alvaro Neves, Jaime Dias da Silva, Alfredo Candido, secretario do grupo dos Amigos do Museu Bordallo Pinheiro; tenente Bento Aguiar, director da «Alma Nova»; Paulo Brito Aranha, Luciano Perdigão, dr. Azevedo Machado, Antonio Manuel Paulo, Castro Branco e esposa, Raul Moisés Nascimento, José da Costa, Francisco de Melo, dr. João Alves de Sá, Silvino Botelho Sequeira, dr. Azevedo Boralho, Francisco Valença, que dirigiu o funeral, e os empregados do Museu sr. Francisco Antas, José Alves, José Figueiredo e João de Almeida.

No cemiterio, a urna foi conduzida, ate o coval, por jornalistas e amigos do ilustre extinto.

E' concebido nos seguintes termos o testamento de Cruz Magalhães, datado de 21 de Dezembro ultimo e ante-ontem aberto perante as autoridades competentes:

«Eu, Artur Ernesto Santa Cruz Magalhães—cujo nome as vezes apparece, mas não meo, como a parcella «des anteposta á minha—com os annos de idade, casado com escritura ante-nupcial de completa separação de bens, morador no Campo Grande, 302, natural de Lisboa, filho de Carlos Augusto Cesar de Magalhães e de Emilia de Carvalho Azevedo Magalhães, já falecidos, sem ascendentes nem descendentes, legittimos ou illegittimos, sendo inteiramente isenas as aleg. pes. ou presunções em contrario, pod. o dispor livremente e inteiramente de todos os meus bens, direitos e acções, achando-me no pleno uso das minhas faculdades normais, e fora de toda a coacção, faço o meu testamento pela forma seguinte: Instituo meus universais herdeiros, em meação, a parte as cem acções do Banco Lisboa & Açores—clausula contratual da doação do Museu Rafael Bordallo Pinheiro—ressalvando quaesquer excepções, que este testamento contenha, a Sociedade Protectora dos Animais de Lisboa, com sede na rua de S. Paulo, e o referido Museu Rafael Bordallo Pinheiro, sito no Campo Grande, n.º 332, com a condição categorica de que todos os rendimentos, que ao dito Museu venham a pertencer por este testamento, serão empregados exclusivamente em melhoramentos do mesmo Museu e na compra de objectos artisticos da sua especialidade, que o enriqueçam; constituo usufrutuaria de todos os meus rendimentos, responsavel de prestar caução, de inventario e de pagamento de contribuição de registo, que sera pago pela minha herança—vitaliciamente, impossibilitada de transaccionar no todo, ou em parte, o dito usufruto—Maria Ludovina Pinheiro Magalhães, minha mulher, ficando a totalidade dos meus bens, por morte desta, a referida Sociedade Protectora dos Animais e ao Museu R. B. P., como ja disse. Declaro que todo o recheio da casa onde habito: moveis, roupas, etc., pertence, de na muito a dita senhora, salvo algumas lembranças, que aparte enumero. Também deixo em separação instruções para o meu enterro, absolutamente civil, com a declaração formal de que desejo ser incinerado, caso morra em Lisboa, ou em terra em que haja forno crematório. Além do valioso favor que prestam á minha memoria na geral superintendencia deste testamento, rogo aos meus testamentarios que se constituam em comissão permanente de vigilancia pelo cumprimento do contrato de doação condicional por mim feita á Camara Municipal de Lisboa do Museu R. B. P. e da propriedade total em que o mesmo está instalado. Se a Camara não cumprir as clausulas do citado contrato, passam todos os meus direitos, por tal motivo no mesmo contrato exarados, e em plena posse, á dita Sociedade Protectora dos Animais, assim como a parte dos meus bens, que ao Museu haja cabido, para o que a direcção da mesma Sociedade se entenderá com os meus herdeiros, digo—com os meus testamentarios—se preciso fór. A copia do contrato de doação á Camara, que possuo, será facultada aos meus testamentarios e á Sociedade Protectora dos Animais, passando logo que dela não careçam os meus testamentarios, a posse da dita Sociedade. Ninguém pode maisinar-me por não estarem averbadas cem acções do Banco Lisboa & Açores á Camara Municipal de Lisboa. Fiz os respectivos endossos, quis averbalos em devido tempo, o que pode ser confirmado pelo sr. Ernesto Carlos de Mendonça, director do dito Banco, e pelo advogado do mesmo, que telhou em não aceltar os endossos, como os fiz, no meu plano fil. reito, com as devidas e necessarias...

"O SECULO"
11 agosto 1928.

Cruz Magalhães

Realizou-se ontem o funeral do fundador do Museu Bordalo Pinheiro

Com extrema modestia, consoante expressa vontade do extinto, realizou-se ontem para um coval humilde do cemitério do Lumiar, o funeral do nosso prezado amigo e colaborador Cruz Magalhães, o fundador e organizador do Museu Bordalo Pinheiro, do Campo Grande.

Foi das suas últimas disposições o desejo de ser incinerado no forno crematório do Alto de S. João, onde aliás tinha jazigo, e depositadas as cinzas no Museu. Não foi a razão de ser dos seus últimos anos de vida. Mas a circunstância desse forno incineratório não poder funcionar cobriu a execução desse desejo, limitando-se o funeral à mais modesta homenagem dos seus amigos e admiradores, tardiamente prevenidos.

Assim, nele se incorporaram, entre outras, as seguintes pessoas:

D. Maria Luísa Azevedo Barreto, D. Maria Amelia Brito Aranha, D. Ermelinda dos Anjos; capitão Henrique de Almeida, representando o sr. dr. Antonio José de Almeida; Eduardo Schwalbach, director do «Diário de Notícias»; Pedro Bordalo Pinheiro, por si, pelo «Diário de Lisboa» e pelo sr. dr. Magalhães Lima; Alfredo Candido, secretario do Grupo dos Amigos do Museu Rafael Bordalo Pinheiro; Francisco Valença, Paulo de Brito Aranha, Raul Nascimento, Carlos Branco e esposa, Alvaro Neves, Jaime Valente, dr. Antonio Pedro de Alcantara e Costa, dr. Eduardo Alves de Sá, Sónia Junior, Luis Ferreira Lima, dr. Custodio José Vieira, Teles Machado, Pedro Baptista Ribeiro, Saavedra Machado, dr. Azevedo Borralho, dr. D. Branca Rumina, M.^{me} Maximiano Alves, D. Maria Luísa de Azevedo Borralho, M.^{me} Boto Machado, D. Libânia Capucho, família Henrique Lácio Perdigão, do Porto; Mateus Moreno, José da Costa, Tavares de Melo, M.^{me} Domingos Pereira, etc.

Da Camara Municipal, a quem o illustre extinto, como representante da cidade, legara o precioso museu, ninguém compareceu, sendo, contudo, enviado à sua viúva a seguinte officio:

«Sr.^{me} Senhora D. Maria Ludovina de Magalhães — Desejando prestar homenagem ás excepcionaes qualidades de Artur Ernesto de Santa Cruz Magalhães, que foi esposo amantissimo de V. Ex.^a e benemerito fundador do Museu Bordalo Pinheiro, tencionava acompanhar hoje o corpo ao cemitério, quando soube, ao chegar, de manhã, aos Paços do Concelho, que o funeral já se realizara.

Muito me contrariou o facto, que me inibiu de cumprir o que considerava um dever e justo preito de consideração pela memoria do extinto e pela pessoa de V. Ex.^a tão cruelmente ferida no seu coração de esposa dedicada.

Desejo a V. Ex.^a toda a possível resignação em tão affitivo transe e peço-lhe se digne aceitar as homenagens do meu maior respeito, Saude e Fraternidade. Paços do Concelho, em 10 de Agosto de 1928. — O vice-presidente, servindo de presidente, (a) Eugenio Mendes Fereira.

Deixou o falecido testamento regulando a fiscalização do Museu e legando a propriedade litteraria das suas obras aos filhos do seu amigo o sr. Henrique Perdigão, residente no Porto.

Descanse em paz o benemerito cidadão que á cidade doou um dos seus melhores museus, carinhosamente salvando do olvido a obra colossal de Rafael Bordalo.

Cruz Magalhães

Uma sessão de homenagem á sua memoria

Sob a presidencia do sr. Baptista Ribeiro, reuniu-se no sabado o Grupo dos Amigos-Defensores do Museu Bordalo Pinheiro. Explicado o motivo da reunião, foi prestada homenagem ao saudoso presidente honorario, sr. Cruz Magalhães, sendo pelo presidente proposto e aprovado por unanimidade um voto de profundo pesar pelo seu falecimento.

Depois de falar sobre o assunto o 1.^o secretario, foram reconhecidos como inalteraveis os direitos que assistem no Grupo, de defender sempre, e de accordo com os Estatutos, a obra verdadeiramente notavel do seu fundador e de todos os doadores. Os srs. Alvaro Neves e Alfredo Candido alvittraram a idea de se prestar publica homenagem á memoria de Cruz Magalhães, organizando-se uma sessão em local apropriado, no qual será feito o elogio do poeta, do prosador e do benemerito, por um dos nossos mais illustres escritores. Também ficou assente mandar-se executar o seu busto, que será oferecido ao Museu.

Pelo secretario foi feito o elogio do trabalho, zelo, dedicação e muito carinho com que a directora-conservadora tem contribuido para a beleza do Museu, obra que todos os visitantes admiram, propondo um voto de louvor e homenagem, cuja justiça foi ainda enaltecida pelos srs. Alvaro Neves, Francisco Valença e Saavedra Machado, sendo aprovado por unanimidade.

Ainda em reconhecimento a relevantes serviços prestados, foram eleitos socios honorarios os srs. dr. Julio Marques de Vilhena e Raul Lopes Freire; e socios agregados, os srs. Alberto Bessa, Henrique de Campos Ferreira Lima e Nogueira de Brito.

Como modesta mas significativa lembrança, os empregados do Museu entregaram á directora D. Julieta Ferrão, uma carinhosa mensagem, assinada por José Alves, José de Figueiredo, José Francisco de Almeida e Francisco Simões Antas.

«DIÁRIO DE NOTÍCIAS»
20 Agosto 1928.

Homenagem a Cruz Magalhães

Resoluções tomadas pelo Grupo dos Amigos-Defensores do Museu Bordalo Pinheiro

Sob a presidencia do sr. P. Baptista Ribeiro, reuniu o Grupo dos Amigos-Defensores do Museu Bordalo Pinheiro. Explicado o motivo da reunião, foi prestada homenagem ao saudoso presidente honorario sr. Cruz Magalhães, sendo pelo presidente proposto e aprovado por unanimidade um voto de profundo pesar pelo seu falecimento.

Depois de falar sobre o assunto o 1.^o secretario, são reconhecidos como inalteraveis os direitos que assistem ao Grupo, de defender sempre, e de acordo com os Estatutos, a obra verdadeiramente notavel do seu fundador e de todos os doadores. Os srs. Alvaro Neves e Alfredo Candido propoem a idea de se prestar publica homenagem á memoria de Cruz Magalhães, organizando-se uma sessão em local apropriado, no qual será feito o elogio do poeta, do prosador e do benemerito, por um dos mais illustres escritores. Também ficou assente mandar-se executar o seu busto, que será oferecido ao Museu.

O sr. Alvaro Neves convidou os Amigos-Defensores, a, em obediencia aos Estatutos, quando visitarem o Museu, escreverem as suas impressões no livro que existe para esse fim.

Pelo secretario, sr. Alfredo Candido, foi feito o elogio dos trabalhos, zelo, dedicação e muito carinho com que a directora conservadora, sr.^a D. Julieta Ferrão, tem contribuido para a beleza do Museu, obra que todos os visitantes admiram, propondo-lhe um voto de louvor e homenagem, cuja justiça é ainda enaltecida pelos srs. Alvaro Neves, Francisco Valença e Saavedra Machado, sendo aprovado por unanimidade.

Ainda em reconhecimento dos relevantes serviços prestados foram eleitos socios honorarios os srs. dr. Julio Marques de Vilhena e Raul Lopes Freire e socios agregados os srs. Alberto Bessa, Henrique de Campos Ferreira Lima e Nogueira de Brito.

Com uma modesta mas significativa lembrança, os empregados do Museu entregaram á directora uma carinhosa mensagem, assinada por José Alves, José de Figueiredo, José Francisco de Almeida e Francisco Simões Antas.

«SÉCULO»
20 Agosto 1928.

«DIÁRIO DE NOTÍCIAS»
11 Agosto 1928.

MUSEU : : RAFAEL
BORDALO PINHEIRO
GABINETE
: : DA : :
DIRÉTORA

na Capital de 6-3-918

publicou um artigo p/ R. B. P.
que mereceu elogios refencia a pules
de Oliveira

no A Manhã 9-7-921 refencia à mofcos-
petencia.

no Mundo 6-8-921 refencia a los lises

Diario de Noticias - 11-11-922

Fotografias & Mag. p/ dedicatória

